

Ela prometera encontrá-lo em seus sonhos,
mas sonhar não lhe era permitido.

Máscara Neôra

A COLOMBINA SEM AMANHÃ



UM ROMANCE DE LUCY FOSTER



Máscara Negra

A COLOMBINA SEM AMANHÃ

Copyright © 2019 Lucy Foster

Essa é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa e Diagramação: Lucy Foster

Imagens: Adobe Stock

Revisão: Leila Maia

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Contents

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[1 - O Baile](#)

[2 - O Ipê Amarelo](#)

[3 - Enfeitiçado](#)

[4 – Monitorado](#)

[5 - Rock Star](#)

[6 - Apenas um Sonho](#)

[7 - O Coquetel](#)

[8 - Duas Versões](#)

[9 - Não-me-Toques](#)

[10 - Você cala](#)

[11 – Almoço indigesto](#)

[12 - Não tenho vocação](#)

[13 – Surpresas não tão agradáveis](#)

[14 – O pesadelo retorna](#)

[15 – Menina fabricada](#)

[16 – Verdades Secretas](#)

[17 – Era tudo mentira](#)

[18 – Cavaleiro da Armadura Quebrada](#)

[19 – Mantenha distância](#)

[20 – Vítima](#)

[21 – A cura](#)

[22 – Para o céu, ida e volta](#)

[23 – Algo parecido](#)

[24 – Nos meus termos](#)

[25 – Violência doméstica](#)

[26 – Uma certa urgência](#)

[27 – Qual a novidade agora?](#)

[28 – Voa, Borboleta](#)

[29 – Por Você](#)

[30 – O Amor Liberta](#)

[Bônus](#)

[Posfácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

A todas as “Isadoras”. Voa, borboleta!

Epigrafe

Naquele carnaval, pois, pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma.
(Clarice Lispector)



Prólogo

Meu coração, no momento, parece que vai explodir.

— Vai, Isadora! Senão não vai dar tempo!

— Mas e se perguntarem o que é isso, Alice? Como eu explico?

— Não explica, amiga. Finge demência. Mas agora corre, antes que não dê tempo. Ou você vai agora, ou estará tudo perdido!

— Meu Deus...

— VÁ ISADORA! Corre!

Criando uma coragem que há muito eu não tinha, corri. Beirando o grande muro de pedra, cheguei até a rua. O tempo estava fechado, cinzento como a minha vida. A chuva ameaçava cair a qualquer momento, o trânsito estava caótico, e o celular continuava dando caixa postal. Tudo o que eu tinha, no momento, era esperança, duas pernas, e medo que tudo desse errado.

Olhei para ambos os lados, tirei os sapatos e munida de uma força de vontade descomunal, desci a avenida correndo.

Teria que dar tempo.



1. O Baile

Isadora

A pontada incômoda, intermitente, e totalmente irritante me faz questionar minhas escolhas de vida. E o tanto de bebida que ingeri na noite passada.

Não foi muito. Um chopp e dois mojitos. Bem, um mojito e meio. Mas era Domingo de Carnaval. E eu queria ser normal, ao menos por um dia. Fazer escolhas por mim mesma. Me livrar do caminho que me fora traçado desde menina. Pouco importa se as escolhas fossem as melhores, as mais coerentes. Desde que fossem minhas.

Escolhi a fantasia. Improvisei um corset branco, jogando uma saia quadriculada em preto e branco por cima. Escolhi uma meia 7/8 branca, mas vesti outro par preto.

Escolhi a máscara. Uma peça linda, preta imitando renda, que se prendia em minha cabeça por uma longa fita de cetim.

Escolhi a maquiagem. Me senti num teatro em Veneza, cobrindo o rosto de branco, a boca em vermelho vivo, os olhos em um preto profundo.

Escolhi pular a noite inteira como se não houvesse mais amanhã. Como se eu fosse apenas uma jovem de vinte anos, prestes a viver o primeiro dia do resto da minha vida.

Escolhi sair sozinha, escondida, pulando a janela do quarto dos fundos quando ninguém estivesse vendo, após pedir um carro por aplicativo, e pagar em dinheiro.

Se pudesse, teria escolhido meu par da noite. E teria sido ele, de novo. O Arlequim.

Ainda consigo sentir seu toque, me prensando em uma parede qualquer,

erguendo minha saia quadriculada.

— *Essa noite você é minha, Colombina.*

Relembrar a voz rouca, dita baixinho ao pé do ouvido, me faz apertar as pernas, onde um conhecido comichão já se faz presente. Esse homem...

Não sei exatamente o que ele vira em mim. Uma garota deslumbrada em seu primeiro baile de Carnaval, agindo como se não houvesse amanhã. Dançando no meio do salão com uma caneca de mojito na mão, cantando que “garrafa cheia eu não quero ver sobrar” a plenos pulmões.

Foi instantâneo. Um rodopio e senti seu olhar em mim. O conhecido pinicar na nuca, como um chamado. “Olhe *pra* mim. Olhe *pra* mim, Colombina.”

Não demorou muito até notar a figura, encostada em um pilar, me observando. Calça preta. Camiseta básica branca. Colete preto por cima. Uma gola, preta e branca, combinando com o chapéu de pontas, era a sua fantasia. O rosto pintado de branco, deixando um par de olhos inacreditavelmente verdes ainda mais acesos.

Achei meu Arlequim.

Ou ele me achou.

Como um predador, ele veio em minha direção. Caminhando lentamente, sem desviar o olhar, amolecendo minhas pernas no processo.

— Qual seu nome? – Ele perguntou de pronto, me puxando pela cintura, grudando meu corpo no seu. Assim, como se fosse normal.

— Colombina – respondi, em um sussurro.

Um sorriso preguiçoso, lento, se desenhou no rosto bonito. Um levantar de canto nos lábios grossos, que revirou minhas entranhas instantaneamente.

— Você é a coisa mais linda que eu vi essa noite, Colombina.

Me assustei com o ritmo acelerado do meu coração nesse momento. Não estou acostumada com esses rompantes de sentimento. Aliás, estou, mas nunca os sentimentos bons. Me acostumei com o coração disparado, mas sempre por apreensão. Aguardando um castigo, uma crítica, um grito. Coração disparado aguardando um beijo, bem, foi a primeira vez.

Poderia ter lhe pedido esse beijo. Afinal, nessa noite, eu não era ninguém além da Colombina sem amanhã. Felizmente não precisei. Em um passe de mágica, senti seus lábios nos meus. Famintos, possessivos, experientes. Suas mãos me apertando a cintura, trazendo-me mais perto. A minha criando vida, subindo pela camiseta branca, tateando o peito firme, chegando ao seu pescoço. O redor se dissipando, a música diminuindo, em instantes o salão inteiro era só nosso.

Dizer que nunca havia sido beijada dessa forma seria redundante.

Transformou o único namorado que eu tive, o pobre que fora escolhido pela família conservadora e neurótica, em uma bela cumbuca de água de salsicha. E pensar que aqueles beijos mornos e as noites de gozo unilateral seriam o que me esperava para o resto da vida...

Mal vi quando o belo Arlequim me puxou pela mão, me conduzindo para algum lugar fora do salão. A caneca de mojito havia ficado em algum canto qualquer – o chão, talvez? – Enquanto minha razão mantinha uma briga interna com meu coração (e outros órgãos) sobre seguir o plano, ou abortar.

Um meio termo. É isso.

— Espera. Para onde está me levando?

— Qualquer lugar onde tenha menos pessoas.

— Não me perguntou se eu queria ir.

Consentimento. É uma palavra grande, de significado maior ainda. E estou muito acostumada a pedir, mas não muito acostumada a dar. As pessoas ao meu redor tendem a tomar-me as coisas sem se importar se é realmente o que eu quero.

Hoje, não. Essa noite eu sou outra pessoa.

O belo Arlequim girou o corpo, parando bem na minha frente. Seus olhos vasculhavam os meus, talvez procurando o tal consentimento que eu não havia formalmente lhe dado. Talvez ele não tenha o costume de pedir. Talvez as pessoas não tenham esse costume, no final das contas.

— Desculpe. Você quer sair daqui comigo?

Eu queria. Muito. Mas seria prudente? Talvez não. Se a noite acabasse de uma forma ruim, eu daria razão à minha mãe, que me proibia de todas as diversões do mundo por serem perigosas. Queria jogar tudo para o alto, afinal nessa noite eu era a garota sem amanhã, mas não consegui. E ele percebeu.

— Tudo bem. Faremos diferente. Vamos curtir o baile...

E gentilmente voltamos, de mãos dadas.

Queria dizer que ele tinha ficado irritado com a minha negativa. Queria dizer que ele tinha sido grosseiro, porque é assim que as pessoas agem quando não têm o que quer, certo? Queria dizer que ele me largou no meio do salão e foi atrás de uma moça mais acessível. Por que eu queria dizer isso? Porque estou acostumada a ver esse tipo de coisa. A passar por esse tipo de coisa.

Mas não foi o que aconteceu. Segurando minha mão ele me levou de volta, onde a banda continuava entoando as famosas marchinhas de carnaval e as pessoas ao nosso redor pulavam felizes.

Eu nunca dancei tanto.

Eu nunca fui tão beijada.

Eu era abraçada como se fosse fugir, desaparecer de repente no meio do

salão.

— Você não vai me dizer seu nome? – Ele pergunta, ofegante, entre um beijo e outro.

— Eu lhe disse o meu nome – respondo, mordendo o lábio dormente, e ele balança a cabeça, negando, pois não era o que ele queria.

— Como eu vou te achar depois, sem saber quem você é?

— Hoje eu sou somente a Colombina sem amanhã, meu belo Arlequim.

E foi como se não houvesse amanhã que acabamos em um canto escondido qualquer nos fundos do salão, enquanto ouvíamos risos e música. Me peguei prensada entre a superfície fria e seu corpo quente, sentindo suas mãos subindo pelas meias, parando no limite da renda, aumentando a pressão do toque. Minhas costas apoiadas em seu peito firme, os seios sendo empurrados de encontro ao granito, enquanto recebia beijos na nuca exposta. Era inusitado, mas bom demais.

Quando percebi, estava esfregando-me contra sua virilha, de encontro a sua excitação absurda. Uma sensação completamente nova para mim. Um gemido rouco me fez subir meu braço esquerdo, enroscando em sua nuca, e girando o ombro o suficiente para encontrar seus lábios entreabertos, e os olhos escurecidos, fixos em mim.

Esfreguei minha testa em seu maxilar, em um carinho até inesperado se levar em conta toda a situação. Como resposta fui girada, ficando de frente enquanto novamente sua boca me reivindicava. Um beijo possessivo, guloso, fazendo sua língua dançar com a minha enquanto segurava minha nuca com propriedade. Um gemido baixo saiu de minha garganta quando senti novamente o sabor de menta, provavelmente da bebida que ele estava tomando minutos atrás.

Conforme o domínio de seus dedos aumentava sobre meu corpo, fazendo com que eu sentisse inúmeras agulhadas despontando de meu interior, acabei me encaixando em sua coxa, criando um atrito gostoso na parte onde eu realmente precisava de uma atenção maior. Senti ele rebolar devagar, enquanto beijos molhados faziam um caminho tortuoso, e muito prazeroso, a caminho do meu ouvido.

Seus dedos seguiam subindo, discretamente, passando pela renda das meias e alcançando a faixa de pele nua da minha coxa. Uma mordida no lóbulo da minha orelha esquerda precedeu a pergunta que já se desenhava.

— Não quer mesmo ir embora?

— Não posso. Quero, muito. Mas não posso.

Minha voz era um lamento, e não o soltei, um minuto sequer. Temendo que ele, finalmente, se cansasse. Mas isso não aconteceu. Sua mão subiu ainda

mais, erguendo a parte de trás da minha saia, apertando minhas nádegas com força, enquanto escorregava o nariz por meu pescoço, sorvendo meu perfume.

— Então fiquemos aqui. Mas essa noite você é minha, Colombina.

Preso em seu olhar, cativa em seus braços, senti quando sua mão astuta alcançou sorratoriamente a borda de minha calcinha, afastando levemente enquanto explorava a minha entrada.

— Molhada demais...

Como esperando por uma negativa, ele acariciou os lábios, o toque suave me enlouquecendo, dando vida ao meu quadril que, instintivamente, se arremetia para a frente buscando um pouco mais de contato, de mais pressão. De alívio.

— O que você quer, Colombina?

— Quero você...

Meu juízo acabara trancado em uma caixa temporária, onde a chave ficou escondida, fora de alcance. Isso deve explicar o porquê de eu permitir que um desconhecido alcance o meu – *ahem* – lugar secreto, enquanto prensada em uma parede de granito, num canto escuro, em plena noite de Carnaval. E de sentir tanto prazer com isso.

Mas deve ser porque eu, realmente, não sabia o que era prazer até essa noite. Nem o que eu mesma me proporciono, e que pensava terminar em um orgasmo, nunca foram nada além de preliminares. Sem graça alguma, preciso completar.

Com a habilidade de quem sabia o que estava fazendo, o homem se apossou do meu pescoço, aspirando meu cheiro e deixando mordidas por onde passava, enquanto seu dedo se encarregou daquele ponto específico, friccionando e fazendo movimentos circulares até que eu estivesse totalmente fora de mim. Meus músculos se contraíam, enquanto uma quentura se estendia pelo meu corpo, indo e voltando até o pé da barriga, me tirando a razão e fazendo implorar.

— Ah, por favor... – pedia, sem nem saber direito o quê.

O barulho do seu zíper descendo não me passou despercebido. Assim como a vontade de tocá-lo, algo que nunca tinha me acontecido antes. Aproveitando da proteção que seu enorme corpo fazia, nos protegendo de olhares curiosos, estiquei minha mão, ajudando a liberar seu membro, terminando de abrir sua calça e o puxando para fora da cueca. Estava escuro, infelizmente, me impedindo de ter uma visão mais apropriada, mas o volume em minha mão me informava que aquela sua parte da anatomia era tão grande quanto seu dono. Me vi encurralada entre seus braços apoiados na parede, enquanto me deliciava com seu pênis, fazendo um movimento de vai e volta, que recebia gemidos de aprovação.

— Quero você agora... – rosnou, antes de segurar minha mão, querendo talvez evitar que eu terminasse a brincadeira antes do previsto.

Com uma sensualidade que em nada parecia ser calculada, ele sacou um preservativo do bolso traseiro de sua calça, rasgando o pacote com os dentes, e vestindo seu membro, erguendo minha perna direita em seguida. E então o senti me preencher. Fundo. Deliciosamente fundo.

Nossos gemidos se misturavam, conforme estocadas lentas iam construindo o prazer dentro de mim. Foi cru, mas ao mesmo tempo foi carinhoso, cuidadoso. Cada arremetida ia me tirando o chão, até que estava me derretendo em seus braços, tremendo sem controle. Sendo acompanhada por ele, que gemia em meu pescoço enquanto se derramava em um orgasmo longo.

Ficamos por um tempo abraçados, tentando recuperar o ritmo normal da respiração. E, no meu caso, eu não queria quebrar o momento. Porque sabia que dali eu iria embora e nunca mais veria o meu Arlequim.

— Posso te levar em casa?

— Não – beijei-lhe uma última vez – Está amanhecendo.

Os olhos bonitos fitavam o horizonte, como se pedissem ao sol que aguardasse um pouco mais. Mas as coisas boas, aprendi, sempre acabam na melhor parte.

— Onde eu vou te achar de novo?

— Nos seus sonhos. E eu te encontro nos meus.

Quando o táxi partiu, fiquei olhando pelo vidro traseiro até não mais enxergar o homem que tinha virado minha noite do avesso. E que me mostrara, mesmo sem querer, que a vida podia ser bem mais excitante do que o que me aguardava dali em diante.

— Isadora, já acordou? – Ouço a voz de minha mãe vindo do outro lado da porta, e tenho vontade de lhe dizer que mal dormi. Mas, como sempre, apenas suspiro, fechando a tampa da caixa onde guardei minha máscara de carnaval e a colocando dentro do armário, em um lugar seguro. Em um lugar onde as lembranças felizes possam sempre ser alcançadas.

— Sim, mamãe. Estou me arrumando.

— Desça logo. Seu noivo chegou.

O amanhã chegou, e eu realmente queria poder dispensá-lo.



2. O pé Amarelo

Isadora

Desço as escadas alisando o vestido comportado que me forcei a escolher antes de sair do quarto. Não, claro, sem antes dar um sorriso para o espelho, ao lembrar do belo corset branco que agora dorme dentro da caixa de estampa florida, na parte superior do meu armário.

Tento ajeitar meu cabelo, fazendo um rápido coque que esconda a falta de prancha, porque sei que isso será um motivo de crítica de minha mãe. Que não aceita nada além da pura perfeição feminina: cabelo sempre bem escovado e pranchado, sobrancelhas bem pinçadas, unhas feitas, depilação em dia mesmo que ninguém vá ver, rosto maquiado com discrição, roupas bem passadas e comportadas.

Dona Rita, como exige ser chamada por todos ao redor, poderia, tranquilamente, passar por uma mulher do século passado. Em sua mentalidade ultrapassada, mulher foi feita para servir e embelezar. E ela me criou dessa forma, mirando um bom casamento, de preferência comigo ainda jovem possibilitando encher a casa de filhos. Não me permite um passo além do que fora traçado.

Meu pai, Dr. Alberto, é um cirurgião renomado, sócio em uma das clínicas mais requisitadas da cidade. Conservador até a medula, distante e frio, dedica todo o seu tempo livre a manter suas alianças sociais, sejam profissionais ou pessoais. E uma dessas alianças se encontra sentado em nossa sala de estar, à minha espera.

Hugo é filho de Vitor Moraes, sócio de meu pai na clínica e, digamos, responsável pelo crescimento da mesma nos últimos anos. Nosso relacionamento começou há cinco anos atrás, sendo formalizado em minha festa de debutante,

uma data perfeita para selar esse emocionante contrato comercial.

Dr. Moraes tinha o capital, meu pai a vontade de crescer. Como garantia de que a sociedade durasse, usaram outros bens: a filha de quinze anos e o filho de dezoito. Não fosse dona Lúcia Moraes, que acabou ouvindo meu apelo de só me casar aos vinte e um, eu provavelmente já estaria com uma aliança dourada no dedo anelar esquerdo. Isso, claro, não os impediu de fazer uma grande e suntuosa festa anunciando o nosso noivado quando eu completei dezoito anos.

— Isadora, espero não ter vindo cedo demais.

Enquanto ouço minha mãe dizer que, absolutamente, ele não deveria se incomodar ao aparecer pela manhã na casa das pessoas, eu dou-lhe um sorriso contido, prestando atenção em sua figura. Isso é algo que, até então, nunca tinha me ocorrido fazer. Talvez causado pelo fato de ser sua “prometida,” e que de nada adiantaria buscar qualidades ou defeitos que me chamassem a atenção, já que o produto viera sem direito à devolução, eu havia me conformado com o que tinha. Curiosamente, depois da noite passada, me peguei analisando aquele que passaria o resto dos dias ao meu lado.

Hugo não é um rapaz feio. Alto e atlético, ele tem cara de bom moço. Aliás, tudo nele grita bom mocismo de uma forma até irritante. Cabelo bem cortado, olhos castanho-esverdeados expressivos, lábios que vivem sorrindo, emoldurados por uma barba curta que lhe dá um ar mais casual e adulto. Não é musculoso, sequer traz aqueles famosos gominhos na barriga, apesar de não ser gordo. Ou magro. Não é feio, mas é irritantemente... básico.

E isso não me incomodaria, de forma alguma, se não tivesse passado pelas mãos de um deus grego a noite passada.

Aceito a mão que ele me oferece, torcendo intimamente para sentir ao menos um terço da eletricidade de ontem, ao segurar a mão do Arlequim sem nome. A única coisa que eu sinto, no entanto, é decepção. Sequer calor essa mão transmite. Me sento ao seu lado no grande sofá de camurça bege, contrariada, arrumando a postura como fui ensinada enquanto ouço ele e meu pai conversarem sobre a clínica.

Como esperado, Hugo está terminando seu curso de medicina, e está estagiando ao lado de seu pai. Seu sonho é ser cirurgião plástico, porque obviamente, a classe para qual a clínica é voltada gasta muito dinheiro com esse tipo de procedimento.

— Hugo nos falava sobre seu primo, que chegou há pouco do exterior, Isadora. — Meu pai adianta o assunto, como se muito me interessasse.

— Ah, sim... nós conhecemos?

— Não — ele faz um gesto de desdém — ele morava no Canadá, acredito que não o vejo desde os meus doze anos. Agora que sua mãe faleceu, ele

resolveu voltar.

— E ele vai trabalhar na clínica?

— Vamos ver, dona Rita. Ele se formou em medicina no exterior, precisa fazer o revalida antes de poder atender aqui no país.

— E precisamos saber se ele é bom, e se está alinhado com a nossa clínica.

Por “alinhado com a nossa clínica”, o meu pai quer dizer não se preocupar em atender casos cujo poder econômico do cliente não seja maior que seu ego. Lembro de ter lido, certa vez, o juramento que todo médico faz ao se formar, o juramento de Hipócrates. Nele, existe uma passagem que diz “a saúde do meu doente será a minha primeira preocupação.” Mas não nessa casa. Aqui, o pagamento vem primeiro.

— Decidi que daremos uma festa de boas-vindas aqui em casa, Isadora. E, como o rapaz é primo de seu futuro marido, deixarei a organização da recepção por sua conta.

— Tem certeza, mamãe? – Sobressalto, mas finjo um tom controlado – Afinal de contas a senhora é excelente nesse tipo de organização.

— Claro que tenho certeza, ou não teria proposto isso. Ainda mais se levarmos em consideração que daqui a dez meses, no máximo, você será a senhora Hugo Moraes, nada mais apropriado do que já mostrar do que é capaz, e justificar o tempo que você perde na universidade.

Dez meses. É o tempo que me resta até completar vinte e um anos. Engraçado que recebo esse tipo de notícia como se fosse uma sentença de morte. Como se estivesse em um consultório médico e me informassem que tenho uma doença incurável, e só tenho dez meses de vida. O que chega a ser curioso, porque antes disso eu não vivi, propriamente.

— Você entendeu, Isadora? – Minha mãe confirma, e aposto como ela estava me falando mais um monte de coisas que eu sequer prestei atenção, cujas informações irão me fazer falta depois.

Gostaria de gritar. De dizer que não organizarei nada. De sair pela porta da frente direto à universidade, e mudar meu curso para letras. De mandar Hugo ir pastar.

— Sim senhora. – É o que digo, no entanto.

Alguns minutos depois, sou incumbida de acompanhar meu noivo até a porta. É algo que ele aprecia muito que eu faça, principalmente porque sempre acabamos nos esgueirando entre os pilares da varanda de entrada. Tinha se tornado o nosso canto de fornicção. Ou algo do tipo.

Perdi minha virgindade aos dezesseis anos. Hugo já havia sido iniciado, como de praxe, com alguma mulher mais velha cujos detalhes eu não quis ouvir,

mas achava que seria algo óbvio ter relações com sua futura esposa. Eu também achei óbvio, apesar da minha completa falta de vontade em ter qualquer contato íntimo com ele. Faltava alguma coisa, eu sabia.

Química, eu diria. Eu e Hugo não tínhamos nenhuma.

De qualquer forma, isso aconteceu. Minha primeira vez se deu em sua casa, em sua cama, em uma tarde de primavera chuvosa. Definitivamente não foi uma boa experiência, visto que a única coisa que eu senti foi dor. E alívio, porque foi bem rápido. Eu ouvia – e lia – muito a respeito da primeira vez de uma mulher ser uma experiência totalmente excruciante^[1], mas eu pensava que conforme a intimidade entre o casal aumentasse, isso se tornasse melhor. Prazeroso.

Ledo engano.

Desde nossa primeira vez as nossas interações sexuais se intercalam entre alguma rapidinha em seu quarto, quando sua família está distraída demais para prestar atenção ao jovem casal sem arroubos de paixão, ou nesse espaço escondido em minha casa. Nesse local, Hugo gastava nossa despedida com apertos, dedos e esfregões. E todas as vezes, fosse em minha casa ou na dele, esses encontros terminavam com ele tendo um orgasmo solitário.

Mas depois de ontem eu queria mais. Achava que merecia mais. Não me conformava em ter uma mão fria buscando somente me lubrificar rapidamente e facilitar a penetração. Não me conformava mais em ser somente o corpo quente de alguém que não me esquentava em troca.

Como eu poderia me contentar tendo somente isso, depois de ter recebido tudo aquilo? Seria penoso demais, para dizer o mínimo.

Conforme meu *noivo* me enlaça pela cintura, já subindo a mão em direção ao meu seio direito, eu me afasto, o mais gentilmente que consigo.

— Hugo, por favor. Hoje eu não estou a fim.

— Como assim, *não está a fim*, Isadora? – Ele arregala levemente os olhos, e abre os braços - Que novidade é essa?

— Estou cansada. Com dor de cabeça, por causa do calor.

Tenho uma súbita vontade de rir, ao pensar que estou usando a desculpa da dor de cabeça sem sequer ter me casado com ele.

— Aconteceu alguma coisa? Você parece diferente. Distante.

— Não, nada aconteceu. Estou um pouco preocupada com essa recepção que tenho que organizar. É complicado, ainda mais que não conheço o seu primo.

— Sua mãe só inventa. Faça qualquer coisa, não é como se ele realmente merecesse nada muito sofisticado. Ele não teve a mesma criação que a gente. Não liga para essas coisas.

— Mas você sabe que minha mãe não aceita nada além da perfeição. Não posso entregar algo abaixo do que ela faria, de jeito algum.

— Tem razão. – Ele aceita, depois de pensar um pouco – Tem certeza que não quer fazer, nem um pouquinho?

— Sim, querido. Fazemos isso outra hora.

E assim o deixo, como se estivesse marcando a próxima sessão com a manicure. Fico acompanhando até seu carro passar pelo portão da propriedade, e decido não entrar imediatamente em minha casa. O nosso entorno é enorme, temos um jardim lindo e um extenso gramado, então, circundando a saída da garagem, me dirijo ao terreno dos fundos, onde se encontra o meu lugar favorito no mundo.

Quando eu era criança, meu avô paterno costumava se sentar comigo em baixo de um ipê amarelo, nos fundos de sua casa. Ele tinha instalado um banco de madeira, tal qual esses bancos de praça, bem embaixo da árvore, pra que em dias de sol pudéssemos aproveitar a sombra do ipê. Era nesse local que ele me levava, religiosamente todas as tardes, levando um livro que lia para mim.

Ele me dedicava seu tempo, seu carinho, sua sabedoria, e tinha se tornado a minha pessoa favorita no mundo inteiro. Então, quando eu completei seis anos, ele se foi. Morreu dormindo, sem dar trabalho, mas também sem avisar ninguém que estava indo. No jantar estava falante e risonho e no outro dia.... se fora.

Foi uma época insustentável. Eu era muito pequena, não conseguia entender o porquê ele tinha partido. Porque tinha me deixado e nunca mais voltaria. Era meu melhor amigo, meu porto seguro, minha referência. Por dias fiquei chorando, febril, pedindo para me levarem até sua casa, até o nosso ipê amarelo. Até que meu pai, cansado de drama – como ele mesmo nomeara – contratou uma empresa que trouxe o bendito ipê, e seu banco, até nossa casa.

Minha mãe dizia para nem perder tempo com isso, já que a árvore iria morrer. E eu chorava tanto que diziam estar regando a árvore a base de lágrimas. Bem, deve ter dado algum resultado porque quatorze anos se passaram e o ipê continua aqui, ainda mais frondoso. Em uma casa totalmente asséptica, formal e fria, é um lugar acolhedor em que corro sempre que me sinto angustiada.

Observando o caule da árvore, posso ver as várias marcações que tenho feito no decorrer dos anos. Vovô dizia que eu tinha que marcar aqui as passagens importantes de minha vida. A primeira, ‘Isa e vovô’, parece me sorrir todas as vezes que eu noto tamanho garrancho. A segunda, a data de sua morte. E, sem que me dê conta, estou pegando o canivete que deixo escondido em uma madeira solta do banco, somente aguardando alguma passagem importante, e passo a rabiscar o caule com uma nova inscrição.

“Arlequin”



3. Enfeitado

Iotapé

O ronco em meu estômago avisa que o horário do almoço passou há um bom tempo, mas eu continuo sentado aqui na varanda, olhos fixos em canto algum, relembrando a noite surreal que tive! Meu corpo está moído, ainda sofrendo com o jet lag^[2], fora o cansaço natural por mal ter descansado antes de me enfiar naquele baile maluco de Carnaval.

E se eu pudesse, faria tudo de novo.

Quem diria que aquela seria a melhor noite da minha vida, em anos?

Havia desembarcado no Brasil pela manhã, vindo direto ao, agora, meu apartamento. Um lugar completamente descaracterizado do que eu entendo por lar, visto que tudo o que tínhamos aqui havia sido levado para o Canadá quando papai arrumou um emprego naquele país e precisávamos nos mudar. Abrir a porta e encontrar poucos móveis empoeirados e nenhuma lembrança havia sido muito difícil, mas se eu quero realmente recomeçar, não poderia ser diferente.

A morte precoce de meu pai havia sido muito difícil de digerir. Principalmente quando eles tinham deixado toda a vida deles pra trás, e minha mãe havia sido obrigada a escolher entre seu amor e sua família. Foram anos de luto, ela nunca mais fora a mesma desde então. Viveu sua tristeza até seu último dia de vida, quando partiu depois de um ataque cardíaco fulminante.

Uma das poucas pessoas que mantive contato aqui no país, meu amigo de colégio Gustavo, sabia que eu chegaria pela manhã e estava me esperando no aeroporto. No porta-malas, sacolas com lençóis, toalhas de banho e outras coisas necessárias que sua mãe, dona Dalva, havia providenciado para mim. Confesso que mal tinha pensado nisso, e estaria enrascado, com certeza.

Meu amigo estava com um par de convites para um concorrido baile de

Carnaval, segundo ele era o evento preferido das pessoas mais descoladas da cidade. Eu não estava com o menor pique, mas acabei cedendo frente a tanta insistência. E, que bom que meu amigo é muito insistente.

A pior parte seria a obrigatoriedade em ir fantasiado. Eu não tinha a menor idéia do que vestir, ainda mais sendo assim, em cima da hora. Uma pesquisa rápida na internet e acabei conseguindo a fantasia perfeita. Vesti uma gola de palhaço por cima de uma camiseta e um colete de couro emprestado do meu amigo rock star, e passei uma maquiagem branca no rosto, com lápis de olho desenhando uma lágrima perto do olho e, pronto: lá vem o Arlequim.

Assim que cheguei ao baile, encostei em uma pilastra, analisando o local e as pessoas. Gustavo garantira que eu conhecia ao menos algumas das pessoas que ali estavam, mas fantasiados, eu não reconheceria ninguém. Ainda procurando um rosto conhecido, eu a notei. Os braços para cima, balançando a cabeça ao som da música, o sorriso mais brilhante que eu já vira.

Fiquei enfeitiçado. Ela vestia uma roupa sensual, preta e branca, que parecia tão improvisada quanto a minha. O cabelo estava preso no alto da cabeça, com alguns fios soltos dando um ar selvagem ao penteado. Os olhos cobertos por uma máscara negra, a textura imitando renda, que dava a ela um ar de mistério. O rosto também estava bem maquiado, uma cobertura branca como a que eu tinha passado no meu, e a boca em um tom vermelho vivo que me deixou aceso.

Queria muito que ela me notasse. Ficava mentalizando para que ela olhasse pra mim, cada volta que ela dava era um salto em meu peito, esperando que ela, finalmente, me notasse. Até que nosso olhar se cruzou, e congelei. Era como se estivesse sendo puxado por uma força invisível, me forçando em sua direção, e então meu corpo se moveu. Sem pestanejar, sem pensar um segundo a mais, fui em sua direção, que estava parada me olhando.

— Qual seu nome? – Perguntei de bate-pronto. Precisava saber quem era essa feiticeira.

— Colombina – ela, espertamente, me respondeu. Achei graça em sua determinação em manter o anonimato.

— Você é a coisa mais linda que eu vi essa noite, Colombina.

Achei estranho o ritmo acelerado do meu coração. Nunca havia sentido esse tipo de rompante, nem mesmo quando eu era um adolescente espinhento. Namorei por um bom tempo com Lorraine e nem em uma vez sequer eu senti esse tipo de coisa. Nesse instante, eu só queria beijá-la. Saber qual o seu sabor. Sentir seu toque em mim.

Seu beijo tinha sabor de paraíso. Nunca experimentei o paraíso, mas certamente, seria esse o sabor. Do tipo que tira seus pés do chão, tira seu juízo

momentâneo, afasta qualquer som ao redor e lhe toma por inteiro. No instante em que nosso beijo durou, que podem ter sido segundos ou horas, ela era tudo o que eu sentia. Tudo o que me importava. Podia sentir seu descontrole, e era equivalente ao meu.

Uma loucura dessas eu, sinceramente, não estava esperando.

Sem pensar, assim que quebramos o beijo, a puxei pela mão. Eu queria mais... queria ser dela, e queria que ela fosse minha. Queria privacidade. Queria silêncio, onde o único barulho que eu fosse ouvir fossem seus gemidos, sua voz chamando meu nome. Queria uma cama, e ela em cima da cama, comigo.

— Você não me perguntou se eu queria ir.

A afirmação me atingiu como um soco. Fiquei tão enlouquecido de tesão que mal perguntei se a menina tinha qualquer interesse em sair do lugar comigo.

— Desculpe. Você quer sair daqui comigo?

Eu perguntei, mas meu coração estava ansioso, no fundo já sabendo que, não, ela não queria sair dali comigo. Onde eu estava com a cabeça, achar que ela sairia com um estranho, sendo que sequer seu nome ela havia me dito? A sua dúvida era visível, eu sabia que ela queria vir comigo, mas o juízo não a deixava. Cabia a mim resolver, até porque eu não queria assustar a menina.

— Tudo bem. Faremos diferente. Vamos curtir o baile...

Talvez tenha sido a melhor coisa que eu fiz. Conquistar a confiança da garota era o melhor, naquele momento. Dançamos muito, por muito tempo. E a beijei tanto, mas tanto, que se pudesse não teria parado nunca de beijá-la. O meu receio dela sumir era tamanho que eu a apertava, com medo de ser um sonho e ela, simplesmente, desaparecer.

Por várias vezes perguntei seu nome. Em todas as vezes, ela dizia ser “a Colombina sem amanhã”. Não ter amanhã, nesse caso, definitivamente era algo que não me agradava.

Não me recorde de como chegamos a uma parede escondida nos fundos do salão. Uma parede de mármore, gelada, mas que deixava nossos corpos mais grudados, os beijos mais sedentos e nossas mãos mais atrevidas. Eu a queria, com tanta loucura, que estava difícil me segurar. Perguntei, novamente, se ela queria ir embora, enquanto rodeava a barra rendada da meia de seda que ela estava usando, meu pau pulsando dentro da calça, babando de vontade de experimentá-la. E ela disse que queria, muito, mas não podia.

— Então fiquemos aqui. Mas essa noite você é minha, Colombina.

O desejo tomou conta do meu corpo. E ela era muito receptiva ao meu toque, aos meus beijos, era enlouquecedor. Assim que ultrapassei a barreira do tecido, entre suas pernas, vi que estava molhada demais. Esperava por uma negativa, afinal de contas estava tocando uma garota desconhecida numa parede

escondida, nos fundos de um baile. Não era, realmente, algo que eu estava acostumado a fazer, se eu fosse puxar pela memória, isso era algo que eu não me lembrava, nunca, de ter feito antes. Mas o meu juízo havia me deixado, provavelmente estava perdido entre uma ou outra dose da bebida que eu tinha tomado, ainda quando estava dançando com ela.

Conforme meu toque se tornava mais específico, seu quadril se movia de encontro à minha mão, buscando por mais controle. Querendo mais do que eu estava proporcionando. Mas eu tinha aprendido a lição, ela teria que pedir. Indicar, com mais do que movimentos calorosos, que ela me queria dentro dela. E eu torcia para que quisesse, porque eu queria *demais* estar dentro dela. Não consigo pensar em algo que eu tenha desejado tanto.

— Quero você... — ouvir isso me trouxe uma urgência e satisfazê-la, não sei se era seu olhar decadente, se era sua respiração alterada, sua voz sussurrada. Sei que eu queria muito que ela sentisse prazer *comigo*. Passei a dedicar-me a acariciar sua entrada, com movimentos firmes e circulares, aproveitando sua lubrificação natural que estava aumentando consideravelmente. Seu perfume era uma delícia, a pele macia do seu pescoço me convidava a lambê-la, a mordê-la, a chupá-la, enquanto o meu quadril se projetava para a frente, em um desejo dolorido.

Quando ela implorou, eu sabia que teríamos mais do que essa pegação adolescente. Porque não iríamos resistir por muito tempo, e eu estava quase gozando só de ouvir ela gemer. Abri o zíper da minha calça, atrapalhado tentando liberar meu membro e continuar tocando-a como estava fazendo antes, quando senti sua mão vacilante entrando por minha cueca. Seu toque era tão dócil, era como se ela não soubesse muito o que fazer. Ela acariciava meu pau, enquanto nos beijávamos, e eu já não conseguia mais me controlar. Eu precisava estar dentro dela.

Ainda tive o cuidado de vestir uma camisinha, antes que perdesse a cabeça de vez e a tomasse ali do jeito que estava. E quando a penetrei, por Deus, era como estar indo para casa. Como se tivesse achado o meu lugar no mundo. Cada arremetida que eu dava me levava mais e mais ao paraíso, até que eu explodi em um gozo longo, não querendo nunca mais sair dali.

Tentei leva-la em casa. Tentei saber seu nome. Tentei saber como faria para encontrá-la de novo. Mas a garota de sorriso doce não me deu uma pista sequer. Apenas me deu a certeza que nos encontraríamos novamente em seus sonhos.

Conforme o táxi que a levou embora se afastava, eu fiquei tentando desvendar a tal charada. “Em seus sonhos” tinha que significar alguma coisa, e eu teria que decifrá-la. E foi o que eu fiquei fazendo, nessa varanda,

praticamente a minha manhã inteira. Sem sucesso, diga-se de passagem.

Eu vou achar você, colombina, nem que seja a última coisa que eu faça...



4. Monitorado

Iotapé

A música alta não é o suficiente para apagar os pensamentos, mas ao menos me deixa relaxado o bastante e assim posso preparar algo na cozinha. Cozinhar sempre fora uma boa terapia – além da clara e óbvia obrigação de quem mora sozinho. Cresci ouvindo minha mãe dizer que precisamos saber nos virar, e cozinhar seria o mínimo básico no manual da sobrevivência.

Mamãe tinha um espírito livre e, talvez por isso, para ela sempre foi tão fácil simplesmente se deixar levar. Ninguém da família realmente acreditava que ela largaria tudo para trás – uma vida confortável, segurança e um futuro certo – e iria se aventurar em outro país ao lado de um assalariado. Mas ela foi, e se faltaram recursos financeiros para uma vida mais tranquila, nunca faltara amor.

A mente viaja nos anos felizes que tivemos, somente nós três, no pequeno apartamento no centro de Toronto. Nossa rotina era simples, eu estudava – e muito! – Já focado no futuro mal sabendo que eu teria que mudar meus planos. Meu pai saía cedo e voltava quando já havia escurecido, e minha mãe tomava conta de uma pequena livraria, que pertencia a uma senhora já idosa.

Tudo ia bem até aquele maldito dia, que faz meu peito rasgar mesmo já fazendo tanto tempo. Acredito que nunca vou superar isso, independente de quanto tempo passe.

O som da campainha interrompe meus pensamentos, e estranho pois não estava esperando ninguém. Tampe a panela, depois de abaixar o fogo, torcendo que o molho não queime e eu tenha que refazer tudo novamente. Jogando o pano de prato no ombro, saio da pequena cozinha notando que a pessoa, seja ela quem for, não tem muita paciência, já que seu dedo não sai do botão, fazendo com que

o som infernal da campainha se torne ininterrupto.

— Eu não fiquei sur... – “do”, eu completo em pensamento, ao ver meu tio parado do outro lado da porta, me olhando dos pés à cabeça como se eu lhe fosse um completo estranho. E, bem, na verdade somos, completamente estranhos, mesmo ele sendo um dos únicos parentes vivos que eu tenho.

— Quanto tempo, João Pedro. Pensei que entraria em contato assim que estivesse no país.

Ainda atordoado, o convido a entrar, mas não consigo deixar de notar que ele o faz analisando o pequeno apartamento. Lugar que ele nunca tinha visitado, ao menos não que eu me recorde na minha muito falha memória infantil.

— Tio. Eu devo perguntar como sabia que eu estava no país?

Sua postura altiva é ainda a mesma da qual eu me lembro. Mamãe tinha várias fotografias de sua família em porta-retratos espalhados pela casa, e apesar de nunca ter reclamado no início, sabia que ela se ressentia pelo afastamento imposto por eles. Acabo ficando curioso em saber se ele também sentira sua falta, se também se entristecera por todos os anos perdidos, e, definitivamente, porque diabos ele nunca a procurara.

— Eu sei tudo sobre você, João Pedro. Diferente do que pensa, nunca perdi contato.

Não consigo ver sua expressão ao dizer isso porque ele se mantém de costas pra mim, mas não é algo que gosto de ouvir. Não que eu queira parecer um garoto mimado, mas foi muito tempo de dificuldade para deixar passar batido.

— Nunca foi o que pareceu. Afinal de contas, minha mãe ficou anos sozinha depois que meu pai morreu. Eu sinceramente não reclamaria se tivesse aparecido por lá, ela precisava de apoio.

— Sua mãe não queria. Ela nos afastou, no final das contas. – Dou uma risada cínica e a intenção da minha risada é captada imediatamente, porque ele se vira, de forma a poder olhar em meus olhos dessa vez enquanto fala – Ela estava magoada. Eu assumo a minha parte na culpa, João, de verdade. Tenho culpa por ela ter se magoado, mas não tenho culpa pelo afastamento, porque eu tentei me aproximar quando seu pai faleceu. Mas ela estava realmente brava demais com a vida...

A morte de meu pai quebrou a minha mãe, permanentemente. O sorriso aberto e a forma leve com que ela levava a vida desceram ao túmulo com ele naquela tarde chuvosa de outono. Pude presenciar, mais de uma vez, como minha mãe podia ser fria ao afastar as pessoas, e somente por esse motivo eu não duvido que ele tenha tentado uma aproximação e sido escorraçado, mas isso não torna a vida dele mais fácil no final das contas. Muito pelo contrário, toda essa

simpatia me causa ainda mais asco.

“Diferente do que pensa, nunca perdi contato.”

Subitamente essa frase toma forma acima de qualquer pensamento, e me sobressalto ao perceber que ele sempre soubera tudo sobre mim.

— Andou me monitorando por acaso, meu tio? – Ele sorri, sem sequer tentar parecer culpado.

— Vocês moravam na cidade com maior número de brasileiros em todo o Canadá. Acredita mesmo que eu não conheceria ninguém lá, e não os deixaria de olho em vocês? Eu nunca os deixaria morar longe de nós sem saber se estavam precisando de alguma coisa.

Eu queria berrar com ele, e dizer que tínhamos precisado de muita coisa. De dinheiro. De suporte. De companhia. Mas nada disso seria suficiente para apagar a crescente raiva que eu estava sentindo no momento.

Sinto cheiro de queimado e, contrariado, esfrego o rosto antes de seguir até a cozinha, onde uma fumaça persistente sai por baixo da tampa, junto com o cheiro que diz adeus ao meu almoço. Irritado, pego a panela e a levo até a pia, abrindo a torneira e enchendo a pobre de água, até mesmo de forma a facilitar o meu trabalho depois na hora de lavá-la. Isso, e uma incontrolável vontade de ignorar meu tio sem ser forçado a colocá-lo para fora de casa.

Não ajuda muito porque, quando retorno, ele continua no mesmo lugar, olhando ao redor a casa totalmente vazia e impessoal.

— Existe algum outro motivo que o tenha trazido até aqui? Não acredito muito em visitas cordiais...

— Soube que estava formado em medicina, trabalhando... – seu tom não tem a mesma animosidade que o meu, me fazendo de certa forma sentir culpa por estar tratando-o mal. Deixo cair os ombros, rendido, e aponto o sofá, em um convite mudo para que ele se sente. Alguns minutos de conversa com meu tio não iriam me matar e, no final das contas, eu tinha uma promessa feita a cumprir.

E eu não sou um homem de quebrar minhas promessas.

— Sim, eu sou pediatra.

— Sua mãe deve ter comentado com você que nossa família inteira trabalha com medicina.

— Obviamente. – Não queria soar entediado, mas a resposta a essa pergunta me parecia tão óbvia. – Eu não nasci no Canadá, nasci no Brasil. Claro que eu sabia.

— Vim te convidar a trabalhar conosco, João. A clínica está crescendo, e sua adição ao nosso quadro seria excelente. – Faço menção de comentar, mas ele somente levanta a mão, me interrompendo – Só peço que pense a respeito. A clínica é da família, é sua também, de qualquer forma.

— Eu terei muito prazer em trabalhar com vocês – seu sorriso aumenta, e eu me sinto meio diabólico durante a calculada pausa que eu faço – desde que me permita atender nos meus moldes.

— Que moldes seriam esses?

— Eu faço medicina, tio. Para atender pessoas que precisem de atendimento, tenham elas dinheiro ou não. Sei bem como funciona essa coisa de clínica familiar, uma vez que eu esteja trabalhando lá não irão permitir-me atender em outros locais. Sendo assim, não me importo mesmo em trabalhar com vocês, desde que me dê garantias de que poderei atender qualquer tipo de paciente.

Claro que eu sabia qual seria a resposta a essa exigência. Como diria meu pai, quando vamos atrás de alguma nova oportunidade, o “não” nós já temos. Só nos resta batalhar pelo “sim.” Eu já sabia que, pela visão deles, o meu projeto não teria espaço. Bem, se eles têm exigências, eu também tenho.

— João, acredito que saiba que nós temos um conselho... – o movimento de minha sobrancelha, como quem diz “eu sabia”, é involuntário, e ele percebe – mas eu prometo levar isso a conhecimento deles.

O sistema público de prestação de serviços médicos no Canadá é muito diferente do que é no Brasil. É muito bom, porém muito diferente. Lá nós somos prestadores de serviço, autônomos, pagamos todas as nossas despesas e o governo somente custeia os serviços a partir do momento que o paciente escolhe o médico para ser o seu “Médico da Família.” Dessa forma, os médicos ficam muito mais próximos de seus pacientes, gerando vínculos que, por muitas vezes, duram a vida toda.

E eu tinha esses vínculos, apesar de ainda ser novo eu já acompanhava algumas famílias, e foi bem difícil deixá-los para trás. E muito dessa experiência mudou a visão que eu tinha da medicina também. Talvez pela forma como eu tinha me decidido por ela, eu não a via da forma como vejo hoje. Mas aprendi, durante esses poucos anos em que trabalhei fora do país, que estamos ali para servir, e é isso que eu pretendo continuar fazendo, independentemente de qualquer coisa.

Chega a ser bem contraditório todo o sentimento que tenho dentro de mim no momento. Ao mesmo tempo em que eu penso em ajudar as pessoas – e exatamente por isso a minha negativa em trabalhar junto à minha família – a minha cabeça gira buscando formas de cumprir a promessa que fiz à minha mãe. Que, de nobre, não tem absolutamente nada.

Poucos dias antes ela falecer, acabei sabendo um pouco mais sobre sua vida. Muito mais do que ela sempre havia me contado, no entanto. Me falou sobre tudo o que aconteceu desde que ela conheceu o meu pai, até o dia em que

ele faleceu. E me fez prometer voltar, e fazer justiça.

Eu lhe fiz essa promessa, mas não seria algo simples de ser realizado. Principalmente estando agora à frente de meu tio, algo que me despertava esses sentimentos contraditórios que eu não esperava sentir.

Depois que ele se retirou, eu desci até o restaurante da esquina, não tinha mais “clima” para cozinhar. Eu precisava economizar, e por isso gastar com comida pronta não estava nos meus planos, mas era uma emergência, por assim dizer. Ainda me sentia exausto da noite anterior, e um tanto quanto aborrecido por não ter idéia onde encontrar aquela garota. Ela havia dominado meus pensamentos de uma forma tão intensa que eu precisava revê-la. Mas, apesar de muito interessado em encontra-la, eu tenho problemas mais urgentes para resolver no momento.

Como, por exemplo, buscar a revalidação do meu diploma no Brasil. Por ser formado em outro país, é necessário comprovar que estou apto a exercer a medicina e isso só é possível se eu fizer um exame, comumente chamado Revalida, que é aplicado pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas). Eu confio muito em minhas habilidades, mas ainda assim chega a ser assustador se levar em conta as notícias de que a maioria dos médicos que passam por esse teste acabam não sendo aprovados. A última vez que me informei acerca da taxa de aprovação, não tinha passado de dez por cento.

Apesar de confiar no meu taco, esse parece ser um exame difícil. Eu terei que passar por três provas: uma objetiva com cem questões, outra discursiva com cinco questões, e uma prática contendo dez estações. A dificuldade está em chegar à prova prática, porque é necessário atingir 85 pontos somatórios nas duas provas anteriores. Definitivamente, um trabalho hercúleo.

Logo, o meu objetivo principal tem que ser passar no exame, caso eu queira mesmo exercer minha profissão no Brasil. Abri mão de muita coisa no Canadá visando fazer esse trabalho aqui, e é nisso que eu preciso focar.

A minha Colombina que me desculpe, mas ela terá que esperar.



5. Rock Star

Iotapé

Quando eu era adolescente e cursava o ensino médio aqui no Brasil, podia dizer que era um garoto popular apesar de magrelo e espinhento. Isso tudo por conta de uma banda de rock que eu tinha juntamente com Gustavo. Nós éramos os “Cachorros Perdidos do Submundo” e o simples fato de nossa banda sugerir que éramos cachorros nos deixava muito populares.

Fazíamos tanto sucesso entre os alunos do colégio que meu pai chegou a pensar que iríamos seguir a música como carreira. Apesar de muita gente me considerar bom nisso – eu era o vocalista da banda – isso nunca me passou pela cabeça. Mas, diferente de mim, Gustavo levou seu sonho adiante. O rapaz não somente tem uma banda independente, que toca em alguns bares na noite paulista, como também tem uma loja de instrumentos musicais. E é para lá que eu me dirijo, nesse exato momento.

Recebi um convite no final da noite passada, Gustavo quer muito fazer parte de uma apresentação em um evento patrocinado pela prefeitura da cidade, mas está com um problema enorme: seu vocalista debandou. O cara havia recebido uma boa proposta, seria vocalista de uma banda que estava surgindo, e não pensou duas vezes. O problema é que essa banda era de Curitiba e, assim sendo, o rapaz foi embora de mala e cuia, deixando Guga na mão.

A idéia me agrada e desagrada ao mesmo tempo. Porque, pense comigo, seria excelente eu ter uma diversão aqui no país, principalmente se for para fazer algo que eu gosto muito. E, caramba, eu gosto demais de música. Mas eu preciso me preparar para o meu exame, porque somente assim eu posso começar a trabalhar no país e passar a receber algum dinheiro. Na minha última checagem, ele não nascia em árvores.

Sinto o celular vibrar no bolso, e procuro uma rua tranquila onde possa estacionar e poder atender. O fato de ter uma ligação nesse telefone já me causa estranheza, visto que o número é novo, e isso só aumenta ao notar que o telefone chamando está marcado como privado.

— Alô...

— *Jotapê, meu amor.* – A voz cantada de Lorraine soa do outro lado da linha, e me surpreendo.

Eu e Lorraine namoramos por dois anos. Não foi uma relação ruim, pelo contrário, nos dávamos bem. Mas eu posso dizer que era algo completamente desprovido de paixão, e que acabou indo pelo ralo quando disse a ela que estava voltando para o Brasil. Filha de um renomado advogado e de uma estilista francesa, ela se achava especial demais para viver num país de terceiro mundo.

— Lorraine. Que surpresa... – eu solto, mas somente sendo muito desligado para notar que eu não estou nem um pouco animado com o contato.

— *Tive que ligar, fiquei esperando por você. Me disse que ligaria assim que chegasse ao Brasil.* – E o tom de cobrança, algo que sempre me incomodou, volta.

— Muita coisa para fazer, não consegui tempo. Aconteceu alguma coisa?

— *Aconteceu, você foi embora e eu fiquei com saudades. Quer acontecimento maior do que esse?*

— Pensei que estivéssemos conversados a esse respeito, Lô.

— *Você estava conversado, Jotapê. Para mim nunca ficou resolvido. Eu te dei o tempo que me pediu, um mês, mas ao invés de tentar se acertar, você foi embora!*

Lorraine é uma garota bonita. Muito bonita. Loira, cabelos longos e ondulados, olhos azuis. Esguia, pernas torneadas, corpo malhado, apesar de seu biotipo ser extremamente europeu – ou seja, nada de bundão e seios grandes. Sua voz cantada, com sotaque francês, sempre me fez ser motivo de inveja entre meus amigos, mas eu sempre disse a eles que ter uma garota bonita ao lado era fácil. Aturar seu gênio... eram outros quinhentos.

— O acerto que eu te propus você não quis, Lô. Eu me mudei para o Brasil, e você não tinha esse interesse, esqueceu?

— *Não esqueci. Mas não acho que essa história tenha terminado. Eu posso ir até o Brasil, podemos conversar, pode dar certo, Jotapê. São dois anos juntos, não são duas semanas...*

Sem que eu tenha nenhum controle sobre meus pensamentos, eles voam até aquele salão de baile. Até aquela menina linda que eu daria tudo para encontrar novamente.

— Não vai rolar, Lô. Desculpa.

Eu não tenho por que ficar enrolando a menina, se eu sei que dessa configuração não vai sair mais nada. Nós não combinamos, se eu não fosse tão acomodado o nosso namoro não teria durado seis meses. Essa viagem, na verdade, foi um presente para o nosso relacionamento.

Desligo o telefone depois de mais alguns minutos de lamúria e coloco o carro novamente em movimento. As ruas estão tranquilas, ainda é Carnaval e por incrível que pareça o país só volta a funcionar depois das festividades. Eu não tenho nada contra a festa, apesar de dificilmente me animar a curtir, mas esperar três meses até passar as festas e o país voltar a andar me parece um tanto exagerado.

Encosto o carro em frente o endereço que Guga me passou e fico surpreso com o tamanho da loja. Está localizada numa grande galeria, tomando toda a parte da frente com suas vitrines de vidro bem chamativas, onde uma... *puta merda!* – Strato Fender 64 Stratocaster^[3] toma toda a parte central da decoração, e faz meus dedos coçarem de vontade de tocá-la!

A loja se encontra vazia, um rapaz me aborda assim que eu passo pela porta, mas logo indico os fundos onde já posso ver Guga acompanhado de outros rapazes. Os nossos rapazes. Digão, o baterista, um sujeito alto com um cabelo black power muito estiloso que sempre me fez perguntar como ele o mantinha. Piu, o baixista, que na época em que tocávamos juntos era um rapaz muito magricela e de longos cabelos castanhos claros, e que agora estava todo tatuado, muito malhado, e trazendo no rosto uma daquelas bem cuidadas barbas estilo lenhador. Sorrio ao lembrar que na nossa época de colégio ele não pegava nem gripe, e agora deve ter fila de meninas para tirar uma casquinha. E não poderia faltar o Topa-Tudo, tecladista, sarrista e oportunista, que tinha mudado muito pouco com o passar dos anos. Ainda parecia um desses modelos de passarela pós gripe.

— Chegou quem faltava! – Guga anuncia, e sou recebido com festa pelos meus antigos parceiros de banda. Recebo tapinhas nas costas, abraços, e toda aquela farra cheia de testosterona que todo mundo está habituado.

— Saudades de vocês, todos. Ninguém muda? Tirando o Piu, estão todos com a mesmíssima cara!

— Olha, eu não queria dizer não, mas concordo – Topa-Tudo diz, em tom solene – Você continua feio pra cacete!

— Faço o que eu posso – lanço um charme, arrumando a gola da camisa e passando a mão no cabelo, enquanto eles fazem barulho, vão e agem como os belos adolescentes que um dia fomos – Mas, e então... apresentação, é?

— Recebemos esse convite – Gustavo me estica o papel, com a programação da festa, e eu passo os olhos, impressionado com o tamanho do

evento. Seriam vários palcos espalhados pelo centro da cidade, cada ponto trazendo um ritmo diferente para reunir *tribos*, e que durariam um final de semana inteiro. O palco onde a banda dele havia sido convidada a tocar ficaria próximo ao Teatro Municipal, conhecido point de roqueiros.

Impressionante! Fico realmente mexido com a oportunidade que eles teriam, e devo ter demonstrado isso em algum momento porque a animação em volta é crescente.

— Guga, eu não canto há muito tempo. Minha guitarra foi vendida, quando eu precisei de um dinheiro extra... – um conhecido aperto no peito me toma, quando lembro de tudo o que tive que desfazer, a fim de pagar as dívidas que contraímos depois da morte de meu pai.

— Instrumento não é problema, Jotapê. E temos um estúdio aqui mesmo, na parte de trás, onde podemos ensaiar...

— Certo, mas eu estou num período complicado. Preciso estudar, pretendo fazer a revalidação do meu diploma e a prova é, realmente, muito difícil. Não vou poder dedicar muito do meu tempo para isso, cara. Não quero te atrapalhar... impedir que você encontre um outro vocalista.

— Não existe outro vocalista, Jotapê – Digão diz, solene – porque nunca achamos outra voz para nossa banda. Sempre foram tapa-buracos. E, obviamente, todo mundo aqui tem sua profissão, sua vida, sua família. A banda é um hobby para a gente, uma grana extra – Guga solta um “infelizmente” no meio do discurso inflamado de nosso amigo – mas nem por isso queremos fazer de qualquer jeito. Tocar nesses grandes festivais sempre foi nosso sonho de moleque, e agora a gente pode fazer isso, nem que seja por uma noite.

Ando fazendo coisas demais *nem que seja por uma noite*, mas, na verdade, o que me custaria? Absolutamente nada. Se eu manejar bem o meu tempo, consigo dar conta de ambas as coisas.

Depois de acertar os dias de ensaio – teríamos exatamente quatro meses até o grande evento, que seria uma semana antes da minha primeira prova – sigo novamente para casa. Dessa vez me sentindo um tanto mais leve. Notei que essa interação com gente da minha idade havia me feito muita falta. Prestes a completar trinta anos, eu vivia para o trabalho, sem vida social alguma. Ter algumas horas *para* mim soava como uma novidade inacreditável. Olho ao redor, pela janela do carro, enquanto sigo pelas ruas já escuras, e posso ver várias pessoas fantasiadas, muito provavelmente indo a algum outro baile na cidade. É impossível não me perguntar se a Colombina estaria entre eles novamente.

Chego em casa morto de fome, felizmente tinha deixado alguns congelados no freezer. Preciso manter o foco, afinal de contas comida é algo

muito caro – quando se compra pronto. Retiro uma embalagem da geladeira e deixo esquentando no micro-ondas enquanto corro para o banheiro, necessitado de uma chuveirada. Se tem algo que eu sinto falta é o frio canadense, ainda com seu exagero e seus meses de nevasca, prefiro mil vezes ao calor insano do Brasil.

Mal desliguei a torneira e pude ouvir meu celular tocando insistentemente. E aí entra a delícia de viver sozinho e ter a liberdade de simplesmente sair do banheiro secando o cabelo, nu em pelo, sem se preocupar com roupa.

— Alô – atendo rapidamente, não sem notar que o número é desconhecido.

— *João Pedro Conte, boa noite* – uma voz feminina, porém grave, soa do outro lado do aparelho – *desculpe ligar a essa hora. Meu nome é Rita Resende, sou a sogra de Hugo, seu primo.*

Eu sei que deveria falar alguma coisa, a começar por “como conseguiu meu telefone?” E terminar com “não compreendo o motivo da sogra de meu primo me ligar”, mas não consigo. Apenas solto um som qualquer, parecido com um “hum”, o que a incentiva a continuar.

— *Sua tia me deu seu telefone. Estou te ligando para avisar que faremos, no sábado, uma recepção em sua homenagem, e será em minha casa.*

— Espera... em minha homenagem? Por quê? Para que?

— *Boas vindas, meu querido. É comum isso em nossa família, pensei que soubesse.*

— Não... eu não sabia. Mas, por que em sua casa?

— *Como meu marido e seu tio são sócios e logo nossos filhos irão se casar, seremos parte da família. Nada mais natural que isso.*

Recepção na casa da sogra do meu primo. Existe programa pior que esse? Se sim, eu desconheço.

— Eu agradeço, dona Rita, mas realmente não é necessário.

— Eu liguei mesmo somente para lhe alertar, João Pedro, assim você não marca nenhum compromisso para o dia. Te vejo no sábado.

E assim, como se desse uma ordem, a insuportável mulher desliga o telefone. E eu já vejo que o meu sábado será longo.

Volto ao quarto, deixando a toalha jogada em cima da cama como de costume, e saco uma bermuda do armário quando me dou conta de com quem eu estava falando. E, nesse momento, a minha noite de sábado passou a ser muito mais interessante.



6. Apenas um Sonho

Isadora

Tentar organizar uma recepção, tendo uma mãe perfeccionista e que acha que uma das maiores qualidades de uma mulher é saber receber bem a fim de mostrar seu valor como uma boa esposa, não é fácil. Principalmente se participar de reuniões não é algo que você goste de fazer.

Mas como é uma situação da qual não vou poder me livrar, decido abrir meu notebook e iniciar o planejamento. Fico pensando por um tempo no que Hugo disse, sobre o primo não ser uma pessoa sofisticada, e pesquiso um tema mais casual. Não sem antes digitar na barra de pesquisas “*como organizar um coquetel simples*,” como garantia.

— Isadora, - minha mãe aparece na porta de meu quarto - aquela sua amiga telefonou.

— Qual amiga, mamãe?

— Quem você acha? A única que não tem noção e continua importunando com as visitas e ligações fora de hora.

Ah, sim. Alice. E o tom de voz que minha mãe usa para falar dela denota que ela, provavelmente, falou exatamente isso para a menina.

— O que ela queria? – Pergunto, já me preparando para desligar o notebook e retornar à ligação.

— Nem perguntei. Disse a ela que você tem muito o que fazer, afinal de contas, a recepção será no sábado.

Já estava fechando a tampa do notebook quando minhas mãos congelam no lugar, ao ouvir a novidade. Lentamente viro o rosto em direção à porta, para encarar uma dona Rita impassível.

Sábado? Mas hoje é segunda-feira!

Me apavoro, obviamente, porque já imagino que não vou conseguir organizar a recepção perfeita que minha mãe espera que eu faça. E que isso vai ser acompanhado por críticas infinitas e diárias, e terminar com algum castigo físico quando meu pai achar que estou fazendo algo de propósito. Mas não tenho tempo de argumentar, porque nem bem jogou a bomba, minha mãe vira as costas e se retira, me deixando novamente sozinha.

Se ao menos eu tivesse uma amiga com quem pudesse dividir o fardo dessa organização comigo, mas nem com isso eu posso contar. Eu não tenho amigas. Bom, ao menos não amigas que possam frequentar a minha casa. Minhas companhias são milimetricamente escolhidas por meus pais, todos têm que ser de boa família (leia-se podre de rica e influente), de compromisso firmado, que possam me ensinar bons valores. Ou seja, nada de garotas da minha idade, solteiras, que se interessem pelas mesmas coisas que eu e possam ser boa companhia.

Alice foi a única amiga do tempo de colégio que me sobrou. Simpática, elétrica e completamente não convencional, ela é filha de um casal de jornalistas que trabalham numa grande rede de televisão. Seu pai fora, por anos, correspondente internacional e sua mãe é editora chefe no principal telejornal da emissora. Mas, por serem liberais, não são bem vistos por pais conservadores como os meus. Exatamente por isso minha aproximação com ela nunca foi aceita e tudo o que minha mãe pode fazer para nos afastar, bem, ela faz.

Foi Alice, aliás, quem me deu o convite para o baile de Carnaval da noite passada. Minha amiga frequenta esses bailes desde criança, e o máximo que eu conhecia desse ambiente era o que ela me relatava. Muita música, muito confete, muita gente dançando a noite inteira. Quando seu namorado, Arthur, resolveu que eles viajariam juntos para o Nordeste durante o Carnaval, ela me convenceu a ir no lugar dela. A princípio neguei, temendo ser descoberta. Mas então mudei de ideia, afinal que mal teria? Seria apenas uma noite, para relembrar.

Uma noite para não esquecer jamais.



— Então, me conte. Como era esse príncipe encantado? – Alice está deitada de barriga pra baixo em sua cama, e leva algumas jujubas à boca, enquanto o olhar curioso está fixo na tela se seu computador.

Decidi fazer uma chamada de vídeo, e matar a curiosidade que ela estava sobre o baile, e se tudo havia corrido bem. Foi a única exigência que me fizera, ao entregar o famigerado convite. *“Preciso te ver, quero saber se foi mesmo tudo bem, Isa!”*

— Um sonho, Alice. Apenas um sonho. – Tento dar um ar casual à declaração, mas acabo não tendo sucesso. Abaixo a cabeça, apoiando em meu braço, e depois a ergo novamente, olhando direto para a tela, onde minha amiga me encara com uma expressão neutra.

— Mas você pegou nome, endereço, telefone?

— Não peguei nada. Do que adiantaria? Eu sou noiva, esqueceu?

— E acha que eu esqueço desse desastre? – Ela se senta, rapidamente, cruzando as pernas, me permitindo ver sua divertida pantufa de unicórnio - Eu quero mais é que alguém consiga fazer você desistir dessa insanidade.

Alice não consegue compreender o fato de eu não bater de frente com meus pais, e aceitar placidamente tudo o que me é proposto. Mal sabe ela que as consequências por *não fazer* nunca são as mais agradáveis então... eu simplesmente faço.

Não é fácil ser filha de Dona Rita. Nunca fora. Desde menina eu fui moldada para ser sua cópia, e ser filha única não havia me ajudado nem um pouco, porque eu nunca tive ninguém com quem pudesse dividir as expectativas. Ou frustrações. Obviamente não seria difícil se compartilhássemos, mamãe e eu, os mesmos gostos, os mesmos anseios, até mesmo as mesmas ideias. Mas somos como água e vinho.

A primeira vez em que me senti realmente incomodada com o futuro que desenhavam para mim foi inesquecível. Eu devia ter uns doze anos e estava em nossa grande sala de jantar, recebendo aulas de etiqueta, após ter terminado uma maçante aula de francês. Ouvia Dona Rita se gabar de que todos os cuidados que eu estava recebendo, sob sua analítica direção, seria ideal para que eu firmasse um casamento incrível com alguém que me daria um futuro lindo, exatamente da forma como ela e meu pai sonhavam.

Mal sabia ela que, já naquela época, o meu interesse eram as letras. Foi algo que me cativou desde menina, culpa do meu avô, obviamente. Devorava livros de todos os tipos e estilos, do mais açucarado romance ao mais terrível suspense. E sabia, sem sombra de dúvidas, que eu queria ser escritora. Mas também podia ser romancista. Roteirista. Jornalista. Qualquer *ista*. Aprender diferentes idiomas – estudava inglês, francês e italiano - contribuía ainda mais com meu sonho. Passava horas em meu quarto escrevendo histórias e mais histórias, que um dia eu sonhava poder publicar.

Então, inocente como era, a deixei saber de meus planos. A faculdade que eu faria. Os trabalhos que buscaria. A carreira que eu construiria. Meus olhos, com certeza, brilhavam imaginando o futuro lindo que a minha mente juvenil criava para mim. E enquanto eu falava, mal notei o rubor que se formara no rosto de minha mãe. Até sentir o tapa firme em minha bochecha, e suas

palavras duras.

— Nunca, entendeu? Não vai gastar seu tempo com coisas desnecessárias. Vai se casar com um bom homem e ser mãe, como eu. Exatamente como eu.

Como alguém podia se contentar com tão pouco? Queria saber sobre sua juventude, seus anseios, seus sonhos, mas ela nunca se abriu. A única coisa que sei é que se casara com meu pai aos dezesseis anos, e teve sua vida em suspenso tentando engravidar pelos próximos dez. E então eu finalmente nasci. Mas era mulher, o que foi decepcionante para ele. E ela nunca mais conseguiu engravidar novamente, o que foi decepcionante para ela.

Meu olhar corre até a grande estante de mogno que forra a parede do meu quarto, quase tão grande quanto meu armário de roupas. Nela estão meus inúmeros livros, de gêneros diversos, e uma prateleira específica com os cadernos contendo os romances que escrevi, e que ninguém jamais irá ler.

— Viajou de novo, Isadora?

Volto meu olhar até a escrivaninha onde meu notebook se encontra ligado, e tinha, realmente, me esquecido da chamada de vídeo. Sorrio, sem graça, me desculpando com Alice que meneia a cabeça, sorrindo.

— Desculpa, amiga. Me distraí por um momento.

— Espero que pensando no que eu te falei. Não estamos mais no século passado, Isa. Mulheres hoje podem escolher o seu caminho!

— Sim, podem. – Meus olhos descem até minha mão, com unhas bem-feitas e uma delicada aliança dourada na mão direita. Sinto os olhos lacrimejarem, quando ergo o rosto novamente, para encarar a tela e ver o rosto ansioso de minha amiga – Mas eu não sou qualquer mulher.

— É uma mulher como qualquer outra, Isadora. É inteligente, saudável...

— Incapaz. Desastrada. Descuidada. – Os milhares de adjetivos que venho recebendo por anos pipocam em minha mente, sem controle. É como se eu fosse uma esponja, absorvendo tudo o que tem sido dito a mim.

— Capaz. Cuidadosa. E submissa demais. A última parte não foi um elogio. – Sua voz baixou um tom, pesarosa – Como deixou tudo chegar a esse ponto?

— Deixei? – Me afasto um pouco, sobrancelhas juntas – Não tenho o poder de deixar ou não, Alice. Não sabe por que não frequenta minha casa, mas pelo pouco que conhece minha vida, sabe disso. Fui criada de forma a ser o modelo perfeito de esposa. Era tudo o que meus pais esperavam de mim.

— Isso parece surreal. Um script ruim de telenovela mexicana.

Suspiro, concordando em silêncio. Porque eu realmente achava o mesmo, mas não encontrava formas de sair do futuro desenhado. O que eu faria? Para

onde iria? Dependia totalmente de meus pais, não tinha parentes próximos, sequer tinha, ainda, uma profissão. Do que eu viveria? Porque, certamente, eu não teria o apoio financeiro de meus pais se resolvesse me rebelar e sair de casa.

Até pouco tempo atrás pensava que meu casamento poderia ser uma saída. Em minha mente criativa eu me casaria, e pediria o divórcio um tempo depois, ficando livre para viver minha vida. Mas então soube pela boca de meu pai que o nosso casamento teria um acordo pré-nupcial que, em caso de divórcio, a parte requerente perderia os direitos aos bens familiares envolvidos no acordo. No caso, a clínica cuja sociedade deu início ao nosso relacionamento.

E eu nunca seria capaz de acabar com o trabalho de uma vida, ainda que essa outra vida não se importasse muito com a *minha*.

Como dizem por aí, “o que não tem jeito, remediado está.” Me despeço de minha amiga e volto às minhas pesquisas, afinal de contas essa recepção não vai se organizar sozinha.

Os dias passam corridos, comigo dividida entre a universidade – na qual curso o segundo ano de design de interiores – e a organização da recepção. Tive muita pouca informação a respeito do tal convidado de honra, sabia apenas que era uma pessoa *sem frescura*, e isso não ajudava em nada. Já tinha desenhado todo o planejamento voltado à formalidade de um jantar bem feito quando recebi a lista de convidados. Parecia ser feito de propósito, dividido entre umas trinta pessoas – que trariam, certamente, seus acompanhantes – estavam a nata da medicina local, alguns políticos influentes e empresários conhecidos. Gente velha, em sua grande maioria, o que me levou a pensar que o tal primo deveria ter, no mínimo, o dobro de minha idade.

Na dúvida, optei por organizar um coquetel, que poderia ser muito sofisticado sem perder a praticidade. E a minha parte favorita foi, definitivamente, escolher o menu. Eu posso ser alguém que não aprecie organizar jantares e recepções, mas eu gosto muito de comer. Logo, não foi nenhum sacrifício escolher a variedade de *finger foods* e *small foods* que será servido.

A decoração, também, me deixou apaixonada. Modéstia à parte. Minha mãe sempre foi fã de jantares onde o máximo que se tinha na mesa, tirando a atenção de suas taças de cristal e suas louças de porcelana importada, eram castiçais minúsculos de vela. Então eu decidi fazer diferente. Espalhado por toda a área onde receberemos convidados, vasos de hortênsias em tons de lilás e azul dividem espaço com os já famosos castiçais de cristal. Algumas mesas redondas com cadeiras confortáveis, que acabei locando junto ao serviço de buffet, ficam espalhadas caso os convidados prefiram sentar a ficar batendo papo horas em pé. E uma música suave de fundo, uma coletânea instrumental de classic rock que

acabei encontrando por acaso, completa o visual. E é essa a visão que eu tenho agora, enquanto estou dando as últimas diretrizes aos garçons, logo após ter acertado com o chef o início do preparo das iguarias.

— Isadora! — Minha mãe, que passara o dia inteiro ausente entre manicure e cabeleireiro se preparando, aparece deslumbrante na porta da cozinha — Você ainda está vestida desse jeito? Por acaso pretende começar a receber seus convidados assim?

A cara de completo nojo que ela faz, enquanto aponta para o meu confortável par de jeans, seria hilária se não me deixasse tão nervosa. Uma resposta imensa se acumula em minha garganta, algo como “eu ainda não aprendi a estar em dois lugares ao mesmo tempo”, e ela soava perfeitamente melhor do que a resposta que eu dei.

— Estou acabando, mamãe. Já vou me arrumar.

— A essa hora uma boa anfitriã já teria tudo pronto e estaria vestida, penteada e maquiada somente esperando os convidados. Mas, pelo que eu vejo, você é incapaz de fazer qualquer coisa direito. Não sei como eu ainda insisto em deixar você fazer as coisas!

Se houvesse um buraco no chão, eu teria me enfiado nele. A área de trabalho inteira parou para ouvir o que ela estava falando, e isso porque ela não falava em um tom ameno. Aliás, “ameno” é uma expressão que Dona Rita desconhece.

Me despeço dos funcionários, que voltam a trabalhar como se nada tivesse acontecido, e sigo em direção à escada, que vai me levar ao meu quarto. Passo a mentalizar o que eu preciso, agora, fazer para me deixar apresentável para o início do coquetel. *Banho, cabelo, maquiagem, vestido.* Checo o relógio e vejo que tenho menos de 45 minutos até o horário estipulado para chegar o primeiro convidado, então, tiro a sandália que estava usando para não tropeçar e subo os degraus, correndo.

— Isadora, olhe os modos! — É a última coisa que ouço, antes de, soltando o ar, fechar a porta do meu quarto.



7. O Coquetel

Isadora

Perdi um bom tempo escolhendo algo que fosse apropriado para a ocasião. Havia comprado um vestido lindo, tubinho, na altura dos joelhos e com um caimento perfeito. O problema é que ele era em tom lilás, e eu não quis me sentir parte da decoração do lugar. Então, depois de um tempo – o que pode ser considerado um longo tempo, se levar em conta que eu tinha apenas 45 minutos e esses já haviam se esgotado há, no mínimo, 15 – optei por um tubinho preto, manga única, com um detalhe em gelo no decote. Já havia comprado essa peça há algum tempo, mas nunca tinha encontrado uma oportunidade de usá-lo. E, se for para ser sincera, havia me arrependido da compra antes mesmo de sair do shopping. Mas hoje o vestido parecia me chamar.

Talvez fosse por ser um vestido um tanto ousado para os padrões de minha família. Isadora Resende usando um vestido sem mangas. Um escândalo! Gostei.

Calcei um par de sapatos pretos e me olhei novamente no espelho. Tinha arrumado meus cabelos em um penteado semi preso, deixando-o meio ondulado, moldado pela mousse que eu costumo usar quando não quero pranchá-lo. Brincos pequenos, uma maquiagem discreta, e só. Estava pronta. E muito nervosa.

Respirando fundo e contando os passos para não tropeçar, abri a porta do quarto, saindo e a fechando em seguida. Do corredor eu já podia ouvir o barulho de conversas no local, o que me deixou ainda mais nervosa. Claro que, pelo volume de vozes, nem todos os convidados haviam chegado, mas só de pensar que minha mãe teve que recepcionar alguns porque eu estava me arrumando, já fico apreensiva. Esperando a bronca que, mais tarde, virá.

Descendo a escada, posso ver um casal que não simpatizo muito. Na verdade, não simpatizo em nada. O homem é um rico empresário que foi eleito prefeito da cidade, mora em uma das maiores mansões da capital e é casado com uma socialite que adora obras de arte. A forma como ele se veste, como se fosse o personagem Riquinho dos quadrinhos, é completamente ridícula. Forçando o passo, o sorriso e a simpatia, paro na mesa deles e os cumprimento. Recebo, com uma certa surpresa, felicitações entusiasmadas de sua esposa sobre a decoração, e torço, em meu íntimo, para que sejam realmente sinceras.

Conforme vou andando pelo local, sigo cumprimentando os convidados e seus acompanhantes recebendo as felicitações pela decoração e menu. Isso, de certa forma, me acalma um pouco. Como esperado, todos os convidados presentes têm, no mínimo, o dobro de minha idade, o que deixa o evento, ao menos para mim, muito enfadonho. Já sei que, em algum momento, terei que me contentar a juntar-me com as esposas, em algum canto em separado, para falar sobre moda, decoração, viagens e filhos, coisas que podem até interessar a elas, mas a mim não causam nenhuma empolgação.

Tentei, certa vez, mudar o tom da conversa, e falar sobre uma medida tomada pelo presidente do país na semana anterior, e recebi olhares enviesados em troca. “Esse não é assunto para a mulher, Isadora, ” ouvi de minha mãe, horas depois, enquanto ela me chamava de inapropriada. Ou algum outro adjetivo depreciativo qualquer.

Estico o olhar mais adiante, em direção ao aparador do bar onde o barman prepara uma infinidade de coquetéis coloridos, e vejo meus pais acompanhados de meus futuros sogros, meu *noivo*, e uma outra pessoa que está de costas, mas que suponho seja o convidado de honra. Vestido todo de preto, muito alto, traz as mãos no bolso e está absorto analisando algo em seu lado direito, talvez o piano de cauda que temos na sala e que nunca fora sequer tocado. E, com isso, posso analisar o seu perfil. E, com isso, sinto meu coração falhar uma batida.

— Nossa, Isadora, finalmente você resolveu descer. Espero que já tenha cumprimentado todos os convidados, e se desculpado pela sua total falta de educação.

Tudo acontece muito rápido. Ao som da voz estridente de minha mãe, as pessoas ao redor se voltam em minha direção. Inclusive o desconhecido de preto. E conforme o seu rosto se revela, tudo mais silencia ao meu redor. Sinto minhas pernas bambearem, e preciso empertigar o corpo para mantê-las eretas. Meu coração, que havia parado de bater por um minuto, resolveu voltar e apostar corrida com alguma coisa. Tenho para mim que qualquer pessoa ao redor pode ouvir seu retumbar. A minha boca seca de tal maneira que, se dois litros de água

fossem me oferecidos nesse instante, seriam pouco para a tamanha sede. Eu reconheceria esses olhos verdes em qualquer lugar, maquiados ou não. É ele, o meu belo Arlequim.

Fico paralisada, esperando não sei bem o que. Vejo quando o rapaz franze um pouco o cenho, enquanto me olha, nossos olhos cravados um no outro sem desviar, até que esse átimo de segundo é interrompido por Hugo.

— Querida, está tudo tão lindo. Tem bem o seu toque, delicado e único. — Sinto quando ele enlaça minha cintura, me puxando para perto dos demais convidados — Deixe-me te apresentar, esse é o meu primo, João Pedro Conte. Primo, essa é minha noiva, responsável por organizar esse coquetel que tanto te agradou.

Mantenho minhas mãos ao longo do corpo, incapaz de me mover, e apenas dou um sorriso e um aceno de cabeça. Ainda com uma expressão confusa, ele finalmente responde.

— Isadora. Muito prazer. Obrigado por organizar uma recepção tão delicada. Eu realmente estou gostando muito de tudo.

Sua atenção é dirigida a algo que Dr. Vitor está dizendo e então eu posso analisa-lo melhor. Seus cabelos, que não consegui ver no dia do baile por conta do chapéu, são lisos e curtos, num tom de castanho claro. Não sei ao certo se o cabelo dele é arrepiado de tão liso, ou se ele cuidadosamente o deixou assim, mas o resultado final é muito bom. As sobrancelhas grossas dão uma certa dureza ao rosto bonito, e chamam ainda mais atenção para os olhos verde oliva. O nariz fino e bem feito parece ter sido moldado. Os lábios grossos, carnudos e vermelhos estão sendo castigados por físgadas que ele dá, talvez um tique que nem ele perceba ter, enquanto presta atenção no que seu tio fala. A barba rala está por fazer, mas nós garotas sabemos que ela nunca está por fazer, eles a mantêm assim exatamente porque esses pelos curtos são capazes de enlouquecer qualquer uma quando eles esfregam, gentilmente, o rosto em nossa pele.

Vestido todo de preto, ele é uma visão dos céus. Com uma camiseta sem gola em tom chumbo escuro, de tecido fino que marca lindamente seu peitoral, por baixo de um blazer simples, calça de sarja de corte reto e um sapato casual, eu só posso pensar que quem diz que os céus só nos enviam seres vestidos de branco nunca viram esse belo Arlequim vestido todo de preto.

Quando ele sorri, eu poderia desmaiar. Aliás, a minha vontade ainda era desmaiar, não tinha me recuperado totalmente do susto que foi encontra-lo ali, na minha casa. Como o convidado de honra da recepção que eu organizei. E, como uma forma de punição, o meu cérebro começa a mandar as palavras lentamente para o meu entendimento. Primo. Do. Meu. Noivo.

Instintivamente coloco a mão direita, a que traz a delicada aliança de

noivado, para trás do corpo. O movimento brusco chama a atenção de Hugo, que vira o rosto em minha direção, sorrindo, perguntando se estava tudo bem. Sem jeito, aceno a cabeça rapidamente, confirmando, e passo a prestar atenção na conversa, coisa que não vinha fazendo desde que me juntei ao grupo.

— Claro que eu acho, Dona Rita. Tenho certeza que, se formos levar em conta como Isadora trabalhou lindamente essa noite, ela fará muito sucesso como decoradora.

A frase chega aos meus ouvidos, mas como eu não estava propriamente ouvindo anteriormente, acabo meio confusa, voltando meu rosto em direção a Hugo e pedindo, com o olhar, para que ele explique.

— Estou falando para sua mãe que você pode, depois do casamento, montar sua própria empresa de decoração, minha querida. Claro que não seria você a colocar a mão na massa, mas, se formos ver o que você fez aqui essa noite – ele abre o braço livre, empolgado – tenho certeza que será um sucesso e toda socialite vai querer ser aconselhada por você quando forem receber convidados.

— Eu não sei se é apropriado, Hugo querido. Ela pode muito bem ocupar o tempo livre dela com outros afazeres.

— Pode, dona Rita. Mas depois que ela se tornar minha esposa, prefiro tê-la ocupada com outras coisas que não seja somente dar ordens aos empregados.

Abaixo meus olhos, e os mantenho assim, enquanto a pequena troca acontece. Subitamente tudo passa a ser demasiado para mim. O enlace de Hugo em minha cintura queima, incomoda. Quase pinica, mas não de uma forma boa. A aliança em minha mão pesa duas toneladas. E eu me sinto imensamente culpada por tudo o que aconteceu naquele baile, enquanto meu noivo enfrenta minha mãe pelo meu direito de ser *mentora* de socialites em assuntos de decoração. Tão culpada que perco a boa postura, já que pareço ter uns dois lutadores de sumô sentados um em cada ombro.

Conforme ergo o rosto, puxando um pouco o ar que sinto faltar no peito, acabo ficando novamente de frente com João Pedro. E dessa vez ele me olha, fixamente. Muito sério, compenetrado. Nervosa, giro o corpo, encostando o rosto no peito de Hugo, que tira a mão de minha cintura e a coloca em volta de meu ombro, de forma protetora. Preciso fazer muita força não chorar. Em pensar o que meu belo Arlequim agora sabe que eu sou noiva de seu primo. Que já era noiva quando me entreguei a ele, naquela parede fria do baile de Carnaval.

— Com licença – me solto do abraço de Hugo, um sorriso ensaiado no rosto – não posso ficar aqui parada, preciso ver se tudo está saindo nos conformes.

Se alguém notou minha perturbação, não disse nada. Forçando os pés a caminharem, sigo em direção aos outros convidados, apertando mãos, agradecendo a presença, ouvindo elogios. A cozinha continua a todo vapor, os garçons seguem servindo os aperitivos, as velas continuam iluminando o local, fazendo com que os castiçais de cristal reflitam as cores das hortênsias, deixando tudo tão delicado.

Me pego em uma conversa com a esposa de um dos médicos da clínica, Rafaela, acho que a única pessoa aqui com a idade aproximada a minha. Lembro-me quando fomos convidados para o seu casamento, seu marido é um cirurgião conceituadíssimo, à beira da aposentadoria. E ela, tão delicada, simpática e agradável, tendo que demonstrar um amor que, claramente, ela não sente.

Nessas horas eu sinto um certo alívio por Hugo ser, ao menos, bonito.

— Você aprende decoração na faculdade, Isadora?

— Sim. Em design de interiores a gente aprende a planejar e organizar espaços internos, iluminação, disposição de móveis. Essas coisas...

— E você foi responsável pela decoração da sua casa também, ou só da organização da festa?

— Ah não, a casa foi toda decorada por minha mãe... – prefiro não dizer que, caso minha fosse, essa casa não seria tão formal, quase uma foto de revista, sem vida alguma, feita somente para mostrar e ser vista.

— Queria poder fazer faculdade também, cursar alguma coisa. Você é muito sortuda, Isadora.

Resiliência. Foi isso que eu aprendi quando fui pesquisar sobre a teoria do copo meio cheio. Resiliente é aquele que consegue ver o lado positivo em tudo. Fui pesquisar sobre isso porque ouvi, por várias e várias vezes, quão sortuda eu era. Afinal de contas, eu tinha uma boa vida. Vinha de uma boa família, tinha uma boa condição social. Fazia faculdade, tinha ganho recentemente um carro – apesar de não poder usá-lo. Estava noiva de um bom rapaz, que era gentil e me tratava bem. E daí que eu não tinha vontade própria? E daí que meu casamento era arranjado? E daí que eu me sentia solitária? *Copo meio cheio, sempre, Isadora.*

Dei um aperto sincero na mão de Rafaela, que significava muito mais do que parecia. Eu queria, mesmo, que ao menos uma de nós duas pudéssemos ter a vida que desejamos. Ela aperta minha mão de volta, prestes a dizer algo, quando vejo que seus olhos se erguem para um ponto atrás de mim. Automaticamente me viro, buscando o que ela tinha visto. E meu coração, esse traidor, novamente resolve parar de bater por um segundo.

Hugo se aproxima acompanhado de seu primo, João Pedro. E me pego

bebendo de sua figura até que eles estejam ao meu lado. Acaba sendo mais forte que eu, um magnetismo implacável, que não me permite desviar os olhos.

— Achei você! – Hugo se abaixa, deixando um beijo em meu rosto, e como de costume assume seu lugar ao meu lado, enlaçando minha cintura.

— Estávamos aqui conversando... – e, me virando para ela, faço meu papel de anfitriã – Rafaela, esse é João Pedro Conte, primo de Hugo. E essa é Rafaela Vaz Braga, esposa do Doutor Luiz Braga.

Tento o máximo que posso manter minha voz firme, e os tremores em meu corpo controlados. Sim, porque em ambas as vezes que estive ao seu lado, passei a tremer involuntariamente. João educadamente aperta a mão de Rafaela, e voltando ao seu lugar, cruza os braços e me olha, fixamente.

— Nós já nos conhecemos? – Sua pergunta é direta, mas não parece uma acusação, ou uma pegadinha. Parece uma curiosidade sincera. Que eu não sei como responder. Não gostaria de mentir para ele, mas não posso simplesmente dizer “*claro que sim, dei para você naquele baile de carnaval.*”

Hugo, como sempre, sai em minha salvação. Meu irritante cavaleiro de armadura dourada.

— Com certeza não, primo. Você chegou agora na cidade, esqueceu? – Ele puxa minha cintura, fazendo com que eu fique ainda mais perto dele e eu, lentamente, me endireito, afastando-me.

— Desculpe. Foi uma impressão. Parecia que já tinha visto sua noiva em algum outro lugar.

Um sorriso tímido, de quem cometeu alguma infração leve, aparece em seu rosto. Quase maroto. E subitamente me pego curiosa sobre tudo a seu respeito. Não me faço de rogada, pergunto. Onde vivia. O que fazia. Essas coisas.

Descubro que ele tem vinte e nove anos, e é médico pediatra. Que sua vontade era se especializar em infectologia, mas acabou se envolvendo em um projeto local no Canadá e isso fez com que se decidisse pela pediatria. Sua especialização acabou há dois anos, e desde então ele vinha trabalhando com Medicina da Família. E que sua intenção, ao voltar ao Brasil, era continuar atendendo a parcela mais carente da população.

Contar isso fez com que Hugo fizesse um ruído com a garganta. Não sei como interpretar, na verdade. Poderia ser uma reprimenda, ou uma gozação. Mas isso deixou claro que João Pedro não estava tão *alinhado* quanto meu pai esperava. E então Hugo, tal qual uma criança fofqueira, sai em direção aos nossos pais, talvez para contar a eles a novidade. Rafaela já havia se retirado há um tempo, não que eu tenha me importado muito.

— Notei que não usa o sobrenome Moraes, – observo.

— Não me dou muito bem com a família de minha mãe. Somos... diferentes.

— Ah, então sua mãe é irmã do Dr. Vitor?

— Sim – ele sorri, triste – mas não temos muito contato. Eles nunca entenderam quando ela deixou todo o luxo e foi se meter com um simples contador.

—Acredite em mim, eu entendo isso perfeitamente.

Novamente aquele olhar analítico me persegue. E então vejo quando sua língua, talvez num movimento inconsciente, corre por seus lábios, os umedecendo. Voltando para dentro de sua boca tão rápido quanto saiu, enquanto os dentes novamente dão uma físgada em seu lábio inferior. Engulo seco, e abraço meu corpo, tentando conter os tremores que não me abandonaram desde que o vi pela primeira vez.

— Há quanto tempo é noiva de Hugo?

— Dois anos – respondo, baixo. Quase um lamento.

— E casam quando? – Meus olhos perdem o foco por um minuto, olhando para todos os lados e para lugar nenhum ao mesmo tempo.

— Não definimos ainda. Por meus pais, já teria acontecido. Sua tia é quem os convenceu a esperar minha graduação.

— Cedo demais, não acha?

Eu mantinha minha cabeça baixa desde que ele perguntara sobre meu noivado. E, quando a levantei, sobressaltada com a pergunta, uma mecha de meu cabelo, que talvez tenha arrumado depressa demais para prestar atenção nos detalhes, se soltou, caindo em frente ao meu olho. Cuidadosamente ele ergue a mão, colocando a mecha teimosa atrás de minha orelha. Seus dedos, no processo, acabam resvalando em minha pele e posso sentir de novo. Um arrepio. Um choque. Um calor. E uma saudade desmedida de tudo o que vivi naquele baile.

Não sei o que ele sentiu. Notei que seus olhos se arregalaram brevemente, e seus olhos instantaneamente pousaram em meus lábios.

— Você...? – Sua voz sai baixa, como se uma lembrança lhe atingisse.

Queria responder-lhe. “Sou eu, sua Colombina”, quase disse. Mas um movimento próximo me fez desviar o olhar e acabei vendo Dona Lúcia, mãe de Hugo, nos observando seriamente.

— Com licença, eu preciso... preciso... – saio, intempestiva, sem nem olhar para trás. Não me despeço de ninguém, apenas sigo em direção à escada, subindo correndo, até atingir a porta do meu quarto. Abro-a com força e a fecho assim que passo por ela, encostando meu corpo e o sentindo escorregar, até estar sentada no chão.

E somente então, abraçada às minhas pernas, escondo meu rosto entre meus joelhos e me permito chorar.



8. Duas Versões

Iotapé

O sábado chegou, mas a minha animação não. Eu realmente não sei de que inferno saiu essa tal “Dona Rita”, mas a mulher teve a capacidade de me telefonar a semana inteira, somente para me “relembrar” que eu tinha um compromisso inadiável com sua família no dia de hoje. A minha vontade era, simplesmente, encarnar o irresponsável que ela pensava que eu seria e não aparecer. Para sua sorte, eu não o faria. Nunca perderia a oportunidade de colocar os pés naquela casa e conhecer de perto quem seriam os Resende.

Mas, independentemente disso, é muito difícil aturar essa mulher. Apenas sua voz já me irrita em níveis estratosféricos, e quando o interfone toca, anunciando que minha carona chegou, eu procuro respirar fundo e entender que é só apenas uma noite, e que não irá se repetir. Ao menos não amigavelmente.

Hugo, meu primo, ficara incumbido de me buscar em casa. Seria a minha carona da noite, porque a sua ilustríssima sogra acreditava que eu não poderia ir sozinho ao local. Quando saio pelo portão do meu prédio posso vê-lo encostado na lateral de seu carro top de linha, um modelo sedan preto, importado, e que devia valer um apartamento em algum ponto da cidade. Sorrio ao notar como está vestido, completamente formal – meus amigos de banda o chamariam de coxinha sem titubear. Eu até pensei em usar alguma coisa mais social, mas foi impossível fugir do esporte fino. O máximo que me permiti fazer foi jogar um blazer por cima, e estou no momento me sentindo o próprio Eric Draven^[4] indo para a batalha. Um contraste e tanto com meu primo, vestido de social em cores claras e entediadas.

— João Pedro – ele estica a mão, oferecendo um cumprimento amistoso – Quanto tempo. Como vai?

Seu aperto é firme, mas também não transmite animosidade. Não somos próximos, não tivemos tempo para tanto. Quando Hugo nasceu a nossa família já estava separada, temos seis anos de diferença e nunca convivemos. O que eu sabia a seu respeito vinha por informações entrecortadas que minha mãe nos passava: garoto simpático, inteligente, bom filho.

Tudo o que eu consigo visualizar olhando para ele.

— Estou bem. Lamento ter que vir me buscar, eu poderia ter ido com meu carro e te pouparia o trabalho.

— Não sou louco de contrariar dona Rita, meu primo. Vamos, porque ela também não tolera atrasos.

Sargentona de uma figa.

Quando Hugo estaciona em frente à casa de sua noiva, fico embasbacado com o tamanho da construção. É um bairro nobre, a rua é repleta de casas no mesmo estilo, mas essa, em particular, é imponente. Ocupa em espaço o dobro que as outras, sendo circundada por um extenso gramado, que se encontra todo iluminado. Desço do carro admirando o lugar, seguindo por uma pequena alameda até chegar à gigantesca entrada da casa, cujas portas se encontram abertas.

— Vamos seguir até a sala do piano, que é onde o pessoal do buffet estará servindo o coquetel. O bar fica por lá também, caso você precise.

Chega a ser curioso notar que a grande maioria – não, definitivamente todos, excluindo meu primo e umas duas garotas – dos convidados são mais velhos, o que me faz pensar nas reais intenções desse jantar. Isso me faz ficar ainda mais atento, evitando me comprometer com algo que eu não gostaria de levar em frente.

Sigo Hugo pela casa, recebendo cumprimentos de pessoas que não conheço. Empresários, políticos e médicos influentes na cidade, deixando a cena toda ainda mais bizarra. Eu sou apenas um médico recém-chegado ao país, sem nenhuma influência e, definitivamente, sem dinheiro. Totalmente desapegado a esse meio, sem contato com minha família e um completo desconhecido. Me foge totalmente o motivo de ser agraciado com uma recepção em minha homenagem na casa de uma pessoa que mal me conhece. E isso, levando em conta toda a configuração, é deveras suspeito.

Passo a olhar em volta, a decoração está muito agradável. Apesar de ser um cara simples, namorei com alguém da alta sociedade canadense e sei bem como essas festas são, e essa daqui transmite uma delicadeza que parece até fora de lugar.

— Sua sogra parece ser uma pessoa bem peculiar, Hugo.

— Por que diz isso? – Ele responde enquanto alcança dois copos de

bebida na bandeja que um dos garçons oferece, me esticando um deles, que aceito de bom grado.

— Ela parece um sargento conversando conosco ao telefone, mas essa decoração aqui é tão delicada que, somente analisando sua voz, nunca achei que ela poderia ser capaz de fazer algo do tipo.

— Ah não – ele balança a cabeça divertido e com um toque orgulhoso na voz, complementa – ela deixou tudo nas mãos de Isadora, minha noiva. É a primeira recepção que ela organiza e, assim como você, também fiquei impressionado. Ela pode ter um belo futuro com isso.

— Pode sim! Ela pretende seguir essa carreira?

— Vou fazer com que trabalhe com isso. Ela queria ser jornalista ou escritora, qualquer bobeira do tipo, mas os pais a colocaram em uma faculdade de Decoração. No final, ela acabou achando a sua vocação.

Fico um tanto incomodado em saber que a mulher, mesmo que talentosa, tenha sido forçada a fazer algo que não queria, a princípio. E sua escolha de palavras, “vou fazer com que trabalhe com isso, ” também não foi muito agradável de se ouvir. Mas decido não tecer qualquer comentário sobre algo que não me diz respeito.

Seguimos até o bar, onde meus tios se encontram em uma conversa não tão animada com um outro casal, e sou apresentado, finalmente, ao casal Rita e Alberto Resende, sogros de Hugo. Como esperado, são extremamente educados. Mas cínicos, frios, esnobes. Não deixei de reparar como passaram os olhos de cima abaixo quando me aproximei, notando a minha escolha de trajes para o coquetel. Ou como torciam o nariz cada vez que mencionei a minha experiência de trabalho fora do país. Ou ainda quando, talvez buscando um ponto positivo em minha figura, a mulher perguntou onde eu morava e eu indiquei um bairro de classe média como resposta.

Insuportáveis.

Preciso dizer que meus tios, ainda que sejam tão esnobes e elitistas quanto eles, ainda demonstram um certo calor e simpatia ao conversar com as pessoas. Não, espera, eu estaria sendo muito injusto com minha tia. Lúcia Moraes é a pessoa mais doce que você poderia conhecer na face da terra. Ainda não tinha me encontrado com ela depois de minha chegada, e recebi um abraço tão forte que cheguei a ficar emocionado. Com todo o jeito de “mãezona”, ela ainda arrumou uns fios do meu cabelo, enquanto reclamava que eu deveria ter lhe feito uma visita durante a semana.

Parece que estou vendo suas escapulidas até minha casa, em meus tempos de garoto, somente para dar uma checada em minha mãe e ver como estávamos indo.

Apesar disso eu não consigo prestar atenção em nada do que é dito nessa rodinha. Prendo minha atenção ao piano de cauda que parece totalmente deslocado na sala, quando a voz de Dona Rita ecoa, em um tom muito antipático, falando com alguém que provavelmente se aproximava de nós.

— Por Deus, Isadora, finalmente você resolveu descer. Espero que já tenha cumprimentado todos os convidados, e se desculpado pela sua total falta de educação.

Eu não consigo descrever a miríade de sentimentos que me toma assim que eu me viro e me deparo com a figura à minha frente. Uma morena linda, de cabelos longos e boca carnuda está parada, estática atrás de nós. Fico paralisado, preso em seu olhar aflito, sentindo um comichão pelo corpo como se tivesse encontrado algo que procurava há muito tempo.

Eu já conheço essa garota? Que sensação de familiaridade é essa que me acomete?

Aturdido, vejo quando Hugo se adianta, a enlaçando pela cintura e trazendo para perto de nós, talvez notando que a garota por si só não o faria. E sinto uma decepção enorme ao ouvi-lo apresenta-la como “sua noiva”. Noto sua posição corporal, as mãos estendidas ao lado do corpo, os punhos fechados não dando nem um sinal de que aceitaria um aperto de mão caso eu oferecesse. Apenas aceno com a cabeça, agradecendo pela bela recepção que ela tinha organizado.

— Isadora. Muito prazer. Obrigado por organizar uma recepção tão delicada. Eu realmente estou gostando muito de tudo.

Claro que o meu *tudo*, a essa altura, tinha outra conotação, mas ninguém precisa, mesmo, tomar ciência disso.

Essa garota linda e delicada nem de longe parece ser filha da Sargentona e seu marido insuportável. E, assim que esse pensamento me toma, relembro novamente quem ela é. Noiva do meu primo. Filha dos Resende.

Tentando colocar a cabeça no lugar, esfrego as mãos – que estão subitamente úmidas – na lateral da calça e forço minha mente a prestar atenção a alguma baboseira que meu tio está falando. Aparentemente eles estão com um projeto de expansão da clínica e deve ser por isso o interesse que eu me junte a eles. Mas não dou muita sorte com essa nova empreitada porque, o tempo inteiro, me pego desviando o olhar em direção à garota do meu primo.

Garota do meu primo. Preciso repetir isso à exaustão.

E, puta merda, ela é linda demais. Calculo que ela tenha por volta de 1,70 de altura, e seu peso é deliciosamente bem distribuído, a notar pelo vestido justo – porém elegante – que ela está usando. Um modelo reto, que marca os locais certos, e de uma manga só, deixando seu colo e ombro à mostra. Os cabelos,

castanhos e longos, estão presos de um lado só, me deixando aflito de vontade de tocá-los e saber se são tão macios quanto aparentam. Diferente da grande maioria das mulheres que eu conheço, ela usa uma maquiagem leve. Os olhos receberam um pouco mais de atenção, e as duas jabuticabas que ela tem parecem ainda mais intensas por baixo do esfumaçado. O nariz pequeno e delicado se mexe, enrugando um pouco conforme ela sorri. Um sorriso vacilante, parece até mesmo raro de ser visto, mas que a deixa com uma aparência ainda mais inocente. Mas é a boca dessa mulher que me tirou do prumo. Os lábios grossos e bem desenhados parecem deixar minha boca seca somente por fitá-los, a minha mente viaja imaginando qual o sabor deles.

E enquanto eu vou admirando a *noiva do meu primo* (repita isso mais vezes, Jotapê!), eles começam a discutir sobre o futuro da garota como se ela não estivesse presente. Aparentemente a Sargentona – vulgo mãe de Isadora – quer que a filha seja nada além de mãe e dona de casa. E meu primo acha que ela poderia ser uma excelente *coach*^[5], abrindo uma empresa de decoração. A menina parece mortificada com a ideia, me fazendo lembrar a observação de que ela não queria essa profissão.

Isso deve ser realmente muito difícil para ela. A mãe é essa pessoa adorável e de fácil trato – só que não – que parece exigir que tudo seja exatamente como ela deseja. O pai é um sujeito sisudo que parece desconhecer o conceito de simpatia. E o noivo é um banana que mal consegue notar que a garota ao seu lado está infeliz.

Quando ela se afasta, novamente a sensação de familiaridade me toma. Principalmente quando percebo que algo em seu andar me remete a alguém conhecido e eu passo a puxar pela memória todas as mulheres que eu conheci, e talvez esclarecer essa curiosidade que não me larga.

Não precisei de muito tempo para ficar entediado. Minhas mãos estavam inquietas, entre buscar algo inexistente no bolso da minha calça ou se ocupar em estralar os dedos uma da outra, enquanto eu trocava o peso do corpo de um pé para o outro. Isso tudo enquanto meu tio explanava a Dr. Alberto algo sobre investimentos para a clínica, parecia que tudo o que eles tinham a conversar tinha essa finalidade: Dinheiro. Hugo pareceu notar meu desconforto e me convidou a acompanhá-lo até outro ambiente, o que eu fiz de muito bom grado, não sem antes ter que ficar cumprimentando pessoas que eu não tinha a menor ideia de quem seriam.

Já estava me sentindo aliviado quando notei para *onde* meu primo estava se dirigindo. Sua bela noiva conversava com outra garota, tão nova quanto ela e pude notar o tremor em sua voz quando me apresentou à garota, esposa de um dos médicos que fazem parte do corpo médico da clínica.

Não consigo conter a curiosidade. Cruzo os braços e passo a observar a mulher à minha frente, sem conseguir deixar de lado a sensação de tê-la visto em algum lugar. E sem conseguir controlar o incômodo sentimento que me apossa todas as vezes que Hugo, com seu braço frouxo, circunda a cintura da garota – repita, Jotapê, noiva dele! – Ainda que ela tente, todas as vezes, se afastar dele. De forma delicada, quase imperceptível, mas ainda assim, em todas as vezes.

— Nós já nos conhecemos? – Pergunto a ela, diretamente, e vejo quando seus olhos expandem um pouco, talvez pela pergunta inesperada. Mas ela não tem tempo de me responder, já que Hugo, ainda tentando ficar abraçado a ela de forma irritante, resolve responder.

— Com certeza não, primo. Você chegou agora na cidade, esqueceu?

— Desculpe. Foi uma impressão. Parecia que já tinha visto sua noiva em algum outro lugar.

Talvez tenha sido mesmo uma impressão equivocada. Subitamente a garota parece encontrar sua voz, e passa a me fazer perguntas sobre a minha vida. E não posso negar que isso me deixa muito, muito satisfeito.

— Você se formou no Canadá?

— Sim, nos mudamos quando eu ainda era adolescente. Pouco antes de terminar o ensino médio, então foi natural eu fazer o ensino superior por lá. Minha especialização terminou há dois anos.

— Você se especializou em que?

— Pediatria. Queria cuidar de crianças, e trabalhei um bom tempo como Médico de Família lá no Canadá. Aqui no Brasil vocês tem algo parecido, mas não é muito divulgado ou algo que o governo invista, e seria excepcional se pudéssemos contar com isso. Existem muitas comunidades carentes e eles necessitam de uma atenção básica de prevenção.

— Ah sim, a prevenção, aliás, sairia muito mais barata para o próprio governo, inclusive.

— Exatamente. O Brasil oferece esse tipo de residência a médicos recém-formados aqui no país, mas infelizmente é a primeira opção de menos de 2% deles. E médicos que já trabalham na área há mais tempo, simplesmente não tem interesse.

— E você veio ao Brasil procurando por isso... – o tom de sua voz, diferente da maioria das pessoas com quem eu converso a respeito, não demonstra lamento ou incredulidade. Ela parece, realmente, impressionada com a minha escolha.

Ao contrário de meu primo que imediatamente sai à procura de seu pai, talvez para me caguetar^[6]. Eu bem notei que ele ficou inquieto quando seu pai

sugeriu me colocar na direção da nova clínica que eles pretendem abrir e, obviamente, esse deve ser um cargo que ele esteja mais propenso a aceitar do que eu.

— Notei que não usa o sobrenome Moraes – Isadora comenta, ignorando totalmente o fato do noivo dela ter se debandado.

— Não me dou muito bem com a família de minha mãe. Somos... diferentes.

— Ah, então sua mãe é irmã do Dr. Vitor?

Acho curioso que ela não sabia disso até o momento, e Isadora pareceu realmente bem empática quando eu lhe disse que minha família não havia compreendido – para não dizer que não haviam aceito – o fato de que minha mãe preferiu viver com um contador, dispensando todo o luxo que eles lhe proporcionavam.

— acredite em mim, eu entendo isso perfeitamente.

Isadora é uma caixa de surpresas. A sua expressão interessada conforme eu contava minha vida e minhas experiências de forma alguma combinam com a garota apagada e desinteressada que ela demonstra ser quando está perto de seus pais. Ou de braços dados com seu noivo. É uma incógnita que eu adoraria desvendar.

— Há quanto tempo é noiva de Hugo?

Quando ela responde que é noiva há dois anos, é quase como se lamentasse o fato. Olho novamente em direção ao meu primo, que mantém uma conversa animada com seu sogro do outro lado do ambiente, e não posso dizer – ao menos olhando superficialmente – que ele seja um cara ruim. Claro que entre quatro paredes as pessoas acabam se transformando, mas Hugo aparenta ser tudo o que uma garota da alta classe procuraria. Boa pinta, bem-sucedido, dedicado. E mesmo assim ela não parece nem um pouco animada com o relacionamento.

Ou talvez seja somente o meu desejo interno falando mais alto, e querendo que isso se materialize.

Noiva do teu primo, Jotapê. Ela é uma Resende, e noiva do teu primo!

Quando eu sugiro que, talvez seja cedo demais para que ela assuma um compromisso tão sério como casamento com alguém que ela realmente não aparenta ser tão apaixonada assim, ela se sobressalta. Com o movimento, uma mecha de seu cabelo se solta, caindo sobre seu rosto e, automaticamente, levo minha mão até os fios, os levando para trás de sua orelha. E nesse processo, acabo tocando seu rosto. Um toque fugaz, mas que funcionou como um choque que me trouxe um turbilhão de sensações. E de lembranças.

Meus olhos decaem sobre sua boca, e posso reconhecer. Como pude não a reconhecer de imediato? O mesmo andar, o brilho nos olhos, a forma charmosa

com que mexe a cabeça enquanto fala olhando para todos os lados e canto algum ao mesmo tempo? É ela, a minha Colombina!

— Você...?

Não consegui falar nada, ela simplesmente sai correndo escada acima, sem nem olhar para trás.

— Isadora ainda vai me matar de vergonha. – Ouço quando sua mãe passa a se desculpar, em nome da filha, com os convidados que, honestamente, não estavam dando a mínima para o que Isadora fazia ou deixava de fazer – Me perdoem. Essa menina ainda precisa aprender muita coisa, principalmente como se portar na frente dos convidados.

Junto com minha tia, a odiosa mulher para ao meu lado, e continua soltando o seu cordel de impropérios disfarçados de cuidado.

— Não sei o que fazer, Lúcia. Onde já se viu, sair assim e deixar os convidados todos aqui na sala, sequer se despedir? Vão pensar o que de mim? Que não sou uma boa mãe, claro. Ela faz de propósito. Vou ter que castigá-la, essa inútil. Eu falo pra Hugo que ela não tem jeito, o pobre rapaz vai sofrer muito até ela se tornar uma boa esposa. Que vergonha...

— Não acho que seja isso, Rita. A menina estava nervosa... – minha tia me dá um olhar enviesado e não sei exatamente o que ela quis dizer com isso, mas não consigo pensar direito no momento.

Seguindo o exemplo de minha Colombina, eu simplesmente deixo a festa sem me despedir. Peço um carro por aplicativo e saio daquele lugar, me sentindo muito decepcionado. A garota dos meus sonhos, a menina que habita meus pensamentos desde aquele maldito baile, é noiva do meu primo. Noiva. Do. Meu. Primo.

E, para piorar, filha de Alberto Resende. E, até que me prove o contrário, uma verdadeira incógnita.

Ah, Isadora... quem é você realmente?



9. Não me toques

Isadora

Domingo é dia de fazer a social romântica. Ou seja, é aquele dia que não importa quão cansada eu esteja, preciso visitar a casa de meus sogros nem que seja por alguns minutos. Eu nunca me importei, na verdade. Doutor Vitor é, apesar de um homem ocupado, diferente de meu pai. Conseguimos conversar sem que ele me faça parecer uma desajustada social. E Dona Lúcia é adorável. Simpática, doce.

Mas hoje, quando minha mãe bateu na porta do quarto avisando que meu noivo estava à minha espera, eu quis pular pela janela. Talvez tivesse feito isso se meu quarto não ficasse no segundo andar e a altura não fosse tão... alta.

O dia estava sendo horrível. Eu mal dormi durante a noite e, quando eu conseguia, sonhava com ele, vestido de Arlequim. Acordava sobressaltada, chorava, adormecia novamente, e outra vez o mesmo sonho. Todas as vezes eu estava vestida de Colombina, e ele de Arlequim. Nos beijávamos em um corredor vazio e escuro. Então Hugo aparecia, vestido de Pierrot, e me tomava de seus braços. Havia poucas variações entre um sonho e outro, mas o que nunca mudava era seu semblante triste ao me dizer: “Você mentiu para mim.”

Passei a manhã ouvindo minha mãe me criticar por ter saído antes dos convidados. Por não ter me despedido. De que nada adiantaria fazer uma decoração razoavelmente agradável se eu estragaria tudo com meu comportamento imperdoável.

E agora tinha que me preparar para ir até a casa de Hugo. E talvez encontrar seu primo no local. E encarar minha sogra, que pode ter percebido algo. E passar pelo constrangimento de ser levada ao quarto de meu noivo, com o meu objeto de desejo ali, tão perto de mim. Em ter que aguentar seu toque frio,

enquanto um simples roçar de diferentes dedos na noite anterior havia me feito queimar.

Me pego sentada em minha poltrona de leitura, com a cabeça enfiada entre as mãos, sem saber o que fazer.



Quando o carro estaciona no prédio de alta classe, o ar em minha volta parece rarefeito. E Hugo pode ser um bom moço, mas não é burro.

— Isadora, aconteceu alguma coisa? Você está esquisita já tem um bom tempo.

— Nada aconteceu. Uma pessoa não tem o direito de estar cansada?

Ouçó quando ele solta o ar ruidosamente, impaciente. E me sinto culpada por toda essa situação. Como não me sentir, afinal? A errada nessa história toda sou eu! Estico minha mão até a dele, trazendo-a a meus lábios, e deixo um beijo em seus dedos.

— Me perdoa. Eu não tenho nada, só estou cansada mesmo.

— Tudo bem. Vou te acalmar assim que chegarmos em casa.

O sorriso que ele dá deveria ser sensual. A promessa deveria me trazer calor. Nunca foi sensual, nunca trouxe calor, mas eu não me importava com isso antes. O véu caiu, é isso mesmo?

Totalmente alheio ao turbilhão que se passa por minha mente, ele me dá um beijo carinhoso na fronte e desce, dando a volta pela frente e abrindo a porta do carro para mim. Uma gentileza que ele não dispensa, aliás.

Desço do carro, segurando minha bolsa como um escudo, na frente do corpo, enquanto ele me guia até o elevador com a mão em minhas costas. O caminho até o quinto andar é curto, e quando descemos no hall de entrada, consigo ouvir risadas vindas de dentro de seu apartamento.

— Está com visitas, Hugo? – Pergunto, apreensiva.

— Ah, sim. Vovô veio almoçar, junto com Jotapê.

— Jotapê?

— É – ele rola os olhos – João Pedro gosta de ser chamado assim, dessa forma ridícula como se ainda fosse um adolescente.

Ao abrir a porta, posso ver que os convidados se encontram na confortável sala de estar. Doutor Rubens, avô de Hugo, beberica algo em tom âmbar, sentado na grande poltrona frente à janela. Seu filho, Doutor Vítor, segura um copo já vazio nas mãos, as costas descansando no encosto do imponente sofá de couro. João Pedro nada bebe, estando apenas parado, em pé, próximo à larga porta da varanda. Vestindo uma calça jeans básica e uma

camiseta branca sem estampa, ele nunca parecera tão lindo. E tão proibido.

— Ai estão vocês! – Dona Lúcia adentra a sala, simpática, já abrindo os braços para me receber – Demoraram. Está tudo bem, Isadora? Parece pálida.

Balanço a cabeça, confirmando, ainda sem voz pelo temor de ser entregue ali, na frente da família de meu noivo, e ouço quando Hugo justifica dizendo que eu estava cansada pela noite de ontem.

— Deve ter sido estafante mesmo, minha querida, mas valeu a pena, não? Estava tudo muito lindo. Venha, cumprimente o Dr. Rubens.

Com o coração prestes a pular garganta afora, eu sigo dona Lúcia, e sou recebida pelo homem com um largo sorriso. Dr. Rubens é uma pessoa muito séria em sua vida profissional, um cardiologista respeitadíssimo que comanda o setor de Cardiologista do hospital mais conceituado da cidade. Mas, em sua vida privada, o homem é simplesmente adorável.

— Isadora, minha querida borboleta. Como está? – Recebo dois beijos na bochecha, e agradeço, fazendo-lhe um carinho no rosto – Sinto muito não ter ido à recepção ontem. Me disseram que você foi excelente, gostaria de ter visto.

— Teremos outras chances, não se preocupe. – Seguro sua mão, dando-lhe uma tapinha no dorso, e me sento no sofá, próximo a ele – Como está, tudo bem?

— Estou bem. Estamos tentando convencer meu outro neto cabeça dura a se juntar ao corpo clínico, junto com seu pai e seu sogro. Mas está bem difícil...

“Seu sogro.” Tenho vontade de franzir o cenho, o nariz, a orelha, o rosto inteiro em resposta a isso, mas fingindo uma calma e placidez que eu não sinto, apenas sorrio. Um leve esticar de lábios, que estou tão acostumada a oferecer, acaba por sair naturalmente.

Natural também são meus olhos, tendo vida própria e seguindo em direção à varanda, onde posso ver João Pedro de braços cruzados nos observando. Penso comigo em fazer projeto de vida não olhar fixamente para ele e desviar caso for pega no flagra. Mas falho, todas as miseráveis vezes. Quando menos espero, lá estão meus olhos seguindo qualquer movimento que ele faça, como se precisasse vê-lo para sobreviver.

— Gostaria de me desculpar com você, Isadora. – Quase caio da cadeira ao ouvir sua voz. Estava sozinha na grande sala de estar, enquanto os homens haviam saído para conversar sobre... bem, assuntos de homens, e dona Lúcia estava entretida na cozinha com uma nova receita de torta.

— E qual seria o motivo para pedir desculpas? – Sem coragem de olhar em seus olhos, me sentindo próxima de ser delatada a toda a família, me pego brincando com a delicada pulseira que trago no braço.

— Eu fui indelicado ontem. Fiz com que abandonasse a festa, e acabei

ouvindo algumas coisas que sua mãe dizia. Sinto muito, não queria ter te causado problemas.

— Ah não. Não teve nada a ver com você... – conserto, mas ele não parece muito disposto a concordar comigo, visto que apenas balança a cabeça levemente, negando o que eu havia dito.

— Sim, teve. Eu... fiquei confuso por um instante. Achei você parecida com alguém que eu conheci. E, por causa disso, acabei lhe constrangendo.

Eu poderia ter somente aceito suas desculpas, e dado o assunto por encerrado. Eu também deveria estar aliviada por ele não ter me reconhecido. Mas queria saber mais, queria ouvir que ele pensara na Colombina o tanto quanto eu pensei no Arlequim.

— É alguém que você não vê há muito tempo?

— Parece uma eternidade, mas só fazem sete dias...

— Pouco tempo para acabar confundindo-a com outra pessoa...

— Fiquei decepcionado comigo mesmo. Eu jurava que reconheceria essa pessoa de olhos fechados, mas no final acabei me enganando.

O sentimento que me tomava no momento era tão confuso, contraditório, que eu queria gritar. Ao mesmo tempo em que eu me sentia aliviada, uma decepção sem fim me tomava por ele não ter realmente me reconhecido. Eu queria ter ficado marcada nele, da mesma forma como ele ficara em mim, queria ter significado mais para ele, mesmo não podendo. Queria gritar-lhe que ele não tinha se enganado, mas não podia. Então eu só continuava perguntando, querendo saber o que ele realmente pensara da outra noite.

— Tenho certeza que, quando se encontrar com essa pessoa, isso não causará nenhum problema.

Sua resposta não chega, pois somos interrompidos por Hugo, que se aproxima já me enlaçando pela cintura. Jotapê apenas acena com a cabeça e nos deixa, indo em direção ao escritório, se juntar aos *homens da casa*. Me pego pensando se ele se sente confortável aqui, visto que disse ontem não se dar muito bem com a família.

— Gostou do meu primo?

— Não tive muito tempo ou assunto para tanto, mas me parece simpático. Por quê?

— Por nada. – Hugo dá uma pausa, analisando o primo à distância, antes de continuar – Eu só sinto que teremos problemas com ele.

— Nós? Quem seríamos nós?

— Nós de nossa família, Isa. Você inclusa, por fazer parte dela.

Por não ter prestado atenção em nada que estava sendo dito, me foge o motivo da irritação de Hugo. Mas pelo pouco que conversei com seu primo,

inclusive sobre sua mãe, posso imaginar o que seja. Hugo é, assim como seu pai e seu avô, esnobe e elitista. Me tratam bem, mas talvez por eu não estar longe do que eles consideram ideal. Ter na família alguém que não professe os mesmos valores é algo inimaginável.

Como eu já esperava, infelizmente, acompanho a forma com que meu noivo sinaliza que quer me levar ao seu quarto. É sempre da mesma forma, o braço rodeia minha cintura, levemente. A mão livre segura a minha, e passa a fazer um carinho discreto. A cabeça vem em direção ao meu ombro, e enquanto a apoia, seu aperto na cintura aumenta um pouquinho, até que ele diz em meu ouvido: “vamos ali um pouquinho?”

Eu poderia, inclusive, cronometrar o momento em que sua boca se aproxima do meu ouvido, de tão acostumada que estou com esses momentos. É sempre tudo tão milimetricamente igual e tudo tão... sem emoção alguma. Diferente dos romances que estou acostumada a ler, onde existem arroubos de paixão e o rapaz geralmente se atraca com a mocinha, embevecido de tesão.

— Vamos ali um pouquinho? – como esperado, o convite vem. Mas a minha vontade de segui-lo não chega, pelo contrário, me sinto impelida a correr porta afora, como um bicho assustado.

— Você está com visitas hoje, Hugo. Se controle, por favor, ou eu morrerei de vergonha. – Minha voz sai baixa, contida, não querendo chamar atenção.

Ridiculamente eu me importava com o que João Pedro pensaria de mim. Mesmo sem saber quem eu era, mesmo sabendo que eu me casaria em breve, não queria que ele pensasse que eu estava transando com meu noivo. *Ele é seu noivo, Isadora, obviamente vocês transam!*

— Qual o problema, Isadora? – Contrastando com minha voz baixa, e totalmente ignorando a minha vontade de passar despercebida, Hugo aumenta sua voz alguns tons, chamando a atenção de sua família. De cabeça baixa, lanço um olhar de desculpas a seus pais, morta de vergonha.

— Fale baixo, Hugo! Não gosto de escândalos... – falo entredentes.

— E eu não gosto de frescura, Isadora, e já tem uns dias que você anda cheia de não-me-toques.

— Se controle, meu filho, por favor – sua mãe vem em meu socorro, ao notar que ele estava alterado.

— Estou controlado, mãe. Quem parece ter passado a semana inteira fora de controle é dona Isadora, que nem parece mais a mesma pessoa.

Enquanto eles parecem se divertir falando sobre o meu comportamento não usual, abraço meu corpo, tentando afastar um incômodo pela situação vexatória que estou passando no momento, e corro os olhos para o lado contrário

de onde eles estão. E posso ver João Pedro me olhando, sério e compenetrado.

Fico tão embaraçada, com tanta vergonha, que só queria ir para minha casa.

— Hugo, por favor, não me sinto bem. Pode me levar embora?

Eu já esperava uma negativa. Afinal de contas, é tudo o que eu sempre recebo. *Agora não, Isadora. Hoje não, Isadora. Desse jeito não, Isadora.* Para Isadora, tudo não. Mas antes que Hugo sequer pudesse iniciar a frase que já se desenhava em seus lábios, eu ouço a voz firme, atrás de nós.

— Pode deixar que eu a levo.



10. Você Cala

Isadora

O silêncio parecia inquebrável dentro do carro esporte que João Pedro dirigia pela cidade. Eu não morava muito longe da casa de seu primo, mas ele parecia disposto a pegar um caminho mais longo, e dirigir dolorosamente em baixa velocidade, para que o tempo passasse ainda mais lentamente. E o silêncio, apesar de parecer inquebrável, não o era, e ele foi o primeiro a fazê-lo.

— Não devia deixar meu primo tratá-la daquela forma, Isadora.

— Não sei se reparou, mas eu não necessariamente *o deixo* fazer qualquer coisa, João Pedro. Ele simplesmente faz...

— Ele faz, e você cala.

— Não me lembro de ter visto você falar nada, também. É bem fácil criticar “de fora” do problema, não? Criticar a moça, aliás, porque imagina se iremos dizer alguma coisa ao rapaz... imagina se a irmandade masculina vai permitir tamanha falha?

— Ah mas que *papagaiada*^[7]. Não faz sentido nenhum isso que você disse.

Já reparou como é sempre a mesma coisa? Está lá, a rodinha masculina e um deles solta alguma piada extremamente ridícula. Ninguém nunca se manifesta, não abre a boca. Mas basta uma mulher falar ou fazer alguma coisa que eles consideram errado que “*nossa, que tragédia.*”

— Imagina se não tem a ver. – uso o tom mais cínico que consigo encontrar em meu arsenal – Deve ter sido impressão minha, mesmo, de você ter desgostado de algo e resolver reclamar e recriminar apenas a mim.

Vejo quando ele vira a cabeça em minha direção, um movimento até exagerado, tirando a atenção do tráfego, e eu somente viro os olhos, apontando

para a frente, como quem diz “presta atenção no caminho! ”. Confesso que desafiar João Pedro é interessante, ele é.... diferente. Mesmo agora, quando claramente ele odiou ouvir o que eu disse, não agiu como se eu fosse uma estúpida sem opinião.

— Você teria ficado feliz se eu acertasse um soco no nariz do seu noivo?

— Nunca pediria a você que fizesse isso, ficou maluco? A única coisa que eu disse é que foi mais fácil vir me recriminar, ao invés de dizer isso lá na sala, onde os homens estavam todos reunidos.

— Não foi nada fácil. Você não sabe o que está dizendo. E eu não estava te recriminando, garota insuportável... – sorrio quando ele me chama assim, porque apesar de tudo sua cara brava o deixa muito fofo – mas você poderia usar com ele o mesmo tom, ora bolas. “Mande Jotapê pastar, mas Deus me livre de criticar o pobre Hugo! ” – Ele solta, com voz teatral, tirando o meu recente bom humor.

— Você não entende nada, João Pedro. Está falando bobagem.

— Agora eu é quem estou falando bobagem? Não falei nada demais, apenas disse para que você reaja às merdas que ele te diz da mesma forma como reage às minhas. Me segurar lá dentro foi bem difícil, caso você não saiba, mas eu não sou encaixado nessa família e suas... peculiaridades.

— Espera... – volto o corpo em sua direção, sem me importar com o cinto de segurança que parece apertar meu peito de um jeito incômodo, mas não tanto quanto o que eu penso que ele insinua – você está querendo dizer que eu *gosto* de ser tratada assim?

— E você gosta? – Ele me pergunta, olhando de esguelha enquanto estaciona o carro em frente à minha residência.

— Claro que não! – Ergo a voz, as mãos batem em meu colo, uma atitude que pode passar por infantil, mas eu estava apenas nervosa. E talvez decepcionada. Sempre me decepciona quando as pessoas simplesmente assumem que uma mulher é tratada dessa forma e gosta disso. Ninguém *gosta* disso, será tão difícil perceber?

É ainda pior quando não podemos desabafar com outras pessoas. Quando elas não sabem.

— Então não os deixe tratá-la assim, Isadora! Não faz o menor sentido, na época em que vivemos, você ouvir certas coisas e ficar calada! Tanto de seus pais quanto de seu noivo, é ridículo isso!

— Você não entenderia, João... é muito mais complicado do que parece.

— Talvez eu não entenderia. Você pode desabafar comigo, se quiser, eu prometo tentar entender e prometo não julgar. Muitas vezes eu escorrego, sabe? Agindo no automático, mas eu procuro sempre ter empatia. Eu não estava te

julgando aqui, não mesmo. Eu apenas acho que você não vai conseguir viver fugindo da realidade para sempre, menina. Fazendo de conta que é outra pessoa, seja lá qual das duas versões é a verdadeira.

— Duas versões? – Fico confusa com o que ele diz.

— Às vezes você parece submissa demais. Alguém que aceita de bom grado qualquer coisa que te jogam no colo. E às vezes você parece um furacão, pronta para contestar tudo e todos. Eu não tenho lá muita experiência com o comportamento humano mas tenho *para* mim que o furacão é sempre a personalidade dominante. E, no seu caso, é bem mais interessante.

Sorrio, achando graça da forma como ele fala. Com ele, eu me sinto confortável a ponto de não precisar esconder meus rompantes, tanto que eu sequer tento.

— Chega a ser engraçado você me chamar de furacão... – eu sorrio, e ele retribui, sua mão passa a brincar com uma mecha do meu cabelo, enrolando nos dedos, a mente parecendo longe, a milhas de distância desse carro.

— Eu queria muito conhecer você melhor, Isadora. Mas *você*, não essa garota insossa que toma conta do seu corpo quando você está perto dos seus pais e do seu... *noivo*. Saber o que pensa, o que quer fazer da vida, do que gosta.

Meu coração dá um salto no peito, porque já há algum tempo eu não me permito falar sobre mim. Tenho ficado fechada o bastante ao ponto de ninguém também se interessar em saber.

— Tudo bem... vamos lá, o que você quer saber?

— Ouvi que você queria ser escritora...

— Sim... – suspiro, lembrando todos os cadernos guardados em minha estante – Eu escrevo algumas coisas, desde muito nova. Desde os doze anos, mais ou menos. Pegava um caderno, desses mesmo de escola, deitava na minha cama e ficava criando histórias.

— Romances? – Ele sorri, docemente, e meu estômago se agita.

— Sempre romances.

— E falam do que? Me conta um deles...

— O primeiro que eu escrevi foi uma versão de um filme que eu assisti e não gostei. – Vejo quando ele movimenta a sobrancelha, como quem pergunta sem realmente perguntar, obviamente queria saber qual o filme, mas eu faço um mistério antes porque, claramente, ele vai rir de mim – Titanic.

— Você reescreveu Titanic? Por quê?

— Odiei que a Rose não deixou um espaço naquela porta para o Jack se salvar... tinha espaço, ora bolas! – Respondo, antes de ouvir sua longa e alta gargalhada.

— E como terminou a sua história, sua rebelde?

— Eles se salvaram, juntos. Mas ninguém ficou sabendo, a família dela não soube de nada, achou que ela tinha morrido no naufrágio. E então aquela vida linda que ela teve, que mostrou no final, foi ao lado do Jack. Fiquei muito brava que ele morreu, sabe?

Os dedos que brincavam com meu cabelo resolveram mudar de direção, seu polegar passou a traçar uma linha pelo meu rosto, descendo dolorosamente devagar até chegar em meu queixo, fazendo meu coração disparar no processo. Eu acredito que ele sequer sabia direito o que estava fazendo, parecia em outro planeta, outra dimensão. Viajando...

— Então na sua história ela deixou a família chata e pegajosa para trás, o noivo insuportavelmente mauricinho, assumiu o romance com o pé rapado e foi viver feliz da vida, fazendo o que queria, e morrendo aos oitenta anos?

Somente então eu consegui notar os paralelos, e todas as indiretas diretamente jogadas que ele estava me dando. Sim, confesso, a lentidão parou aqui e fez morada. Mas em minha defesa, eu estava completamente envolvida no momento. Seu dedo acariciando meu rosto, sua voz baixa e rouca falando pausadamente e seus olhos... esses lindos olhos verdes passeando pelo meu rosto e parando em minha boca enquanto seus dentes davam aquela físgada – que acaba com minha sanidade – em seu lábio inferior.

Sinto uma vontade louca de beijá-lo novamente, de reviver tudo de novo.

— Entendeu por que eu disse que você tem um furacão dentro de si, Isadora? Está tudo aí dentro... você deveria soltar tudo de uma vez. Carnaval só acontece uma vez ao ano.

Meus olhos se arregalam ao ouvi-lo dizer isso, o ar chega a faltar e eu estremeço. Ele sabe.

Não penso em nada, apenas solto o cinto de segurança, abro a porta e saio correndo, seguindo pela lateral da casa em direção ao meu local seguro. Ainda ouço sua voz me chamar, mas não olho, e não paro, até estar sentada no banco de madeira.

Seguro com força as bordas do banco, nervosa, tentando acalmar a respiração. Minha mente repetindo o tempo todo que ele sabia, e que estava brincando comigo, talvez vendo até onde eu levaria a minha farsa.

Ele sabe, Isadora, e vai contar para todo mundo!

Meu Deus, vai ser um escândalo. Além de tudo o que pode acontecer comigo, com certeza eles irão cortar a minha universidade, o único horário minimamente normal em meu dia...

— Você tem um ipê no meio do jardim? – Sua voz surge, estava tão entretida que não o vi se aproximar. Não pensei que ele viria atrás de mim.

— Porque, João Pedro?

— Por que parece outra realidade... — ele abre os braços, mostrando o local ao nosso redor — esse jardim é tão certinho, e bem no meio dele há um ipê aleatório.

A minha pergunta não havia sido feita para falar de ipês, eu queria saber por que ele havia fingido, mais cedo, que não me reconheceria. Mas o que ele falou agora chamou-me a atenção. Realmente o nosso jardim é certinho, as palmeiras planejadamente colocadas, arbustos baixos, o gramado verde imenso, ausência de flores. Ergo a cabeça para olhar a, agora verde, imponente árvore, que floresce sempre em setembro enlouquecendo dona Rita.

— É outra realidade... — confirmo. Sinto a brisa suave entre meus cabelos, trazendo o perfume almiscarado até mim. Inspiro, de olhos fechados, uma súbita vontade de perder o controle e chorar. Eu não choro em público, nunca, aprendi a duras penas que arroubos de emoção só são permitidos entre quatro paredes. Que sempre teremos um motivo verdadeiramente bom para chorar.

— Eu sabia que te reconheceria. — A voz contida de João Pedro me faz olhá-lo, e ele está parado atrás do banco, ao lado do ipê, os dedos correndo sobre a inscrição que eu fizera uma semana atrás. *Arlequim*. — Não sabia se eu te veria de novo, mas sabia que te reconheceria. Posso não ter matado a charada de imediato, mas o meu corpo... ele sabia que era você.

Seus olhos se voltam para mim, e ficamos por um tempo mudos, calados. Ele eu não sei, mas eu me sinto de volta, por alguns instantes, àquele baile. Os lábios bonitos sofrem outra físgada, me tirando do transe, e então eu arrumo a postura, virando o rosto para outro canto qualquer.

João não parece muito disposto a deixar o assunto morrer, no entanto. Dá a volta pelo banco e se senta, ao meu lado, me embriagando novamente com seu perfume.

— Eu fiz várias perguntas a mim mesmo ontem, depois que eu te vi. Depois que passei pela dúvida inicial e me dei conta que era realmente você.

Eu queria olhar para ele. Queria muito ver seu rosto enquanto ele falava comigo. Mas não suportaria a decepção em seus olhos, então só me mantive parada, olhos fixos em qualquer lugar à minha frente.

— Eu não vou mentir e dizer que fiquei feliz em saber que você era a garota do baile. Quer dizer, eu gostei muito do que eu vi sem a fantasia provocante e aquele monte de maquiagem no rosto. Mas, ao mesmo tempo, me incomodou saber que não eram a mesma pessoa, apesar de serem.

Sua voz cadenciada e sem a explosão que eu esperava era ainda mais tortuosa de ser ouvida. Eu queria xingos e acusações grosseiras, sabia lidar com isso, estava acostumada. Mas não com essa forma de dizer *você errou*, *Isadora*,

só me explique o porquê.

— Eu... não esperava ver você de novo. Deve se lembrar do que eu disse.

— Nos meus sonhos... – ele relembra, e eu apenas faço um movimento débil com a cabeça.

— Eu nunca tinha feito aquilo. Eu... não pensei, pela primeira vez eu não pensei, e...

Minha voz trêmula tenta explicar, enquanto meu cérebro monta frases que a batida forte do meu coração interrompe. É uma bagunça tremenda aqui dentro, de sentimentos, de sensações, eu tentando domar e organizar tudo ao mesmo tempo sem saber como fazer. E ele percebe, porque sua mão toca o meu braço, chamando minha atenção.

— Tudo bem, Isadora. Não precisa me explicar, eu entendi. – Me viro para ele, curiosa com o tom conciliador que ele usava – Depois que você subiu correndo, eu tive a certeza que você era a garota do baile. Fiquei confuso, nervoso... decepcionado. Mas não durou cinco minutos.

— O que aconteceu, que te fez mudar de idéia?

— Sua mãe aconteceu. Eu passei a ouvir o que ela dizia, e principalmente a *forma* como ela dizia. E entendi o que quis dizer sobre ser “sem amanhã”.

— É.... complicado.

— Isadora, eu conheço essa história. Minha mãe me disse, incontáveis vezes, tudo o que ela passou vivendo sobre essas amarras. Sobre as expectativas que eles jogam sobre nós sem realmente se importar se isso é o que nós queremos e, o mais importante, se nos faz feliz.

Um suspiro me faz pensar que ele está relembrando de sua mãe. Me pego querendo saber mais sobre ela, mas incerta sobre perguntar, e ser algo doloroso para ele falar a respeito.

Infligir dor a outrem não é algo que eu gosto muito.

— A única coisa que eu posso te dizer, e isso eu aprendi com ela, é que você siga o seu coração. Se isso tudo te faz feliz, siga em frente. Mas, não deixem com que te diminuam. Não deixem que lhe tirem sua essência e seu valor.

— Porque está dizendo isso, João Pedro? – O encaro, finalmente.

— Por que eu me recuso a acreditar que a Colombina foi um personagem. – Sua mão alcança a minha, ainda segurando a borda do banco, nervosamente. Os nós de seus dedos fazendo uma carícia preguiçosa no dorso de minha mão, me fazendo relembrar outras carícias, enquanto ele segue falando, em um tom calmo, porém firme – Eu queria que você tivesse visto o que eu vi naquela noite, Isadora...

— E o que você viu? – Pergunto, vacilante.

— Eu vi uma menina linda, dançando livremente no meio do salão, tão sensual e confiante... Cada vez que você movia seus braços era como se eu fosse uma marionete e você estivesse no controle das minhas amarras. Foi instantâneo, Isadora. Eu te vi, e você me teve.

— Por favor, não me fala essas coisas...

— Falo, porque eu acho que você tem que ouvir. Eu me lembro quando você me interpelou, dizendo que eu não tinha lhe comunicado que iríamos sair do baile – ele sorri, meio de lado, balançando a cabeça – tão segura de si. Sem medo de dizer o que pensava ou como se sentia.

— Está errado. Eu tinha medo...

— Então foi corajosa. Porque coragem é aquilo que fazemos mesmo quando temos medo do resultado, mas fazemos mesmo assim.

Nego, um leve movimento de cabeça. Como pode dizer que sou corajosa? Como pode? Logo eu, que desde menina faço tudo o que me pedem, sem discutir, sem me rebelar? – Não sou assim, João.

— É. E eu vou te mostrar que é. E quando eu te mostrar, você então vai poder escolher o tipo de vida que você quer ter. Mas antes você precisa me prometer algo...

Meu olhar ansioso lhe pergunta o que os lábios não têm coragem, e então ele só sorri, antes do pedido.

— Deixe a Colombina te dominar.



11. Almoço Indigesto

Isotapé

Encontrar Isadora na casa de meus tios não havia sido uma experiência muito animadora, confesso. O meu humor estava péssimo, catapultado pela falta de sono e, obviamente, pela minha recente descoberta. Passei a noite revirando na cama, tentando entender o que tinha acontecido. Quem realmente é Isadora, a garota desprendida e livre do baile de Carnaval ou a garota submissa que vai se casar com meu primo?

E essa informação revolve meu estômago toda santa vez. Não somente por ela ser noiva dele, mas por eu saber que transei com ela. Com a noiva do meu primo. E, pior, faria de novo se tivesse oportunidade. Não pensaria duas vezes. Estaria com ela cavalcando sobre mim nesse exato minuto se eu pudesse.

No que isso me torna?

E ainda tem o agravante, ela ser filha de Alberto Resende. Logo dele.

Parece uma piada do destino, tantas pessoas para cruzar o meu caminho e bagunçar minha cabeça, tinha que ser logo filha do homem que...

Suspiro, agitado, passando a mão pelos cabelos, tentando organizar os pensamentos.

Não foi para isso que vim, eu não posso me desviar do meu foco, mas confesso que saber que a minha Colombina faz parte daquela família, de certa forma, mexeu comigo. Eu não estava esperando por isso.

Ao leva-la até sua casa e confessar que sabia quem ela era eu tinha noção de que podia estar colocando um grande abismo entre nós, mas foi impossível resistir. Não consegui ver como ela fora tratada pelo noivo sem deixar claro que eu era diferente e que, ao contrário do que ela pensa, ela poderia ter uma escolha. Não consigo conceber que uma pessoa não possa ter escolhas sobre a forma

como leva sua vida.

Ver sua interação com Hugo deixou claro como água que sua situação era exatamente a mesma que minha mãe havia passado anos atrás. Eu não sei em que planeta essas pessoas vivem, mas eles ainda acreditam em casamento por conveniência, e foi exatamente o que meu avô tinha proposto à minha mãe: um casamento lucrativo com um médico emergente da sociedade paulista. Ela, já apaixonada pelo simples contador, recusou prestar-se a esse papel e nunca foi perdoada. Notando como Isadora e Hugo se comportam, eu consigo entender que ela passa pela mesma situação, mas diferente de minha mãe, não luta contra isso.

Poderia ficar nervoso com ela, por essa inércia, mas não é lá tão difícil compreender, no entanto. A menina tem vinte anos e zero experiência de vida. Deve ser realmente assustador não ter nenhum tipo de suporte para se libertar, e isso me deixa ainda mais furioso com Hugo. Com aquela família inteira, na verdade, que continuam repetindo os mesmos erros do passado. Passando por cima das pessoas por status, por dinheiro.

Como esperava, o almoço na casa de meus tios, um convite *irrecusável* de meu avô, havia sido feito exatamente para tentar me convencer a juntar-me a clínica. Eles pretendem uma expansão em outro bairro, e necessitam de alguém da família tomando conta do empreendimento. Como Hugo ainda é estudante e está fazendo residência, não seria a escolha ideal. Diferente de mim, já formado e atuante.

Obviamente a minha proposta não havia sido acolhida. A minha vontade em atender as camadas mais simples nunca passaria pelo crivo do conselho, o trabalho na área de medicina familiar não é lucrativo. Fui obrigado a ouvir sobre a imensa decepção que estava causando a família com as minhas negativas, mas não sou mais um garoto que precise ficar me submetendo aos caprichos de meu avô.

Acho muito interessante também que eles continuem pensando que o meu único interesse ao negar trabalhar com eles é a minha imensa dedicação à medicina. Porque quando forem atropelados, mal vão saber de onde veio o caminhão. Talvez dessa forma eles consigam entender que dinheiro não é tudo, e nossos atos têm consequências.

E então novamente sinto aquele incômodo aperto no peito, ao lembrar que, os atingindo, estarei atingindo Isadora.

Inferno!

Depois de a deixar em sua casa, e de soltar a proposta mais sem noção que eu poderia ter feito, vim procurar Guga. Como meu único amigo no país, ele vai precisar me aguentar por um tempo. Mal estaciono e consigo ver uma

Harley-Davidson Deluxe estacionada em frente ao seu portão, o que me deixou claro que ele não estava sozinho e *quem* estava com ele. Mas ainda que a moto não estivesse ali para me dar uma dica, a risada alta de Piu, uma de suas marcas registradas, entregaria sua presença.

— Chegou o príncipe encantado! – O filho da mãe grita alto assim que eu atravesso a porta da sala de estar. Gosto muito de vir na casa de Guga, tenho ótimas lembranças de minha adolescência, várias delas passando exatamente aqui nessa sala jogando vídeo game.

— Vim te ver, meu amor. Aliás, bom mesmo te encontrar aqui. Fiquei curioso em saber uma coisa... – sento no sofá, enquanto vejo sua expressão curiosa – Como se sente ao ver que dois personagens do cinema foram inspirados em você?

— Dois? – Sua mão, que vinha acompanhada de uma longneck, para no meio do caminho – Quais dois?

— O ogro Shrek e o burro falante... – Dou de ombros e pego a garrafa de sua mão, recebendo uma almofada voadora como resposta.

— Fala, fala, mas confessa... morreu de saudades de mim.

— Sempre! – Pisco e dou uma longa golada na cerveja gelada, sem deixar de notar que Guga tem o olhar fixo em mim. Como sempre. – O que foi agora, Guga?

— Eu é que pergunto. Veio sem avisar, você nunca fez isso, a não ser que estivesse com um problema daqueles.

Dou de ombros. Como posso explicar?

— Desembucha, Jotapê... – Piu resolve aderir à curiosidade – Estou curioso para saber como o garoto de ouro já se meteu em confusão estando há apenas uma semana no país.

“Garoto de Ouro, ” “Golden Boy, ” e “O genro que mamãe pediu” eram os apelidos que esses idiotas me chamavam quando andávamos juntos na adolescência. Isso porque eu sempre me recusava a entrar em confusões e passava a maior parte do tempo tentando limpar a barra do Topa-Tudo que, como o apelido já sugere, vivia metido em encrenca. Eu até podia brigar com eles por conta dos apelidos, mas honestamente, eu gostava de ser o certinho da turma. Todo grupo precisa de um.

Fico imaginando qual será o apelido que eles irão me designar depois que eu terminar tudo o que eu tenho que fazer.

— Encontrei a Colombina...

Tinha comentado com eles, muito brevemente, sobre meu encontro com Isadora no baile de carnaval. Guga obviamente já sabia por que tinha me visto com ela, mas os outros rapazes acharam divertido eu ter me enfiado numa

história como essa logo no meu primeiro dia.

— Encontrou onde? Falou com ela?

— Falei. – Guga nota meu desânimo e, em um movimento rápido, senta ao meu lado no grande sofá da sala.

— Quem é a garota, João? Por que essa cara?

— Ela é noiva do meu primo. Foi na casa dela aquela maldita recepção que fui ontem à noite.

A expressão de Piu chegou a ser engraçada de ver. Por trás desse ogro gigante e tatuado não existe nada além de um moleque, então vê-lo com os olhos arregalados e a mão na frente da boca, como uma criança recebendo uma grande surpresa, não foi nenhuma novidade.

— Noiva do seu primo? A garota é noiva e estava te agarrando no baile de Carnaval?

— Eu também a agarrei, Guga...

— Sim, mas você não sabia quem ela era. E ela, por mais que não soubesse quem *você* era, sabia que tinha um compromisso com outro cara.

— É complicado. Você sabe como funciona a minha família.

— Isso não muda absolutamente nada, João. Bom, mas ao menos agora você pode desencanar dela.

Eu devo ter dado muita bandeira porque nem bem ele terminou de falar já se levantou, com as mãos na cintura, prestes a me dar uma bronca daquelas.

— João...

— Deixa o cara, Guga. Não é como se a gente nunca tivesse pego uma menina comprometida antes.

— Nenhuma que fosse noiva de um parente nosso...

— Parente esse que ele está pouco se lixando, e vice-versa.

— Vocês já podem parar de falar como se eu não estivesse aqui... – coloco a garrafa em cima da mesa de centro, e esfrego o rosto. Os dois falando parecem mais o anjo e o demônio que trazemos dentro de nós, um atijando e o outro segurando. Não ajuda em nada o meu melhor amigo, aquele com quem eu sempre pude contar mesmo a quilômetros de distância, estar fazendo o papel do anjo e eu não estar com a menor vontade de lhe dar ouvidos.

— João... eu não falo por mal. Até onde eu sei, você veio procurando fazer as pazes com sua família.

E lá vamos nós de novo com o incômodo aperto no peito por estar mentindo para o meu amigo. Eu nunca poderia lhe dizer que voltei ao Brasil procurando destruir o homem que mandou matar meu pai. Ele não concordaria e, pior, faria de tudo para atrapalhar pelo simples fato de pensar estar me poupando de problemas.

Não que ele estivesse errado, claro.

— Também..., mas com ou sem Isadora, isso já é uma tarefa difícilima, e você sabe disso.

— O que vocês conversaram?

Conto a eles as minhas impressões, o fato de ter certeza que Isadora está em um casamento arranjado, a forma como sua mãe falava dela, e a proposta que eu tinha feito. Claro que conforme eu ia contando, a visão que Guga tinha disso tudo fazia muito mais sentido. Noiva do meu primo, filha do sócio do meu tio, vinte anos de idade. Era loucura. Uma completa loucura.

Mas como explicar essa sensação dentro de mim que não me larga? Como explicar a vontade de tomar essa garota e não a deixar ir embora nunca mais?

— Se fosse eu, tentaria, sabe? – A voz de Piu sobressai-se aos meus pensamentos, e fixo meu olhar nos dele, que dá de ombros – Se a menina não é feliz, o casamento não vai durar. Para que esperar?

— Piu, o João não pode investir em um relacionamento com uma menina comprometida!

— Ela não precisa continuar comprometida. Desde que, claro, ele não abandone a menina assim que ela levar um pé na bunda. Porque, você sabe, pelo que disse a respeito da mãe dela, a coitada vai passar por maus bocados. E se você é homem para se meter num relacionamento assim, tem que ser homem e segurar a bronca. Só acho...

Dona Dalva, mãe de Guga, passa pela sala nesse momento e, com a mão na cintura – assim como seu filho havia feito pouco tempo atrás – resolve se meter na conversa.

— João, não vá atrapalhar a vida da menina por um capricho! – Talvez notando meu olhar aturdido, ela se aproxima bagunçando meu cabelo para depois deixar um tapa no alto de minha nuca, como se ainda fosse um garoto – Podem pensar que eu sou surda, mas ouvi tudo o que estavam conversando aqui. Você, Piu – aponta o dedo direto para o nariz do meu amigo – é péssimo conselheiro, mas tem razão em uma coisa. Se for se meter nesse relacionamento, João, tem que ser homem.

— Nunca atrapalharia a vida dela, tia Dalva.

— Então aja direito com ela. Ouvi que ofereceu a ela a opção de escolher. Assim que a escolha dela esteja feita, a deixe seguir com ela, mesmo que não seja o que você queira.

— A senhora acha que ela não vai... – mal consigo terminar de formular a frase.

— Não acho nada. Geralmente nós temos o velho costume de achar que

todo mundo reza pela nossa cartilha, que a mesma facilidade que nós temos em tomar alguma decisão será fácil para os outros também, e sabemos que não funciona assim. Então, se ela tem um relacionamento complicado com os pais, não será fácil fazer uma escolha, e com você pressionando, ficará ainda mais difícil.

Dona Dalva tem um tom doce, mas uma firmeza que me faz prestar atenção em cada palavra que ela diz, quase dando-me a certeza de que discordar do que ela sugere seja algo até pecaminoso de tão errado.

— Mostre a ela que pode ter ao seu lado algo que ela nunca teve: respeito pela sua vontade. Ofereça-lhe a liberdade que ela não tem. Esse pode ser o caminho, meu querido.

Pelo visto eu vou ter que pagar para ver se aquele ditado dizendo que “devemos deixar livres as pessoas para que elas voltem” é verdadeiro. E, não somente isso, mas também ter a noção de que eu vou machucar essa garota, de uma forma ou de outra, no final das contas.

E tenho que estar preparado para isso.



12. Não Tenho Vocação

Isadora

Como se costuma dizer por aí, as coisas só voltam ao normal após o Carnaval. Se a semana passada os corredores da universidade estavam vazios, não se pode dizer o mesmo nesse momento. As aulas, finalmente, retornaram à sua normalidade e, como de costume, foi um *porre* aturar todo o período. Estou cursando o segundo ano de Design de Interiores, comumente conhecido por Decoração. Absolutamente não é o que eu queria fazer, mas minha primeira escolha fora, obviamente, vetada.

Não gosto do curso, não tenho vocação alguma para design, decoração, absolutamente nada relacionado a isso, mas prefiro estar aqui do que em casa. Seria infinitamente pior estar o dia inteiro recebendo as “lições” de minha mãe sobre *como ser uma boa esposa*.

Guardo meu compacto notebook na pasta florida, e me levanto, a sala já está vazia. A aula foi tão entediante que as pessoas resolveram sair correndo antes que a tortura se prolongasse por mais algum tempo. Penduro a alça da bolsa no ombro e sigo até a porta, enquanto ouço minha barriga roncar de fome. Definitivamente vou parar em algum lugar para almoçar.

Os corredores da universidade estão movimentados, a impressão que eu tenho é que as pessoas a frequentam apenas para manutenção de seus “contatinhos”, estão sempre em rodinhas, marcando baladas e encontros. Os meus primeiros meses aqui eram assim, cheios de convites, até que as pessoas perceberam que eu nunca os aceitaria.

Esse é o motivo que me permite andar pelos corredores livremente, sem ser importunada. Não sou interpelada com convites para nenhuma festa, balada, barzinhos. Tampouco para nenhum “*olá Isadora, você parece triste hoje,*

aconteceu alguma coisa? ”

No que eu, com um sorriso ensaiado, responderia: “*impressão sua, meu bem, tudo está perfeitamente bem*”, enquanto meu coração continua disparado e minhas noites continuam insones desde aquele baile. Aliás, tudo está fora do lugar depois daquele baile.

Eu costumava ser alguém que sabia manter as aparências. Tive que aprender a ser assim, nunca poderia me apresentar nos lugares de cara inchada, marcas roxas, mau humor ou nada do tipo. Eu precisava me apresentar sempre plena e simpática. Acabei me moldando, aprendendo a mascarar todos os sentimentos que eu realmente tinha e só extravasá-los em meu quarto, de preferência no banho que é o lugar universal do choro solitário.

Alguma coisa, no entanto, mudou naquele Domingo visto que eu não consigo disfarçar mais nada. Ontem depois que João Pedro me deixou em casa, me tranquei no quarto, desesperada querendo fugir das perguntas de minha mãe. Porque as perguntas sempre chegam, elas nunca falham e eu sempre procuro ser o mais convincente possível ao respondê-las. A minha rotina sempre fora a mesma, meus Domingos sempre foram iguais. Não havia uma noite sequer em que eu voltava da casa de meu *noivo* e não continuava conversando com ele na área externa, geralmente falando sobre seus inúmeros planos para o futuro ou proporcionando-lhe um orgasmo.

Só que ontem havia sido diferente. Assim que coloquei os pés em casa, dei de cara com minha mãe que ficou procurando por Hugo. Ao não o encontrar, começou a fazer perguntas que eu não sabia – e não queria – responder. Corri ao meu quarto, tranquei a porta e entrei no banho, de roupa e tudo para não perder tempo. E acho que nunca chorei tanto, e tão descontrolada. Sabia que não teria escapatória, que ia ter que me explicar por que minha mãe, dona Rita, não é o tipo de pessoa que fica sem resposta para suas perguntas, e eu não sou o tipo de pessoa que consigo negar-lhe essas respostas. Dizer não a ela é difícilimo, infelizmente.

O que eu falaria? “Olha, mamãe, acontece que eu fui pular Carnaval escondida e encontrei um homem lindo, e ele está grudado em minha cabeça desde então. Ah, e a propósito, ele é primo de meu noivo.” Nunca poderia falar isso. Inclusive, tenho para mim que viraria a moça do quarto trancado, caso falasse algo do tipo.

Ainda perdida em pensamentos, desço a escadaria já buscando com o olhar o ponto de táxi, e isso poderia me causar um acidente. Porque, parado na porta da faculdade, encostado em seu Jeep Renegade, João Pedro me aguarda com um sorriso enorme no rosto.

— O que está fazendo aqui? – É a pergunta exasperada que sai da minha

boca, assim que eu retomo o poder de falar novamente.

— Estava te esperando. Eu te prometi algo ontem, não foi?

— Não foi retórico? – Seu olhar é divertido, contrastando totalmente com o desespero iminente que eu sinto nesse momento.

— Não, Colombina... não foi retórico. – Lentamente ele abre a porta do carro, e aponta para dentro ao não ver nenhuma indicação de que eu vou entrar – Vamos?

— Olha, João...

— Olha, Isa.... posso te chamar de Isa, certo? – Ele aguarda minha confirmação, antes de continuar – Você não precisa ter medo de mim. Pode contar que eu não vou machucar você.

Fico em dúvida se essa afirmação é verdadeira. Afinal de contas, não importa qual seja o final dessa história maluca, eu vou sair machucada de alguma forma. Resignada, entro no carro, e o vejo dar a volta e sentar atrás do volante, com um sorriso no rosto.

— Se sentindo vencedor, Arlequim? – Pergunto, para ver o sorriso maroto morrer em seus lábios.

— Não, Isadora. Na verdade, estava só feliz por você ter confiado em mim. Não tenho por que me sentir vencedor...

Em silêncio, ele coloca o carro em movimento, e logo estamos na pista expressa em direção a algum lugar em um bairro afastado. Segundo ele, iremos experimentar o melhor x-burguer da capital.

— Você mal chegou e já conhece o melhor x-burguer daqui?

— Eu acho que dei sorte, logo no meu primeiro dia já fui desbravando as melhores coisas que a cidade poderia me oferecer.

Recebo uma piscada simpática que não serviu, em momento algum, como alívio para o estresse que estou sentindo. Porque, veja se consegue me entender... de certa forma é muito bom me sentir livre. Esse seria um programa normal para qualquer garota de minha idade, certo? Assistir aulas na Universidade pela manhã, encontrar um amigo depois da aula, sair para comer alguma coisa, sem precisar me preocupar com mais nada. O problema é que nada aqui soa *normal*. Eu nunca fiz esse tipo de programa. Eu não tenho amigos. João Pedro, definitivamente, não é meu amigo. E eu sou noiva.

Por mais que Hugo não seja o homem dos meus sonhos, não tenha sido escolhido por mim, e eu não sinta absolutamente nada por ele, eu não queria ser ainda mais desleal com ele do que eu já fui. Eu me sinto verdadeiramente mal por isso. Já foi errado eu ter me entregue a seu primo naquele baile, nenhuma desculpa que eu inventar para o meu comportamento vai melhorar as coisas. Eu poderia não saber quem João era naquela noite, mas agora eu sei, e isso torna as

coisas muito mais erradas.

E confusas, confusas demais. Porque eu não quero que ele se afaste. Não consigo sequer pensar, sem sentir o coração doer, que nunca mais o verei. Nunca algo que era errado parecia tão certo.

Desde nossa última conversa que as coisas ficam duelando dentro de mim, sem controle. A vontade, que já não cabe mais dentro de mim, de me rebelar, de simplesmente fazer tudo o que eu quero. E o medo paralisante que eu tenho de ser punida por isso. Tudo o que eu já ouvi, todas as ameaças serem cumpridas simplesmente por eu ter decidido viver a minha vida.

Queria ter forças, mas não consigo. Eu não consigo! Isso tem que parar.

— João Pedro... — minha voz sai mais baixa e sem força do que eu esperava, eu arranho a garganta e chamo novamente — João Pedro!

— Nós vamos almoçar, Isadora. — Ele fala, pausadamente, depois de um suspiro profundo — A gente almoça, como duas pessoas normais, e depois eu te levo de volta para casa. Eu sei bem o que está passando pela sua cabeça...

Acho horrorosa essa mania de todo mundo pensar que sabe tudo o que estamos pensando. É quase como um comportamento automático do ser humano, entende o que eu quero dizer? Você está chateado, aborrecido com algo, ou quer contra argumentar qualquer coisa que tenha ouvido, e lá vem essa frase medonha. “Sei bem o que você está pensando.” Ninguém sabe. Se soubessem, nossa vida seria muito mais fácil, tenho certeza disso.

— E o que está passando pela minha cabeça, pode me dizer?

— Que isso aqui é errado. — Em um movimento rápido, ele para o carro no acostamento e se vira, capturando meu olhar. Esse par de olhos verdes que tiram todo o pouco juízo que ainda me resta... — Eu não sou um canalha, Isa. Você é a garota do meu primo, e eu não me esqueci disso. Na verdade, eu gostaria de esquecer, mas não consigo. Também gostaria de passar por cima do que eu considero certo, e também não consigo. Pensa que não fico irritado comigo mesmo?

Fico paralisada, ouvindo o seu desabafo a centímetros de mim. Os olhos faiscantes, o cenho franzido, o maxilar travado. E ele faz em mim a mesma inspeção, seus olhos percorrendo cada canto do meu rosto, até desviar o olhar e deixar a cabeça pender para frente, apoiada no braço que ele tem esticado sobre o volante.

Eu não digo uma palavra, não sei exatamente o que dizer. Ele, no entanto, decide continuar falando, ainda que com a cabeça abaixada, sem me olhar.

—Você não sai da minha cabeça, Colombina. Desde aquela noite, basta eu estar quieto no meu canto que meus pensamentos são todos seus. Já não saia

quando eu sequer sabia quem você era. Imagina agora, depois de te ver, de saber que você existia, realmente, e que não era um delírio provocado pela bebida?

— Delírio?

Em um movimento rápido ele se aproxima, diminuindo a distância que existia entre nós. Sua mão se embrenha em meu cabelo, aprisionando minha nuca, enquanto a outra livre solta o cinto de segurança. Em um segundo, já estou sendo puxada para o seu colo, prensada entre seu tórax e o volante do carro.

— João... – minha voz é um sussurro, e me arrepio inteira quando ele enrola meu cabelo em seu punho e força minha cabeça para trás, buscando espaço em meu pescoço que passa a percorrer com seus lábios.

— Senti saudades do seu perfume todo maldito dia, Colombina. Do seu toque. Do seu beijo.

Quando sua boca toma a minha, o beijo é desesperado. Como se ele pudesse tomar tudo o que quisesse somente com isso, me virando do avesso no processo. Eu me recordo de cada beijo que trocamos naquele baile, e nenhum deles, em momento algum, foi como esse. Rápido e íntimo. Quente e profundo. E que dizia tudo o que as palavras parecem não encontrar forma de expressar.

Quando ele quebra nosso beijo, estamos ofegantes. Ainda sem dizer nada, suas mãos se agarrando aos meus cabelos, uma de cada lado de minha cabeça, ele beija minha testa, meus olhos, minhas bochechas. Raspa os lábios pelo meu pescoço, forçando meu corpo para trás, buscando meu colo dos seios. A combinação de seu beijo molhado, sua barba curta, o calor do seu corpo e seu membro ridiculamente duro em baixo de mim estava acabando com a minha resistência que, convenhamos, nem era tanta assim.

Sinto seus dentes passarem, como uma mordida, por cima do bojo do meu sutiã, e me arrependo imensamente de ter colocado uma peça com tanto frufu^[8]. Rendas, enchimento, o tecido da blusa, tudo isso impede que eu o sinta como queria. Ainda assim, sinto uma descarga em meu corpo cada vez que ele o percorre por cima do tecido, buscando um pouco mais de contato. Instintivamente ondulo sobre ele, querendo matar as saudades. Querendo mais dele.

Envergo meu corpo um pouco mais para trás e acabo esbarrando na buzina do carro, disparando-a e levando um susto no processo. Isso acaba quebrando o clima, mas, ainda assim, ele me mantém sentada sobre ele. Meu corpo ainda encostado no volante, seu rosto afundado no vale entre meus seios, inspirando fundo.

Talvez, assim como eu, tentando livrar-se dos fantasmas que nos rodeiam.

— Eu também não te esqueci... – digo, acariciando seus cabelos. – Eu

queria tanto poder te falar tudo o que se passa comigo, mas...

— Shhhh – ele sussurra, levantando o rosto, o dedo vindo aos meus lábios me impedindo de falar – Eu sei. Acredite em mim, menina, eu sei.

João Pedro é tão lindo que eu poderia ficar o dia inteiro olhando para ele sem me cansar. Com a ponta dos dedos, sigo o traçado do seu rosto, me demorando um pouco mais em seus lábios, imaginando como seria se pudéssemos ser assim o tempo todo. Mas sei que não, e a urgência de interromper esse nosso encontro me toma. Eu ainda sou uma garota comprometida, com um caminhão de coisas para resolver.

— Queria muito ficar aqui, ir almoçar com você, mas... – Sem conseguir completar o pensamento, apenas me aconchego em seu abraço, afundando meu rosto em seu pescoço, sentindo seu perfume. Ele retribui o carinho, me apertando firme. Fazendo desse pequeno espaço o meu lugar favorito no mundo inteiro, nem que seja por apenas um instante.

— Já falei que entendo você, Colombina. Quero só que você se lembre do que eu te falei ontem: você precisa conhecer os dois lados e só então poder escolher um deles. E eu não falava de relacionamento, eu falava da sua vida. Não acho certo o que a sua família está fazendo com você.

— Me desculpa... – saio do colo dele, me arrumando novamente no banco do passageiro. Segurando a insuportável vontade de chorar que eu tenho.

— Quer ir embora? Eu te levo...

Eu queria? Não, definitivamente eu não queria ir embora. Mas eu não podia ficar. Principalmente sabendo reconhecer cada uma das reações que o meu corpo tinha quando ele se aproximava, quando ele sorria, ou simplesmente quando a brisa trazia o seu perfume até mim. Era uma tortura saber que estava bem ali, ao alcance das mãos, mas não era meu. Nunca seria meu.

— Sim, me leva para casa, por favor...

Uma particularidade de Jotapê é que ele não discute. Ao menos não comigo. Assim como nas vezes anteriores em que lhe pedi algo – estando mascarada ou não – ele assente, sem dizer uma palavra, sem fazer nenhum movimento brusco, sem gritos ou olhares de reprovação. Simplesmente faz o que eu pedi, me deixando ainda mais mexida.

O carro segue adiante, por mais alguns metros, até encontrar um retorno que nos leva de volta ao meu destino: a minha casa. E eu me pego tentando atrasar o momento em que o carro irá parar, porque eu *sei* que será um momento definitivo, de adeus. Então conforme o carro entra na rua de minha casa e segue o curso, em linha reta, até parar exatamente em frente a imponente construção, eu me pego contando segundos. Todos os infinitos e mínimos segundos que me restam, para guardá-los junto com minha máscara dentro daquela caixa no

guarda-roupa.

Preciso de muita força de vontade para fazer o necessário.

— João Pedro... me desculpe. — Eu começo, mas absolutamente sem nenhuma coragem de me virar e olhar seu rosto — Por tudo. Por aquele Domingo, eu... não foi certo.

— Se você realmente acredita que não foi certo, então, tudo bem.

— Como você pode achar que foi certo? Sabendo o que você sabe agora? Sabendo quem eu sou?

— Eu te falei anteriormente, Isadora. A única coisa que eu acho errada, nisso tudo, é você ser obrigada a levar uma vida que você não quer. E eu entendo toda a dificuldade em dizer não... o pouco que eu conheci de seus pais me deu uma boa visão do que você passa todos os dias e mesmo assim eu acredito que não tenha visto tudo. Eu só... lamento.

— Eu não posso te ver mais, não é correto. Não me procura mais, por favor, mas... obrigada por ter aparecido. — Decido por encerrar o assunto, mas ainda assim arrisco e roubo-lhe um último beijo, antes de sair correndo do carro sem sequer olhar para trás. Ainda posso sentir seu olhar pesando sobre mim, como se houvesse um alvo desenhado em minha nuca, mas não me viro para conferir. Na verdade, a essa hora, eu mal consigo ver nada ao meu redor. A única coisa que eu consigo ver é o grande beco sem saída em que me encontro.

Subo correndo as escadas que levam à varanda, me sentindo gelada, a sensação de perda me arrasando por dentro, o que chega a ser curioso, visto que eu nada perdi. Não se perde o que nunca se teve. Alcanço a grande porta de entrada e abro, de forma intempestiva, sabendo que se minha mãe estiver por perto irá me criticar pela falta de modos, mas a essa hora tudo o que eu quero é subir ao meu quarto e ficar por lá. Pela eternidade, se assim for possível.

Mas a voz grave, soando descontente, que chama a minha atenção diz que terei que mudar meus planos.

— Isadora, eu estava te esperando...



13. Surpresas Não Tão Agradáveis

Isotapé

Gostaria muito de ser essas pessoas que conseguem compreender o comportamento de quem vive preso em relacionamentos abusivos, mas ainda não atingi essa maturidade. A única coisa que eu sei é que, sim, Isadora vive um relacionamento abusivo com seus pais, e não consegue se ver livre disso.

Talvez por ter sido criado de uma forma completamente diferente, saber que existe alguém que é preso, tolhido de suas vontades e forçado a fazer coisas que não gosta – por convenção social ou qualquer outro motivo – foge totalmente do meu entendimento. E tem o fato, que pesa muito nessa equação, de eu ser homem. Não vou ser idiota em pensar o contrário, em muitas famílias o fato de ter um pinto dá a uma pessoa muitas vantagens, e obviamente a família de Isadora é uma dessas. Certamente se ela tivesse nascido um *garboso rapaz*, teria a vida fácil que sempre quis.

Pobre Colombina.... Foi visível a mudança de comportamento na porta da Universidade. Ela ficou surpresa – de uma forma positiva, garanto isso – ao me ver esperando-a, mas logo em seguida notei que a menina passou a olhar para os lados, como se temesse estar sendo monitorada de alguma forma. Como se um simples passeio com um conhecido fosse um crime grande o suficiente para temer ser pega no flagra. Claro, eu sei, existe toda a configuração de como nos conhecemos, mas, para todos os efeitos, eu sou somente o primo de seu noivo. Ela não deveria estar tão ansiosa daquela forma.

Mas estava.

Quando vi que ela tinha se fechado em mil caracóis, eu saí de mim. Queria, a todo custo, fazê-la entender que aquilo era certo, que nós dois éramos certo. Pensei em acelerar o carro e mostrar a ela que não precisa ser submissa a

ninguém, levá-la ao meu apartamento e fazê-la minha mais uma vez porque, cada vez que o perfume dessa garota me alcançava, era como se um punhal me acertasse pela simples lembrança daquela noite. Mal percebi quando a tomei nos braços novamente, e foi preciso muito autocontrole para tê-la sentada sobre mim e não perder de vez o juízo.

Se eu fosse um pouquinho mais despirocado, teria feito isso, com certeza. Mas, apesar de parecer, Isadora não é o tipo de garota que você pode obriga-la a fazer o que não quer – caso você não seja parte da família dela. Aprendi isso, e honestamente, não posso dizer que não gosto.

Inferno de garota. Ela é uma contradição ambulante e eu gosto de todas as versões dessa menina.

Assim que Isadora saiu do meu carro, correndo como se a sua vida dependesse disso, sem sequer olhar para trás, eu segui até a loja de Gustavo. Precisava conversar com alguém ou acabaria enlouquecendo. Acabaria fazendo alguma merda que não atingiria somente a minha vida, mas a dela também. Pensei em milhares de situações, começando por socar a cara de bom moço do meu primo e terminando por invadir a casa de Isadora, jogar ela por cima dos ombros e sair com ela dali, apontando a estrada e dizendo: Vá viver!

Comigo ao lado, claro. É ridículo, eu sei, mas não consigo controlar. Não menti quando disse que ela não sai da minha cabeça, está lá martelando o tempo inteiro, seja mascarada ou seja em sua versão patricinha. Durmo e acordo com seu rosto em minha mente e não sei lidar com isso. Não sei!

É muito confuso porque ao mesmo tempo que eu quero assumir o controle de tudo, tirá-la daquela casa e mostrar que a vida pode ser muito mais do que aquilo, eu quero que ela mesma dê seu grito de liberdade, mande todo mundo se lascar, e assuma o controle de sua vida.

Mal notei se haviam clientes na loja ou não, simplesmente vi meu amigo atrás do balcão e fui até ele, tão exasperado que, quando me viu, veio preocupado ao meu encontro.

— Aconteceu alguma coisa? – Guga pergunta ao notar o meu estado.

— Ela pediu que eu não a procurasse mais. Não sei o que fazer.

— Quem pediu? A garota do baile?

— Sim. Isadora. Eu fui buscá-la na universidade hoje, tinha planejado um dia juntos. Um almoço, um passeio... ela tinha aceitado, Guga, mas de repente...

Deixo meu corpo deslizar pela parede até estar sentado no chão, mal me importando que estou dentro de um estabelecimento comercial.

— João... – o tom de voz que ele usa para falar comigo seria o mesmo usado para dar bronca em alguma criança birrenta, aposto. – O que eu falei

ontem para você, não mudou. A garota é comprometida, noiva do seu primo, filha do sócio do seu tio, nova demais para você. E foi sua por apenas uma noite, em um baile de máscaras, em pleno Carnaval. Não é possível que você vá querer me convencer que achou o seu grande amor em uma noite de loucura. Mas nem você, que sempre foi o mais certinho de nós, seria tão trouxa a esse ponto.

E está aí algo que eu venho me perguntando desde aquele baile, com mais intensidade, desde o coquetel: por que não consigo tira-la da cabeça? Eu mal a conheço, isso é um fato. Fora todos os indicativos que Guga mencionou, ela ainda é a filha daquele homem. Isso tem tudo para dar errado e, mesmo assim, eu não consigo parar de pensar nela. Não consigo deixar de lamentar a falta que ela já me faz.

— Não consigo, Guga. É mais forte que eu.

Um movimento próximo chama nossa atenção e eu posso ver um casal olhando as prateleiras de cordas ao nosso lado. Tenho a impressão de que a garota prestava atenção no que estávamos conversando, mas ao olhar em baixo do balcão de atendimento posso ver mais uma infinidade de cordeamentos para guitarra então assumo que ela estava somente procurando por isso.

Gustavo passa a atender o casal, o rapaz – um garoto que, pela postura como segura a guitarra, não parece realmente saber o que faz – tira várias dúvidas, que são respondidas pacientemente enquanto a garota concentra toda a sua atenção em mim. Eu poderia achar estranho, deveria ter achado estranho, mas no momento estou realmente mais preocupado com a minha situação e a confusão que minha vida pode se tornar em pouco tempo.

— Parece que a menina ficou encantada por você, Golden Boy... – Guga bate em minha perna, ao passar por mim e sentar-se novamente atrás do balcão. Eu também notei o olhar insistente, mas não vou dar mais atenção do que isso merece.

— Gostou nada. Estava olhando a loja, nada além disso.

Gustavo ri, mas logo nota que eu realmente não estava para brincadeiras. Não hoje.

— Olha, João... pelo pouco que nos falamos enquanto estava fora do país, sei que teve uma namorada por um bom tempo. E sim – ele aumenta o tom de voz quando vê que eu vou argumentar contrário a qualquer coisa que envolve Lorraine – eu sei, lembro tudo o que você falou sobre ela. Sobre ser um namoro “morno”, sobre não ser exatamente o que você queria. Imagino que você esteja pensando que talvez tenha encontrado isso agora, nessa menina. Estou errado até agora?

Balanço a cabeça, negando, somente para não dar o braço a torcer, porque é exatamente isso. O que eu senti com essa menina eu não tinha sentido

até então e é exatamente isso o que está me fazendo perder o rumo.

— Então digamos que você vai seguir em frente com essa loucura. Digamos que você insista em tirar a garota do seu primo. E depois você descobre que não era nada disso. O que você vai fazer? Arrebentar a vida da menina por causa de um capricho?

— E como eu vou saber se *não é isso* se eu simplesmente deixar para lá?

— Essa é a pergunta de um milhão de dólares, meu amigo...



No caminho de casa, tudo parecia ainda mais confuso. Lembrei dos últimos meses, em que me dediquei a rever o meu plano e tudo o que eu faria para cumprir a promessa que havia feito à minha mãe, relembrei os anos em que passamos dificuldade, tentando firmar em minha mente que nada poderia me desviar dos meus propósitos. Devo ter pedido perdão ao meu pai umas duas ou três vezes também, imaginando se ele estaria orgulhoso de mim, ou simplesmente torcendo para que eu esquecesse toda essa história.

Lucio Conte era um sujeito muito bem quisto por onde passava. Simpático, honesto, trabalhador. Cansei de ouvir a história de como ele e minha mãe haviam se conhecido, em uma apresentação de circo. Mamãe tinha ido escondida com algumas amigas, porque o famoso circo estaria se despedindo naquele final de semana, e mal chegou deu de cara com o alto e sorridente rapaz de olhos verdes que – palavras dela – roubou seu coração de imediato.

Ele, obviamente, não era alguém que sua família teria orgulho de apresentar como marido dela, mas como eles sempre diziam, “no coração ninguém manda, ” e assim foi. Namoraram escondido por seis meses, até meu avô dizer que ela estava prometida a um figurão qualquer. Isso, obviamente, não iria funcionar, e minha mãe se recusou. Foi o fim, meu avô não a perdoou, cortou todos os seus benefícios e ela acabou saindo de casa, indo morar com meu pai antes mesmo de se casar oficialmente.

Essa história tinha tudo para terminar de outra forma, mas contra todos os prognósticos, deu certo. Eles casaram-se, tiveram um filho, alguns anos depois ele foi convidado para um trabalho fora do país em Toronto crescemos e prosperamos. Até o dia em que, a mando do homem que deveria ter sido o marido de minha mãe, meu pai fora assassinado.

Minha mãe contara essa história com riqueza de detalhes, inúmeras vezes. Não fazia muito tempo que estávamos vivendo lá, cerca de dois anos apenas. Eu estava cursando o último ano do *high school* (aqui no Brasil conhecido por ensino médio) e já me preparando para cursar ciências biológicas,

meu foco seria trabalhar em educação ambiental. Tínhamos uma vida simples, porém confortável, até o dia em que ele faleceu. A partir daí, além de ter que lidar com sua falta, o que já seria um problema relativamente grande sendo meu pai o meu melhor amigo, ainda precisei tomar conta de minha mãe, sua evidente depressão, e suas histórias.

Por causa disso passei a cursar medicina, de tanto que minha mãe me fizera prometer que eu deixaria o velho Resende pobre como ele nunca fora. Por causa disso, eu vim ao Brasil, procurando me embrenhar entre eles, conquistar sua confiança, e achar uma forma de tirar-lhes tudo. Eu havia prometido à minha mãe, não poderia falhar com ela. Não poderia!

Mas isso vai atingi-la. E não sei mais se sou capaz de fazer isso.

Relembrar essa história sempre acaba me deixando nervoso e, por esse motivo, por pouco não passo reto pelo meu prédio. Deveria ser um sinal, na verdade, porque nem bem entrei pelo saguão dou de cara com Lorraine. Sorridente – mas um sorriso um tanto congelado no rosto, quase como uma máscara – e conversando animadamente com o síndico. Que é um desses sujeitos que não pode receber atenção de uma mulher que entrega carteira e chave de casa, de bom grado.

— Meu Deus, Jotapê... eu pensei que não chegaria nunca!

— O que está fazendo aqui? Porque não me disse que estava vindo, Lô? – Minha pergunta fica sem resposta até que estejamos alocados dentro do meu apartamento, e minha ex-namorada tenha vistoriado todo o local, sem fazer a menor questão de deixar claro a quão desapontada ela estava com a simplicidade do local.

— Eu vim te ver, meu amor. Precisava disso. Sei que mencionou no telefone que já estávamos conversados, mas não é verdade, não estamos.

— Lorraine... – interrompo seu discurso apaixonado, mas que parece um tanto quanto ensaiado no momento – quando eu disse que estávamos conversados, eu falei sério. Muito sério.

— Você precisa me ouvir, João Pedro. Acho que me deve isso, ao menos, não? Depois de dois anos, é o mínimo...

Aceno, concordando, e aponto o sofá da sala, vendo quando ela se afasta em sua direção, olhando ao redor, analisando o pequeno local. Não precisei, no entanto, pedir para ela começar o que tinha a me dizer. Esse era um tipo de pedido que nunca era necessário fazer a Lorraine.

— João, sempre achei que éramos bons juntos. Mesmo com a sua completa falta de ambição, eu sempre achei que combinávamos. Foi realmente uma surpresa quando disse que iria desistir de nós e vir para esse fim de mundo.

— Foi uma surpresa mesmo? – Não consigo suprimir um sorriso cínico,

porque não acredito mesmo que ela pense dessa forma. – A nossa relação sempre foi fria, Lorraine. Surpreendente foi durar dois anos, você sabe disso.

Antes mesmo que ela conseguisse contra argumentar eu continuo erguendo a mão interrompendo qualquer coisa que ela tinha começado a dizer.

— Você sequer tinha paciência comigo, Lorraine. Achava que eu era simples demais para os seus sonhos megalomaniacos, achava que poderia me mudar conforme o tempo fosse passando, que eu poderia ser um grande nome na medicina Canadense, mas... nunca foram meus planos. Eu nunca fui o que você sonhou então, não consigo entender o que te fez sair do seu país e vir aqui só para ouvir o que eu já tinha lhe dito por telefone.

— AMOR, Jotapê! Foi amor que me fez vir até aqui. Você pode duvidar, mas eu sempre gostei de você. Sempre achei que encontraríamos nosso lugar comum no mundo, onde nossas diferenças não pesariam tanto.

Lorraine falando de amor chega a ser engraçado, porque nunca fomos de arroubos de paixão. O nosso namoro começou muito por acaso, nos conhecemos em uma boate, na noite que um de meus amigos estava comemorando o seu aniversário. Muito bonita, muito sensual, acabamos no apartamento dela e uma semana depois já estava sendo apresentado como seu namorado. Fiquei por um bom tempo sendo alvo de gozações de meus amigos por não ter sido capaz de pedi-la em namoro. E, diferente do que aparenta, o relacionamento carecia de intensidade. Era calmo, tranquilo, por muitas vezes monótono. Eu tinha uma rotina pesada no trabalho, e ela continuava passeando por seus círculos sociais, quando muito nos víamos nos finais de semana – que eu não estava em plantão.

Então, se me disser que estou sendo insensível, desculpe. “Eu te amo” nunca foi dito nessa relação por nenhum dos dois, e se amor existia, não devia ser o suficiente para ser notado, infelizmente. E agora, com a confusão que minha cabeça se encontra no momento pensando em Isadora, não existiria espaço para sentimentos envolvendo qualquer outra mulher, principalmente alguém que foi tão morna em minha vida.

— Eu não quero ser escroto contigo, Lorraine, mas... não vai rolar.

Apesar de tudo, me chateia ver como ela fica com minha negativa. Os olhos marejados, o queixo tremendo, a decepção latente. Ela esteve o tempo todo parada em pé no meio da sala e, assim que notou a determinação em minha voz, deixou o corpo cair, sentado, no pequeno sofá. E, honestamente, eu sou péssimo para essas coisas. Pode parecer clichê, daqueles bem ridículos, mas é real: não posso ver mulher chorar. Não sei como lidar, não sei o que fazer. O meu instinto básico é me aproximar e consolar a menina.

— Não chora, vai... – sento ao seu lado, passando os braços por volta de seu ombro, trazendo-a para um abraço e logo ela está fungando, com o rosto

afundado em meu peito. E assim ela fica por um tempo, até o choro cessar. Rapidamente ela se levanta, perguntando onde fica o banheiro, e sai, sem sequer me olhar.

Quando ela retorna, já está bem reposta, nem parecendo que tinha chorado. Não sou muito expert nisso, no entanto o que eu posso dizer é que ninguém diria que ela chorou.

— João... eu não quero causar nenhum problema. Vou voltar para o Canadá, mas preciso trocar a minha passagem.

— Você veio com sua passagem de volta comprada? – Estranho.

— Claro. Como eu disse, eu vim pensando em me acertar com você, mas assim como você tem sua vida aqui, eu tenho a minha lá. Só não queria que ficássemos em suspenso, mas agora já entendi. Só preciso adiantar a passagem, estava marcada para o próximo sábado.

Vocês possuem algum tipo de filtro, um controle de temperamento, qualquer dispositivo que filtre as coisas que pensam e não precisam dizer, para que não digam mesmo assim? Porque eu não sei se tenho, e se tiver, deve andar quebrado. Nem bem eu ouvi isso, já pensei que seria muito injusto a menina sair correndo do país só porque eu não quis voltar com nosso relacionamento, e sugeri que ela permanecesse por um tempo. E quando ela me disse que não gostaria de gastar com hotel eu ofereci o meu apartamento.

— Tem certeza que não vou incomodar, João?

Certeza, certeza, eu não tinha. Mas o que não tem remédio, remediado está, já diria aquele velho ditado popular.

— Está tudo bem, mesmo. O apartamento é pequeno, mas tem dois quartos, eu vou arrumar o de hóspedes e você fica por lá. Mas, Lorraine... entenda que seremos amigos, e nada além disso, tudo bem?

Vejo quando ela apenas acena com a cabeça, concordando, e volta a olhar para algum ponto do lado de fora da janela.

Um conhecido comichão interno me diz que não foi lá uma boa idéia ter feito o convite. Só espero estar enganado a esse respeito.



14. O Pesadelo Retorna

Isadora

Já havia um tempo que isso não acontecia. Por volta de um ano, talvez? Eu tinha aprendido a me controlar, desde o andar até os olhares, tudo era muito contido exatamente para evitar esse tipo de situação. Se eu parecesse conformada, se eu andasse na linha, eu não seria castigada. Sempre funcionou exatamente dessa forma, mas eu falhei. Me distrai, perdi o rumo. Não poderia, mas aconteceu.

Assim que abri a porta de casa e ouvi a voz de meu pai dizendo que estava me esperando, no entanto, eu já sabia o que iria acontecer. O meu pai não era uma pessoa muito tolerante quanto a erros, e independente do que fosse, eu sabia que tinha cometido alguns e não conseguiria disfarçar. O baile de carnaval, o caso com João Pedro, o *descaso* com Hugo, a saída antecipada do coquetel, a escapadinha depois da faculdade. Muitos erros que eu não poderia ter cometido.

— Pa-pai...

— Eu pensei que algumas coisas já estavam bem claras nessa casa, Isadora. Bem... delineadas há, no mínimo, cinco anos.

Vi quando ele se aproximava, mas não conseguia erguer o olhar. Não conseguia encará-lo porque isso sempre me paralisava. A frieza com que ele me tratava.

Eu não sei o porquê. Nunca procurei saber, até porque eu nunca teria resposta para isso, de qualquer forma. Eu sabia que ele nunca me tratara com a delicadeza que um pai trataria uma filha mulher, mas eu só tive noção disso quando passei a observar como as meninas do colégio eram tratadas por seus pais. Com carinho, afeto... por vezes até com uma certa devoção. Mas comigo as coisas eram diferentes. A princípio era a frieza, quase um desprezo doloroso.

Depois, as críticas veladas, que logo se amplificaram para críticas públicas. Duras e impiedosas. Os gritos, quando algo não saía conforme o previsto. Até que, aos treze anos, eu levei a primeira surra.

Foi algo que, na época, eu não esperava. Já estava acostumada aos bofetões que minha mãe distribuía, mas nada me preparou para ser pega pelos cabelos e levar tantas cintadas pelo corpo a ponto de ficar marcada por semanas.

O motivo? Sequer me recordo.

Eu era uma menina. Obediente. Respeitosa. Tentava ser carinhosa, e o era quando tinha espaço para isso. Eu provavelmente devia fazer algo errado, ter algo errado em mim, que justificasse, mas nunca me era explicado. E, o que era, não fazia sentido. “Não fazer o que eu digo, ” isso lá é explicação?

Já tive um braço quebrado, que acabou sendo culpa de uma bicicleta que sequer tenho por não saber andar. Já tive um dente quebrado, porque “sou estabanada e não consigo andar sem tropeçar”. Já precisei levar pontos na testa, um corte tão teimoso quanto eu se recusava a parar de sangrar, culpa de uma porta entreaberta que não vi quando passei correndo. Bom, isso foi verdade, o que ninguém explicou à enfermeira foi *porque* eu corria.

Mas o pior é o que é dito durante, e isso é o que me paralisa. Sempre.

Não precisa ter medo de morrer, eu nunca vou te matar. Vou quebrar suas pernas até gesso algum conseguir consertar. Não faça o que eu mando que você ficará tão desfigurada que ninguém vai te reconhecer. Fuja, e eu repito isso tudo em sua mãe.

Olhando para um sujeito tão distinto como meu pai, ficamos na dúvida se ele realmente chegaria tão longe. Se ele fala isso somente para assustar e ter um cordeirinho obediente sob o seu jugo. Talvez seja, mas acha que eu pagaria *para* ver? Absolutamente não.

Ele manda, e eu obedeço.

Depois das surras, vem um período de quietude. Talvez analisando se eu realmente “aprendi a lição, ” que dura por alguns meses até eu me sentir confortável o suficiente para cometer um ato falho. Qualquer ato falho. Como os que cometi na última semana.

— Mas pelo visto, você não deve ter compreendido muito bem – ele continua, dessa vez parado bem na minha frente, e posso ver a sombra do seu pesado cinto de couro já em sua mão – já que uma das regras que lhe permitiram cursar aquela maldita universidade era vir direto para casa e qual não foi a minha surpresa hoje ao saber que você estava saindo acompanhada de lá?

Aperto os olhos, com força, esperando a primeira cintada. É um movimento involuntário, eu sempre tenciono no aguardo, os braços esticados ao longo do corpo, as mãos fechadas ajudando no processo. E sempre fecho os

olhos para não ver sua expressão, porque é essa que me causa mais dor, ainda mais do que as surras. Mas a cintada nunca vem conforme eu espero, porque o sadismo de meu pai prefere me pegar de surpresa, todas as vezes. E todas as vezes eu me esqueço disso, todas as vezes eu me faço relaxar, achando que essa seria a vez em que eu não apanharia.

— Quem era o rapaz que te acompanhava, Isadora?

O tom de voz era claro, ele não permitiria que eu mentisse. Mas eu já estava em um impasse, não escaparia do castigo, de uma forma ou de outra. E estava cansada. Exausta, física e mentalmente, dessa vida onde, para não ser castigada, eu deveria ser a mais submissa possível. Procurei pela minha rebeldia interna, aquela mesma que usei para ir ao baile de Carnaval e, pela primeira vez por vontade própria, me calei. Se ele não fora informado quem seria o meu acompanhante, não seria eu a delatar o meu belo Arlequim.

— RESPONDA! – A ordem veio acompanhada de uma fígada, quando a ponta do cinto de couro bateu em minha coxa. Apesar de estar vestindo jeans, sei que o material do cinto, acompanhado da força que ele utilizava, deixaria marcas. Sempre deixa.

— Alberto! – A voz de minha mãe soa alerta, logo atrás de nós, e eu penso que, finalmente, ela irá interceder a meu favor. Mas me lembrem, mais tarde um pouco, de nunca esperar nada compreensivo e que me favoreça quando o assunto é dona Rita, por favor? – Tome cuidado, não vá acertar o rosto dela e deixar marcado. Sabe-se lá a força que você vai usar, Hugo pode se irritar...

Sua voz foi baixando o tom conforme ela terminava a frase, e eu bem sei o porquê. O mesmo olhar duro que ele dedicava a mim se estendia a ela, e eu acredito que minha mãe tenha sido muito mais rápida ao aprender as lições que meu pai tem a ensinar. Em vinte anos eu nunca presenciei nenhum ato de violência dele contra ela, mas eu imagino que eles existiram. Isso deve ter forjado minha mãe, certamente.

As aparências podem ser muito mais enganosas do que pensamos.

Doutor Alberto perguntou mais uma vez. E outra. E mais outra. Em todas as vezes ele queria saber quem era o rapaz que havia me acompanhado na saída da universidade, e em todas as vezes eu me calei. E em todas as vezes, a pergunta veio acompanhada de um golpe certo. Eu geralmente implorava quando ele me batia. Pedia perdão, seja lá qual fosse o erro que ele pensava que eu tivesse cometido. Fazia qualquer coisa para que essa tortura terminasse e ele, simplesmente, me deixasse em paz.

Mas hoje foi diferente. Hoje todo o sentimento enclausurado em meu peito, de tudo o que eu queria ter e não tive, explodiu em forma de revolta silenciosa. Eu só conseguia me lembrar de tudo o que eu sempre quisera nessa

vida e que tinha me sido negado. Amigos de minha escolha. Roupas do meu gosto. Diversões para minha idade. Minha profissão. Meu futuro marido. Decidi fazer o meu primeiro ato de rebeldia.

Bem, teoricamente o segundo. O primeiro havia sido fugir para aquele baile de Carnaval, mas não é totalmente rebelde se ninguém presencia, correto?

Eu imagino que esse meu ato me trará mais dor de cabeça do que benefícios, mas acaba sendo mais forte do que eu. Ele pergunta, eu calo. Ele me bate, e eu sequer me permito chorar. Não hoje. E isso o irrita, posso ver, porque em determinado minuto ele não perguntava mais.

Tudo ardia, eu desabei no tapete, apenas protegendo o rosto, com medo de ter o olho atingido, mas me mantive calada. Buscando dentro de mim – e naquele par de olhos verdes – uma força que eu achava não ter. Não queria fraquejar, não *podia* fraquejar.

Quando ele se cansou, sentou-se no sofá em frente a mim, ofegante e desalinado, mas os olhos faiscavam. Talvez essa tenha sido a primeira vez que vi fogo ao invés de gelo nos olhos de meu pai.

— Você vai subir para o seu quarto, e ficará lá até eu autorizar você a sair. – Vejo quando ele pega minha bolsa e abre, sem nenhuma cerimônia, retirando carteira e celular de dentro – Sem celular, sem internet, sem dinheiro. E sem universidade. Eu não sei com quem você anda conversando, mas de forma alguma eu verei anos de minha dedicação serem jogados no lixo por conta de sua irresponsabilidade.

Busco minha mãe com o olhar, é sempre assim. Eu sempre procuro seu apoio e nunca encontro, ela está sempre impassível, um pilar de gelo aceitando tudo o que ele diz, sempre. Nunca havia entendido o porquê, mas a minha rebeldia talvez tenha sido tão grande que dessa vez acabou respingando nela, clareando o meu entendimento de vez.

Quando ele se levanta e segue em sua direção, posso ver sua postura rígida vacilar. Eu reconheço aquele brilho no olhar, é medo.

— E você, dona Rita, faça direito o seu trabalho. A sua única obrigação nessa casa é tomar conta de sua filha e nem para isso você presta.

O tapa que ela levou doeu em mim, e vi quando um filete de sangue escorreu pelo canto de seus lábios. Quando ela se ergueu e me olhou, eu tive vontade de pedir-lhe desculpas, mas o seu olhar me culpava tanto que preferi não o fazer.

— Amanhã eu vou chamar o seu noivo aqui, e vamos adiantar essa cerimônia, Isadora. – Meu pai diz com sua costumeira voz gelada, já reposto do trabalho que lhe dei, e me olha de cima abaixo antes de completar – Espero que você se ponha apresentável para recebê-lo.

Subo as escadas, com minha mãe em meu encalço, sabendo que dessa vez eu devo estar bem machucada. As pernas ardem, assim como os braços e as costas. Mas assim como fora pedido, o rosto ficou intacto e, dessa vez, os cabelos também. Da última vez ele chegou a arrancar um belo chumaço de tanto que puxava, o que causou um certo trabalho para disfarçar.

Fico imaginando o que Hugo dirá ao vir aqui amanhã, já que será impossível cobrir todas as marcas dessa vez. Das outras vezes meus pais sempre inventavam uma viagem que eu teria feito com minha mãe, mas dessa vez não acho que essa desculpa será utilizada, no final das contas.

— Você sabe que tudo isso seria evitado se não tivesse desobedecido, não sabe, Isadora? – Dona Rita solta assim que fecha a porta atrás dela – Tantos anos lhe ensinando como se comportar, e agora isso?

Queria sentir raiva. É melhor do que mágoa, ao menos é o que dizem. A raiva chega, causa estrago, mas passa. A mágoa fica aqui, criando raiz, corroendo tudo como se fosse um bichinho. Posso sentir sua voz trêmula, nervosa e assustada, sabendo que enfrentar meu pai não é uma boa coisa. Mas o bichinho da mágoa não consegue me fazer calar.

— Mãe, por que permite? – Busco seu olhar, tentando entender – Por que o deixa agir assim conosco? Nunca falou nada, por quê?

Ela vacila, posso ver. Seu olhar mareja por um instante, mas tão rápido quanto veio, a reação vai embora e ela já está recomposta.

— Porque é o correto, ele é o homem da casa, o provedor, ele quem tem que educar sua família de acordo com o que acha correto.

— Ele fazia isso com a senhora, não? Quando se casaram, ainda era uma menina... foi assim que ele a convenceu de que sua palavra é lei?

Minha mãe estava de costas, olhando em meu armário talvez alguma peça de roupa para eu vestir quando tivesse coragem de me trocar, e em um rompante ela joga o vestido que segurava no chão e se vira, o dedo em riste.

— Chega desse assunto, Isadora. Não bastou? O que ele lhe fez, não bastou? Quer mais? Não dói o suficiente?

Devo ter sido picada pelo mosquito da afronta no caminho entre a faculdade e minha casa. A voz de Jotapê me dizendo que eu era corajosa, e que eu deveria deixar a Colombina me dominar acabou por me possuir.

— Sabe que dói muito mais quando você é indiferente, mamãe? Sabe que machuca bem mais quando me tratam como se eu fosse uma boneca sem vida e sem vontade? Sabe o que me doeu hoje? Não foram as cintadas. Foi ter a noção de que a vida que eu tive por sete anos a senhora teve por trinta.

— Pare com isso, Isadora...

— E para que isso tudo, me diga? Por uma casa bonita? Para ser bem

falada na sociedade? Passar por uma dama importante enquanto está toda marcada por baixo das roupas?

Minha mãe tentava me interromper, mas as palavras iam apenas saindo. A revolta por todos os anos criando voz dentro de mim e saltando garganta afora, sem controle. Até que sou calada por um tapa.

— Chega, Isadora, chega! Quer que seu pai venha até aqui e te cale de outra forma? O que deu em você?

— Cansaço, minha mãe. Me deu cansaço.

Vejo quando ela sai do quarto, exasperada, sem saber como lidar com essa *nova* Isadora que surgiu entre uma cintada e outra que nem eu mesma sei como lidar. Olho para minhas mãos, trêmulas e com alguns vergões, resultado da surra de agora a pouco, e me levanto, passando a chave na porta. Se estarei de castigo, ao menos estarei sozinha.

Me sento na cama e passo a retirar a roupa e, como esperava, estou toda marcada. As pernas, os braços, a lateral do meu tronco... cheio de vergões que ficarão ardendo por uns dias, e visíveis por mais outros.

Sei que a adrenalina vai baixar, que a euforia vai passar, e eu vou voltar a ser a menina medrosa de antes, aceitando tudo o que me é imposto temendo ser castigada de forma ainda mais dura. Temendo as consequências de minhas atitudes. Sei disso. Mas enquanto ainda tenho coragem – e sinal de wi-fi – eu simplesmente ligo o meu notebook e início uma chamada de vídeo. Preciso falar com Alice.

— Olá... – seu sorriso toma toda a tela, mas logo morre quando nota o meu estado – Isadora, o que aconteceu?

— Escuta... te chamei agora enquanto ainda consigo. Não sei se vamos conseguir nos falar nos próximos dias.

— Me fala o que aconteceu, *tô* preocupada.

Eu ainda não tinha chorado. A torneirinha estava fechada, mas você já reparou quando acontece alguma coisa e você está segurando o choro, basta alguém perguntar e pronto... a coisa desaba. Bem, comigo, ao menos, sempre foi assim.

— Sai com Jotapê hoje, depois da faculdade. – Conteí, depois de me acalmar um pouco, e posso ver a surpresa em seu rosto – Não aconteceu nada. Ele ia me levar para almoçar, mas eu fiquei com medo e pedi que me trouxesse de volta.

— Ele te fez alguma coisa? – Balanço a cabeça com veemência, negando.

— Nunca faria. Quer dizer, eu não o conheço direito, mas ele não parece ser do tipo violento. Foi... foi o meu pai.

— Seu pai te bateu? — Alice ergue a voz, nervosa com a situação, e eu me viro em direção à porta porque, se alguém ouvir que estou conectada à internet, tudo se acaba.

— Ele sempre me bateu. Por que acha que eu sempre fiz tudo o que ele quis? Estou de castigo, Alice. Pelo que ouvi hoje, não volto mais à universidade, assim como telefone celular está proibido.

— Ele não pode fazer isso, Isa! Deve ter alguma lei que o impeça...

— Deve ter, mas não tenho tempo para isso agora, não vou conseguir sair, não hoje.

— Fale para o seu Arlequim, Isadora. Conte a ele... quer que eu conte?

Não entendo muito bem o que ela quer dizer com isso, e minha expressão deve ter deixado isso bem claro, porque ela passa a explicar em seguida que o viu na loja de um amigo, falando a meu respeito.

A idéia, claro, é tentadora, mas não posso me deixar levar por isso. O rapaz é primo de Hugo, como eu posso pedir a ele que se intrometa nessa história toda? Não poderia.

Causar uma confusão desse tamanho na família, ainda mais sabendo que ele é sozinho... não, eu não posso.

— Esqueça isso, Alice. Eu só te chamei porque não queria que ficasse preocupada caso eu, sei lá, sumisse.

Não tenho muito tempo para me despedir, no entanto, o sinal da chamada cai e vejo que fiquei sem acesso à internet. Era o esperado, ao menos eu consegui falar com ela antes. Fecho a tampa do notebook e sigo para o chuveiro, tenho um longo dia até Hugo aparecer aqui e eu, quem sabe, ter a minha vida resolvida de uma vez.

Tomara.



15. Menina Fabricada

Isadora

Um toque gentil em minha perna me faz despertar e, quando abro os olhos, posso ver minha mãe parada ao lado de minha cama, segurando uma pequena bandeja nas mãos. Estranho, porque isso é algo que em vinte anos nunca a vi fazer. Nem mesmo quando eu ficava doente tinha permissão de comer no quarto, logo é uma baita novidade.

— Aconteceu alguma coisa? – Pergunto, já me sentando, não sem antes sentir a ardência dos machucados pelo atrito da pele com o lençol.

Minha cabeça está pesada, e um gosto metálico na boca me faz sentir um certo enjoo. O dia já clareou e eu mal me lembro de ter dormido, aliás sequer me lembro de ter voltado para o quarto ontem após o jantar.

— Hugo está lá em baixo. Trouxe um lanche, coma isso e depois se arrume. – Ela passa os olhos por meus braços, cheio de vergões vermelhos e faz uma expressão de desgosto. Pela primeira vez eu vejo minha mãe reagir negativamente a qualquer coisa que meu pai faça comigo. – Tente usar uma blusa que cubra essas marcas, tudo bem?

Acompanho seu movimento deixando o quarto, passos vacilantes, parecendo mancar. Forço minha memória a lembrar se ouvi algum barulho diferente ontem à noite, mas eu simplesmente apaguei depois do jantar.

Hugo está aqui e, ridiculamente, me sinto bem. Queria ser autossuficiente o bastante para não precisar de um herói, mas não vejo solução a curto prazo para mim. Decido, no entanto, experimentar um pouco mais de minha rebeldia e não visto uma roupa que cubra minhas marcas. Não, hoje elas estarão à mostra, para que meu noivo esteja ciente de qual acordo ele está fazendo parte.

Desço as escadas depois de vestir uma bata soltinha combinada com um

short curto de sarja que havia ganho de presente de Alice (e nunca usado antes) e posso ver Hugo sentado no sofá ao lado de meus pais. Dona Rita é a primeira a me notar entrando na sala e sua expressão ao ver minha escolha de roupas é do mais puro horror. Mas não é sua expressão que eu procuro e sim a dele, a de Hugo, meu salvador.

— Isad... — as palavras morrem assim que seus olhos descem por meu corpo. A bata de alças finas e decote sinuoso deixa à mostra um bom pedaço de pele onde qualquer cego enxergaria as marcas. As pernas também estão castigadas, o tecido jeans não foi o bastante para impedir que me machucasse — Mas que diabos aconteceu aqui?

A pergunta é feita diretamente a meu pai, e ele parece tão chocado que não se mexe ao fazê-lo.

— Isadora ainda é minha filha, Hugo. Creio que já conversamos sobre isso, mais de uma vez. Enquanto ela viver sob o meu teto, eu a disciplino da forma como achar melhor.

— E o que ela fez dessa vez para merecer... tamanha surra?

A forma mais rápida de se decepcionar é confiar plenamente em alguém que nunca lhe dera motivos para isso. Na minha cabeça eu imaginava que Hugo discutiria com meu pai. Que me defenderia a ponto de me mandar arrumar as malas e partiria dali comigo à tiracolo, dizendo que em sua mulher ninguém encostaria o dedo. Me daria, inclusive, a chance de escolher se gostaria ou não de manter esse noivado, visto agora que é clara a forma como o “acordo” é mantida.

Mas Hugo é tão fraco quanto eu. E ele sabia, o tempo todo, do tipo de tratamento que eu recebia aqui. Talvez por isso minha mãe tenha dito ontem a meu pai para que poupasse meu rosto. Foi estarrecedor ver que, por toda sua estadia, nenhuma vez sequer ele foi capaz de enfrentar meu pai. Ou recriminar com mais veemência a surra que levei. Pelo contrário, chegou a meio que dar razão a ele, afinal de contas eu era noiva, não cabia muito bem sair acompanhada de um rapaz, principalmente se eu me negava a dizer quem ele seria.

A insistência foi tanta que eu quase disse. Mas, depois de tudo, imaginei que meu belo Arlequim também poderia agir dessa forma. Eu já o tinha como um tipo de super-herói e seria demais me decepcionar com ele também. Não suportaria saber que ele achava correta a forma como meu pai nos tratava.

— Está ouvindo, Isadora? — A voz vacilante de Hugo me traz de volta, mostrando que divaguei pela milésima vez. Apenas firmo meu olhar e balanço a cabeça, negando. — Combinamos que nossas mães irão dar início aos preparativos para o casamento. Temos pouco mais de três meses, mas dará tudo certo.

— Três meses?

— Sua mãe acredita que aproveitar as férias de julho seria o melhor, assim não disputaremos com as festividades de fim de ano se tivermos que esperar o seu aniversário. E como você não voltará para a universidade por enquanto, não há necessidade de esperar por sua formatura.

Não consigo esboçar nenhuma reação no final das contas. Não depois de notar que ele não iria enfrentar o meu pai, não por minha causa. Já tenho convicção que não sou uma pessoa cujos outros enfrentariam monstros a meu favor. Fico sentada, ouvindo os acertos finais entre eles, e imaginando porque diabos eu nunca coloquei uns quinze pares de chifres na cabeça desse imbecil. Me perco em xingamentos mentais até que dona Rita me pede para acompanhá-lo até a saída.

E se é para morrer, eu vou morrer tentando.

— Hugo... você por acaso prestou atenção em qualquer coisa que viu nessa casa hoje? – Ouço quando ele arranha a garganta, num claro aviso de que estou indo por um caminho que não deveria, mas não me importo – Essa sua expressão de almoço de Domingo não está combinando muito bem com o ambiente.

— O que gostaria que eu prestasse atenção, Isadora? Em sua pele toda marcada da surra que você levou por ter saído sabe-se lá com quem? Quem era ele, Isadora?

— Seria um bom começo. – Ignoro a pergunta – Você acha isso normal? Sabia que eu sempre aceitei tudo o que me foi proposto nessa vida porque, caso contrário, era dessa forma que ele me trataria?

— Claro que eu sabia, ou você acha que eu engolia essa história furada de viagem? – Suspiro fundo, em um misto de irritação e tristeza – O importante é que isso está acabando, Isadora. Logo estaremos casados, e você não precisará mais ficar com medo de apanhar do seu pai. Eu te garanto isso.

— Fico me perguntando do que eu terei que ter medo, quando nos casarmos.

— Isadora! – Hugo me olha como se eu fosse alguma louca furiosa, e isso porque eu sequer aumentei meu tom de voz, como tenho vontade de fazer – Eu não admito que você sugira isso. Nunca, em momento algum, eu lhe dei motivos para pensar que eu fosse um homem violento, muito pelo contrário!

— Você me ama? – Atropelo seu raciocínio, não deixando que continue com seus delírios. Não é possível que um rapaz como ele – bem-apegoado, de boa família, simpático, novo e com tudo para ser bem-sucedido – possa se contentar com um relacionamento arranjado na adolescência.

— O seu comportamento recente me deixa mais confuso a cada dia. O

que realmente está acontecendo?

— Eu não sei quem eu sou, Hugo! Essa menina que você conhece há anos foi tão fabricada que me é também uma estranha.

A sua confusão é nítida, mas não maior que a minha pressa. Pressa de me explicar, de fazê-lo entender, antes que as coisas saiam do controle, antes que eu tenha que voltar para o meu quarto, antes... que tudo finalmente se acabe.

— Não é. Você só está confusa por causa da briga com o seu pai e...

— Hugo, olha para mim! – Abro os braços na frente dele, como se ele não pudesse me ver. Implorando para que pudesse me enxergar de uma vez por todas – Eu não sou a moça que deram a você como garantia a essa sociedade. Tudo o que eu fiz até hoje foi por medo. E eu não quero mais ter medo. Não quero mais...

As lágrimas que eu tanto tentei conter rompem barreira e correm livremente, e Hugo se aproxima, me abraçando. Dói, mas é reconfortante. Sinto sua mão passar em um carinho por toda a extensão do meu cabelo, e quando ele deixa um beijo no topo de minha cabeça.

— Não chora mais. Você só está confusa, mas isso logo passa. Em breve estaremos casados, e essa tortura vai ter fim. Vai poder voltar para a universidade, se tornar uma grande decoradora, e ser um exemplo de elegância e dedicação. Seremos grandes juntos, minha querida.

Me afasto, desvencilhando de seu abraço, e o vejo endurecer a expressão ao me olhar. Estava pronta para argumentar, afinal de contas eu não poderia sair de uma vida onde tudo me era decidido e cair em outra exatamente da mesma forma. Parecia que, de uma hora para outra, o bichinho do inconformismo havia me picado e nada que eu tinha era bom o bastante, e eu não poderia mais me calar a esse respeito.

— Não me olhe assim. Sabe que não há nada que possa ser feito quanto a esse casamento. Da mesma forma como você não tem coragem de romper o acordo, não serei eu a fazê-lo. Pare de se lamentar, Isadora, eu vou lhe dar uma vida muito melhor do que a que você tem hoje. Minha mãe nunca trabalhou fora e nem por isso é infeliz, estou te dando a opção de seguir sua carreira. Não seja ingrata!

Copo meio cheio.

Por que eu tinha que me contentar com um copo pela metade? Subitamente isso tudo parecia tão pouco, mas ninguém parecia se importar com isso.

Você tem uma boa vida, Isadora.

Você tem um bom noivo, Isadora.

Você tem privilégios, Isadora.

Quantas pessoas gostariam de ter o que você tem, Isadora?

Eu não gostaria de estar aqui, nesse momento, fazendo o papel da pobre menina rica. Odeio isso. Mas no momento não estou gostando muito de várias coisas, então, me desculpem por isso. A sensação de ter muita coisa e ao mesmo tempo não ter nada pode ser sufocante. O que adianta ter tudo isso e não conseguir vislumbrar saída? Eu me sinto como um bibelô dentro de uma caixa de cristal, feita somente para adornar, onde o manipulador da vez me posiciona na prateleira que mais lhe agrada e ali eu fico. Sempre brilhante. Sempre impecável. Sempre linda. Sempre solitária e sem nenhuma vontade própria.

Acompanho quando Hugo entra em seu carro, e fico estática na frente de casa. Novamente a voz de João Pedro me dizendo que eu era corajosa, e que eu deveria enfrentar os meus medos, que esperava me ver livre das amarras. Ergo meus braços, visualizando cada uma das marcas, pensando o quão pior elas ficariam se eu levasse adiante os meus sentimentos.

— Isadora! – Ouço a voz sussurrada atrás de mim, e quando me viro dou de cara com Alice, que me olha horrorizada. – O que fizeram com você?

— Não posso te explicar agora – me viro, olhando ao redor, procurando saber se ninguém estava nos olhando – o que faz aqui, Alice?

— Olha só, Isa, deixa eu te explicar uma coisa... primeiro, você já é maior de idade. Às vezes eu penso que você se esquece disso, e acha que ainda está presa nos seus quinze anos. Mas você tem vinte anos, e tem muita mulher por aí que se vira tendo a sua idade. Então, minha amiga, você não precisa passar por nada do que seja lá esteja passando. Por mais que você me explique, nunca se aprofunda e eu não consigo entender seu comportamento!

Sua voz é baixa, provavelmente para que ninguém nos ouça, mas ela gritaria se fosse preciso, posso sentir isso. Não estranho ela me recriminar, talvez se eu estivesse vendo tudo pelo lado de fora eu também recriminaria. Só não é fácil...

— Segundo, existem delegacias específicas. Se você aparecer assim toda moída de pancada, a lei fica do teu lado.

— Está maluca, Alice? Ele é meu pai! – A idéia de denunciar meu pai parece absurda, e eu não sei se um dia eu seria capaz de fazer isso.

— Ele é seu pai e você é filha dele. Olha, Isadora, eu não falei nada para os meus pais a esse respeito porque eu acho que você é grandinha e pode tomar essa decisão por si só. Mas se passar os dias e eu ver que você não tomou nenhuma providência, me desculpe, mas eu vou contar. E você conhece a minha mãe, sabe que ela nunca deixará esse tipo de situação impune.

Arregalo os olhos, preocupada, e balanço a cabeça, querendo negar, mas ela continua falando.

— Eu não vou viver em paz comigo mesma se algo mais grave te acontecer, e eu sabendo disso antes não tomei nenhuma providência. Eu canso de ver notícias de mulheres que foram agredidas por *anos*, Isadora, e cujos amigos e parentes sempre fizeram vistas grossas. Não vou ser esse tipo de pessoa.

— Alice, por favor... não é assim. — Um arrepio me toma, lembrando de uma das surras que levei, onde quase cai da escada, não fosse ele me puxar pelo cabelo trazendo de volta. Talvez eu tenha demonstrado alguma coisa porque rapidamente ela me abraça, tão apertado que meus machucados todos ardem, mas no momento eu precisava mesmo de um desses.

Será? Ele seria capaz?

Meu coração afunda no peito ao concluir que, sim... ele seria capaz. E talvez não tenha feito nada tão grave ainda porque precisa de mim. Sou a sua garantia naquela maldita sociedade.

— Pensa no que eu te falei. Minha casa está aberta, se você precisar, a qualquer hora do dia ou da noite. E, antes que eu me esqueça, aqui... pega — ela me estica um papel dobrado, que guardo rapidamente no bolso — esse é o endereço do seu Arlequim.

— Onde você conseguiu isso?

— Então, sobre isso... eu te conto tudo depois. Eu conheci um amigo dele que foi bem agradável..., mas depois eu te conto. Agora você guarda isso, e assim que possível corre até a casa dele. Eu iria mas acho melhor que você mesma vá, porque quando ele te ver toda machucada assim, certamente vai te ajudar.



Sair escondida não foi fácil. Mas, por sorte, minha mãe precisou ir até a universidade — segundo ela, trancar a minha matrícula — e meu pai estava na clínica. Junto com o endereço, Alice tinha deixado algum dinheiro, o que me garantia o táxi de ida e volta.

Eu estava uma pilha de nervos. Não sabia exatamente o que falar a ele, mas o conselho de minha amiga continuava pipocando em minha cabeça, juntamente com as imagens de minha mãe mal conseguindo andar hoje pela manhã. Claro que eu não sabia o quanto eu poderia confiar em João Pedro, mas era bem melhor do que ficar na dúvida.

Talvez ele agisse exatamente como Hugo. Ainda mais porque eu tinha acabado de lhe dizer que não me procurasse mais, seria a lógica. Mas não acho que ele seja assim, não mesmo.

O apartamento é simples e, como o portão de acesso está aberto, eu

sequer espero o porteiro me anunciar. Rapidamente passo pelo saguão e sigo para o elevador, que também está no térreo e eu passo a me achar muito sortuda. O endereço no papel marca segundo andar, e assim que eu aperto o botão, a porta se fecha e meu coração dispara automaticamente. Não consigo saber se ele disparou porque estou vindo procurar ajuda ou pelo simples fato de ser ele, o meu Arlequim, quem estou há minutos de ver.

Ao chegar no andar, olho os números localizados em cada porta e percebo, até com um certo divertimento, que o apartamento dele é o único que não tem tapete na entrada ou vasos de plantas ao lado da porta. Ainda sorrindo, toco a campainha e aguardo, o coração explodindo no peito ao ouvir passos do outro lado da porta.

Quando ela se abre, não é exatamente o que eu estava esperando. Uma loira espetacular, de olhos muito azuis e pose de modelo me olha curiosa do outro lado da porta, e eu preciso de uns segundos para me recuperar do choque, antes de falar qualquer coisa.

— Boa tarde. Desculpe. Estou procurando o João Pedro?

— *Joál Pedrow?* – A garota tem sotaque, é estrangeira, e talvez eu tenha batido na porta errada. Olho novamente para o endereço no papel e confiro, é o mesmo número de apartamento.

— Sim, Jotapê.

— Oh, *of course*^[9]. Claro. Jotapê. – Ela novamente me olha, mas dessa vez de uma forma mais detalhada, dos pés à cabeça – Quem é você?

— Sou Isadora. E você?

— Lorraine, his fiancée^[10]. Oh, desculpa. Sou sua noiva. Jotapê não está. Ela diz sorridente, como se não fosse nada demais, como se não estivesse partindo meu coração no processo. Uns minutos de atordoamento e me recomponho, respirando fundo, afinal de contas já estou acostumada a decepções, o que seria mais uma para o meu arsenal, certo?

— Muito prazer. Diga a ele que a noiva de seu primo Hugo esteve aqui.

Uso do meu mais composto sorriso e me despeço, virando as costas e agradecendo o elevador chegar rápido quando acessado. Me encosto na parede lateral, as pernas trêmulas não estão muito confiáveis no momento.

Ao sair, temia que o porteiro viesse me interpelar, perguntando o que eu estaria fazendo ali e como teria subido sem autorização, mas não foi isso o que aconteceu. Ele mal notou a minha presença. O táxi também não demora, outro benefício da minha sorte. Aliás ando tendo bastante *sorte*, já reparou nisso?

Noivo.

Não entendo por que estou tão desapontada. Eu também sou noiva e me peguei beijando-o mais de uma vez. Eu também não o disse logo de primeira e

não diria logo de segunda ou em posição nenhuma da fila, porque eu não queria mesmo que ele soubesse. Na verdade, eu não tinha a menor intenção de encontrá-lo outra vez.

Mas eu pensei que ele fosse diferente. Ao menos o seu discurso, ontem, me fez pensar que ele seria diferente. E saber que não era é doloroso.

Ao menos agora eu sei que, se eu quiser mudar essa situação, tenho que fazê-lo sozinha.



16. Verdades Secretas

Jotapê

O último acorde do cover de *Demons*, do Imagine Dragons, soa e eu abaixo a guitarra, já sabendo que, mais uma vez, eu errei a minha parte. Essa é uma das músicas escolhidas para serem apresentadas no festival, e eu sei letra e acorde de trás para frente por ser uma de minhas canções favoritas, mas hoje, particularmente, nada está funcionando direito.

— Anda distraído, Golden Boy...

— Não enche o saco não, Digão. — Respondo de bate-pronto e me arrependo em seguida, afinal de contas eles não tem nada a ver com minhas merdas. Ergo a cabeça, olhando em sua direção e me desculpando, e ele acena.

— Que está pegando, Jotapê? — É a vez de Piu me perguntar, e eu não sei o quão disposto eu estou a me abrir novamente com eles sobre Isadora. Porque sei que vou receber toda a sorte de conselhos tortos e desde ontem venho pensando que o melhor que eu posso fazer por essa menina é me manter longe.

Abaixo a cabeça, enrolando os cabos elétricos da guitarra ao notar que nosso ensaio já havia terminado, enquanto penso em alguma desculpa furada para dar-lhe e evitar mais perguntas. Mas sequer tenho chance de inventar qualquer coisa, sinto o telefone vibrar no bolso e, quando olho para a tela, vejo o número pessoal de meu tio piscando.

— Alô, tio Vitor... tudo bem?

— João Pedro, boa tarde. Eu gostaria que você viesse até minha casa. Agora.

Estranho seu tom de voz imperativo, mesmo por trás de toda sua altivez ele nunca demonstrara frieza, não como essa, no entanto.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim, aconteceu. Preciso que venha imediatamente. Te aguardo o quanto antes.

Ele sequer me deixou responder se iria ou não, desligou o telefone me deixando confuso e preocupado. O que poderá ter acontecido de tão grave? Esfrego o rosto, realmente não tinha a menor vontade de aparecer em sua casa, tampouco dar de cara com meu primo. O fora que havia levado no dia anterior ainda estava batendo fundo, e apesar de não me achar nenhum animal, não tenho sangue de barata. Não ao ter certeza de que ele vai ficar me provocando, como aconteceu em sua casa no último Domingo.

Hugo ficou totalmente aborrecido quando soube da intenção de meu avô em me colocar à frente da nova clínica. Ainda que tudo tenha sido explicado – eu ser formado, ter disponibilidade e ter, de certa forma, ficado responsável por um pequeno consultório enquanto trabalhei em Toronto – ele não engoliu muito bem a novidade. E, por conta disso, o tempo inteiro ele ficava tentando minar a minha capacidade com observações sarcásticas.

— Problemas? – Guga se aproxima, está sempre preocupado. E isso porque sequer sabe que Lorraine está hospedada em minha casa, ou já estaria me dando sermão, parecendo um pai ou irmão mais velho.

— Meu tio quer me ver com urgência. E eu não estou no clima para isso.

— Mas aconteceu alguma coisa? Ele não te disse o porquê da urgência? – Nego, um movimento rápido de cabeça, enquanto coloco a guitarra de volta no case.

— Nem uma palavra. Acredito que não foi nada com meu avô ou ele teria me adiantado pelo telefone mesmo. Fico pensando que pode ser alguma reunião para, novamente, tentar me convencer a juntar-me ao corpo médico da clínica.

— Sabe que eu não consigo até agora entender sua resistência?

Eu gostaria demais de me abrir com ele. Por diversas vezes eu achei pesado carregar isso tudo aqui dentro. Solitário, inclusive. Tenho certeza de que ele me aconselharia, muito provavelmente pedindo que eu esqueça essa vingança e siga em frente, mas algumas coisas são pesadas demais, inclusive, para compartilhar.

Peço, no entanto, para que ele me acompanhe até a casa de meu tio. Não estou nem um pouco a fim de encontrar com Hugo, e só de pensar que ele estará presente já sinto meu estômago revirar. Se você me perguntar o que seria isso, eu diria que pode ser chamado de insanidade temporária, mas obviamente qualquer um saberia que tem um nome muito mais curto: ciúmes. Eu estou morrendo de ciúmes de Isadora com Hugo – e não sei se sou capaz de me conter sozinho, preciso de um pouco de juízo. No momento, personificado pelo meu amigo

Guga.

A cara de meu tio, ao abrir a porta e nos recepcionar, não poderia estar pior. Sem sequer me esticar a mão oferecendo um cumprimento, ele apenas abre a porta, me dando espaço para passar. Com o olhar, identifico as pessoas que se encontram na sala. Meu avô, minha tia Lucia, meu primo Hugo e... Lorraine.

— O que... – eu pergunto, olhando dela para meu tio, confuso com essa aproximação. Eu mal sabia que eles se conheciam.

— Curioso em saber o que a sua noiva faz aqui em minha casa? – Hugo se aproxima, com sua pose de reizinho do mundo, braços cruzados e peito inflado. Um alvo perfeito para um murro bem dado – Talvez seja a mesma curiosidade que eu tenho em saber o que a *minha* noiva foi fazer na sua?

Meus olhos continuam seguindo de um para o outro, sem entender nada, mas não deixo passar que meu amigo soltou um “puta merda” atrás de mim e saca o telefone imediatamente, ligando para alguém.

— Isadora esteve em minha casa? – Pergunto, aturdido, e é meu tio quem responde.

— Foi atendida por sua noiva. Por sorte eu resolvi te fazer uma visita, e ela acabou me contando sobre essa visita um tanto incomum. Aliás, me decepciona muito saber que você está mantendo contato com a noiva de seu primo por nossas costas.

— Onde está Isadora? – Me pego preocupado com ela, porque se esse tipo de informação cai nos ouvidos de seus pais, ela estaria em maus lençóis.

— Não interessa onde A MINHA NOIVA está. Interessa que a sua está aqui depois de passar por um constrangimento, depois de ter atendido outra mulher em sua casa procurando por você.

Não deveria ficar puto com Hugo, afinal de contas o errado na história sou eu. Ele é o noivo, eu sou o cara que chegou do nada e caiu de paraquedas, se atracando com sua noiva e querendo roubá-la para mim. Mas não ajuda, de forma alguma, ele estar me pegando pelo braço nesse momento.

— ME SOLTA! – Empurro ele para longe, que acaba tropeçando na mesa de centro e quase vai ao chão – Não coloca a mão em mim!

— Jotapê, se acalma – Guga entra na minha frente, colocando a mão em meu ombro e me empurrando para um canto qualquer longe deles. Olho ao redor, a família toda horrorizada, e eu sequer dei-lhe um soco que seja... – preciso falar com você. Vamos ali fora, precisamos conversar.

Meu tio tenta interromper, dizendo que nós precisamos resolver qualquer coisa que ele pensa necessitar resolução, mas Guga é intransigente, me arrastando para fora e encostando a porta atrás de si.

— A culpa de Isadora ter ido em sua casa é minha! – Ele diz antes

mesmo que eu possa perguntar o que tanto ele teria a me dizer.

— Como assim? De onde você conhece Isadora?

— Não conheço. Mas conheci Alice, amiga dela. A garota me procurou ontem à noite pedindo o seu endereço, não me explicou muito bem o porquê, mas eu... sei lá, achei que ela tinha mudado de idéia quanto ao tempo que lhe pediu. Eu quis ajudar, não sabia que sua noiva estava lá.

— Ex-noiva, caralho! Por que não me avisou? Mandou a garota lá com...

— Já estava prestes a recriminá-lo quando me lembrei que ele não sabia sobre Lorraine. — Ela disse que Isadora queria se acertar comigo? Como assim?

Seu olhar não é dos mais animadores, e sinto que não vou gostar absolutamente nada do que ele tem a me dizer no momento.

— Foi a desculpa que ela me deu ontem. Ela não me conhecia o suficiente para se abrir e *mandar a real*, sabe?

— Desculpa do que? FALA, Guga!

— Cara, eu não sei muitos detalhes... parece que deram uma surra na sua menina. Ela apanhou pra valer, João, ficou toda marcada. O pai dela pegou tão pesado que Alice mencionou denunciar à polícia, e ela então foi até sua casa pedir ajuda...

Um misto de sentimentos me toma. Revolta, raiva, culpa. Sabendo quem é o pai dela, eu não deveria ter insistido. Ou não deveria tê-la deixado ontem, à própria sorte, para lidar com ele. E ela ainda foi atrás de mim, buscando ajuda e... *puta merda!* Volto à sala rapidamente, estão todos lambendo a cria, em volta do pobre Hugo, esse babaca que duvido não saiba o que acontece com sua noiva.

Impossível não saber!

Pouco me importa quem está perto dele no momento, ou o que irão pensar de mim. Dou menos de três passos largos e o puxo pelo colarinho, ele ainda tenta se soltar, mas minha revolta é tanta que ele não consegue. Dois socos bem dados nessa cara de bom moço, e ele desaba enquanto minha tia, em prantos, me pede para parar e meu tio tenta me segurar.

— Você sabia que ela apanhou? Que foi surrada pelo pai, sabia disso? Vocês sabiam disso?

— Isso não é problema seu... — o imbecil ainda responde, o que me dá a certeza de que ele sabia. Tenho vontade de gritar com todos eles, mas um olhar mais analítico me diz que nem todos têm ciência do que está acontecendo. Minha tia parece horrorizada e meu tio está branco feito cera.

— Como assim, ela apanhou, João Pedro? Me conte essa história direito...

Quem explica tudo à minha tia, com um pouco mais de detalhes do que havia me dado, é Guga. Eu sequer sabia que ele estava meio enrabichado pela

amiga de Isadora – não que eu tenha direito de reclamar, depois de tudo o que lhe escondi – mas fico feliz em saber que existe alguém prestando atenção a essa menina. A própria amiga não sabe exatamente o que aconteceu, provavelmente minha Colombina não disse a ela que se encontrou comigo ontem.

Se ela apanhou porque saiu comigo... isso vai me deixar maluco!

Um telefonema para a amiga, Alice é o nome dela, e temos alguns detalhes a mais vindo pelo viva voz do telefone.

— *Eu sou amiga de Isa desde o primário, mas os pais dela nunca aprovaram nossa amizade, por sermos completamente diferentes. Somos muito amigas, mas eu sou a única amiga que ela tem. Todas as outras pessoas com quem ela tem contato são mais velhas, os pais não permitem que ela tenha nenhum tipo de amizade que possa tirá-la do caminho que eles escolheram. Sempre briguei com ela por acha-la muito submissa, nunca pôde fazer nada do que queria... ela não teve uma juventude normal. Tudo sempre foi escolhido pelos pais, desde as roupas até... bem, o noivo.*

Alice sabia onde estávamos e sabia quem estava na sala, porque ouvi quando Guga lhe disse, pouco antes dela começar a falar. O seu tom cínico ao mencionar “o noivo” certamente foi proposital.

— *Fiquei sabendo que ela apanhava ontem, quando ela me ligou, eu não sabia disso. Ela sempre foi muito boa em esconder. Tinha acabado de acontecer, ela fez uma chamada de vídeo e estava toda descabelada, a pele toda vermelha. Tinha se trancado no quarto, escondida, haviam lhe tomado o celular e ela teria a internet cortada. Não demorou muito a ligação caiu, provavelmente porque tiraram-lhe o acesso. De repente todo o comportamento submisso dela passou a fazer sentido para mim e foi por isso que eu corri até a loja do Guga. Eu imaginei que alguém de fora poderia ajudá-la, já que vocês, por anos, viram isso acontecer e nada fizeram.*

— Nós não sabíamos disso, menina... – meu tio responde, e ouve uma risada nada simpática vinda do outro lado da linha.

— *Ajudaram a criar isso, senhor. Com esse noivado que aceitaram, contrato estipulado, com certeza ajudaram a criar essa situação toda. Mas enfim... – a garota suspira, antes de continuar o relato – eu peguei com Guga o endereço de Jotapê, achei que ele poderia ajudá-la. Tive que ficar um tempo escondida, hoje mais cedo, esperando-a aparecer, ou seus pais saírem de casa. Quando a vi... eu não sei como foi antes, mas se ela o denunciasse hoje, ele com certeza seria preso pelo que fez a ela. Pela forma como a machucou. E o ‘noivo’ sabia, porque esteve lá hoje, mais cedo.*

Meu primo recebe olhares não muito agradáveis de quase todos os presentes. Apenas Lorraine, que parece entediada, e até um pouco realizada por

ter criado toda essa confusão com sua visita, e meu avô. O velho me encara com uma expressão que poderia me cortar ao meio, se eu não estivesse com a mesma vontade direcionada a tudo e todos.

— Obrigado por nos contar, Alice – meu tio quebra o incomodo silêncio que se formou na sala – Vamos resolver isso aqui, agora.

— *Não por isso. E, Jotapê, eu não sei o que aconteceu, mas... ela confia em você. Por isso foi até sua casa. Espero que não a tenha decepcionado.*

A ligação silencia, mas por dentro eu tenho um barulho insuportável. Interrompido pela voz ainda mais insuportável de Hugo.

— Qual seu relacionamento com minha noiva? Foi com você que ela saiu depois da faculdade?

— Não é de sua conta. Depois disso que ouvimos, acha realmente que eu tenho que te contar qualquer coisa? Vai querer posar de noivo apaixonado e preocupado a essa altura do campeonato?

— Para ele, pode ser que não – meu avô interrompe, levantando-se e vindo em minha direção – mas a mim sim, porque você pode não ter se lembrado, mas ela é noiva de seu primo e nós temos um acordo, nossa família e a dela...

— Igual ao acordo que o senhor fez prometendo minha mãe ao pai dela? – Interrompo, nervoso. Pela sua expressão, ele talvez imaginasse que eu não soubesse. – De repente poderia ser minha mãe tomando essas surras, mas desde que não atrapalhasse o seu acordo comercial, não faria mal algum, correto?

— Claro que sua mãe iria encher a sua cabeça a esse respeito... – ele devolve, com desdém.

— Ela apenas me disse a verdade. Que fora prometida ao doutor Alberto, mas já estava apaixonada por meu pai, e por isso, rejeitou o casamento. Essa “rebeldia”, como vocês mesmo chamavam, custou-lhe basicamente tudo.

— Não fale sandices, João! Não custou nada a ela, sua mãe não manteve o padrão de vida que tinha aqui por que era orgulhosa. Casou-se com um pé-rapado e não queria esfregar na cara dele que poderia dar à sua família mais conforto do que o provedor.

— Passamos necessidade por anos, meu avô. E tudo se resolveria...

— Com menos orgulho de sua mãe. – Ele interrompe, nervoso – Ela nunca ficou desamparada! Com que dinheiro você pensa que estudou? Um rapaz inteligente como você, vindo de uma família de posses e com nome na medicina brasileira, não pode achar que se formou por conta de uma bolsa miséria! EU banquei seus estudos, garoto mal-agradecido! EU! O fiz porque você é também herdeiro do meu império! E sua mãe sempre soube por que foi ela quem me procurou quando você fez a sua prova de bolsa, pedindo que eu intervisse.

Baqueio um pouco com a revelação. Afinal de contas, a história que eu conheci foi muito diferente. Minha vida mudou drasticamente depois da morte de meu pai, precisei fazer escolhas que modificaram totalmente o meu futuro. Passamos tantas privações por conta dessa escolha... e ele bancava meus estudos?

E se nada do que ela tenha me dito durante toda a minha vida era verdade? E se ela mentiu para mim o tempo todo?

— Ela me disse que ele foi responsável pela morte de meu pai. Alberto...
– minha voz sai por um fio, temendo ouvir qualquer coisa que meu avô tenha a dizer. Seja confirmando ou negando, nenhuma das duas alternativas, a essa altura, parecem boas o bastante para se ouvir.

— Ela disse o que?

— Que papai foi assassinado. A mando de Alberto Resende.



17. Era Tudo Mentira

Iotapé

O silêncio que toma conta da sala é quebrado pelo barulho dos saltos dos sapatos de minha tia, que decide sair do choque em que se encontrava e vir em minha direção. Já eu continuava parado no mesmo lugar, sentado em um canto qualquer da sala, apoiado na parede. Mexido demais com tudo o que estava sendo dito – e não dito – aqui nessa sala.

— Querido... – ela se ajoelha ao meu lado, colocando a mão em meu rosto, fazendo com que olhe para ela – eu sinto muito. Mesmo.

— Lúcia, eu não acho... – meu tio tenta interromper, mas ela somente ergue a mão, um gesto simples, mas ele se cala no mesmo instante.

— Não, meu amor. Ele precisa saber.

— Do que está falando?

— Eu acredito que você vá nos odiar, João Pedro, mas tudo foi feito para que você tivesse chances de um futuro melhor. – Ela tem minhas mãos presas entre as dela, e conforme ela vai falando, seu aperto aumenta um pouquinho, como se eu precisasse desse contato para não perder a sanidade – Por anos nós tentamos cuidar de sua mãe, mas nunca tivemos sucesso com isso. Então simplesmente a monitorávamos, o seu avô contratou um segurança, que vivia no mesmo prédio que vocês, para ficar sempre alerta em qualquer sinal de... surto.

— Surto? Eu não estou entendendo...

— A sua mãe era doente... – meu tio se aproxima, ficando a uma distância que talvez ele considerasse segura para continuar falando sem que eu voasse em seu pescoço – antes mesmo de se casar com seu pai ela teve alguns episódios, mas como fez uso de medicação por um tempo, pensávamos estar controlado. Ou curada.

— De que doença exatamente estamos falando, tio?

O assunto parecia ser muito difícil de ser encarado por todos eles – com exceção, claro, de Lorraine e Hugo – a ponto de um silêncio extremamente desconfortável anteceder a explicação.

— Ainda na adolescência, seu avô foi chamado até o colégio onde sua mãe estudava. Ela havia destruído a sala de leitura, logo após ter sido confrontada por uma das professoras. Ficou fora de si, violenta, mal reconhecia as pessoas. Durante o tratamento, eles não chegaram a um diagnóstico final, alguns médicos achavam que ela tinha esquizofrenia. Outros pensavam que seria apenas um episódio psicótico breve, mas que seria necessário algum monitoramento por algum tempo.

Ergo-me do chão, já me sentindo nervoso com toda essa novidade.

— Isso não é verdade. Não pode ser verdade. Eu nunca a vi tomando remédios...

— Ela não se medicava. Não conseguimos uma intervenção no Canadá, no final acabamos optando apenas por monitorá-la de perto, e assim evitar que ela tomasse, novamente, alguma medida extrema.

Meu olhar passeia entre meus tios e meu avô, tentando achar alguma mentira em tudo o que estavam me dizendo. Minha mente vagueia por toda a minha infância e juventude ao lado da mulher que, por anos, fora minha única companhia. Não é possível que eu não notaria. Eu iria perceber, não posso ser tão tapado assim! Foram sete anos desde a morte de meu pai até seu falecimento...

Lembro de minha mãe indo me buscar no colégio, quando ainda era um moleque e vivíamos aqui na cidade, no mesmo apartamento simples que eu moro hoje. Estava sempre animada, dançando com sua música alta enquanto cozinhava o jantar esperando por meu pai. Lembro de seu orgulho quando me formei no ginásio, chorando em nossa colação de grau quando os alunos fizeram um coral e decidiram cantar que “amigo é coisa para se guardar...” mesmo um não tendo visto a cara do outro nunca mais na vida depois daquele episódio.

Lembro de quando chegamos em Toronto, e os meses iniciais difíceis que passamos até nos acostumar com o clima e com a linguagem. De como foi interessante saber que haviam mais brasileiros lá do que imaginávamos. De como ela era compreensiva devido à minha chateação por estar longe dos meus amigos, no auge da adolescência, tendo que dar início a minha vida social toda novamente. Seus conselhos infinitos. Seu sorriso largo.

Lembro da semana extremamente complicada que antecedeu a morte de meu pai. Mamãe trabalhava em uma livraria e não tinha ido trabalhar um dia sequer, pois não se sentia bem. Tinha reclamado muito do clima do país,

temendo ter contraído uma pneumonia ou algo do tipo, e sentia falta de tudo. Da rua, dos clientes, dos livros, e até mesmo de sua vida aqui no Brasil.

Lembro de chegar do colégio e a entrada do prédio onde morávamos estar tomada por um movimento fora do comum. Ambulância, carro de polícia, curiosos no geral. E minha mãe estar sentada na ambulância, sendo amparada por uma policial feminina, as vestes ensanguentadas. E ela me contando que havia voltado do trabalho e encontrado a casa toda aberta e meu pai esfaqueado no meio da sala, sem vida.

Lembro do seu estado catatônico, que durou semanas. E, conforme ela ia voltando, passava a me contar exatamente o que tinha acontecido naquele dia. Um homem saindo apressado do prédio conforme ela estava chegando. Algumas ligações que recebera durante toda a semana, anterior ao crime, alertando-a de que pagaria pela humilhação que causara. A sensação de ter encontrado meu pai, já sem vida, no pequeno espaço entre a sala e a cozinha do apartamento.

Lembro de todas as histórias que ela sempre guardara para si, mas, naquele momento, pareciam fazer-lhe bem dividir com alguém. A sua obrigação em seguir as convenções familiares. O noivado que havia sido prometido a Alberto Resende. O afastamento que sua família decidira lhe impor, após ela não aceitar o futuro que eles tinham lhe direcionado.

E então o dia em que ela, aos prantos, me confessou se sentir culpada pelo assassinato de meu pai, porque teria sido procurada pelo médico, que nunca aceitara suas negativas. Mas, diferente do que ela pensava, sua motivação agora não era passional, mas financeira. Minha mãe era herdeira da fortuna dos Moraes e a ordem seria acabar com a família inteira, já que a parte que cabia ao meu tio seria de Hugo e, conseqüentemente, de Isadora – apenas uma criança naquela época. O assassino não contava que somente meu pai estaria em casa. E tampouco que minha mãe teria o visto conversando com dr. Resende alguns dias depois, recebendo um envelope pardo em um beco qualquer.

Ela me fizera prometer que me formaria em medicina, e que voltaria ao Brasil para tirar tudo o que Doutor Alberto Resende possuía. E revendo toda a trajetória, não consigo encaixar essa pessoa doente que eles estão mencionando.

Meu tio me deu absolutamente todo o tempo do mundo para absorver o que ele tinha me dito antes, e, talvez, esperava que eu chegasse a uma conclusão por mim mesmo. Mas a minha expressão deve ter sido bem clara, eu não compreendia, e não aceitava que minha mãe era doente. Isso não fazia nenhum sentido.

— A culpa foi nossa, de certa forma. Nós tentamos nos aproximar dela por muito tempo, mas ela estava magoada por nossa recusa em aceitar seu casamento. Mas enquanto ela estava no Brasil, não teve novamente nenhum tipo

de crise. Era uma mulher feliz, qualquer um que a olhasse poderia sentir e por isso pensávamos que, realmente, a crise na adolescência havia sido algo pontual. Mas ao partir para outro país, ela ficou solitária. Quando eu estive lá, alguns dias antes de seu pai... – meu tio relata como se tivesse todo o peso do mundo nas costas, e saber que ele esteve no Canadá naquela semana é uma surpresa e tanto. – Ela não queria me receber. Eu deveria ter notado também, João Pedro, principalmente por saber do passado dela. Eu poderia ter evitado, seu pai...

Sinto a mão de Guga em meu ombro, como se ele já tivesse compreendido alguma coisa que me faltou perceber.

— Meu pai...?

— Ele não foi assassinado a mando de ninguém, João. Sua mãe o atacou durante um surto.

— Você só pode estar de brincadeira comigo! – Digo, nervoso, me afastando o máximo que podia – Não vou deixar vocês arrebentarem com a memória de minha mãe somente para proteger aquele bandido, não vou!

Sinto um ódio tão grande dentro de mim que olhar para minha família, nesse momento, sem partir para a agressão física, se torna muito difícil. Minha tia ainda tenta se aproximar, mas eu rechaço sua aproximação. Ainda assim, ela tenta. Da forma carinhosa como sempre tentou se aproximar de nós, como sempre tentou cuidar de nós. Isso eu também não esqueço.

— Seu avô usou da influência dele para proteger sua mãe. Quando seu tio esteve lá, ainda naquela semana, ele se encontrou com seu pai. A sua mãe não estava bem, o seu pai não sabia do passado neurológico dela. Claro que ninguém pensaria que ela teria outra crise grave, mas foram instaladas câmeras no apartamento...

Assim que ela menciona, eu recorro de alguns homens durante aquela semana entrando no apartamento para instalar alguma coisa, que meu pai havia dito ser uma nova fiação telefônica. Ela então aproveita que essa lembrança ajuda sua narrativa, e dá um passo adiante, se aproximando um pouco mais de mim.

— Foi nesse dia também que seu tio deixou alguém contratado para ficar de olho em vocês. O nome dele era Zé Maria, ele já tinha prestado serviços de segurança para nossa família, e passou a viver no apartamento em frente ao de vocês.

— Eu me lembro dele... – Zé Maria era um armário ambulante, um sujeito negro e mal-encarado que, à primeira vista, poderia parecer amedrontador, mas foi uma grande companhia para mim nos meses que seguiram a morte de meu pai. E acabo me sentindo, de certa forma, traído por saber que ele estava lá sendo uma babá paga, e não somente por gostar da minha

companhia.

Que garoto imbecil eu era. O que um homem daquele tamanho iria querer sendo amigo de um jovem borra-botas como eu?

— Ele se culpa até hoje por não estar presente. Por questão de minutos, ele não conseguiu salvar o seu pai. A idéia de assalto, então, veio dele e pareceu mais viável do que deixar sua mãe, que passou dias em crise, responder um processo e acabar internada em alguma clínica.

— E como eu vou saber que não foi ele quem matou meu pai? E depois tentou culpar a minha mãe? Como eu vou saber?

— Nós temos a fita...



De repente, tudo o que eu sabia – ou achava saber – sobre o meu passado havia se tornado uma grande mentira. Obviamente que eu não acreditava em uma palavra que eles estavam me dizendo, mas isso tudo mudou quando eu pedi para ver a tal fita que eles mencionaram.

E nela eu pude comprovar tudo o que estava me sendo dito aqui, ao menos a respeito da morte de meu pai. O pobre homem que tentava conter uma esposa enfurecida, recebendo incontáveis estocadas em retorno. Pude também ver quando Zé Maria entra pela porta da cozinha, desesperado ao ver minha mãe – talvez após ter caído em si – deitada sobre o corpo de meu pai, e a imagem sendo interrompida quando ele, segundo meu tio, retirava a fita que a incriminaria.

— Então Alberto Resende não teve nada a ver com isso?

— Não. – Meu vô decide, enfim, esclarecer – Não é mentira que eu queria sua mãe casada com ele. O homem sempre foi de boa família, e como é médico, pensei que ela estaria melhor ao lado de um. Claro que sua mãe só fazia o que queria, e eu fiquei realmente muito aborrecido por ela ter nos envergonhado...

— Não aceitar um casamento imposto é motivo de vergonha, agora? – Interrompo, nervoso, até mesmo por estar espelhando essa situação toda em Isadora.

— Ela aceitou, meu filho. Aceitou o noivado, nos deixou marcar a festa, para somente então dizer, quando o pobre homem lhe ofertou o anel, que estava apaixonada pelo seu pai.

— E agora sabendo o que sabemos, foi uma escolha acertada. Logo em seguida ele assumiu compromisso com Rita, que era apenas uma menina, mas os pais dela estavam loucos para que ela conseguisse um bom casamento... – minha

tia completa, entristecida – Ela demorou anos para conseguir engravidar, quase dez anos se não me engano. E nunca mais conseguiu segurar uma gravidez, sofreu abortos contínuos até desistir de tentar.

— Vocês sabem que ela, muito provavelmente, também apanha dele, não sabem?

Estamos sentados na sala de tevê, para onde viemos depois que meu tio resolveu me mostrar a gravação da fita de segurança, e, tirando Lorraine que continua muda, sentada em uma das poltronas olhando desinteressadamente para suas unhas, todos têm os olhos fixos em mim.

— Isso já não é problema nosso, na verdade – Hugo é quem se manifesta e eu passo a acreditar que ele realmente não tem amor aos dentes – A mulher passou trinta anos casada com um sujeito que, supostamente, a espanca e nunca fez nada... bem, deve curtir uns cinquenta tons de cinza.

— Você é realmente um babaca! – Faço menção de me levantar, mas Gustavo, que continua impassível sentado ao meu lado, estica a mão em frente ao meu peito, como se somente isso me impedisse de sair do lugar caso eu realmente estivesse disposto a arrebentar esse idiota.

— Não é mentira... – ele dá de ombros – diferente de Isadora, que ainda é menina, mas logo estará livre. Como sabe, vamos nos casar em três meses.

Senti meu estômago revirar ao ouvir isso. Porque o plano original, até onde eu tinha ouvido, era que o casamento deles sairia no final do ano, após a formatura de Isadora. E agora já estão adiantando casamento?

— E se vai casar-se com ela tão rápido e ser o salvador da pátria, o que está fazendo aqui e não lá, ao lado dela, principalmente depois de saber pelo que ela passou? – É Guga quem pergunta, porque eu já não me sinto apto a falar mais nada. Ou a ficar aqui por mais um minuto que seja.

Me levanto, já achando demais isso tudo. Sem saber como lidar com todas as informações que tive hoje, desde as notícias sobre Isadora até a verdade sobre meus pais. Eu não posso dizer que sou um cara que me desestabilizo facilmente, precisei ser um sujeito centrado para poder estudar medicina, mas não sou de ferro. Sinto minhas mãos tremulas, o peito apertado, a cabeça girando pelo tanto de coisa a ser processada.

E Hugo sentado na minha frente, o ar risonho de quem havia vencido uma batalha que eu não esperava ter que disputar. Mas, no momento, é tudo o que eu mais quero porque eu sei, eu sinto que a minha Isadora – sim, porque ela é minha! – Não merece terminar seus dias com tamanho imbecil.

Viro as costas, marchando para fora do aposento, e ainda ouço meu avô me chamando, dizendo ter mais coisas para me dizer, mas não estou, realmente, interessado. Não agora, não nesse momento, não sabendo que Isadora está em

casa, machucada, e muito provavelmente puta comigo por causa de Lorraine.

Lorraine...

Ainda não engoli o fato dela estar aqui, e menos ainda o seu ar risonho e vitorioso cada vez que uma bomba diferente era jogada naquela sala. Ou o brilho que seus olhos tinham quando meu avô mencionou o fato de eu ser herdeiro de seu império.

Suspiro fundo, puxando o ar o mais forte que consigo, porque tinha até mesmo me esquecido de sua presença aqui. Ainda de costas, coloco as mãos no bolso, procurando com isso impedi-las de voar no pescoço de quem quer que me responda torto.

— Lorraine, quando eu voltar ao meu apartamento, espero que não esteja mais lá.

Saio batendo a porta, com Guga em meu encalço, torcendo para que Isadora me receba.



18. Cavaleiro da Armadura Quebrada

Isadora

A família reunida em volta da mesa, em silêncio, só deixa o jantar ainda mais pesado. Fico revirando a comida no prato, de um lado a outro, sem nenhum apetite que seja. A apreensão aperta tanto meu estômago que eu tenho certeza que uma garfada que seja vai fazer com que devolva o pouco que comi.

Não posso ter tanta sorte assim, não eu. Cheguei da rua, os olhos inchados de tanto chorar, a decepção ainda ardendo no peito, e a casa continuava vazia. Somente a empregada sabia que eu tinha saído, mas se existia alguém com quem eu poderia contar, essa era Solange. Não tinha uma vez sequer que ela deixava de me dar cobertura, chegou a deixar-me trocar de roupa em seu quarto no dia do baile. Hoje não seria a primeira vez, com toda certeza.

Isso não quer dizer que eu confiava no universo. Imaginei que meu pai saberia que eu havia burlado seu castigo, saberia que eu tinha saído escondida, e a surra que levaria hoje seria ainda pior. A minha mente me enviava, por antecipação, as cenas, e não eram nem um pouco agradáveis.

Também notei que minha mãe fora um pouco mais descuidada na maquiagem. O corretivo havia escapado um pouco e eu conseguia ver a marca roxa em seu rosto, o que explicava perfeitamente duas coisas. Primeiro, o fato de ela estar mancando hoje pela manhã. Segundo, a sua obsessão por maquiagem. Minha mãe sempre esteve impecavelmente vestida, com elegância e decoro. Roupas sempre sem nenhum tipo de decote, com as mangas cobrindo o braço em quase sua totalidade, saias longas. O que eu entendia por um conservadorismo ridículo hoje entendo ser somente uma forma de esconder as marcas que esse relacionamento violento provocava em seu corpo.

Vê-la hoje é quase como se as peças de um quebra-cabeças que estive na

minha frente o tempo inteiro fosse se juntando, deixando a figura final cada vez mais clara.

Tento me lembrar quantas vezes ouvi discussão entre eles, ou barulhos referentes a pancadas. Choros, gritos, essas coisas todas que vêm acompanhando uma boa surra. E nunca ouvi absolutamente nada. Não sei agora se isso aconteceu por eu estar sempre submersa em meu próprio mundo, remoendo as minhas dores, ou se ela realmente sempre fora excelente em esconder. Talvez tenha sido um pouco de cada, mas nesse momento, tomo a culpa toda para mim. Por não ter notado. Por tê-la julgado tão impiedosamente.

Alguns diriam que ela deveria ter ido embora há muito tempo. O que poderia dizer, se eu mesma estou paralisada, tentando submergir?

Eu não tive, ainda, oportunidade de conversar com minha mãe a respeito e talvez nem tenha, pode ser que ela nunca queira se abrir sobre isso. Mas agora, prestando muita atenção, eu consigo enxergar. Eu nunca tive contato com meus avós maternos. Dona Rita dizia que eles viviam em outra cidade e que, por isso, não éramos próximos. Ela também nunca recebeu visitas ou telefonemas de sua única irmã, e absolutamente todos os seus contatos eram de pessoas da alta sociedade, ligados ao meu pai. Trabalho remunerado é algo que dona Rita desconhece, antes achava que seria por opção, mas agora não tenho mais essa certeza. Ou seja: estava completamente presa ao meu pai.

Existem leis que nos beneficiam, lembro de Alice me alertando, eu nunca procurei saber nada a respeito disso mas recordo de um movimento que houve na universidade, estavam protestando contra o aumento de ataques às mulheres, distribuindo panfletos sobre a Lei Maria da Penha, com endereços de Delegacias de Defesa da Mulher. Seria um começo, um ponto de partida, mas eu teria que convencê-la e essa é a parte difícil.

Passo a me recordar de todos os anos em que fui sumariamente diminuída por ele, e tendo os xingamentos repetidos por ela. De como isso tudo me afetava. Incapaz, desastrada, inapropriada, desmazelada, tola, limitada, desagradável. Foram tantos, e por tanto tempo, que eu passei a acreditar que não seria mesmo capaz de viver uma vida além do que estava traçada para mim. Muito provavelmente esse é o pensamento dela: de que não consegue sobreviver longe dele, de que não tem a menor chance.

Ainda estou perdida em meus pensamentos quando ouço o barulho de uma freada, muito próxima e, pouquíssimos minutos depois, batidas furiosas em nossa porta.

E eu congelo. Chego a quase engasgar com a saliva.

— ISADORA! ONDE VOCÊ ESTÁ, ISADORA?

João Pedro bate de forma vigorosa, causando o maior rebuliço e fazendo

com que meu pai se levante, não sem antes me dar *aquela* olhar, de quem não perde por esperar. Com um certo desespero eu olho para minha mãe, que me devolve o mesmo olhar. Tão apavorada quanto eu.

— Saia da frente, onde ela está? ISADORA? — O pouco inteligente *noivo daquelazinha* invade a casa, passando direto por meu pai até chegar à sala de jantar, onde eu e minha mãe já estamos em pé, aguardando o que seria — para nós duas, ao menos — uma longa noite.

Seu olhar ao me ver acaba por me emocionar, demonstra um certo alívio quando me encontra ali, parada, em pé. Imagino que sua presença aqui deva ser obra de Alice, muito provavelmente deve ter dito a ele o que ela pensa que aconteceu, floreando detalhes e aumentando a carga dramática — como se já não fosse grande o suficiente — para que ele aparecesse aqui nesse desespero.

— Ei... — em um rompante ele se aproxima, e me toma nos braços, em um abraço que poderia até ser dolorido devido aos machucados, mas que eu, definitivamente, não recusarei. E adorei, muito, receber. — Está bem?

Eu apenas balanço a cabeça, confusa com meus sentimentos, porque ao mesmo tempo em que eu gostaria de estapeá-lo por causa daquela loira aguada que encontrei em seu apartamento, eu estava realmente feliz que ele tenha vindo até aqui somente para me ver. E ele faz isso, realmente, me afastando um pouco e correndo os olhos pelo meu corpo. Sua expressão ao notar as marcas pela extensão dos meus braços não é nem um pouco animadora. Pelo contrário, seus olhos faíscam e ele trava o maxilar, posso ver uma veia pulsando em sua fronte.

Imediatamente ele encara minha mãe, e não precisaria ser um bom observador para notar a marca em seu rosto. Seu cabelo curto e a maquiagem falhada não abrem brecha para nenhum tipo de disfarce. Isso deve ter sido o bastante para que ele, em um impulso, se virasse em direção ao meu pai, que já estava ao nosso lado, com o telefone celular na mão.

— Eu não sei o tipo de educação que você recebeu dos seus pais, rapaz, mas você não foi convidado a entrar em minha casa, peço que se retire.

O meu pai pode ser um homem grande e forte, eu sempre o achei bem atlético, o fato de ser um desportista ajuda muito, apesar dos seus cinquenta anos ele está bem em forma. Isso não quer dizer que levar um murro de alguém com muita, muita raiva, não vá derrubá-lo. Um único soco e ele desaba para trás, caindo estatelado no chão. Minha mãe, como era de se esperar, corre ao seu encontro enquanto eu fico completamente sem reação, sem saber se lamento — afinal de contas ele é meu pai — ou comemoro.

— O que foi, *doutor* Resende? Não está acostumado a levar porrada de homem? Bater em mulher deve ser bem mais fácil, não? Deixa de ser covarde e levanta, seu filho da puta!

— João, para com isso, vai... – um rapaz o puxa pelo braço, o afastando um pouco de meu pai, e ele se debate, não satisfeito com o golpe único. Não tenho ideia de quem ele seja, mas pela forma como tenta o chamar à razão, deve ser algum amigo próximo.

— Eu vou chamar a polícia, e vou denunciar você por agressão, seu delinquente!

— Chame a polícia, faça isso por favor. E assim nós aproveitamos para explicar o porquê sua filha está toda marcada e sua esposa tem um olho roxo, seu maníaco covarde!

— O que acontece em minha casa é problema exclusivamente meu! Agora você vai querer colocar regras em como eu lido com a minha família, seu moleque insolente!

Meu pai se levanta, com minha mãe ao seu lado, seu amigo se coloca entre os dois e sou obrigada a sair do meu torpor, antes que a situação aqui ficasse ainda mais complicada.

— João, por favor... – me coloco na sua frente, meus braços envolvendo sua cintura, chamando sua atenção e tentando fazê-lo se acalmar – não faz isso. Por favor...

Claro que eu não gostaria que ele se atracasse com meu pai no meio da sala, mas eu também sabia – e muito bem – que meu pai tinha seus conhecidos em vários pontos importantes da cidade. Não gostaria que ele mexesse seus pauzinhos e atrapalhasse a vida de Jotapê, não seria justo.

Parece funcionar porque seus olhos saem imediatamente de onde meu pai está, e recaem sobre mim. Suas mãos vêm para o meu rosto, uma de cada lado, enquanto ele puxa o ar e encosta sua testa na minha, buscando um certo controle.

— Tudo bem. Mas você vem comigo. Não vai ficar aqui, junto dele, de jeito nenhum. Não depois... disso. – Ele diz, olhando para os meus braços novamente, rangendo os dentes e eu sequer imagino o que ele faria, no estado em que está, caso visse o resto do meu corpo.

— Isadora é minha filha e não vai a lugar algum com você. Quem pensa que é?

João Pedro sequer lhe dá atenção, com as mãos em volta de minha cintura ele sai me guiando em direção a porta de entrada e eu simplesmente vou com ele, sem sequer me lembrar de que existe uma loira hospedada na casa dele dizendo ser sua noiva. A sensação de ter alguém lutando por mim é tão impactante e tão nova que minha mente parece ter bloqueado qualquer outra informação.

Mas não deveria. E o problema é esse. Você não se decepçiona quando não espera nada. Seja de pessoas ou de situações, se não tiver esperança, não há

decepção. E eu tenho um problema muito sério, que ainda não consegui controlar: eu espero.

E estou sempre me decepcionando.

Mal chegamos ao hall de entrada, a porta se abre novamente e Hugo entra, acompanhado de seu pai. A sua expressão ao ver-me nos braços de Jotapê é dolorosa, ele transparece um choque e uma decepção tão grande que eu chego a me sentir culpada. Como a bela trouxa que eu sou.

— Hugo, controle a sua noiva! – Meu pai grita, vindo atrás de nós – E, Vitor, eu vou denunciar o seu sobrinho por agressão. É inadmissível que ele venha até minha casa, me agrida, e ainda queira colocar a minha própria filha contra mim!

Uma pequena discussão se inicia, com doutor Vitor tentando convencer meu pai de que João Pedro estava apenas tentando me proteger ao saber que eu tinha sido castigada, e que levar esse tipo de coisa até a delegacia seria um transtorno para ambos. O meu pai bradava, um pouco além do controle que eu sempre o via ter, que ninguém o desrespeitaria dentro de sua própria casa, independente de quem fosse. Minha mãe queria saber de onde nos conhecíamos e de onde vinha tamanha *intimidade*. Jotapê dizia que ambas as famílias estavam completamente fora de si e que, nem por cima de seu cadáver, ele permitiria que eu continuasse ali para ser agredida novamente.

Eu só estava muda, querendo sair dali o mais rápido possível, mesmo que não tivesse nenhuma ideia do que viria a seguir. E Hugo... apenas suspirou fundo, quando cansou de tentar entender essa configuração toda, antes de chamar para si a briga.

— Já explicou a Isadora sobre sua noiva, João Pedro? – Sinto quando ele tenciona o corpo, talvez não esperando a pergunta. Eu também não esperava que Hugo conhecesse a loira aguada, o que é mais um sinal negativo. Afinal de contas, a família a conhecia, devia ser mesmo um relacionamento sério.

Ergo meus olhos buscando os dele, não quero dar um show de hipocrisia aqui, eu ainda carrego no dedo a aliança que Hugo me dera, mas eu gostaria que João ao menos assumisse para mim o seu relacionamento. Mas ele não o faz. Seus lábios abrem e fecham mais de uma vez, talvez procurando palavras para explicar o que não tem muita explicação, e nada saem deles. Apenas meneia a cabeça, negando qualquer coisa.

Hugo, no entanto, olha muito fixamente para mim, depois claro de ter mantido os olhos na mão que Jotapê ainda traz enlaçando a minha cintura, e com um sorriso ele termina de esfacelar meu coração.

— E sobre ter vindo ao Brasil somente para se vingar de seu pai, ele te falou? Como ele queria se aproximar de sua família, fazer com que seu pai

perdesse tudo... curioso saber como isso seria muito fácil, bastando apenas que você desistisse do casamento? Bastava dizer um “não” seu, e aquele acordo nupcial entraria em vigor, seu pai perderia a sociedade na clínica... não acha isso tudo uma coincidência muito interessante?

— Cala a sua boca, Hugo! – João vocifera ao meu lado, e seu aperto em minha cintura aumenta um pouco mais.

— Vai negar que é mentira? Vai negar que veio especialmente para isso? Vai realmente tentar nos convencer que essa sua aproximação com Isadora é uma simples coincidência?

— Que história é essa? – Meu pai pergunta, alterado, e Hugo então explica que a mãe de João tinha problemas mentais, e o fez acreditar que o marido havia sido assassinado por meu pai. E que, de caso pensado, ele veio ao Brasil buscando se vingar, querendo arruinar a vida dos Resende, tirar de nós tudo o que ele achava que merecíamos perder. Dinheiro, posição social, a sua parte na sociedade da clínica.

Eu não queria, na verdade torci para que isso fosse um delírio da cabeça de Hugo, mas olhar para a expressão desesperada de João Pedro foi como um soco no estômago. Ele negava com a cabeça, mas seus olhos me davam a certeza de que, sim, era verdade.

— Se aproximou de mim naquele baile de propósito, – acuso, me afastando, sem sequer me importar de estar mencionando o baile na frente de meus pais – fez de caso pensado.

— Não Isadora. Eu não sabia quem você era... eu juro. Só soube no coquetel...

— Tem uma noiva, e não me disse. Desde o começo se aproximou tentando me usar para uma vingança, e eu, idiota, acreditei em você. Naquela bobagem de ser corajosa, de poder enfrentar tudo o que viesse... eu sou muito trouxa, mesmo.

Eu falava sem sequer notar que as lágrimas iam caindo pelo meu rosto, e enquanto isso João tentava se aproximar e eu não permitia. Também não o permitia se explicar, eu já tinha tido a minha cota de decepção.

— Não faz assim, Isa, me deixa explicar... não é assim como ele está falando.

— NÃO! Eu não quero ouvir. Olha, muito obrigada, mesmo, João Pedro, por ter aparecido aqui e bagunçado a minha vida. Muito provavelmente essa noite eu vou levar uma surra, mas tão grande, que talvez amanhã eu mal consiga andar. A minha mãe fará de conta que isso é normal, afinal de contas ela apanha por trinta anos, o que seria uma noite a mais, não é mesmo, dona Rita? – Seu nome sai em um tom muito cínico, e isso a atinge, porque seus olhos lacrimejam

imediatamente – E o que dizer do meu noivo? O meu querido, apaixonado noivo? Que não pensa duas vezes em vir até aqui somente para garantir que seu potinho de ouro continua usando essa bosta de aliança, mantendo a farsa que é o nosso relacionamento, sem se importar um minuto sequer se eu estou bem, me vendo toda machucada, mas sendo covarde o bastante para não me defender. E o meu sogro, tão gentil, tão preocupado, tão... perverso quanto meu pai, porque se faz de sonso.

Solto tudo aos gritos, tiro a aliança e a jogo em cima de Hugo. Estou exausta, descabelada, a cara toda molhada de lágrimas, machucada... e meu coração dói tanto. Me viro, olhando firme, sem desviar os olhos, e sem gritar dessa vez.

— E você, que me fez acreditar, por um segundo, que eu seria importante para alguém. Que alguém poderia se interessar por mim. Vocês todos, hoje, me deram uma lição muito importante: eu não posso contar com ninguém que não seja eu mesma.

Engolindo o choro, viro as costas e saio, ignorando os chamados de meu pai inconformado por não ter sido o último a dar a palavra naquela discussão.



19. Mantenha Distância

Iotapé

O barulho dos sapatos de Isadora, conforme ela segue para fora da sala, são um contraste ao silêncio que o ambiente fica depois de seu desabafo. E eu deveria ficar magoado, chateado com ela por ter interpretado tudo do seu jeito, mas eu realmente não podia. Obviamente as coisas não eram da forma como ela entendeu, mas não foram por muito pouco. Não foram por questões de horas, até hoje de manhã eu ainda queria acabar com o pai dela pensando que ele seria um assassino.

É um escroto, mas por motivos completamente diferentes.

Hugo se ajoelha, buscando a aliança que Isadora jogou em cima dele, e eu gostaria muito de fazê-lo engolir o anel, mas tenho coisas mais importantes com que me preocupar no momento.

— Doutor Resende, eu quero que me escute, mas me escute muito direitinho... – começo, falando baixo, mas me aproximando o mais perto desse covarde que eu consigo, já que ele resolve dar a volta no sofá e colocar uma distância segura entre nós – Aquela menina não apanha mais. Você pode achar que o seu dinheiro compra tudo, e pode até comprar, mas te garanto que você vai ficar passeando no fórum para assinar papelada por um bom tempo se encostar um dedo que seja em Isadora. Isso, ou consertando essa cara, depois que eu arrebentar com ela.

— Eu não estava brincando quando disse que isso não é de sua conta. Me ameaçar não...

— Eu também não estou brincando, doutor. – O interrompo, a paciência esgotando a níveis estratosféricos – Posso não ter a sua idade, o seu dinheiro, a sua influência..., mas sou homem. E o tipo de homem com o qual não se brinca.

Ainda não engoli nada do que eu ouvi hoje, então... não brinque comigo.

Acredito que eu tenha passado toda a minha verdade nessa hora, porque ele simplesmente não retrucou. Me viro para o meu tio, que continua parado no mesmo lugar, talvez chocado ainda por ter sido enfrentado por Isadora.

— Não adianta posar de bom moço, tio, mas ver as coisas erradas e não fazer nada a respeito. Pensa nisso – aponto para o alto, mirando as escadas, deixando bem claro sobre quem eu estava falando – Você viu as marcas. Ninguém te contou, você viu. Olhe bem para dona Rita, mas olhe *bem mesmo* e vai notar marcas ali também.

Ainda dou mais uma olhada para as escadas, na ilusão de que Isadora pudesse descer e me deixar explicar a minha versão, mas ela não vem e não a culpo. Bato no braço de Gustavo, o chamando para vir comigo, e conforme vou saindo ainda ouço Hugo e sua provocação infantil.

— Você não vai ficar com ela, João Pedro.

— Eu quero que você morra! – Respondo simplesmente, muito maduro.

Me afastar dali, no entanto, é muito difícil. Sento no banco do carona, sem condições alguma de dirigir, e fico olhando para a porta, aguardando sabe-se lá o quê. O coração dolorido, e também medo por ela. Por saber que, assim que todos deixarem a casa, é ali que ela ficará trancada com ele. Indefesa.

— Podemos ir, Golden Boy?

— Espera um pouco. Só... espera só um pouquinho.

Com o olhar vou percorrendo a casa, as janelas da parte de cima do imponente sobrado todas escuras, indicando que as luzes estão apagadas. A entrada iluminada, a porta ainda aberta porque passei e sequer me preocupei em fechá-la. O carro de meu tio estacionado de qualquer jeito na entrada lateral que dá acesso ao...

— O ipê!

Guga deve pensar que eu não ando batendo bem da cabeça, porque sequer respondo a ele o que quis dizer, quando ele me pergunta. Apenas abro a porta e saio correndo, entrando pela garagem e seguindo até alcançar o jardim. E, conforme eu esperava, ela estava lá. No mesmo local para onde ela correu da primeira vez. E eu podia ouvir os seus soluços de onde eu estava, me deixando ainda pior.

— Isa... – Me aproximo, e noto quando ela sobressalta, limpando as lágrimas rapidamente como se com isso pudesse evitar que eu visse que esteve chorando.

— Por que não vai embora? Me deixa aqui sozinha, por favor...

— Eu vou, só... me escuta, por favor. – Imploro, já me ajoelhando à sua frente. Sua linguagem corporal é claríssima, ela se afasta, apoiando as costas no

banco, e cruza os braços. Um claro aviso de “mantenha distância. ”

— Não quero falar com você, mas... vou te ouvir. E depois eu quero que vá embora.

Concordo, apenas acenando com a cabeça, e respiro fundo. Talvez tentando ganhar alguns minutos a mais, enrolar um pouquinho até que ela entenda que eu não sou o inimigo aqui.

— Primeiro, Lorraine não é minha noiva. Fomos namorados por um tempo, mas terminamos antes de eu voltar ao Brasil. Ela está hospedada em minha casa, porque eu sou idiota e fiquei com pena dela, por ter vindo de tão longe para a nada, mas somente isso. Quem quer que tenha lhe dito o contrário, mentiu.

Troco o peso do corpo de um joelho para o outro, enquanto espero uma resposta que não vem. Ela realmente falava sério quando disse que só me ouviria.

— Hugo falava a verdade quanto à minha motivação em vir ao Brasil – e enfim, vejo uma reação, quando uma lágrima teimosa rola por seu rosto e preciso conter a mão para não a secar. – Mas mentiu ao dizer que eu ia te usar para isso. Ou que me aproximei de você por causa disso. Naquele baile, eu realmente não sabia quem era você.

— E quando soube? Mudou de idéia quando soube?

— Quando soube fiquei confuso. Isso é algo que eu não vou poder te provar ser verdade, porque nunca tinha falado a respeito com ninguém. Nenhum dos meus amigos sabia disso, eu não me abria com ninguém...

— Porque ia fazer algo errado. – Engulo a seco, quando ela desvia novamente o olhar.

— Eu soube há pouco que tudo o que eu pensava a respeito da morte do meu pai era mentira. Até então, eu só tinha a palavra de minha mãe. Mas desde que eu conheci você uma guerra se instaurou dentro de mim, Isadora, porque eu sabia que qualquer coisa que fizesse iria te afetar e eu... eu não queria machucar você.

Apoio os dois joelhos no chão, sentindo o peso do dia finalmente chegar. Minha cabeça explode, meu peito dói, me sinto exausto, triste, chateado pra caralho. Com vontade de chutar tudo o que encontro pela frente até essa angústia ir embora. Odeio sentir que estou aqui implorando por uma palavra dela, ao mesmo tempo que entendo essa revolta. Mas eu preferia mil vezes uma revolta barulhenta, raivosa. Queria que me xingasse, que me tacasse alguma coisa na cabeça, tal qual ela fez com meu primo na sala. Mas, assim como fez lá, ela está contida. Como se eu sequer merecesse sua ira.

— Isa? – Nos viramos ao mesmo tempo para ver uma garota parada no

meio do jardim, acompanhada de Guga e um outro senhor – Viemos te buscar.

— Quem te ligou? – A menina responde, indicando com a cabeça que foi Guga quem a alertou.

— Vamos, papai veio junto. Você fica lá em casa.

Isadora se levanta rapidamente, e circundando o banco, vai de encontro à sua amiga, que a recebe com um abraço. Não ganha um olhar, uma palavra. Absolutamente nada, e isso acaba comigo. Me mantenho ajoelhado, no mesmo lugar, enquanto ela sai amparada, seguindo pelo extenso jardim até o local onde, provavelmente, o carro da amiga esteja estacionado.

— Vamos, João... ela vai ficar bem cuidada agora.

— Quem é essa menina?

— Alice, foi ela quem me procurou. Aquele é o pai dela, e pelo tanto que ele está bravo com o velho aqui, Isadora vai ficar bem segura. Vamos pra casa, agora...

Seguro a mão que ele me oferece e levanto, o corpo pesando quinhentas toneladas. Ainda consigo ver quando Isadora senta no banco traseiro do carro, batendo a porta antes que Hugo pudesse alcançá-la. E apesar de todos os olhos agora estarem direcionados a mim, não paro para falar com ninguém. Sigo até meu carro, sento no banco do passageiro e apenas me deixo ser levado.



Vejo o dia amanhecer pela janela do quarto de hóspedes de Gustavo, para onde ele me trouxe ontem ao notar que eu não tinha condições alguma de ficar sozinho em casa. Depois que baixou toda a adrenalina da confusão envolvendo Isadora, comecei a processar tudo o que envolvia a morte do meu pai, e.... que merda mais fodida.

Ter a noção de que cada minuto dos meus últimos anos havia sido uma mentira foi um tanto quanto chocante, para dizer o mínimo. Me sinto enganado, mas não somente isso... me sinto estúpido, desatento, descuidado. Um médico que não consegue perceber que sua mãe tinha problemas psicológicos e necessitava de medicação é, muito provavelmente, a coisa mais absurda que você irá ouvir – sem exagero algum. Um rapaz tolo, manipulado, sendo alimentado por uma alucinação. Por sorte não levei nada adiante, porque se o fizesse teria que arcar com as consequências dos meus atos depois.

Não que Alberto Resende mereça qualquer tipo de consideração, mas a minha consciência, que já grita há algum tempo, não me deixaria em paz. Nunca mais.

E agora preciso resolver a minha vida. Fazer medicina não tinha sido a

minha primeira escolha de vida, fui levado a isso, mas acabei me apaixonando pela profissão. Hoje, eu nunca trocaria o que eu faço por outra coisa, mas, para isso, eu preciso me preparar ou nem exercer a minha profissão eu serei capaz de fazer.

— João? – Ouço a voz de dona Dalva me chamando baixinho, enquanto bate na porta, e me pergunto se eu fiz algum tipo de barulho ou é algum dispositivo que vem acoplado às mãos. Ainda que não sejam nossas, elas sempre sabem quando a coisa fica difícil.

— Bom dia – a recebo com um sorriso amarelo, o melhor deles que consigo arrumar aqui dentro de mim, e ela abre os braços, daquele jeito que eu já estou bem acostumado. Sempre foi a mãezona da turma, cuidando de cada briga, cada confusão, cada coração partido dos amigos de seu filho.

Acredito que Guga tenha contado tudo a ela ontem à noite, eu estava me sentindo tão mal, tão inútil, que não consegui dizer nada ao chegar aqui. Simplesmente pedi um colchão para deitar e prometi conversar com eles quando estivesse me sentindo melhor. O que obviamente não é o caso agora, mas ao menos eu consigo *falar*. Ontem à noite até isso estava difícil.

— Fiz um café preto, daqueles bem fortes, do jeito que você gosta. Imagino que ainda goste, ninguém muda tanto assim mesmo morando longe... – ela fala, enquanto acaricia minha bochecha e eu queria bastante ser chorão. Eu choraria agora, se conseguisse. – E se eu fosse você desceria para beber antes dos meninos acordarem. Eles continuam gulosos como sempre.

— Meninos?

— Piu e Marquinhos dormiram aqui... eles chegaram um pouco depois que você se recolheu.

— Ainda não consegue chamar ele de Topa Tudo, tia?

— Continuo sonhando que ele pare de topar qualquer maluquice que aparece na frente dele. Vamos?

Rindo, a sigo até a cozinha, e encontro a mesa posta para um batalhão. Ou ao menos isso explica o tanto de comida. Bolo, torrada, geleia, fruta...

— Tia, está cozinhando desde que horas? – Ela me serve uma xicara do seu café, amargo e forte como eu sempre gostei, acompanhada de um dos seus sorrisos orgulhosos.

— Isso aqui? Besteira... faço brincando. Come, porque tudo fica mais fácil quando estamos de barriga cheia.

— Guga te contou, né? – Pergunto, enquanto sorvo um gole do seu café dos deuses, e vejo ela acenar, confirmando – O quão burro a senhora pensa que eu sou, agora?

— Nem um pouco, ora bolas. Eu conheci sua mãe, esqueceu? Nunca

diria que aquela mulher tivesse qualquer problema.

— Aqui, não mesmo. Ela era a mulher mais alegre que eu conheci. Mas lá...

— Querido... – sua mão alcança a minha, apertando talvez para me dizer que ela estava ali, ao meu lado, como sempre esteve – Quando seu pai faleceu você era um menino. Não tinha nem dezoito anos ainda.

— Não era tão novo assim. Dezoito anos, tem muita gente que leva a casa nas costas nessa idade. Convivi com vários assim, muitos imigrantes, gente nova e responsável...

— Se você já tem a idéia formada na sua cabeça, por que perguntou? – Vejo sua sobrancelha se erguer, num claro confronto que eu não quero ter, porque eu sempre perco. Apenas balanço a cabeça, e ela continua – Acho que você foi ingênuo, não burro. Pensou que sua mãe estava deprimida pelo luto, afinal de contas ele era o amor da vida dela, e isso não está em discussão aqui, concorda?

Minha mãe era, realmente, louca pelo meu pai. Era um amor bonito de ver, eles eram cúmplices, companheiros, apaixonados. Isso deixa a coisa toda ainda mais triste.

— Eles se amavam muito, tia...

— Então. Você não sabia que sua mãe tinha um histórico médico. E, meu amor, você é pediatra. Claro que é médico, mas a sua especialidade é outra, sempre foi outra, e você passou anos trabalhando para ser um bom profissional, apesar de todas as informações que vinha recebendo dela. Focado no seu trabalho, apesar de tudo.

— A senhora não entende, tia. Eu cursei medicina visando me vingar daquele homem. O meu objetivo sempre foi me embrenhar nos negócios deles e acabar com tudo.

— E ainda assim, teve chances e não fez. Guga me contou do convite que recebeu e negou. E negou porque, no fundo, o que você quer mesmo é exercer medicina, meu amor. Seu apelido não é Golden Boy por acaso...

Um barulho no corredor chama nossa atenção e logo a tropa inteira adentra a cozinha. Guga, Piu e Topa Tudo entram um tanto inseguros, talvez por não saber o que irão encontrar, já que tia Dalva tem esse jeitinho de desmontar a gente com uma simples conversa. E ela fez isso comigo, apesar de não ter tirado dos meus ombros toda a culpa que eu ainda sinto – e irei sentir por um bom tempo – ao menos deixou-me sentindo um pouco menos imbecil do que estava antes.

— E aí, *belezudo*. Acha que rola um ensaio hoje? – Topa Tudo sequestra a torrada que eu havia passado a conversa inteira cuidadosamente cobrindo de

geléia – Estou com o dia livre hoje.

— Eu não estou – Piu retruca – o estúdio hoje vai estar abarrotado.

Piu ganha a vida como tatuador em um grande estúdio localizado na Zona Sul. Como ele sempre curtiu desenhar, e sempre foi muito bom nisso, acabou unindo o que gostava de fazer com uma forma de ganhar dinheiro. Digão é professor de História, e talvez esse seja o motivo dele não ter aparecido por aqui, afinal de contas ele trabalha até tarde e tem turmas pela manhã também. E Topa Tudo, como o nome já sugere, faz programas. Foi vendendo o corpo que ele conseguiu montar um belo apartamento, comprou um carro do ano, pagou seu curso de inglês e finalizou a universidade. Está, obviamente, procurando alguma ocupação que seja tão rentável quanto essa, mas ao menos até agora, não encontrou nenhuma.

— Cara, a gente precisa mesmo ensaiar, mas eu juro que também preciso enfiar a cara nos livros, ou não vou passar naquele exame.

— Tudo bem. Vamos fazer o seguinte... – Guga bate na mesa, fazendo tudo chacoalhar, e leva um tapa na nuca de sua mãe que, pelo visto, não vai nunca perder essa mania não importa quão velhos estejamos – Você vai à loja comigo, Topa Tudo. Piu vai trabalhar e Jotapê tem umas merdas ainda para resolver. Se todo mundo estiver OK, à noite ensaiamos.

Piu solta uma gargalhada meio fora de hora, e quase engasga com seja lá qual das iguarias ele tinha enfiado na boca, deixando todo mundo confuso.

— Vai explicar? – Guga pergunta, minutos depois.

— Nada demais, só achei engraçado você falar que o Jotapê tinha umas merdas para resolver, na mesa do café da manhã.

— Jura que as pessoas confiam o corpo delas a você e uma agulha? – Topa Tudo pergunta, mas rindo feito outro idiota.

— Ah, cala a boca!

Fico me perguntando como eu vivi por quase quinze anos longe disso tudo. Quando eu sai do Brasil, eu tinha recém completado 15 anos e foi difícilimo largar tudo para trás. Não criei caso porque parecia muito importante para o meu pai, uma daquelas oportunidades que não se repetem. Minha mãe sempre dissera que, com ela, foi da mesma forma. Não queria ir, mas era importante para ele, então, lá se foi a *família trapo* rumo ao Canadá. Nesses últimos quinze anos eu fiz amigos, obviamente, mas nunca foi dessa forma. Eles sempre tiveram essa forma de agir, de estar presente ainda que ninguém tivesse chamado. Apareciam só mesmo para dizer “estou aqui”, e hoje não foi diferente.

Eu até posso ter muitos motivos para reclamar das coisas que a vida me trouxe, mas, definitivamente, não posso reclamar de tudo. Ainda me restaram muitas coisas boas.



Não preciso de muito para saber que Lorraine não levou a sério o que eu pedi, já que o volume da televisão está alto o suficiente a ponto de conseguir ouvir do corredor. Abro a porta, que estava apenas encostada, e vejo uma trilha de roupas espalhadas pela sala. Femininas, masculinas... *que beleza*. A bonita, além de não ter ido embora, resolveu usar minha casa como motel.

— LORRAINE! – Bato na porta do quarto, com força, e cruzo os braços na espera. E meu queixo cai, com a surpresa.

Esbaforido, enrolado em um lençol, a cara inchada como se tivesse dormido sem querer e acabado de acordar, Hugo tenta se equilibrar enquanto Lorraine, parecendo deveras orgulhosa de seu feito, apoia o corpo na porta entreaberta, erguendo os braços acima da cabeça, se achando a própria Marilyn Monroe.

— Dormiu na rua, *mon chéri*^[11]?

— Não. Dormi em uma cama quente. Eu me lembro de ter pedido para que não estivesse aqui quando eu voltasse.

Vejo quando sua pose de mulher fatal vacila um pouco. Sei bem o que ela tentou fazer. Viu a minha rivalidade com Hugo, viu o pé na bunda que ambos tomamos, quis usar o imbecil para fazer ciúmes, ou algo do tipo. O que ela ganha com isso eu não faço idéia, mas o que ela perdeu...

— Me abandonou lá, não pode reclamar, Jotapê.

— Não estou reclamando do seu encontro com.... isso aí. Estou reclamando de chegar em casa horas depois e você ainda estar aqui.

— Ainda precisamos conversar... – ela faz um biquinho, como se fosse me convencer a ceder apenas com isso.

— Não precisamos. Olha só, Lorraine, quer saber como eu vejo você? Tal qual aqueles personagens de livro que aparecem no meio da narrativa, com a única finalidade de atrapalhar. Como já conseguiu, não tem mais por que continuar aparecendo, pode ir embora.

Dou as costas, afinal de contas não tenho mesmo o que discutir com ela e necessito distância de Hugo ou sou capaz de jogá-lo do alto do segundo andar, que não é tão alto quanto eu gostaria mas vai servir para quebrar-lhe as pernas, se eu tiver bastante sorte.

E sorte é algo que anda me faltando ultimamente.



20. *Vítima*

Isadora

Pela, talvez, vigésima vez eu levanto da cama e vou até a varanda, tentando me convencer de que eu quero mesmo é ver como está o tempo pela manhã, mas, obviamente, não conseguiria enganar a ninguém. Nem mesmo a mim.

Fui deixada no quarto de hóspedes da casa de Alice ontem à noite, e fiquei o tempo inteiro imaginando que, a qualquer minuto, meu pai apareceria. Que causaria uma comoção qualquer na porta dos Carvalho e o pai dela, aborrecido, me mandaria de volta. E eu apanharia a noite inteira.

Essa visão maluca tinha uma segunda versão, que era onde Hugo apareceria junto com a polícia local, e depois de alguma ordem judicial, eu voltaria para casa. E apanharia a noite inteira.

O que foi? Eu estudava decoração, não Direito!

E, sim... tinha a terceira versão. Aquela onde João Pedro me procuraria novamente, e eu, dessa vez mais calma, ouviria tudo o que ele tinha a dizer. Tenho para mim que tudo o que ele me disse ontem a noite teria sido melhor recebido se tivéssemos conversado outra hora. Ali, naquele momento, eu ainda estava magoada. Assustada. Com informações demais para processar. Depois de um banho e com a cabeça no travesseiro, passei a recordar tudo o que ele estava me dizendo.

A loira insuportável não era sua noiva. Bom, não que isso fosse menos importante, mas de tudo o que Hugo havia dito, era o menos grave. Algo que poderia ser consertado se fosse verdade. Não era. *Iupi!*

Imaginar que ele tinha se aproximado de mim apenas para prejudicar o meu pai é que tinha sido, realmente, a parte grave da coisa toda. Saber que ele

tinha algum plano maquiavélico para destruir a minha família, por pensar que meu pai teria assassinado o seu.

Fiquei aliviada ao saber que meu pai não tinha nada a ver com isso. Eu já tenho motivos o suficiente para temer meu pai, não preciso adicionar *assassinato* à lista.

Suspiro, olhando mais uma vez para o portão de entrada, somente para me certificar que não tem ninguém chegando. Ninguém, nem ele.

— Isa? – Regina, mãe de Alice, entra no quarto e dá um suspiro quando me vê em pé na porta da varanda – Pensei que estava dormindo ainda. Você não é como Alice.

— Como é Alice? – Pergunto, curiosa. Afinal de contas, mesmo sendo amigas, não nos conhecemos assim tão profundamente.

— Quando ela está chateada fica enfurnada em baixo das cobertas para sempre. Achei que era coisa de adolescente moderno, felizmente estou errada...

Regina é uma mulher muito bonita. Conservada até a medula, jovial, e relativamente famosa por ter feito parte da bancada do maior telejornal do país. Eu sempre a admirei, nas poucas escapadas que consegui dar até sua casa, geralmente em época de trabalhos e provas quando estudava com Alice, mas nunca fora o suficiente para ter intimidade e, por isso, fico de certa forma insegura com sua presença aqui no quarto. E ela percebe.

— Ontem você nos contou algumas coisas, Isadora, e eu deixei você falar porque precisava desabafar, principalmente por ter ficado tanto tempo em silêncio. Eu não estou aqui para te julgar, e sim para ajudar. Mas primeiro, eu tenho que perguntar: o que você quer fazer?

Ding! Ding! Ding! Ding! Veja se essa não é a pergunta de um milhão de dólares? Preciso de um esforço sobre humano para não rolar meus olhos no momento porque, eu honestamente, passei a noite inteira e não consigo saber *o que* eu quero fazer.

— Dona Regina...

— Pode me chamar de Regina. Essa “dona” aí me deixa deprimida... – ela sorri, e eu assinto.

— Regina. Eu... não sei, honestamente, o que fazer. Eu vim para cá com a roupa do corpo. Não tenho documentos, não tenho dinheiro, e não tenho parentes. Aliás, a soma do segundo e do terceiro item sempre foram os maiores motivos que me fizeram aceitar tanta coisa por tanto tempo. É difícil não ter dinheiro, não ter profissão, e não ter idéia do que fazer ou para onde ir.

Repetir isso sempre me deixa muito mal. Me vejo sempre em um beco sem saída, imaginando que, a qualquer momento, estarei de volta àquela casa. E, agora, tendo saído de lá, tenho a certeza de que será ainda pior a minha volta.

Muito pior.

— Você não precisa se preocupar com lugar para ficar, meu amor, eu te falei isso ontem. Você pode permanecer aqui o tempo que precisar. A casa é grande, como você pode notar. Trabalho também não vai ser difícil de conseguir, eu tenho meus contatos, você sabe disso...

— Certo... – respondo, esperando o “mas...,” porque ele sempre vem.

— Vamos ter que ir até sua casa, buscar os seus documentos, no entanto. Tentar resgatar sua bolsa, de uma forma amigável. Roupas, se possível...

O tom de sua voz, calmo e cuidadoso, estava me dando nos nervos. Ela falava como se me preparasse para um grande evento, que me causaria dor ou um enorme transtorno. Era quase como aquelas pessoas que chegam até você, para te dar a notícia da morte de alguém, mas não tem coragem e ficam enrolando, até você perder a paciência e perguntar. Entende o que eu quero dizer?

— Aconteceu alguma coisa ontem à noite, na minha casa? Quer dizer, além de tudo o que eu sei?

— Não que eu saiba. Por quê?

— Está me deixando nervosa com todo esse suspense, Regina.

— Tudo bem. Eu estava tentando encontrar uma forma de dizer sem te ofender, ou te pressionar... – bate a mão na cama, um convite para sentar próxima a ela – Senta aqui perto de mim.

É muito difícil essa intimidade, quando você não está acostumado a isso. Eu nunca tive esse tratamento doce em minha casa, essas conversas de mãe para filha – ou qualquer coisa do tipo que esteja acontecendo aqui nesse momento – e isso me deixa completamente sem jeito. Sento, o corpo ereto, as mãos por sobre o colo, da forma automática como eu sempre aprendi durante a minha vida inteira. E ela percebe, tanto que se apossa de minha mão, apertando firme.

— Você já pensou em denunciar o seu pai?

— Alice é bem sua filha, mesmo... – tento uma resposta bem-humorada – ela me fez a mesma pergunta. E vou te responder do mesmo jeito: ele é meu pai. Eu não teria coragem de fazer isso.

Eu falo no aguardo da decepção, da reprimenda. Mas ela apenas sorri, e aperta minha mão mais uma vez.

— Entendo o receio, Isadora. E entendo muito bem o sentimento. Afinal de contas, ele é seu pai, como alguém iria até uma delegacia para denunciar o próprio pai? Parece absurdo, não? – Seu sorriso amigável me traz calma, e então eu apenas balanço a cabeça, concordando – Esse é o pensamento da grande maioria das mulheres que são agredidas por familiares no país. Por pais, irmãos, parentes em geral... porque, acredite, isso acontece e muito. Te olhar é o bastante

para me fazer ferver de raiva, Isadora, eu não aguento ver essas marcas pelo seu corpo. Mas ele poderia também ser denunciado por todo o resto.

— Como assim?

— Constrangimento, humilhação, vigilância, perseguição, chantagem... tudo isso é também uma forma de violência, e a lei existe para te proteger. Não importa que ele seja o seu pai. Infelizmente eu não sabia de nada disso, ou teria te procurado há muito mais tempo.

— Eu... eu não sei. Eu não preciso, não é? Quer dizer... não vou voltar a viver com ele, então eu não preciso denunciar. Eu só... – sinto um aperto na garganta, como se uma mão invisível estivesse apertando meu pescoço, me impedindo de respirar. Me impedindo de falar. Parecia que eu estava ouvindo sua voz dizendo, enquanto me segurava pelo cabelo e me chacoalhava inteira, que ele me quebraria inteira se eu abrisse a boca. Isso estava tão profundo dentro de mim, porque foram tantos anos ouvindo isso, que a sensação que eu tinha era que, a qualquer minuto, ele romperia porta adentro para sair me arrastando pela casa, até chegarmos ao meu quarto e ele me partir no meio de tanta porrada.

— A sua mãe ainda vive lá, Isadora. Ela não é a minha pessoa favorita no mundo, porque eu nunca gostei da forma como ela sempre tratou a minha Alice, mas... ela é tão vítima quanto você.

— Ela nunca vai querer denunciar.

— Por isso ela precisa de você. Eu não vou te pressionar. Estou aqui para te ajudar, quero que saiba disso. Mas... – como eu disse, o “mas” sempre vem – eu acho que ele não pode passar impune.

Abaixo a cabeça, num estado de mutismo que nem se me pagassem eu diria qualquer coisa. Tenho medo de afirmar que não tenho coragem de denunciá-lo e ela me mandar embora. Parece muito calhorda de minha parte estar me aproveitando de sua hospitalidade sem fazer as coisas que ela me diz para fazer. Muda, ao menos, ela não vai saber se eu concordei ou não.

Parece muito esperto de minha parte, vocês não acham?



Quando o carro estaciona em frente de casa, meu primeiro instinto é esticar o pescoço em direção a garagem, para saber se o carro de meu pai estava por ali. Felizmente demos sorte, o único carro ainda estacionado é o meu. Sim, eu tenho um carro, um belo carro importado que ganhei em meu aniversário de dezoito anos, quando meu pai quis passar a imagem de que era muito generoso, um excelente pai. A chave nunca esteve em meu poder, no entanto, tampouco pude ter aulas de direção.

Regina achou melhor esperar no carro, mas me pediu para gritar, o mais alto que eu conseguisse, caso tivesse algum problema dentro de casa. Eu concordei, mas confesso que subir as escadas voltando àquele lugar, sozinha, sem ninguém ao meu lado, estava sendo uma das experiências mais aterrorizantes que eu já tinha passado até então. Parecia que eu estava vendo, a mim mesma, em uma cena de suspense. E enquanto me via indo placidamente para um lugar onde eu iria morrer, meu subconsciente ficava gritando coisas como “vai embora daí, Isadora, sua idiota!” E no processo, meu coração parecia parar de bater, enquanto as pernas mal obedeciam ao comando que meu cérebro enviava.

Assim que chego em frente à porta, ela se abre como por milagre e eu congelo. A figura à minha frente aparece totalmente borrada, tamanho pavor me acomete.

— Menina Isa, ouvi o carro chegar. Está tudo bem? – Ouço a voz de Solange e só então me permito reagir.

— E-está. Ele está em casa?

— Não, só a sua mãe. Ela não está muito bem.

Imagino o motivo. Sigo Solange, que me mostra a sala do piano, o local favorito de minha mãe. Nunca entendi, na verdade, o porquê aquele cômodo era o favorito dela. Não existia nada atraente ali dentro. Móveis claros, nenhum enfeite. Um piano lateral, uma banquetinha acolchoada. Um grande sofá de tecido. Um espaço interminável, esse deveria ser o cômodo mais espaçoso que essa casa tinha, tanto que foi escolhido por mim para o... coquetel.

Atravesso a porta e posso vê-la sentada no sofá, olhando para algum ponto na parede vazia. Congelo no lugar quando ela ergue o rosto, e nossos olhares se encontram. Quer dizer, nem todos os olhares, porque o lado direito de seu rosto está praticamente desfigurado.

— O que ele fez?? – Me aproximo, ajoelhando a sua frente, sem conseguir segurar o choro.

— Ficou nervoso com aquela confusão toda de ontem, Isadora. Aquele rapaz chegando aqui e batendo nele, você indo embora escondido... foi um pouco demais para ele.

— Mãe...

— Está tudo bem. Ele amanheceu calmo hoje, foi trabalhar, vamos... tudo vai ficar bem. Vitor conversou com ele ontem, sabe? Fez ele prometer que não vai encostar em você nunca mais, usou o contrato nupcial para garantir que você fique ilesa. Não precisa se preocupar mais.

— O contrato?

— Sim, de noivado. Logo você casa, Isadora, e isso tudo acaba. Você

estará livre. Os Moraes são boas pessoas e irão te proteger, Hugo me garantiu isso ontem à noite. Vai poder estudar, trabalhar, fazer o que quiser da sua vida. Vai dar tudo certo...

Minha mãe mal conseguia falar direito, tamanho inchaço em seu rosto. As palavras saíam um tanto quanto arrastadas, e dando uma olhada pelo seu corpo, pude ver que ela estava com algumas almofadas apoiando a sua lateral.

— Ele te bateu tanto assim?

— Não foi nada demais, ele só estava nervoso. Sabe como ele fica.

“Ela é tão vítima quanto você.”

As palavras de Regina seguem martelando minha cabeça, numa frequência interminável.

Vítima.

Vítima.

Vítima.

E ao mesmo tempo, o meu inconsciente continua mandando mensagens de que é assim mesmo, ele é meu pai, marido dela, e que isso é normal. Ainda assim, arrisco.

— Mamãe, precisamos denunciá-lo... – ela se sobressalta, e com o movimento, solta um gemido de dor.

— Está maluca, Isadora? Não podemos... ele é seu pai, meu marido. – Eu sigo repetindo a ela que ele não vai parar, que ele nunca vai parar, porque eu quero que ela me escute, agora eu posso ver isso. Mas ela segue irredutível, me dizendo que é um absurdo e que ela nunca fará isso.

— Sempre apanhou dele?

— Eu era uma menina, Isadora. Tinha dezesseis anos quando me casei, era outra época. Eu não sabia nada da vida. Não conseguia agradá-lo, ele gostava de outra mulher. Da mãe daquele rapaz que esteve aqui ontem. Estava aborrecido por ter sido rejeitado, então era normal ele ficar nervoso comigo por não conseguir agradá-lo.

Achei curioso que, em toda a minha vida, nunca vi minha mãe sorrir. Mas é exatamente isso o que ela está fazendo nesse momento, ao me contar a sua vida matrimonial. Sorrindo.

— Eu tentei engravidar por dez anos. Devo ter sofrido uns cinco abortos, até conseguir engravidar de você. A nossa casa tinha muitos móveis, muitos mesmo, demorou até eu conseguir deixa-la assim espaçosa e ainda assim elegante. Dessa forma, eu não esbarrava nos móveis, porque eu era muito descuidada, sabe? Vivia tropeçando, caindo, e com isso, eu perdia os bebês. Foram cinco seguidos, então eu entendi que eu precisava ser mais cuidadosa, mais respeitosa, mais dedicada. Aprendi a ser uma boa esposa, porque precisava

disso para ser boa mãe. Deu certo, você nasceu.

Sua mão vem até meus cabelos, alisando, a boca retorce um pouco como se desaprovasse a bagunça que os fios estão.

— Então eu aprendi que tinha que ser linha dura com você. Precisava que fosse uma boa moça de família, ou ele passaria a te ensinar também, e não era bem o que eu queria, mas eu não podia dizer nada. Eu já tinha aprendido a lição que falar menos era o melhor para nós duas.

— Você sofreu por trinta anos, minha mãe. Como pode pensar em não denunciar esse homem?

— Seria ultrajante! Uma mulher na minha idade, sem marido? Seu pai me sustenta, tenho casa, comida e roupas. Não sei fazer nada, não tenho amigos, não tenho uma profissão, não tenho um centavo em meu nome. Eu não tenho para onde ir, Isadora. Meus pais me entregaram a ele, e sempre apoiaram sua forma de corretivos, então não deve ser lá muito errado, não é? Ele só está corrigindo a sua família.

Ela está alterada, mas mal consegue se mexer enquanto defende, com certa paixão, o seu direito de apanhar em paz. Aperto sua mão, tentando fazer com que ela se acalme, entendendo que hoje eu não vou conseguir convencê-la de nada.

— Tudo bem.

— Já tomou café? Eu peço para a Solange te preparar alguma coisa...

— Sim, eu tomei. Eu vim... – puxo o ar, buscando coragem – Preciso da minha bolsa, meus documentos. Eu sai ontem sem nada, só com a roupa do corpo.

— Como assim? Documentos para que, Isadora?

— Não posso ficar sem documentos, mamãe. Eu já tenho todos aqui, seria insanidade ter que tirar tudo novamente porque minha bolsa ficou retida.

— Você vai embora novamente? Isadora, ele... – sua voz falha, e posso ver que ela está fazendo um esforço enorme para não chorar – Não acho que ele vá ficar muito feliz com isso.

— Se eu voltar, ele vai acabar comigo.

— Vitor garantiu que não vai. Ele me fez prometer que eu lhe devolveria o seu telefone celular, para que você entrasse em contato com ele imediatamente caso seu pai tocasse em um fio de seu cabelo.

— Eu não quero casar com Hugo. – Eu digo em um sussurro, e a lágrima que ela tentava conter acaba escorrendo por seu rosto. Como se essa simples frase estivesse selando o seu destino.

— Bem, então não há muito o que fazer. Porque sem o casamento, seu pai perderá tudo. E desse jeito, é melhor mesmo que não esteja perto, porque ele

acabará conosco.

Explico a ela que não gosto de Hugo, que nunca gostei, que odeio a faculdade, que tenho saudades de meus amigos, que sou apaixonada por João Pedro. Explico também que eu quero uma vida diferente da que está sendo oferecida a mim, mas que eu também quero uma vida diferente para ela.

Ela entende o meu ponto de vista. Diz que até achou Jotapê um bonito rapaz, corajoso por ter vindo enfrentar o meu pai. Me deseja boa sorte na vida que estou buscando para mim, e pede que eu não volte mais lá, pois meu pai não perdoará tamanha *traição*. Seu discurso é uma despedida de quem sabe o que vai acontecer com ela, mas, ainda assim, ela está calejada demais, presa demais em uma forma de viver que é errada, mas que ela passou anos pensando ser correta. Nem mesmo quando eu digo que sairei dali direto a uma delegacia ela muda sua postura.

Deixo a sala, tendo a noção de que estou tomando a atitude mais difícil que eu poderia tomar em toda a minha vida, mas que no momento me parece a mais correta. Regina me aguarda na calçada, e abre um sorriso enorme ao me ver descer as escadas, mas logo o sorriso é substituído por uma expressão confusa.

— Onde está sua bolsa, Isadora?

— Obrigada pela ajuda, Regina. Mas eu vou ficar.



21. A Cura

Jotapê

A noite caiu já tem um tempo, mas continuo com a cara enfiada nos livros. Um dia inteiro na frente desse notebook, pesquisando e anotando tudo o que posso para me dar bem nessa prova. Por conteúdo, realmente, não é difícil, os três gabaritos que consegui acabei acertando a maioria das questões, cheguei a zerar um deles. Fico intrigado mesmo é com os bastidores da coisa toda.

Essa taxa de reprovação não é uma coisa normal, apesar de também saber que dos 10% que passaram no último ano, 90% eram brasileiros. É quase como se fosse mesmo uma grande peneira para impedir médicos estrangeiros de atuar no país. E, enquanto isso, pessoas morrem por aí afora sem atendimento.

A burocracia nesse país é uma grande merda, isso sim.

O barulho da campanha interrompe meus pensamentos e me surpreendo ao ver Guga e uma garota, bonita até, parados na minha porta. Tenho a sensação de conhecer a garota de algum lugar, mas sequer consigo me lembrar, a menina se chacoalha inteira, parecendo estar muito nervosa.

— Guga, aconteceu alguma coisa?

— Desculpa invadir sua casa a essa hora, Jotapê. Posso te chamar de Jotapê não? Eu precisava vir e tive que convencer o Guga, ele não queria vir, mas eu insisti muito e...

A menina bonita, parada no corredor, desembesta a falar como se estar em minha casa fosse algo muito, muito errado, e conforme ela falava acabei por reconhecê-la. Era a garota que estava comprando cordeamento na loja alguns dias atrás. Preciso me lembrar de tirar sarro de Guga, afinal de contas lembro perfeitamente que a menina estava com o namorado na ocasião, pelo que me recordo. “*Não se envolver com garotas comprometidas, não é, senhor Gustavo?*”

”

— Ei, está tudo bem. Entra, fique à vontade e, sim, pode me chamar de Jotapê. Qual seu nome?

Pergunto enquanto vejo a menina elétrica passar pela porta e dou um olhar divertido a Guga, que não devolve. E acho isso muito estranho.

— Alice. Acabou que não fomos apresentados direito ontem.

Só então eu me dou conta que essa é a amiga de Isa, a mesma que a resgatou e a levou embora ontem à noite. E essa percepção acaba me deixando alerta.

— O que aconteceu? O que fazem aqui?

— Você precisa conversar com a Isa, ela surtou, ficou completamente maluca e eu não tenho muita paciência com isso. Estou com vontade de esquecer que ela apanhou a vida inteira, e acabar dando uma surra nela.

— Calma, Alice. Vamos falar direito porque senão ele não vai entender nada.

A menina respira, puxando o ar com força, tentando se acalmar antes de se explicar. De forma bem teatral, ela estica os braços, os dedos abertos, como a pedir calma para o universo.

— Desculpa eu... estou nervosa. Eu não sei como lidar com isso. – Aceno com a cabeça, apontando o sofá para que eles se sentem porque, pelo visto, a conversa vai ser complicada.

Sei que tem a ver com Isadora e sua família, mas não consigo imaginar o que deixaria essa menina tão fora de si dessa forma sem pensar numa tragédia. E só esse pensamento faz meu coração disparar.

— Minha mãe foi levar Isadora até sua casa, porque ela precisava de roupas e documentos. Ela tinha tudo realmente esquematizado para, inclusive, convencê-la a denunciar aquele monstro. Mas deu tudo errado.

— O que deu errado? – Me sento à sua frente, a voz aumenta uns dois tons, sem que eu tenha controle sobre isso – O que aconteceu?

— A mãe dela apanhou, ficou muito machucada. Elas se recusam a prestar queixa. E Isadora decidiu voltar para casa por causa disso.

Meu coração, que estava disparado, congela no peito por um longo e interminável minuto.

— Voltou? – Pergunto, apenas por confirmação, e já me viro, buscando alguma coisa que pode ser a chave do carro, carteira ou até mesmo sapatos ou calças compridas porque estou vestindo um par de shorts que passariam, tranquilamente, por uma ceroula de dormir.

— Jotapê, calma, cara – Guga segura meu braço conforme eu tento correr até o quarto – escuta tudo. Tem mais coisa, espera...

— Esperar o que, Guga? O pai dela deve estar chegando, ele vai arrebentá-la! Vocês deviam ter ido lá e não vindo aqui, porra!

— Hugo garantiu que não vai! Ele usou o pré-nupcial como garantia! – A menina grita e eu congelo – Seja lá o que isso significa, ela está “segura”. – Alice parece usar o seu tom mais cínico, compartilhando a mesma simpatia que eu tenho por ele.

— Me explica isso, por favor.

— Ontem o seu primo fez o pai dela prometer que não encostaria o dedo nela até o dia do casamento, ou ele mesmo faria com que se sabe lá qual cláusula do contrato de casamento deles se desse como quebrada. Não tenho a menor ideia de qual contrato eles estão falando, mas isso fez algum sentido na cabeça de Isadora.

— Então o casamento ainda está de pé... – Alice confirma, e eu volto a sentar. Sem conseguir decifrar direito o que estou sentindo. Raiva, medo, decepção...

— Seu tio exigiu que a vida dela voltasse ao normal, com faculdade, internet e tudo o mais. Acredito que funcionou porque ela me telefonou, agora há pouco, e disse que amanhã ela volta à universidade.

— Então está tudo certo. Tudo de volta ao seu lugar...

— Eu te falei, Alice...

— Cala a boca, Guga, que saco! – A garota grita e seria engraçado se eu não estivesse tão puto – Não tem nada resolvido. Porque ela só ficou lá para evitar que a mãe apanhe. Ela está protegendo aquela bruxa que nunca levantou um dedo sequer em sua defesa. Precisamos fazer alguma coisa!

— Você já denunciou? – Eu pergunto, cansado da gritaria. Exausto, para ser mais sincero.

— Ela não quer...

— Existe um telefone onde você pode ligar e fazer a denúncia anônima. Não é nada automático, a polícia não vai bater na casa dela imediatamente, mas existe. Já fez isso? – Ela nega, e eu suspiro, cansado demais para continuar essa conversa.

— Faz isso então, Alice. Olha só... está vendo esse monte de livro ali em cima da mesa? Estou estudando. Preciso muito passar numa prova se quiser trabalhar aqui no país, é algo muito importante mesmo para mim. Acredito que o meu primo tenha tudo muito bem resolvido na questão Isadora, então...

— Você não se importa?

— Não me olhe com essa cara decepcionada. Existe uma linha até onde uma pessoa pode ir.

Fico lembrando todo o discurso de tia Dalva, dizendo que preciso

respeitar sua escolha, e me pergunto até onde essa afirmação vale. Teria a pessoa o direito de escolher ser agredida, e até que ponto seria correto alguém de fora se intrometer?

Crescemos ouvindo que “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”, mas nessas horas é muito difícil seguir e deixar de lado.



Como esperado, a noite correu longa e lenta. Foi impossível fazer qualquer coisa depois que Alice e Guga saíram de casa, tentei ocupar a cabeça com os livros, mas de nada adiantou. Tudo o que eu fazia era pesquisar e estudar sobre casos de violência doméstica, e como proceder.

Passei a noite inteira pensando nisso. Em como ela agora teria o apoio de meu tio Vitor para sair ilesa dessa situação inteira. A família de Alice atenta, inclusive com a promessa de uma denúncia anônima. O discurso de minha tia sobre respeitar as escolhas da menina e não me meter caso o escolhido não fosse eu.

E continuo pensando nisso agora, enquanto espero em frente à escadaria da universidade onde ela estuda. Ultrapassando todas as linhas imaginárias que eu penso existir entre nós, no momento.

Vejo quando ela desponta no alto da escada, o olhar, como sempre, à procura do ponto de táxi. O corpo todo coberto, apesar do calor, talvez para esconder os vergões vermelhos que a surra lhe causou – o que me deixa fervendo de ódio novamente só de imaginar. A menina é realmente linda e delicada, o cabelo escuro reluz com o brilho do sol e ela tem uma sensualidade natural que faz pescoços virarem conforme ela anda.

Pescoços esses que eu torceria, se pudesse.

Chega a ser divertido acompanhar sua reação ao me ver parado, encostado na lataria do carro. Os olhos dobram de tamanho, o fichário escorrega das mãos, ela se atrapalha um pouco para conseguir recolher tudo, ajeita o cabelo atrás das orelhas e desce correndo, olhando para os lados, até se aproximar, ofegante.

— João, o que está fazendo aqui? – Ela pergunta com uma voz sussurrante, como se alguém pudesse nos ouvir. Eu poderia continuar achando tudo muito divertido se não fosse enfiado saber que uma pessoa vive dessa forma, olhando por cima dos ombros, calculando cada passo.

— Precisamos conversar, por isso eu vim...

— Vão contar a ele. Foi assim que ele soube da outra vez.

— E eu vou socar a cara dele novamente. Eu prometo te entregar rápido

e inteira... – eu comento, dando de ombros e sorrindo, e ela devolve com uma expressão que diz não acreditar muito, mas dá a volta no carro, parando ao lado da porta do passageiro, esperando-me destravar. A porta e a postura, porque congelei ao ver que ela tinha, finalmente, aceito sair dali comigo.

— Me leva para outro lugar então, não podemos ficar aqui.

Eu sabia que, se queria conversar com ela abertamente sobre tudo o que tínhamos pendente, não poderia ser em qualquer lugar onde fossemos interrompidos. Então, sem pestanejar, me dirijo ao meu apartamento. Seguimos em silêncio do estacionamento até o saguão, eu não faço a mínima idéia sobre o que ela está pensando, mas a minha cabeça fervilha ao pensar que essa pode ser a última vez que estaremos juntos desse jeito, sozinhos.

E pensar isso chega a doer fisicamente. Aquela dor que aperta o coração, deixando-o pequeno, minúsculo, com a sensação de que vai ser partido ao meio.

Quando entramos no elevador, ela tomou o cuidado de ficar do lado oposto ao meu. O que não era suficiente, porque seu perfume tomava todo o espaço. E nossos olhos, esses estavam grudados um no outro, utilizando o espelho da lateral. Em silêncio, mas com aquela linha invisível que nos interligava ali, nos unindo.

— O dia que estive aqui eu achei curioso o seu apartamento ser o único que não possui vaso, tampouco tapete de boas-vindas.

Pela primeira vez eu olho em volta, notando as outras três portas do andar. Plaquinha de boas-vindas, tapete com mensagens engraçadinhas, vaso de plantas.

— Ainda tenho tempo. Até as toalhas de banho quem me trouxe foi a mãe do Guga. – Abro a porta, dando-lhe passagem e ela passa por mim, não sem antes soltar uma provocação.

— Espero que a *noiva* tenha ido embora.

Não queria me sentir, sei lá, presunçoso por isso, mas não pude deixar de sorrir ao pensar que ela tinha sentido ciúmes.

— Foi sim. – Me lembro de Hugo e não sei se devo dizer a ela agora, ou esperar ele quebrar a cara – Senta, quer beber alguma coisa? Deve ter.... água.

Ela balança a cabeça, negando, e volta sua atenção para a mesa no extremo oposto à pequena sala, ainda tomada por livros.

— Estava estudando? A tal prova que você tinha me dito? – Sorrio, novamente sem querer me sentir presunçoso, mas adorando saber que ela se lembrava de nossas conversas. Não seria lá muito envaidecedor se somente eu lembrasse de cada frase que já trocamos.

— Sim. Tenho tempo, será em alguns meses, mas... preciso disso para trabalhar.

— Vai dar tudo certo. Seu tio disse que você é um médico excelente.

Eu gostaria muito de ficar a tarde inteira jogando conversa fora, mas eu não sou do tipo que fica enrolando. Principalmente se eu tenho noção de que o tempo é limitado, então o melhor a fazer nesse caso é ser direto.

— Porque voltou, Isa? Aconteceu algo na casa de sua amiga, que te fez sair de lá?

Isadora é boa em fingir, posso ver isso agora. Sua postura inteira, desde sair da universidade até chegar aqui, mostrava uma garota despreocupada, como se vivesse uma vida completamente invejável. Sorrisos e movimentos contidos, elegância natural, porte ativo. Absolutamente nada entregaria que ela tinha passado o inferno apenas dois dias atrás. Mas bastou uma pergunta, e tudo desmoronou. O sorriso apagou, os olhos ficaram mais brilhantes, os lábios tremidos...

— Voltei porque ele vai matar a minha mãe. Você não viu como ela estava, João, você... — não conseguia terminar a frase. As mãos postadas no colo passaram a serem esmagadas uma contra a outra, em uma tentativa de, talvez, afastar qualquer que fosse o pensamento da vez.

— Isa, olha para mim. — Sento ao seu lado, segurando seu rosto com as duas mãos de forma que ela não possa desviar os olhos — Você tem que denunciar ele, minha linda.

— Eu vou.... eu... — gagueja um pouco, até encontrar novamente a firmeza para continuar falando — Eu vou denunciar. Quero juntar provas, gravações, qualquer coisa que não o deixe desmentir. Bati fotos de minha mãe ontem, quando ela não estava olhando, estou salvando tudo o que eu posso em um pendrive.

— Se ele descobrir... eu não quero nem pensar. Eu acabo com ele, Isadora!

— Preciso correr esse risco. Estava tudo muito fácil para mim, sabe? Uma casa bonita, pessoas de bom convívio, me ofereceram trabalho, segurança..., mas como eu posso virar as costas sabendo que ela ia sofrer ali? Não fazer nada a respeito? Nunca poderia, João... é a minha mãe!

— Mas você estará segura lá?

— Tudo leva a crer que sim. Quando meu pai chegou ontem e me viu sentada ao lado de minha mãe, eu pensei que ele faria comigo a mesma coisa que fez com ela. Mas somente caminhou até uma gaveta, pegou meu aparelho celular que estava ali guardado, e me entregou. Não abriu a boca, não falou absolutamente nada, sequer reclamou quando Solange levou o jantar para dona Rita ali mesmo naquela saleta.

— Ela não consegue andar?

— Consegue, mas sente dor, então... — dá de ombros e eu, honestamente, sinto muito orgulho do esforço que ela está fazendo no momento. Tentando proteger alguém que nunca se importou em fazer o mesmo por ela. Isadora é gigante, e nem tem essa noção.

— Então você vai se casar com meu primo para salvar a sua mãe... — tento não colocar um pinga de tom acusatório em minhas palavras, mesmo isso sendo um tanto quanto difícil. Procuro, então, mostrar que não estou brigando, ou nada parecido, correndo os dedos por seus cabelos.

— Eu não tenho intenção alguma de me casar com Hugo. Seu primo é um babaca, e não sei se minha vida seria melhor ao lado dele, mas, no momento, eu não posso simplesmente dizer não a isso também. Preciso dessa suposta segurança que seu tio me prometeu para...

Eu sei que deveria estar aqui colocando minha cabeça para funcionar, pensando em formas de ajudar essa menina a se livrar do pai abusivo sem precisar se sacrificar por isso. De terminar nossa conversa e a levar de volta antes que alguém descubra e simplesmente o avise que estamos juntos. Mas tudo o que a minha mente registra é o fato de ela afirmar que não tem intenção alguma de se casar. E isso, somado ao calor do seu corpo bem aqui ao meu lado, o seu perfume viciante e a maciez do seu cabelo me deixam em um estado de urgência que não consigo pensar em mais nada. Interrompo sua linha de raciocínio e a beijo.

Ah, eu sei. Eu sou o adulto aqui. Ela é apenas uma menina, cheia de merdas a serem resolvidas, o que ela menos precisa é de mais problemas a circundando. Sei disso tudo, não precisa ficar me lembrando. Mas é inevitável. Eu sequer sei o que aconteceu comigo desde aquele baile, que nem faz tanto tempo assim. Contabilizando, foram duas semanas. Duas malditas semanas e eu estou com os quatro pneus arriados por ela. E pensar em tudo o que ela está fazendo só me deixa ainda mais atraído por ela.

O perfume de Isadora, doce e suave, é como um convite para o seu corpo. Como um ímã, me puxando para deixar seus lábios e percorrer sua pele macia, e como eu não sou muito de dispensar bons convites, é exatamente o que eu faço. Sigo com minha mão até sua nuca, e agarro um punhado de seu cabelo macio, fazendo com que ela erga o rosto. Traço um caminho de beijos lentos, saboreando cada pedaço de sua pele, do seu rosto, descendo para o queixo e parando em seu pescoço.

Sinto sua mão puxando meu cabelo ao mesmo tempo em que ela respira fundo, e volto aos seus lábios, de forma nada delicada, sentindo uma fome fora do comum. Passo meu braço por sua cintura e a trago mais para perto e sem titubear ela senta em meu colo, uma perna de cada lado, erguendo o corpo para

ficar ainda mais próxima.

— João... – ela geme meu nome, quando eu deixo sua cintura e desço as mãos direto até suas nádegas, bem acomodadas dentro da calça de tecido fino, fazendo meu pau endurecer um pouco mais.

— Ah, minha Colombina... você tira meu juízo todinho.

— Você vai me esperar? – Ouço-a perguntar, e imediatamente levanto o rosto, buscando seus olhos, confuso com a pergunta inesperada – Não vai me esquecer, até eu estar livre de vez?

Esquecer? Como eu poderia esquecer essa menina? Que tomou conta dos meus pensamentos desde o primeiro minuto em que a vi naquele bendito baile? Sempre achei uma babaquice sem tamanho esse negócio de se apaixonar loucamente à primeira vista, pensava que isso era coisa de maluco. Jurava que mulher nenhuma ia me causar esse tipo de coisa e cá estou eu, pego pelas bolas.

— Esperar? Eu não vou largar você, menina bonita. Nem que me chute e solte os cachorros em cima de mim.

Ela ri, e novamente busca meus lábios, em mais um beijo enlouquecedor. Minhas mãos, nesse ponto, já têm vida própria, e começam a percorrer seu corpo, entrando por baixo da blusinha, percorrendo cada centímetro de pele que se desnuda conforme eu levo o tecido junto comigo. Não encontro resistência, ela simplesmente ergue os braços facilitando o meu trabalho e em segundos a blusa voa para algum lugar da sala.

Sinto meu corpo enrijecer ao notar sua pele toda marcada, o pai dela é um verdadeiro animal. Vários vergões cobrindo seus braços, suas costelas, a pele pouco acima dos seios.... Não chegou a ferir ao ponto de tirar sangue, mas deve estar muito ardido.

— Não quero machucar você, minha linda... – falo, enquanto deixo beijos suaves sobre cada vergão que consigo ver em seu corpo.

— Você não machuca, meu belo Arlequim... você cura.

Fica muito difícil colocar em palavras as reações do meu corpo nesse momento. Meu coração resolveu disparar como se eu estivesse correndo uma maratona, minha respiração fica ofegante, meu estômago revira... eu poderia colocar a culpa na descarga poderosa de dopamina que meu cérebro provavelmente enviou para as minhas artérias, mas eu vou simplificar isso.

Estou perdidamente apaixonado.



22. Para o Céu, Ida e Volta

Isadora

Eu não pensei que quando saísse de casa essa manhã, encontraria João Pedro na porta da Universidade. Também não pensei que ele iria querer conversar comigo e me traria ao seu apartamento. Menos ainda que estaria em seus braços, sem muita conversa. Mas garanto que, se tivesse pensado, não mudaria um minuto sequer de minha tarde.

Já notou que esse é praticamente um padrão meu, quando o assunto é meu belo Arlequim, certo? As coisas acontecem sem eu planejar, mas eu não mudo nada.

Não perguntei como ele soube a respeito de minha volta para casa. Não perguntei como ele se sente exatamente a respeito de tudo o que está acontecendo em minha vida no momento. Não parei para pensar se isso pode prejudica-lo. E não vou fazer nada disso enquanto estiver em seus braços.

Vi como ele ficou nervoso ao olhar meu corpo, ainda marcado pela surra. Não foi difícil perceber a mudança de postura, seu aperto ficou mais firme e ele chegou a rosnar. Mas depois foi tão carinhoso, beijando cada marca, como se com isso pudesse apagar o que eu tinha passado naquela noite.

E ele podia. Se não apagar, ao menos aliviar, e foi o que eu disse. O beijo que eu recebi como resposta foi algo que me tirou de órbita. Aliás, preciso ser muito sincera, seus beijos poderiam me causar uma síncope de tão bons. Já me imagino morrendo e ao descobrirem a causa da morte, vai constar em minha certidão de óbito: morte por beijos de Jotapê.

Com delicadeza, ele escorrega a alça do meu sutiã – ainda cheio de frufus – desnudando meus ombros, e suas mãos abrem o fecho, com certa rapidez de quem está perdendo o controle da situação, e imagino que ele deva ter

ido fazer companhia para a blusa, jogada em algum canto da sala.

— Sonhei em vê-los assim... sem pano algum por cima. — Sua voz rouca me causa arrepios, enquanto ele passa os polegares em meus bicos intumescidos. Queria encontrar minha voz, mas só consigo arquear meu corpo, e ele aproveita o movimento para tomar meu seio em sua boca. Por um tempo que pareceu curto demais ainda que infinito, ele chupa o mamilo, fazendo com que ele fique ainda mais duro e pontudo. Então parte para o outro, dando-lhe a mesma atenção, e sinto meu corpo inteiro arrepiar. Fica um tempo brincando assim, de um para o outro, simultaneamente.

Me movimento em seu colo, e sinto como está duro. Ouço quando ele sibila e prende o bico entre os dentes, provocando um pouco de dor. Mas não uma dor ruim, se é que me entende...

— João... — digo novamente seu nome, em meio a um torpor de prazer, sem querer que isso acabe. Sem querer me separar dele, nunca mais. Por mim, ficaria aqui nessa sala, nesse colo, para o resto da minha eternidade.

— Não vou conseguir me segurar hoje, menina... preciso sentir você. Preciso ter você de novo.

— Me toma, João... eu sou sua.

Em um movimento rápido ele se ergue do sofá, e sai comigo nos braços pela sala pequena, passando por um corredor até entrar em um quarto. Num só impulso, me coloca deitada sobre a cama e, com uma delicadeza que mal cabia no momento, vem em minha direção. O ar se esvai completamente do meu peito, fico em suspenso, aguardando qualquer coisa que ele tenha para mim nesse momento.

— Eu fiquei doente essas duas últimas semanas, Colombina. Louco para ter você deitada exatamente onde está agora. Querendo relembrar como era tocar você aqui... — deixa um beijo em meu pescoço. — Aqui... — desce os lábios pelo meu colo, passando pelo vale entre meus seios. — E imaginando qual sabor você teria em outras partes do seu corpo... — ele passa a língua em meu estômago, enquanto os dedos seguem desabotoando minha calça.

— Eu não pensava em você deitado não... — ergo o quadril, facilitando seu trabalho em me despir. — Na verdade, eu só queria mesmo ter você de novo, João.

— Sabe de uma coisa? — Ele continua falando, enquanto seus dedos acariciam o caminho de pelos que, felizmente, eu mantenho aparados — Eu nunca gostei do meu nome, tanto que sempre pedi que me chamassem pelo meu apelido. Mas você dizendo meu nome se torna a coisa mais sexy que eu já ouvi. Fico imaginando como ele soará quando você estiver gritando.

Franzo o cenho, sem entender direito o que ele quis dizer, mas a

compreensão me atinge assim que João abre minhas pernas e, com rapidez, aproxima a boca de minha intimidade. E, por tudo que é mais sagrado, ele definitivamente sabe o que faz. Sua língua desliza por minha fenda, ao mesmo tempo em que seus dedos me tocam com suavidade, me abrindo mais até que ela esteja completamente dentro de mim. João alterna entre movimentos lentos, moderados e rápidos. Lambidas, mordidas e sucções, chupando com gosto, grunhindo com vontade.

Ele passa a fazer massagem com os dedos, colocando um e em seguida outro, um movimento de vai e vem contínuo, enquanto continua me sugando, lambendo, praticamente se alimentando de mim, até que não consigo mais me conter. Meu corpo estremece inteiro, e me contorço, agarrando seus cabelos e gritando seu nome enquanto sou tomada por espasmos.

— O gosto dos deuses, o som do pecado... – ele vem novamente até mim, me dando um beijo devastador enquanto se deita sobre mim. Estou meio fora de órbita, mas não o suficiente para notar que ele ainda está completamente vestido.

— Tem muito pano aí, João...

— Ah, safada... está querendo me despir, é? – Sorrio, afirmando com a cabeça enquanto puxo a camiseta, e quando ela passa por sua cabeça o deixa ainda mais irresistível. Os cabelos todos bagunçados, a físgada nos lábios que me deixa doida, o peitoral firme, lisinho sem nenhum pelo, a barriga de tanquinho. Lindo demais.

Ergo um pouco mais o corpo, o sustentando nos cotovelos enquanto observo ele retirar toda a roupa. Confesso que isso nunca foi algo que eu quis ver Hugo fazer. Pouco me importava se ele estava totalmente vestido ou apenas com seu pinto para fora da cueca, a sensação que eu tinha era a mesma: tédio. Diferente de João que consegue me deixar excitada com um olhar.

Esse olhar, que ele sustenta em seu rosto, nesse exato momento.

Não desviei os olhos um segundo sequer enquanto ele vestia uma camisinha, que havia pego na gaveta do criado-mudo. E quando estava pronto, se posicionou em cima de mim, mas não me penetrou.

— Eu não sei qual o feitiço que você lançou em mim, Colombina..., mas você me prendeu totalmente. – Ele diz, baixinho, enquanto roçava em mim, sem entrar. Apoiando o peso do corpo em seus cotovelos, ele se curvava para acariciar meu rosto com a ponta do nariz, a barba curtinha arranhando a pele, causando arrepios.

— Deve ser o mesmo feitiço que você lançou em mim, belo Arlequim. – Movo meu quadril, o chamando, mas ele apenas sorri. Em um movimento languido, ele morde meu maxilar e passa a língua em seguida, se aproximando do meu ouvido para dizer, bem baixinho...

— Gostosa!

Solto um gemido quando sinto ele me preencher, e sorrio quando ouço ele fazer o mesmo. Seus olhos prendem os meus de uma forma magnética, não consigo desviar. Quando está completamente encaixado, ele toma meus lábios de forma faminta, e passa a se mover, para dentro e para fora, aumentando a velocidade a cada investida.

A sensação era enlouquecedora. A cada estocada, ele parecia vir mais fundo, parecia querer se fundir a mim. Eu abria as pernas, querendo que isso acontecesse mesmo, porque nesse momento eu não consigo me imaginar sem estar com seu corpo grudado ao meu. Deixo-me levar, sentindo as paredes da minha vagina se apertando cada vez que ele desliza dentro de mim, delirando com o barulho que o choque de nossos corpos faz.

Como era possível eu não ter conhecido esse homem antes? Por que ele não esteve perto de mim há mais tempo?

Sinto quando seu braço passa por baixo do meu corpo, me trazendo – como se possível fosse – para mais perto dele, e suas estocadas seguem ainda mais poderosas. Dentro de mim algo cresce a ponto de explodir, como se eu estivesse caindo depois de chegar ao céu. Como se só estivesse esperando por mim, ele estremece, se derramando, gemendo alto, segurando minha nuca com força.

Ficamos imóveis por um tempo, enquanto nossas respirações se estabilizavam, e então ele separa nossos corpos, deitando de barriga para cima. Ainda sinto meu corpo trêmulo, as pernas parecem sequer responder e me considero sortuda por estar deitada.

João Pedro se ergue para tirar a camisinha, e depois de dar um nó, joga em algum lugar ao lado da cama e volta, deitando novamente e me puxando para os seus braços. Atualmente conhecido por “o melhor lugar do mundo.”

— Estou apaixonado por você, Isadora. – Ele solta assim, de supetão, quase me causando um infarto no processo. Meu coração literalmente parou de bater, por alguns segundos, antes de disparar no peito de forma inimaginável – E acho que me apaixonei quando não tinha sequer falado contigo, ainda naquele baile. Foi instantâneo.

— João... – me levanto, deitando de bruços sobre o seu peito, querendo olhar para ele, sem sombra de dúvidas do que tenho a dizer – Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Queria ter te conhecido bem antes. Muito antes.

— Muito antes seria proibido por lei... – sorri, e posso sentir seus dedos fazendo um carinho preguiçoso por meu braço e minhas costas, descendo até chegar na base da minha coluna. Safado.

— Também sou apaixonada por você. Sonhei com esse dia aqui várias e várias vezes nas últimas semanas. Até mesmo antes de saber quem você era, sem saber se um dia eu te veria novamente. E, se for a última vez...

Não consigo terminar, porque ele se levanta em um impulso, me deitando novamente na cama e vindo por cima de mim.

— Não é a última vez. Eu te garanto isso.



Depois de tomar um banho, e pegar uma de suas camisetas emprestada, fico sentada na cama de Jotapê, embolada em seus braços e pensando em como será deprimente voltar para casa. Já tenho toda a desculpa esfarrapada na ponta da língua, mas eu tenho certeza de que minha mãe não vai engolir. A diferença é que, agora, eu não me importo.

Meus olhos recaem sobre um violão encostado na parede, perto da escrivaninha, e fico tentada a perguntar a respeito. Mas, como tudo que envolve João Pedro, sequer preciso. Atento a mim, ele simplesmente nota que o instrumento tinha chamado minha atenção, e tira minha dúvida.

— Eu toco violão desde os dez anos. Toquei em uma banda quando era moleque, e vou tocar no festival da prefeitura daqui a alguns meses.

— Tocar? – Me surpreendo – Em frente a um público? Como um rock star famoso?

— Não tão glamoroso assim, mas por aí. Mais ou menos nesse nível aí, de cantar em frente a um público.

— Canta alguma coisa para mim? – Peço, fazendo um charme, mesmo sabendo que não precisaria disso. Não com ele.

Sem hesitar ele se levanta, pega o instrumento, e senta na cama novamente, apoiando as costas na parede, e dedilhando as cordas, talvez afinando antes de me olhar com os olhos faiscando, mais verdes do que nunca, e um sorriso torto que seria capaz de encharcar minha calcinha se eu estivesse vestindo uma.

— O que quer ouvir?

— Me surpreenda...

Assim que ele começa a dedilhar a melodia, eu sinto vontade de gritar de alegria, porque é uma música do James Arthur que eu amo demais, chamada “Say You Won’t Let Go”.

I met you in the dark, you lit me up
Eu te conheci no escuro, você me iluminou

You made me feel as though I was enough
Você me fez sentir como se eu fosse suficiente
We danced the night away, we drank too much
Nós dançamos a noite toda, nós bebemos demais
I held your hair back when you were throwing up
Eu segurei seu cabelo enquanto você vomitava
Then you smiled over your shoulder
Então você sorriu sobre seu ombro
For a minute, I was stone cold sober
Por um minuto, eu estava sóbrio como uma pedra
I pulled you closed to my chest, and you asked me to stay over
Eu te puxei mais perto do meu peito, então você me pediu pra ficar mais.
I said, I already told ya, I think that you should get some rest
E eu disse, eu já te disse, eu acho que você deve descansar um pouco
I knew I loved you then, but you'd never know
Eu já sabia que te amava naquela época, mas você nunca saberia
Cause I played it cool when I was scared of letting go
Porque eu me calei com medo de perder você
I know I needed you but I never showed
Eu sei que eu precisava de você mas eu nunca demonstrei
But I wanna stay with you until we're grey and old
Mas eu quero ficar com você até que nós fiquemos bem velhinhos
Just say you won't let go
Apenas diga que você não vai embora...

— Não vou... – Respondo sua clara pergunta, antes de me jogar novamente em seus braços, quase não lhe dando tempo de colocar o violão de lado.



João Pedro havia insistido demais para me levar até em casa, mas eu não aceitei. Eu tinha planos, e não queria que ele se preocupasse. Eu já tenho tudo muito delineado em minha mente, e apesar de me permitir ao menos uma tarde de alegria – ainda que não planejada – não posso fugir. Chega de fugir.

Quando o táxi estaciona em frente ao prédio de alta classe onde os Moraes residem, eu sinto meu estômago revirar, mas dessa vez não de uma forma boa. Sinto um misto de ansiedade com apreensão, imaginando que não vou conseguir convencê-los, mas preciso tentar. Sem tentar, ao menos, eu não

vou a canto algum.

A voz de meu Arlequim me dizendo que eu era corajosa não me abandona nunca, e eu preciso acreditar nisso. Preciso fazer com que a fé que ele deposita em mim seja real, que não seja somente uma ilusão de um baile de carnaval. Gosto da versão de mim que ele enxerga, e quero me tornar aquela garota.

É dona Lúcia quem abre a porta para mim, e seu olhar tem um misto de recriminação com pena que eu detesto. Na verdade, ela sempre me olhou dessa forma, como se lamentasse muitíssimo tudo o que eu passo, mas nunca abriu a boca para nada.

E eu ando muito sem paciência para pessoas que não abrem a boca para a nada.

— Isadora, querida... não esperava você por aqui.

— Desculpe vir sem avisar. Seu esposo já está em casa?

Vejo quando ela junta as sobrancelhas, uma expressão um tanto quanto confusa, porque em anos que me relaciono com seu filho eu nunca havia aparecido perguntando por seu marido. Mas se existe uma coisa que eu *sei* sobre essa família é sua insuportável rotina, e ele nunca frequenta a clínica às sextas-feiras.

— Sim, claro... eu vou chamá-lo. Por favor, sente-se, fique à vontade.

Não demorou muito até que ele aparecesse na sala, acompanhado de dona Lúcia e, felizmente, Hugo não estava presente. Eu odiaria ter que perder meu tempo mandando-o pastar.

— Isadora, que surpresa. Fico feliz em ver que está bem, e disposta. No que posso te ajudar?

Com um sorriso plastificado no rosto, eu pego meu celular e destravo a tela, mostrando a ele a foto de minha mãe. Vejo o quão horrorizados eles ficam, afinal de contas não é uma imagem bonita de se ver.

— O que o seu pai fez?

— Descontou nela o que o acordo pré-nupcial não permite que ele desconte em mim.

Minha voz é firme, e pausada, porque eu não quero que eles depois digam não ter entendido onde eu quero chegar.

— Eu sinto muito, Isadora, de verdade. O seu pai... ele tem problemas. Só pode ser isso.

— Sim, ele tem problemas. E vocês terão problemas junto com ele se não encontrarem uma forma de me tirar desse inferno que vocês o ajudaram a me colocar.

— Do que está falando, menina?

— Vocês irão arrumar uma forma de cancelar esse acordo pré-nupcial, porque eu não vou me casar com Hugo. Vocês sabem, sempre souberam, que esse casamento não era algo que eu realmente fazia gosto. E sabem agora que ele só está sendo mantido porque estou sendo coagida a isso.

— Coagida não, Isadora. Você pode simplesmente romper o noivado. – Doutor Vitor me responde, clinicamente – Claro que terá que arcar com o que isso vai causar, mas até aí...

— Podemos arcar juntos, doutor Vitor. Porque eu vou soltar essas fotos na imprensa. Com o nome de sua clínica junto...

Ele não precisa saber que estou quase desfalecendo com o blefe e, felizmente, sempre fui muito boa em fingir. E sustento, com maestria, o olhar desafiador que ele me devolve.

A sorte está lançada...



23. Algo Parecido

Isotapê

Mais um dia de ensaio, e dessa vez fluindo lindamente. As músicas que havíamos escolhido antes para o curto setlist não estavam batendo em mim, mas, depois da tarde de sexta-feira, tudo parecia ter encontrado o seu lugar. Sem errar uma nota, ou desafinar um sussurro sequer, deixo a letra de “Algo Parecido” falar por mim.

“Escorre o tempo que seguro e cabe em minhas mãos, eu empresto o meu mundo para te ter então” e parece que estou vendo Isadora deitada em minha cama, linda, os cabelos espalhados em meu travesseiro, me aguardando. *“Você vai acreditar talvez, ou senão queira partir de vez”* e seu sorriso ao dizer que não iria embora aparece novamente. *“E se eu falasse nessas coisas que vejo em você, me atravessam num segundo sem eu entender, e tudo que me faz ver”*, sua imagem dançando, mascarada, naquele baile, parece tomar forma em minha frente. *“Aquilo que eu sinto por você parece ser maior que o destino que me passa e te passa, e há de ser um só”* e pareço estar ouvindo ela dizer que também é apaixonada por mim. *“A gente é diferente quando sente mas pode ser que mesmo assim a gente até se ajeite”* ... Ah, Isadora.

— Nem sabia que você gostava tanto de Skank assim, Golden Boy – Topa Tudo solta, já no seu conhecido modo sarrista, achando que eu irei desconversar ou acompanhar a piada, mas eu simplesmente dou de ombros.

— Lembrei da minha garota...

— Olha isso! Então evoluímos? – Digão, que tem se mantido um tanto quanto afastado e eu acredito que só está participando dos ensaios para não nos deixar na mão, se aproxima, curioso.

— Sempre foi minha garota. – Sorrio, orgulhoso, enquanto os babacas

assoviam. Todos menos Guga que continua achando tudo fácil demais.

Ele, inclusive, parece ter engatado um romance – ou algo do tipo – com Alice, que está muito animadinha sentada num banco alto assistindo ao ensaio. É inevitável sentir um aperto no peito, um tipo de inveja – que eu espero, não seja ruim – ao ver ele sair despreocupadamente do lugar no meio do ensaio somente para deixar um beijo em seus lábios. Fico pensando em quanto tempo eu ainda terei que esperar para fazer o mesmo, ter essa mesma liberdade.

Suspiro, lembrando que não falei com ela o final de semana inteiro. O Domingo está no final e eu cheguei a enviar uma mensagem, no número que eu surrubei de seu aparelho, mas ela sequer visualizou. Demanda um controle sobre humano fazer o que ela me pediu: não aparecer.

E confiar, sem surtar no processo, que seu “noivado” vai continuar mantendo essas aspas até o dia que ela puder se ver livre dessa confusão toda. Livre para viver.

— Quando Isa me falou de você, um dia depois daquele baile, eu achei que seria uma furada – ouço a voz quase infantil de Alice soar atrás de mim e desvio o olhar do case, por um minuto, curioso a respeito do que ela pensa sobre mim – queria muito que ela tivesse uma chance, mas nunca imaginei que seria dessa forma.

— Isso foi uma crítica, ou...?

— Foi um elogio, *Golden Boy* – ela ri, depois de usar o apelido que ouviu todo mundo me chamar – Você fez bem a ela. A fez acordar, sair da inércia.

— Eu não sei se fiz alguma coisa, a não ser sequestrá-la da faculdade e fazer com que levasse uma surra por isso.

— Tá querendo biscoito? – Ela ri solto – Claro que você teve algo a ver com isso! Só queria que tivesse sido o bastante para ela sequer olhar para trás. Se sacrificar por aquela mulher...

Estico os lábios um pouco incomodado, e arrumo o corpo, agora sentado no chão mesmo, encarando a garota. Ela e Isa são amigas mas falta algo essencial, que só se adquire com o tempo: intimidade. Não posso culpá-la por não saber pormenores, mas me incomoda saber que as pessoas – eu inclusive – são tão rápidos em julgar.

— Cada movimento que Isadora faz nesse tabuleiro me deixa mais orgulhoso dela, Alice. Vocês ofereceram a ela uma oportunidade de ouro...

— Que ela recusou.

— Que ela não poderia aceitar em paz sabendo que isso custaria a integridade de sua mãe.

— Essa mulher nunca foi mãe dela. Sempre foi uma bruxa repressora,

não aguento que Isadora, mesmo assim, ache correto continuar deixando de viver por causa dela.

— Alice, não é meu papel aqui te fazer simpatizar com a Sargentona. Não vou mentir, ela não é minha pessoa favorita, não chega sequer entre as cem primeiras. Mas é mãe dela.

Vejo quando a garota se empertiga, muito provavelmente para rebater qualquer defesa, mas eu não a deixo continuar.

— Dona Rita vive uma vida inimaginável para mim. Foi alienada desde os dezesseis anos, sendo levada a acreditar que era o certo, que mulheres obedecem, que maridos mandam e podem inclusive punir severamente em caso de desobediência. Acredita que ficará falada, banida do convívio social por ser divorciada. Acredita ser uma pessoa tão inferior que nunca seria capaz de conquistar nada além de umas porradas ocasionais.

— Tá, mas Isadora é estudada, moderna. E tem horror à palavra denúncia!

Sei que são amigas, mas também sei que o que minha garota me disse, o fez em segredo. Mas, mais do que isso, sei que a decisão que ela tomou foi uma das mais difíceis de sua vida.

— Eu não posso comparar a minha experiência familiar com a dela. Enquanto tive pai e mãe, fui um dos caras mais felizes do planeta. Acredito, pelo pouco que Isa me disse, que você também não tem problemas quanto a isso. — A garota concorda, orgulhosa — Os pais de Guga são separados há anos, mas foi algo tão tranquilo que seus pais são cordiais até hoje. — Aponto para os rapazes, conversando em uma rodinha um pouco afastados de nós — e até ali existem alguns conflitos, mas nada comparado ao que Isadora vive. Não acho que nenhum de nós esteja apto para realmente apontar o dedo e dizer que ela está errada em se preocupar. São os pais dela.

— Da forma como você fala, parece até pecado odiar pai e mãe que são péssimos nesse trabalho.

— Não — rio, me levantando — não é errado. Mas nem todo mundo consegue se livrar dessa convenção. As vezes a gente ama quem nos faz mal, e mesmo nos afastando, exatamente por fazer mal, o amor ainda fica por um tempo. Você não pode querer exigir de Isadora que odeie a mãe dela horas depois de saber a verdade sobre a sua história de vida.

— Eu devo ser uma pessoa horrível.

— Não é, Alice... — dou-lhe um beijo na bochecha antes de me afastar — só está de fora do problema, então fica mais difícil entender a cabeça de quem está imerso nele.



Quando estaciono o carro na garagem do meu prédio, já tenho em mente o planejamento de uma noite de estudos. Descarrego o porta-malas, tentando a melhor forma de carregar todas as sacolas de supermercado que eu consigo em uma viagem apenas, só para evitar vir mais de uma vez do térreo até o segundo andar. Gosto muito desse prédio, é simples, muito calmo e tranquilo, mas só o fato de ser prédio já me causa preguiça por antecipação.

Ao entrar em casa, acabo lamentando o silêncio. Fato curioso, porque silêncio e quietude sempre foi algo que eu prezei bastante, mas desde sexta-feira que isso me incomoda. Olho em volta e parece que ainda estou ouvindo sua risada solta, enquanto andava pelo apartamento vestindo apenas a minha camisa. A mente viaja, sem controle e parece que estou vendo a cena na minha frente.

[...]

— *E você acha mesmo bonito ficar andando por aí com essa bunda de fora, dona Isadora?* – Levanto a barra da camiseta, deixando à mostra sua popa perfeita.

— *A bunda estava coberta, quem acabou de descobri-la foi você, João* – a sem-vergonha faz cara de indignação ao mesmo tempo em que empina a bunda em minha direção.

Não me faço de rogado, a enlaço por trás, encostando meu corpo ao dela. Seu cheiro de banho, meu sabonete em sua pele, combinado com seu perfume natural, é um baita afrodisíaco.

— *Você me deixa doido, sabia, Colombina?* — Arranho os dentes em sua nuca descoberta, e ela ondula o corpo. É sempre uma delícia descobrir os lugares onde ela gosta de ser tocada.

— *Eu não sabia, mas você poderia me mostrar o ‘quão’ doido você fica... o que acha?*

[...]

O toque do telefone me traz de volta e, porra, estou muito duro. Incrível como Isadora consegue me fazer sentir tal qual um adolescente punheteiro.

— Alô – atendo sem olhar o nome na tela.

— João Pedro, boa tarde – sobressalto ao reconhecer a voz de meu avô – como está?

— Vô, está tudo bem?

— Saberei quando chegar. Preciso de você na casa dos Resende, o mais rápido que conseguir chegar.

Dizer que meu coração chegou a parar de bater é inútil.

— Aconteceu alguma coisa? Isadora está bem?

Eu poderia ter prestado atenção na risada que ele soltou do outro lado, mas estava apavorado demais para prestar atenção nesse detalhe.

— Sim, está aqui bem na minha frente. Aguardo você e, por favor, não demore.

Um misto de pressa e desespero me toma. Porque, por mim, eu teria arrancado Isadora daquela casa à força e ela sabe bem disso. Teria a arrastado até a primeira delegacia que pudesse, para que ela denunciasse aquele maníaco. Teria a mantido ao meu lado, o tempo inteiro, a salvo, ela querendo ou não.

E teria sido somente uma cópia barata de seu pai. Uma cópia ainda pior porque, em mim, ela confia. Nunca poderia fazer nada disso, não quando ela me implorava com tudo o que ela tinha para que a deixasse viver, fazer suas escolhas, quebrar a cara no processo se possível.

Isso não deixava as coisas mais simples, no entanto. Imaginar que ela pudesse estar ferida enquanto eu estive brincando de rock star me tira o chão.



— ISADORA! – Bato na porta, repetidamente, e chamo alto o suficiente para qualquer um ouvir. A casa está toda iluminada e posso ver alguns carros parados no espaço lateral, o que indica que eles estão realmente todos reunidos aqui. E, nesse ponto, eu só quero mesmo saber se ela está bem.

Preciso saber se ela está bem.

Quando a porta se abre, é Hugo quem atende, mas eu não lhe dou atenção, passando direto e irrompendo porta adentro. Vejo a família toda reunida na sala de estar: meus tios, meu avô, seus pais... e ela.

— Como eu estava dizendo... – Alberto diz em voz monocórdia – o seu neto tem esse costume, de invadir os lugares, doutor Raul. Aconteceu semana passada, e, como pode ver, hoje novamente. Sequer temos a oportunidade de convidá-lo a entrar.

Posso ouvir o que ele fala. Posso ouvir que meu avô respondeu alguma coisa. Posso até mesmo ouvir os grunhidos de Hugo, reclamando de alguma coisa que eu não dou a mínima importância. Mas não presto atenção a nenhum deles, meu olhar está fixo nela. Que se mantém sentada, postura ereta ao lado da mãe, séria como poucas vezes a vi. Me deixando confuso, e um tanto preocupado, com sua postura, sua expressão, e com toda a palhaçada que está

acontecendo aqui, especialmente após ler a frase que se desenhava, em seus lábios, ainda que sem som.

“Não surta. ”

— Precisamos conversar, João Pedro. – Meu avô toca meu ombro, e eu sequer tinha notado que ele estava ao meu lado – Precisamos falar de... como você diz mesmo? Ah, sim. Negócios.

— Até onde vai a sede de dinheiro de vocês? Espero que estejam bem satisfeitos. – Com um movimento de cabeça aponto para a *sargentona*, o rosto ainda inchado e cheio de marcas roxas não a permite sequer tentar esconder o que aconteceu – Mas deveriam era estar envergonhados.

— João, não nos julgue com tanta dureza, por favor...

— Depois de tudo o que tenho visto e ouvido, minha tia, não acho que preciso ter cuidado ou calma no julgamento. A cada dia que passa eu me sinto mais enojado em fazer parte dessa família.

Meus olhos buscam novamente os de Isadora, que se mantém fixos em mim. Talvez com medo que eu vá fazer alguma besteira, colocar tudo a perder. Confesso que não foi tão esperto vir até aqui, mas seria impossível dormir sem vê-la, sem saber se estava bem.

— Sente aqui, João, para eu lhe dizer o que você *realmente* veio fazer aqui. – Meu avô novamente bate em meus ombros, e eu me volto a olhar para ele.

Sempre tive boas memórias de meu avô, no pouquíssimo contato que tivemos durante a infância. Não era um homem sisudo, grosseiro. Mas também passava longe a idéia desses vovôs de comercial de margarina. Nos encontrávamos esporadicamente, quase todas as vezes quando minha tia Lúcia me levava para tomar um sorvete, ou a uma sessão de cinema e o velho, como mágica, acabava aparecendo.

— Você sabe que temos um acordo com doutor Alberto Resende. Isso foi lhe dito já há algum tempo, mas, infelizmente, você não dá muito ouvido as coisas relacionadas à família.

— Não estou acreditando que me chamaram aqui somente para me passar sermão sobre esse contrato ridículo de vocês. Que, inclusive, deve ser proibido por lei, afinal de contas vocês estão vendendo seus filhos!

— Não faz drama, João Pedro, por favor... – noto quando Hugo senta ao lado de Isadora enquanto fala com voz teatral, e ela, gentilmente, se afasta. O que me deixa muito satisfeito.

Mas, apesar da satisfação, eu sei que não fui chamado aqui somente para ver o quão disfuncional é a minha família. Eles conseguem fazer com que eu me sinta em alguma dessas novelas mexicanas de dramalhão estapafúrdio, onde

quando menos se espera, vem a revelação mais maluca de todas ou a proposta mais inacreditável que a gente poderia receber.

— Eu conversei com meu filho mais cedo, e também com Alberto. Sei que a situação saiu um pouco do controle na semana passada e como o patriarca dessa família, me sinto na responsabilidade de resolver, afinal de contas a confusão foi causada por meu neto. E a forma que encontramos de resolver esse problema todo é casando você e Isadora.

Entendeu o que eu disse?

Nunca, em nenhum momento, eu imaginaria que eles viriam até mim com uma proposta dessas. Para eles, seria o paraíso, não sairiam perdendo. A sociedade seria mantida, sem prejuízo para nenhuma das partes. E me teriam em seu quadro, tomando conta da nova unidade da clínica, como eles gostariam. Um golpe de mestre.

Ouçó Hugo surtar, indignado por não ter sido consultado, por estar sendo passado para trás pela própria família. Em meio minuto o babaca estava perdendo a noiva e a chance de ter o prestígio que tanto queria frente ao novo projeto dos ‘Resende e Moraes’.

E eu? Me sinto perdido. Porque ao mesmo tempo que estaria ganhando um presente, com a possibilidade de ter Isadora somente para mim, ainda estaria aceitando algo que a manteria presa nesse acordo estúpido. Não seria justo com ela ficar presa a essa convenção justamente por minhas mãos. E, para jogar a pá de cal em cima disso tudo, eu ainda estaria preso, trabalhando na clínica da família – algo que eu definitivamente não queria – nos moldes deles, fugindo completamente do que eu tinha planejado para mim.

O que eu faço? Não tenho a menor idéia.



24. Nos Meus Termos

Isadora

João Pedro perdeu toda a cor quando doutor Rubens sugeriu a ele o casamento. E, não, obviamente eu não vou fazer a linha ofendida. Eu também fiquei chocada quando minha mãe comentou comigo, pouco depois que os Moraes chegaram, qual seria o motivo da reunião.

Argumentei. Fui contra. Não aceitei. Como sempre, ninguém me ouviu. Eles nunca me ouvem. Fico pensando que tudo seria muito mais simples se eu somente virasse as costas e fosse embora, hoje eu sei que posso fazer isso, mas... o que me custaria? Cada vez que eu me vejo saindo dessa casa, de mala e cuia, eu olho para minha mãe e consigo me imaginar voltando somente para me despedir dela. Preciso ajudá-la a sair dessa situação, não posso ser egoísta a esse ponto.

Minha mãe tinha gostado. Ela já não confiava no bom mocismo de Hugo, e viu como João ficou ensandecido ao me ver machucada. Achava que eu estaria bem, segura e feliz por estar, finalmente, com alguém de quem eu gostava.

Ninguém da minha família sabe que eu fui até a casa deles ameaçá-los, e eu, na minha ingenuidade, pensei que seria páreo para eles. Na guerra de braços entre expor minha mãe para a imprensa, conforme eu prometi, eles resolveram pagar para ver. Em termos. Essa nova configuração me oferecendo como um “brinde” a Jotapê talvez queira dizer que eles temem, de certa forma.

Mas não queríamos assim. Não desse jeito. Não parecendo um casal do oriente médio, não tendo que abrir mão de várias coisas no processo. Me pergunto se nossa relação sobreviveria ao tempo, sabendo tudo o que perdemos ao ficarmos juntos.

Estou tão confusa. Tão perdida. Porque ao mesmo tempo que eu quero

muito que ele enfrente todo mundo, os mande enfiar esse contrato vocês sabem bem onde... eu queria que ele me abraçasse e ficasse comigo. E dissesse que éramos nós contra o mundo.

Já falei a vocês que eu gostaria de não precisar de um herói. Mas como lidar com o fato de que todas as vezes que eu tento fazer algo por mim, tudo dá errado? Como eu posso ser a heroína de minha própria história se eu não faço nada certo?

— Isa... — João parece notar minha confusão e o meu recém estado de desespero, e se ajoelha em minha frente. De um lado, minha mãe, do outro o meu pai. Sequer temos liberdade para discutirmos isso tudo longe dessa família medonha em que nascemos. — Pode conversar um pouquinho comigo?

— Não acho que vocês tenham nada o que conversar, — meu pai aumenta o tom de voz — a única coisa que precisamos é de sua palavra nesse compromisso.

João não quer, posso ver isso. Ele é bem transparente, não consegue disfarçar. Aliás, não só eu posso ver, como todo mundo na sala. Inclusive Hugo, que tem um sorriso um tanto indecente no rosto, como se estivesse comemorando por antecedência a derrota do primo. Eu o detesto um pouquinho mais por isso.

Sem sequer pensar, eu estico minha mão e seguro a dele, apertando com um sorriso sincero. Quero que ele saiba que está tudo bem. Que sempre vai estar tudo bem, ainda que ele não faça as coisas como os outros esperam.

— Você não precisa, João. *Está* tudo bem...

— Agora que já decidimos — Hugo se empertiga atrás de nós, chamando a atenção, querendo ser o mais importante e imprescindível possível — Que tal resolvermos a data do MEU casamento com Isadora? E espero que João Pedro finalmente entenda que...

— Tudo bem, eu aceito — sua voz firme corta o discurso que seu primo estava fazendo, deixando a sala toda em silencio — mas eu gostaria de algumas garantias.

Ele não estava olhando para ninguém além de mim, no momento. Sua mão fez um carinho suave em meu rosto, pouco antes de se levantar e encarar seu avô, que assentiu lhe dando a chance de explicar suas *garantias*.

— Ninguém toca em Isadora. Não importa onde, com quem ela more. Não importa o que ela faça. Ninguém toca nela.

Essa última parte foi dita muito lentamente, com ele olhando nos olhos do meu pai. Que deve ter assimilado muito bem, porque eu senti quando seu corpo enrijeceu.

— Isadora vai estudar o que quiser, e vai trabalhar se assim quiser. E eu

não quero ouvir ninguém aqui dizer que ela nasceu para ser uma parideira.

— João...

— Meus termos, meu avô. Isso ou nada.

Se tem algo que ninguém pode dizer o contrário, é que João é um homão daqueles. Ele assumiu praticamente a bucha inteira, me dando o máximo de liberdade que conseguiria nesse novo acordo. E, como esperado, não cedeu um milímetro que seja. Entre me liberar da obrigação de ser uma decoradora parideira até mesmo da pressa em organizar um casamento para daqui a três meses. Mesmo tendo a promessa de sua tia que nossa casa seria toda preparada por ela, e que ele teria o salário da administração ainda que seu diploma não estivesse valendo, ele não abriu mão de suas exigências.

E posso dizer, se já não estivesse apaixonada por ele, essa teria sido uma hora excelente.



— Seu primo foi embora furioso. Fiquei até com medo da reação que ele teve, João... – sinto quando o vento leve da noite traz seu perfume até mim, enquanto estamos sentados no gramado, em baixo do meu ipê. Talvez tentando ter alguma normalidade nessa noite surreal. Me aconchego ainda mais em seu abraço, e ganho um beijo no topo da cabeça em resposta.

— Hugo é um babaca mimado, que não sabe perder. Nunca ouviu um não na vida.

— Por que fez isso? – Arrumo minha postura, querendo olhar em seus olhos, saber como ele se sente. Ter a certeza de que vamos sobreviver a mais essa dificuldade.

— Porque nunca ia deixar você casar com ele. Porque não aguento imaginar que você pode estar sendo agredida por seu pai. Porque podemos ganhar tempo assim e, acabando com esse acordo patético, vivermos nossa vida da forma como quisermos...

— Me perdoa, João. A culpa disso tudo é minha... – sinto vontade de chorar, porque se não tivesse ido até a casa deles, não estaríamos agora nessa situação. João não estaria nesse momento sendo obrigado a casar comigo.

Notando meu estado, ele me enlaça, me puxando para seu colo.

— Como pode dizer que qualquer coisa que aconteceu hoje é culpa sua, minha linda? Vamos ter que trabalhar para tirar a influência que esses idiotas deixaram em você.

— Eu fui até a casa deles, na sexta-feira – confesso, para um atônito João – e os ameacei. Disse que se não arrumassem um jeito de fazer com que eu não

me casasse com Hugo, eu jogaria a imagem de minha mãe na imprensa.

— Isa.... você disse isso a quem?

— Ao seu tio. Me perdoa, eu... – suspiro, afundando meu rosto em seu pescoço e sorvendo um pouco de seu perfume – foi minha culpa.

— Não tem culpa de nada. Nós dois nascemos no seio de uma família maluca, uma pior do que a outra. Olha para mim... – levando o rosto, obedecendo seu pedido, e sua expressão ao me ver chorando me faz chorar mais ainda – Para de chorar. Vamos vencer isso, juntos. Ensinar a eles que não podem agir como se fossem donos do mundo. E quem sabe depois não vendemos nossa história e ela vira um livro? De realidade fantástica, ou algo do tipo?

— O que vamos fazer? – Tento acompanhar o seu humor, mas definitivamente não consigo.

— A princípio, vamos seguir o jogo deles. Eu vou trabalhar na clínica e, levando em conta tudo aquilo que te falei sobre a forma como eles trataram a doença de minha mãe, não acho que sejam tão corretos como querem demonstrar.

João mencionou, com horror, os acontecimentos que envolveram a morte de seu pai e a forma irresponsável com a qual seu tio e avô lidaram com tudo. Levando em consideração essa ser uma família de médicos, não posso discordar. Também sei que João se culpa, e me parte o coração ver seu olhar sombrio cada vez que ele comenta a respeito.

— E eu continuo coletando evidências das agressões de meu pai... – comento, em um tom mais baixo, e ele concorda.

— Vai dar tudo certo...

— E se não der, nós fugimos. O que acha?

Era para ser uma piada, mas a intensidade em seu olhar que recebi como resposta me deixou paralisada. Nos encontrávamos sentados no gramado, suas costas apoiadas no tronco da árvore, eu sentada em seu colo. Totalmente alheios a tudo e a todos. Minha mãe sempre disse que haviam escolhido exatamente esse lugar para replantar o meu “estúpido ipê” por ser do lado oposto onde estava localizada a piscina de nosso convenientemente extenso jardim, e plantas e palmeiras acabavam deixando esse espaço um tanto quanto escondido. Escondido o suficiente para seus braços me apertarem até a distância entre nós deixar de ser casual e se tornar totalmente sexual.

— Está querendo fugir, é isso? – Sinto sua respiração em minha nuca quando ele fala com a boca rente à minha pele, e me arrepio inteira – Vou ter que te caçar?

— Gosta de brincar de pega-pega, Arlequim? – Pergunto em um sussurro.

— Uhum... – ele responde, enquanto suas mãos começam a subir por meus braços, lentamente, até parar na pele do meu pescoço, fazendo com que eu vire meu rosto em sua direção. E eu poderia tranquilamente derreter em seus braços. Sua mão sobe para meus cabelos, apertando-os em seu punho e então ele coloca seus lábios nos meus.

Os beijos de João são a minha perdição, sempre me fazem sair de órbita. Nesse exato minuto pouco me importa se estamos ao ar livre, sentados em baixo de uma árvore. Tudo o que eu quero é ficar aqui, em seus braços, recebendo seus beijos.

— Adoro seu cheiro, Isadora... – com um movimento rápido ele gira meu corpo e ajeita minhas pernas, colocando-as sobre suas coxas. Ficamos frente a frente, próximos demais, sedentos demais – Adoro a textura da sua pele, a forma como você se arrepia quando eu te toco assim... – Ele segue falando, com sua voz rouca e cadenciada bem próxima à pele do meu pescoço, enquanto suas mãos seguem uma trilha por meus braços, minha cintura, minha coxa. Então, sem aviso, ele passa a deixar beijos molhados pelo meu pescoço antes de voltar para a minha boca.

Eu vestia um conjunto de regata e saia, soltinhos porque queria esfregar na cara daquelas pessoas as marcas que ainda estavam bem evidentes em meu corpo. Todas as vezes que eu apanhava era assim, eu permanecia marcada por no mínimo uma semana e, como dessa vez havia sido bem pior, eu tinha a certeza de que ficaria um pouco mais. Eu sempre as cobrira, mas, dessa vez, não quis fazê-lo. Eles teriam que conviver com a visão do meu corpo marcado. Mal sabia eu que meu ato – mais um – de rebeldia me seria tão útil.

Lentamente, como se tivesse sido um ato calculado, João abaixa a alça de minha blusa, deixando meu seio à mostra. O polegar passa preguiçosamente sobre o bico, me fazendo arfar de antecipação. Projeto meu corpo para frente, como se, com esse movimento, ele viesse a mim mais rápido.

— João... – envolvo os braços em seu pescoço, devolvendo o carinho, passando a ponta dos dedos em sua nuca, brincando com seus cabelos.

E brincando com a sorte, também, porque se ele me deitasse agora nessa grama e me tomasse aqui, eu não me importaria. Nem um pouco.

Por sorte ele tem muito mais juízo do que eu.

— Eu acho que preciso andar com camisinha no bolso, minha linda, porque você é uma tentação sem tamanho...

— Precisa mesmo, porque me atçar assim e depois me deixar com vontade não é muito educado – reclamo, para ouvir sua risada baixa.

Já estava me sentindo um tanto quanto irritada, consegue me entender? Quer dizer, fui “noiva” de Hugo por um bom tempo, e em todos os nossos

encontros era isso. Ficávamos nesse chove-e-não-molha até que ele gozava e eu ficava na mão. Todas as malditas vezes. E, caramba, eu tinha *acabado* de formalizar um relacionamento “oficial” com João Pedro e já ia ter que me contentar com um orgasmo inacabado? Parecia muito errado. Muito errado mesmo!

Mas, felizmente, João não é Hugo.

Sinto quanto sua mão segura meu seio por baixo, o empinando um pouco, enquanto ao mesmo tempo ele desce a cabeça, suspirando profundamente antes de passar a ponta da língua no bico.

— Eu amo o formato dos seus seios, Isa. Como são pequenos, e redondos. E rosados... – conforme ele segue falando, seu polegar vai fazendo um movimento circular em meu mamilo, me fazendo ronronar, até que ele abocanha o seio, sugando com força.

Sinto uma corrente elétrica partindo do meu mamilo direto para minhas partes baixas, fazendo com que eu movimente meu quadril para frente, como se isso pudesse aliviar qualquer coisa que eu estivesse sentindo ali no momento. Mas, é inútil, porque enquanto sua língua faz movimentos lentos contornando a auréola, sua outra mão já está em posse de outro seio. E então ele continua numa sequência de lambidas, beijos e sugadas alternando entre um seio e outro, me tirando completamente a razão.

Sedenta por mais contato, deixo a mão que trazia em seu pescoço escorregar pelas costas, deslizando pela lateral e fazendo o caminho até o zíper de seu jeans, que abriga, nesse momento, um volume insano dentro dele. Penso ter ouvido um rosnado, ao mesmo tempo em que ele segura o mamilo com os dentes, dando uma físgadinha que me faz jogar a cabeça para trás. Isso tudo é uma loucura, mas eu, sinceramente, estou pronta para dar entrada no primeiro sanatório para onde me enviarem se lá eu puder ter uma dose diária de João Pedro só para mim.

Enquanto sigo acariciando seu pau por cima da calça, sigo ouvindo seus rosnados, como se fosse um gato grande – um tigre, mesmo – apreciando o carinho. Então eu decido ser um pouco mais ousada, e abro sua calça, tirando seu membro para fora e o segurando em minha mão.

Lindo, rosado, cheio de veias. E duro, para mim.

— Quer tirar o restinho do juízo que me sobrou, Colombina?

— Na verdade eu queria você dentro de mim, mas já que não pode... – faço um biquinho, fechando minha mão em seu membro, a descendo até a base quando sinto uma de suas mãos subirem rapidamente até minha nuca, segurando novamente meus cabelos e me mantendo firme no lugar – João...

Arfo, quando sua outra mão passeia por baixo da minha saia, indo em

direção a minha calcinha, que está inutilizada a essa altura do campeonato.

— Mal te toquei e está toda molhada... – ele sussurra, enquanto eu fico deliciada ouvindo-o, e sentindo suas caricias desbravando a calcinha, e acariciando minhas dobras. Gemo, impaciente, sem conseguir conter o rebolado, enquanto seus toques vão me deixando ainda mais molhada.

Sinto seu dedo me invadindo, em um movimento cadenciado de vai e vem que me tira totalmente o ar. Sinto quando seu polegar passa sobre o meu clitóris, em círculos, enquanto ele continua seu movimento indo e vindo, e me pergunto como consegue ter tamanha coordenação, porque a essa altura eu mal sei qual o meu nome.

— Queria sua boca bem aí onde está sua mão, Isadora... – o safado segue falando ao pé do meu ouvido, porque, sim, ele ainda é falador e eu preciso depois acender uma vela ao santo do Carnaval, claro depois de pesquisar e saber qual é, por ter me dado tamanho presente – Vou cobrar isso a próxima vez que estivermos entre quatro paredes.

Uma pulsação involuntária começa em meu interior, e ele provavelmente sente porque aumenta o ritmo de seus dedos, colocando um a mais para terminar de vez com a minha sanidade. Quando o orgasmo chega, ele vem forte e eu preciso colocar meu rosto na curva de seu pescoço, evitando que um grito imenso saia de minha garganta.

João segura minha mão com firmeza, que ainda está segurando seu membro, e aperta com força, respirando fundo, e eu só entendo um tempo depois o que ele estava fazendo quando ele ri, dizendo que vai dormir com as bolas roxas.

Tadinho.

— Você foi a melhor coisa que me aconteceu, João Pedro. – Digo a ele, depois de mais um dos vários beijos que trocamos nesse jardim – Obrigada por lutar por mim.

— Juntos, Isa. Estamos juntos.

E ainda que não seja da forma ideal, como qualquer casal normal estaria levando o seu relacionamento, eu me pego novamente apoiada em seu peito, aconchegada em seus braços, esperançosa em um futuro bem menos nebuloso.



25. Violência Doméstica

Isadora

Três meses e doze dias. Esse foi o tempo que se passou desde que eu aceitei aquela proposta insana de meu avô. E eu gostaria de dizer que os meus dias têm sido ruins, mas... seria injusto.

A segunda clínica ainda está no papel. O conselho, por algum motivo que não me foi passado, está reticente em liberar verbas para sua construção, o que deixa a minha estadia nesse lugar um tanto quanto penosa.

Ainda não posso clinicar, porque o meu diploma não é válido, então passo o dia trancado em minha sala. A clínica aqui é muito maior do que a que administrei em Toronto, e o trabalho feito é muito cuidadoso. Fiquei cerca de um mês observando a forma como os pacientes eram tratados por toda a equipe, desde sua chegada ao balcão de atendimento, e confesso ter ficado satisfeito. Eles já pagavam caro demais em uma consulta para serem mau atendidos. Os equipamentos também são excelentes, mas ainda assim me preocupei em oferecer algumas opções mais modernas, como um mamógrafo digital, que foi muito elogiado pelas mulheres que precisavam passar pelo exame.

Modernizei o sistema de gestão e controle de dados dos pacientes e, depois de dois meses da implantação, tudo parece estar rodando perfeitamente bem. A clínica era bem-conceituada, bem frequentada, qualquer erro seria fatal, mas, felizmente, tudo andava nos conformes já que tudo, praticamente, passava por minhas mãos.

Bem... *quase* tudo.

A única coisa que não passava por minhas mãos era o controle de insumos e remédios, ficando a cargo de Hugo. Ele também ficava com o acesso ao depósito e tinha um homem de confiança no funcionário responsável pelo

setor. O espaço, localizado no subsolo do prédio de 10 andares, tinha um aviso invisível dizendo “Proibido Jotapê” e, rapaz, isso me intrigava. Muito.

Desde que Hugo foi *obrigado* a esquecer o seu compromisso com Isadora que ele tenta, incansavelmente, me queimar de alguma forma. Saber disso, ao mesmo tempo em que uma parte importante da clínica tem meu acesso negado, me deixa alerta. Por sorte o meu trabalho vem sendo bom o suficiente para que eu tenha certo respaldo quando for a hora de enfrenta-los.

— Doutor João Pedro – Carolina, minha secretária e braço direito, entra em minha sala logo após bater – a ata da última reunião do conselho foi entregue. Posso deixar aqui?

— Me entregue aqui – estico a mão, pegando a pasta, ansioso – Obrigado, Carol. Você chegou a ler?

— Não senhor. Precisa que eu leia?

Nego com a cabeça e agradeço, já abrindo a pasta e lendo o conteúdo da última reunião, feita pela manhã. Havia feito alguns pedidos, como o início de atendimento pelo SUS ou a abertura para credenciamento de planos de saúde mais populares. Também tinha um grande interesse em uma abordagem diferente pelos profissionais e uma mudança significativa na ala pediátrica. Claro que tudo isso seria muito mais fácil de ser passado a eles se eu pudesse fazer parte da reunião, mas era sempre vetado.

Como esperado, a abertura para planos populares foi negada, mas levando em conta que a proposta foi apresentada ao conselho por Hugo, eu também negaria, visto que foram transmitidos todos os contras possíveis para a realização do projeto. Ele nunca apresentaria uma ideia proposta por mim de forma positiva, e já sabendo disso, as expectativas nunca são altas.

No entanto, recebo com surpresa a notícia de que as mudanças na pediatria foram aceitas. Nossos profissionais são bons, mas falta algo que seja menos automático no atendimento. Falta um acolhimento, e visitando a ala pediátrica eu pude visualizar ali o potencial necessário para sermos referência no assunto.

Fico animado ao ler que vou poder apresentar o projeto no mês seguinte, já que poderei estar presente como parte do conselho. Isso tudo porque já estarei com meu *contrato nupcial* assinado, e essa foi a exigência que Alberto fizera: só participar das reuniões depois de assinado.

Tentei protelar o máximo que podia, afinal de contas ainda tenho esperança de cancelar tudo, mas até o momento, nada aconteceu. Não encontrei absolutamente nada pudesse ser usado contra eles. Gostaria, muito, que isso acontecesse enquanto eu não assino aquele maldito contrato, mas isso provavelmente não vai ser possível, visto que a data de assinatura é amanhã.

Vinte e quatro horas até me tornar *noivo oficial* de Isadora.

Nosso relacionamento tem sido excelente, no entanto. Nos vemos todos os dias, eu não estava brincando quando falei que eu queria tudo nos meus termos. A levei para trancar a matrícula da universidade no outro dia, e um mês depois ela já estava dando início ao primeiro período no curso de Letras. Depois de ler um dos manuscritos que ela havia escrito – e guardado, por anos a fio – pude ver que ela pode ter um futuro brilhante fazendo o que gosta.

Isadora é uma garota sensacional! Foi por anos tolhida de suas escolhas, se tornando uma menina castrada e mecânica, e agora que está recuperando sua liberdade é delicioso ver como ela se permite. Poder levá-la a fazer programas de meninas de sua idade, assistindo a um show de rock ou curtindo um final de semana romântico a dois, e ver seu deslumbramento, é a melhor coisa dessa vida.

É exatamente por isso que eu não gostaria de tê-la em um casamento arranjado. Ela tem muito o que viver, muito o que experimentar ainda. Obviamente podemos fazer juntos – o que eu pretendo – mas prefiro muito mais que seja em um relacionamento por opção. Eu *quero* ficar com ela, eu *preciso* dela comigo. Me peguei apaixonado por ela instantaneamente, e quanto mais a conheço, mais apaixonado eu fico. Só que o simples fato de estar sendo obrigado, como se fosse uma grande chantagem, me incomoda demais.

Estão conseguindo me entender?

Eu sei, sou confuso pra caralho.

Andei investigando também, um tanto por debaixo dos panos, o que aconteceu com minha mãe. Não engoli toda aquela conversinha de “fizemos para o seu bem” que o meu tio tentou jogar para cima de mim. Achei suspeito demais ele ter aparecido lá exatamente naquela semana, ter conversado com meu pai – a quem ele detestava – e depois ter simplesmente decidido que iria encobrir tudo para que minha mãe não fosse internada. Claro que pode ser a minha própria indignação, por não ter notado que minha mãe não estava somente “triste”, mas... eu precisava saber.

Paguei um investigador particular, e ele me manda boletins semanais. Na última semana, ele descobriu que o meu “anjo da guarda, ” Zé Maria, vivia em um condomínio de luxo em Malibu. Suspeito? Quase nada...

Uma batida na porta interrompe meus pensamentos, e fecho a pasta em que estava fazendo anotações.

— Boa tarde, João Pedro – meu tio irrompe porta adentro, vestindo seu jaleco impecável, e sua cara de bom moço que não venho comprando mais há algum tempo.

— Tio... no que posso ajudar?

— Vejo que já está lendo a ata da reunião. Leu as recomendações?

— De que terei que apresentar o projeto eu mesmo, caso queira vê-lo aprovado? Sim... – apoio os cotovelos sobre a mesa, cruzando as mãos e apoiando o queixo sobre elas, um tanto curioso – Tem alguma... observação a ser feita?

— Na verdade estava conversando com Hugo e ele acha que o projeto não seria viável. Eu queria que você me explicasse, exatamente, o que pretende na ala pediátrica.

Suspiro, tentando conter a irritação, porque estava tudo detalhado no projeto que foi enviado ao conselho, mas decido ser didático. Ou cínico. Entendam como quiser.

— Deve se lembrar que eu trabalhei como médico da família em Toronto, certo? A minha primeira experiência como residente foi em uma clínica pediátrica que era muito humanizada. Acabei tornando-a como referência, algo que eu queria muito que fosse feito em todos os locais em que eu trabalhasse. Consegui o feito em duas clínicas posteriores, ainda no Canadá.

— E o que isso tem de tão inovador que nós não temos? Porque, como bem sabe, nossa clínica é de alto nível e...

— Tio, as crianças que ficam hospitalizadas não querem saber se o atendimento é de alto nível ou não. Como se já não bastasse elas estarem doentes, por muitas vezes com dor, ainda têm toda a rotina familiar rompida. Elas precisam disso, de um contato mais humano. O atendimento aqui é excelente, mas é muito formal.

— Formal? Mas... – ele se senta na cadeira à minha frente, sem entender muito o ponto onde quero chegar.

— Sim, tio. Os profissionais são muito cuidadosos, eu mesmo verifiquei isso. Mas eles fazem apenas o trabalho deles – e não que isso seja errado, mas é tudo muito... sei lá, frio! As crianças passam por todos os procedimentos (injeções, punções, biopsias), ficam afastados dos familiares, de suas casas, de seus pertences. Precisam de um tempo para ser crianças, não somente para ser pacientes.

— E você quer colocar um playground aqui na clínica?

— Olha, doutor... se o senhor for já olhar com esses olhos, prefiro nem me explicar. – Irritado, afasto a cadeira já me preparando para levantar, quando ele levanta a mão, rendido.

— Só quero mesmo entender. O que você implantou na clínica onde administrou?

— Salas de recreação, brinquedoteca, oficina pedagógica. Notei uma diminuição no tempo de internação de oitenta por cento das crianças, e tivemos

um aumento na satisfação dos familiares, que acabavam utilizando também as instalações, especialmente na área de pesquisa. Muitos pais acabam se sentindo perdidos quando os filhos têm uma doença, ainda que temporária, e necessitam de algum direcionamento. Nada melhor do que terem isso no local onde o filho está sendo tratado.

— E você acha que os nossos profissionais podem dar conta disso?

— Terão que se capacitar, e vamos oferecer essa capacitação.

Ele apenas balança a cabeça, concordando, enquanto rabisca qualquer coisa em um bloco de anotação à sua frente.

— Usaríamos qual espaço para esse projeto?

— Como a Pediatria fica no quarto andar, podemos usar o quinto andar que é todo utilizado para fisioterapia.

— Coloque tudo isso num papel, João Pedro, e apresente a eles dessa mesma forma como apresentou a mim. Eu, que achava uma grande baboseira, fui convencido. Acho que teremos esse projeto funcionando o mais rápido que você imagina.

Não consigo deixar o sorriso morrer mesmo quando ele sai da sala, me largando sozinho para trás. Posso não conseguir transformar tudo do jeito que eu quero, mas se conseguir apenas uma parte, eu já fico satisfeito.



Estaciono o carro na garagem de Isadora, e estranho a casa estar toda apagada. Geralmente a *sargentona* deixa tudo aceso e bem iluminado, o que é inútil em minha opinião, considerando que eles nunca recebem visitas. Salto do carro e sigo pela alameda, buscando a porta lateral. Detesto entrar nessa casa pela porta da frente, a impressão que eu tenho é que sempre vai aparecer alguém escondido atrás daquelas malditas pilastras. Bem, e também tem o fato de saber que era ali que Isadora se encontrava com o imbecil do meu primo. Prefiro me abster de passar pelo local.

— João! – Nem bem começo a subir os degraus, vejo Isadora abrindo a porta e correr ao meu encontro, se jogando em meus braços. Até alguns meses atrás ela não demonstraria seu descontrole, mas aquela Isadora, felizmente, não existe mais.

— O que aconteceu? – Pergunto, segurando seu rosto entre minhas mãos, notando os olhos vermelhos de quem esteve chorando – Isadora, ele...

— Não me tocou, eu não estava aqui. Mas bateu nela de novo. Machucou, não sei o que fazer...

Olho ao redor, já buscando seu carro, que não se encontra estacionado.

— Ele saiu. Quando ela desmaiou, ele saiu...

— Corre no meu banco traseiro, minha maleta está lá, traz para mim... – estico a ela a chave do carro, e rompo porta adentro, seguindo onde eu já sei que é o lugar preferido de dona Rita, o lugar onde ela se refugia quando sabe que o marido está *naqueles dias*: a sala do piano.

Ao chegar, encontro Solange sentada no sofá ao seu lado, segurando um pano úmido nas mãos. A mãe de Isadora está desacordada, um hematoma grande se formando do lado direito de seu rosto. Tomo sua pulsação, e noto que ela tem uma pequena hemorragia nasal, o que é preocupante. Saco o telefone e ligo para a emergência da clínica, acionando uma ambulância de primeiros socorros.

— A quanto tempo ela está desacordada?

— Uns quarenta minutos, doutor... A menina Isa acabou de chegar, e o senhor apareceu logo em seguida. Ele me ordenou não chamar ninguém ou eu teria o mesmo tratamento...

Quando Isadora entra correndo pela sala, já chega em prantos. Me parte o coração vê-la dessa forma, mas eu acho que chegou a hora de acabar com isso de uma vez por todas. Estico-lhe o telefone, pensando que ela, talvez, vá novamente se negar como já fez outras vezes, com medo. Mas ela simplesmente engole o choro e segura o aparelho com firmeza. Respirando fundo, ela disca e, com a altivez de uma rainha, simplesmente deixa sair.

— Alô, por favor, eu gostaria de uma viatura. É um caso de violência doméstica.



Lidar com todo o “depois” de uma situação como essa é muito estressante. E se é difícil para mim, que sou homem, imagino para quem precisa passar por todo o processo. Mas Isadora não se deixou abater um minuto sequer.

Ambulância e viatura chegaram quase ao mesmo tempo, o que foi excelente para corroborar a denúncia que estava sendo feita. Fomos acompanhados até a clínica, onde dona Rita deu entrada em caráter de emergência, seguindo direto para a emergência neurológica. Não demorou muito para que meu tio aparecesse, seguido por alguns membros do conselho. O que me causava asco, afinal de contas eles agiam como se tudo fosse uma tremenda surpresa.

A mulher apanhou por trinta anos, desses trinta eles convivem com o animal do marido dela por, no mínimo, vinte, e ainda querem que eu acredite em surpresa. Mas, no final, eu entendo. Eles estão de olho na reputação da clínica. Não pega nada bem o sócio de uma das mais famosas clínicas da cidade ser

acusado de violência doméstica.

O que me irrita, demais, e acabo por entender toda a relutância de Isa e sua mãe ao denunciar são os comentários. A falsidade de pessoas que estavam minutos atrás abraçando Isadora e desejando-lhe força e sabedoria, serem pegas em conversinhas paralelas recriminando dona Rita.

“Aposto que gosta de apanhar, ou não teria ficado com ele esse tempo todo. ”

“Deve ter feito algo, ninguém leva uma surra para ficar desacordada se não tiver feito nada errado. ”

“Que absurdo denunciar um homem tão distinto, com certeza ele estava nervoso, não deveriam chegar a tanto. ”

Tudo o que eu soube das agressões que Isadora sofreu foi por ouvir-lhe contar. Eu não tenho estrutura emocional para ver – ou ouvir – e manter o pai dela vivo ao mesmo tempo. Também não tenho muita simpatia por dona Rita, já devo ter dito isso a vocês em algum ponto da minha narrativa, mas ouvir as gravações que Isadora fez foram estarrecedoras. Ainda que o homem não batesse em sua mãe todos os dias, as coisas que ele dizia – e, pior, a *forma* como dizia deixaria qualquer uma apavorada.

Por três meses Isa gravou tudo o que conseguiu. Conversas, discussões, tapas secos. Sua mãe implorando por dinheiro para fazer algum procedimento dentário, pois teve o dente quebrado da última vez que ele tinha batido nela a valer. Toda a humilhação em ouvir que era uma inútil, imprestável, e muito sortuda por estar casada com *tamanha benção*, pois nunca acharia ninguém sequer parecido para aturá-la. E hoje, que Isadora não estava em casa, mas espertamente havia deixado o aparelho com Solange, que conseguiu gravar toda a surra. Tudo devidamente documentado.

— O que está acontecendo aqui? – Ouvimos a voz potente de Alberto Resende adentrando a sala de espera, vermelho feito um pimentão, os olhos chispando de ódio por ver a clínica inteira falando sobre sua “aventura” – O que você fez, sua imbecil?

Vamos voltar alguns parágrafos, onde eu dizia que não tenho estrutura emocional. Eu sequer precisei esperar ele chegar perto dela, quando o vi vir caminhando em sua direção, a chamando de imbecil, eu apenas fechei o punho e dei.

Um.

Dois.

E um terceiro de raspão porque, infelizmente, me tiraram de cima dele.

Foi uma comoção. O sobrinho do sócio majoritário socando a cara do outro sócio que tinha espancado a esposa. Por sorte a ala neurológica ficava bem

afastada da recepção, mas, mesmo assim, essas histórias viralizam. Mas não mais do que a frase que o policial lhe disse, assim que o imbecil se colocou em pé, olhos vidrados e raivosos em minha direção.

— Doutor Alberto Resende, o senhor está preso por tentativa de feminicídio.



26. Uma Certa Urgência

Isadora

Passo pela grande porta lateral já buscando por Solange, estou faminta depois de uma madrugada – e uma manhã – infernal. Passei a noite com minha mãe no hospital, e pela manhã fui até a delegacia para assinar a denúncia. Meu pai já tinha acionado um advogado, um sujeito insuportável que alegava os maiores impropérios, o mais brando deles seria que eu tinha manipulado todos os vídeos. Chegou a insanidade de dizer que minha mãe teria sido agredida por João Pedro, por motivos “comerciais.”

Por sorte, Regina tinha me enviado sua advogada e a mulher era muito afrontosa. Quando doutora Erika adentrou a delegacia, no alto de seu par de Laboutins^[12], andando com mais firmeza que as claras em neve de Solange, todo mundo parou para observar. Não precisou de mais do que cinco minutos para ela fazer o advogado calar a boca. E mais cinco para conseguir uma ordem de restrição, caso meu pai conseguisse pagar a fiança e tentasse voltar para casa.

Ao menos essa parte estamos parcialmente seguras. Digo parcialmente por que, no Brasil, muitas mulheres conseguem essa ordem da justiça, mas os homens acabam não respeitando. Fiquei um bom tempo ouvindo todos os conselhos de Erika, que é – infelizmente – especialista nesses casos. Depois de um relacionamento abusivo, se formou em direito e decidiu ajudar outras mulheres que passam pelo mesmo problema.

Tomei uma bronca dela por ter demorado a fazer a denúncia. Mesmo explicando o que eu tentava fazer – o que ajudou muito no caso, isso me foi dito também – ela me falou que foi extremamente perigoso, tanto que minha mãe se encontrava agora sedada numa cama de hospital. Muitas mulheres não tem a mesma sorte de ter sobrevivido.

“— *Isadora, não dá para esperar, tampouco contar com a sorte. Um homem agressor não muda sua essência, uma vez que ele agrediu e não teve nenhum tipo de reação, ele vai voltar a fazê-lo. Temos armas contra isso hoje, podem ainda não ser cem por cento efetivas, mas temos. E precisamos utilizá-las!* ”

Mudar a nossa mentalidade também é algo muito difícil. Foi sofrido demais não dar ouvidos a tudo o que eu estava ouvindo na clínica, enquanto estava dando meu depoimento aos policiais que foram gentilmente nos acompanhar até lá. O tempo todo ouvia as pessoas me recriminando por estar denunciando meu pai, ou então essas pessoas sugerindo que minha mãe tinha feito alguma coisa que desse a ele o direito de agir como agiu.

“Apanhou por trinta anos e só reclamou agora? ”

“Certeza que fez alguma coisa errada, o homem não ia perder as estribeiras se não tivesse um motivo. ”

“Menina ingrata, tem de tudo em casa e agora vai se meter no relacionamento dos pais e acabar com a vida do homem. ”

É muito difícil passar ileso a esse tipo de comentário, também. Se não tivesse João do meu lado, o tempo inteiro me dizendo que não tínhamos culpa de nada, talvez eu estivesse me sentindo um pouco vilã nesse momento.

— Menina Isa.... como está sua mãe? – Solange entra correndo na sala, assim que ouve o barulho da cadeira sendo arrastada. A pobre mulher nem tem mais idade para passar tanto nervoso, já estou vendo o dia em que vamos ter que socorrê-la tendo uma crise de hipertensão.

— Está sedada. Eles acharam melhor deixá-la assim, por ao menos algumas horas. Os sinais vitais dela estavam todos descompensados.

Jogo os sapatos longe, eu tinha acabado de chegar do trabalho ontem quando fui recebida por uma Solange em desespero.

[...]

— *Isadora, que bom que chegou! Eu não consegui evitar, eu... ela está caída e eu...* – a mulher fala e chora ao mesmo tempo e entender suas palavras é difícil, mas o corpo e o coração já tinham entendido o que os ouvidos estavam ainda tentando. Em uma casa como a minha, um desespero desse só podia significar uma coisa.

— *O que foi, Solange? Onde ela está?* – Passo correndo pela porta, já indo direto para a sala do piano.

Nada prepara para esse tipo de cena. Minha mãe estava caída no chão, inerte. Uma almofada em baixo do pescoço, o lábio machucado.

— *O que aconteceu?*

— *Ela o enfrentou, Isa. Eu gravei tudo, como você me pediu, está tudo aqui no aparelhinho. – Vejo quando ela estica o celular que deixei com ela pela manhã, sempre deixava, para que ela gravasse tudo e me passasse depois – Ele queria que ela fizesse você ficar em casa, como era antes. Estava bravo em te ver trabalhar, estudando, viajando com o namorado. Chegou muito bravo, daquele jeito de sempre, exigindo coisas, e ela disse que não ia fazer mais nada do que ele pedisse.*

— *Ela disse isso?*

— *Sim e quando ele bateu nela, disse que ia ligar para a polícia. Ela me viu gravando, eu acho que fez de propósito. Para a gente ter um vídeo, sabe?*

[...]

O soar da campainha nos deixa em alerta, imagino que pelos próximos dias vamos nos sentir sempre assim. Corro para atender, com Solange em meu calçado e, antes de abrir a porta, dou uma olhada pela vidraça lateral. Fico me sentindo inclusive muito ridícula porque quem quiser entrar nessa casa tem, no mínimo, três entradas diferentes para fazê-lo e.... enfim, a vidraça não esconde nada e quem quer que esteja do lado de fora, pode me ver perfeitamente.

Por sorte, é Alice quem está do outro lado da porta e, assim que eu a abro, ela me recebe com um abraço daqueles. Ao seu lado, seu mais novo fiel escudeiro, o mesmo olhar preocupado de sempre, alerta como se sempre estivesse esperando uma grande merda acontecer. Acho engraçada (mas completamente compreensível) a facilidade com que ela esqueceu Arthur depois de ter conhecido Guga.

Conversamos um pouco, eles vieram saber como eu estava, mas, também, saber de minha mãe. Fico grata porque apesar de já não ser mais aquela garota medrosa de meses atrás – e devo isso também à força e amizade deles – eu as vezes me sinto intimidada. Ainda existem muitas amarras dentro de mim, coisas das quais eu preciso me libertar, e que não serão com alguns meses que isso acontecerá.

— Falei com Jotapê há pouco, Isa. Ele está aguardando o tio, para assinar o novo contrato. Acho que ele tentou falar com você, mas não conseguiu... – me surpreendo e pego meu aparelho celular, constatando que está sem bateria. Chacoalho o aparelho, mostrando minha falta de atenção...

— Acho que esqueci de carregar ontem à noite. Ele te falou o que queria?

— Ele queria que você levasse o contrato antigo até a clínica, se possível. A reunião está marcada para as quatro, e ele queria ver esse contrato destruído

antes de assinar o outro. Para evitar... você sabe.

Paro para pensar onde esse maldito contrato estaria guardado, e só pode ser no escritório de meu pai. Um lugar onde eu nunca, de jeito algum, em nenhum momento de minha vida, atrevi a entrar. Levanto, com os dois em meu encalço, e empurro a grande porta de madeira. A sala é uma grande novidade para mim. Duas paredes cobertas por prateleiras, contendo uma grande variedade de livros. Sofás de couro marrons, uma grande mesa de madeira no meio da sala, a poltrona parecendo um grande trono. Meu pai realmente se acha o rei supremo...

A mesa tem um gaveteiro ao lado, que eu imagino seja para guardar prontuários de pacientes, ou documentos importantes. Abro a primeira gaveta, várias pastas que conforme vou abrindo, vejo dados de pacientes. Na segunda gaveta, contratos e documentos variados, algumas escrituras de imóveis que eu nem tinha ideia que meu pai possuía. A terceira gaveta tinha um álbum de fotos antigo, grosso e de capa dura, que contava um pouco da história da minha família. Eram fotos de meus avós, meu pai – ainda criança – e meu falecido tio, irmão mais velho de meu pai, que faleceu ainda menino. Pelo que meu avô contava, ele caíra num rio e morreu afogado quando tinha oito anos. Minha avó, sua esposa, nunca se recuperou. Na época o meu pai tinha uns quatro anos e foi uma época insuportável.

Deixo o álbum de lado e visualizo uma pasta preta no fundo da gaveta. Quando a abro, encontro o tal contrato de casamento que, obviamente, meu pai não tinha destruído conforme prometera a doutor Raul. Na mesma pasta haviam vários outros documentos, que eu deveria deixar de lado, mas acabo não contendo a curiosidade. Puxo um desses maços de papéis, que parecem cópias xerocadas com o logo da clínica. Posso ver a assinatura de Hugo, são contratos de compra e venda de medicamentos. Anexados a esses contratos, algumas planilhas de planejamento mostrando as datas de compra, e de descarte dos mesmos. E em sequência, uma circular autorizando a manutenção dos medicamentos ao invés do descarte. Imediatamente me lembro de João comentando que existia uma ala na clínica que ele não tinha acesso. Exatamente o depósito onde os remédios seriam armazenados.

Uma outra pilha de papel me mostra o que parece ser um processo contra a clínica, datado de um ano atrás. Segundo o processo, uma criança de quatro anos de idade, com problemas cardiorrespiratórios, veio a óbito devido ao uso de medicamento com data de validade vencida, ministrado enquanto estava internada.

— Isadora... aconteceu alguma coisa? Você está branca!

— Guga, eu não sei o que meu pai pretendia guardando isso e tampouco

sei a validade de tudo o que eu encontrei aqui, mas... isso pode colocar a clínica em um risco enorme!

Explico a ele, por alto, tudo o que encontrei e ele me lembra que, assim que assinar o contrato, Jotapê estará ligado a essa administração e, dependendo das cláusulas, não conseguirá fazer nada a respeito.

Em um salto, junto todos os documentos e coloco na pasta, me preparando para correr até a clínica. Tenho pouco mais de uma hora para chegar até lá, e impedir João de arruinar a sua própria vida. Não posso deixá-lo fazer isso, principalmente porque sei que ele só entrou nessa barca furada porque tentou me proteger.

— Você me leva lá? – Pergunto a Guga, que rapidamente se levanta, assentindo – Preciso impedir que ele assine o contrato, ele tem que saber que aquela clínica tem tudo para ser uma bomba-relógio!

— Vamos agora. O trânsito maluco daqui até a clínica não nos favorece...

Saímos correndo, sem sequer avisar Solange de onde estávamos indo. Não consigo deixar de pensar que esses documentos podem ser falsos, o meu pai não teria tamanho trunfo nas mãos para ter a clínica inteira para si, e deixaria passar.

A não ser que... fosse uma garantia caso eles quisessem tirá-lo da sociedade. E isso consegue ser ainda pior.

Passo o caminho inteiro nervosa, olhando todos os documentos o máximo que eu posso. Tentando memorizar, guardando datas, observando padrões. Obviamente não é algo novo, existem alguns pedidos de rearmazenamento de máquinas datados de dez anos atrás, mas o volume aumentou demais nos últimos dois anos.

Guga tenta entrar em contato com João pelo celular, sem sucesso, e deixa uma mensagem o alertando para não assinar nada antes de falar conosco. O meu maior medo é não conseguir alertá-lo e ele acabar se prejudicando nessa loucura toda.

Fico com raiva de mim, por ser tão inútil. Mal sei o telefone dele na clínica, nunca precisei procurá-lo de forma oficial e o número que pegamos na internet nos coloca em contato com a central de atendimento, que não acredita muito em nossa urgência de falar com o administrador.

Merda. Mil vezes merda!

O trânsito não flui de forma alguma, e se eu já estava nervosa ao sair de casa, fico uma pilha ao notar que eu tenho cerca de quinze minutos para tentar alguma coisa. E, parecendo aqueles filmes malucos onde tudo pode dar errado, quando estamos já na avenida onde a clínica é localizada, cerca de três quadras antes, somos novamente parados pelo trânsito.

— Não é possível! – Esbravejo – Guga, para o carro, eu vou a pé!

Assim que ele estaciona o carro, convenientemente no estacionamento da catedral, nós desembarcamos e, munida da pasta e somente ela, respiro fundo. O tempo está fechado, com certeza vai cair uma chuva daquelas.

Você deve estar se perguntando se eu, subitamente, fiquei corajosa. Juro, não saberia responder. O medo de cometer algo errado ainda me consome, aquela velha história de tentar consertar alguma coisa e causar um efeito borboleta, piorando todo o resto? Tenho medo, muito medo. Mas o medo de que meu João seja prejudicado de certa forma é minha mola propulsora.

Nunca me perdoaria se, depois de tudo o que ele fez, se eu não me esforçasse o máximo e não tentasse engolir todos os meus receios para ajudá-lo.

Meu coração, no momento, parece que vai explodir.

— Vai, Isadora! Senão não vai dar tempo!

— Mas e se perguntarem o que é isso, Alice? Como eu explico?

— Não explica, amiga. Finge demência. Mas agora corre, antes que não dê tempo. Ou você vai agora, ou estará tudo perdido!

— Meu Deus...

— VÁ ISADORA! Corre!

Criando uma coragem que há muito eu não tinha, corri. Beirando o grande muro de pedra, cheguei até a rua. O tempo estava fechado, cinzento como a minha vida. A chuva ameaçava cair a qualquer momento, o trânsito estava caótico, e o celular continuava dando caixa postal. Tudo o que eu tinha, no momento, era esperança, duas pernas, e medo que tudo desse errado.

Olhei para ambos os lados, tirei os sapatos e munida de uma força de vontade descomunal, desci a avenida correndo.

Teria que dar tempo.

Tenho dez minutos para chegar até o décimo andar da clínica localizada a três quadras de onde estou e, com certeza, já começo em desvantagem.

Tem que dar tempo!

Quando passo correndo pela porta de entrada, estou descalça, esbaforida, descabelada. Mal consigo chegar no balcão de atendimento e sou interpelada pelo segurança.

— Senhorita, aconteceu alguma coisa?

— Eu preciso ir até a sala da administração, preciso falar com... – Puxo o ar, ainda exausta da corrida, e um pouco irritada por estar aqui me explicando ao invés de ter minha passagem liberada. Por ser um andar administrativo, não é utilizado o elevador social para o acesso, e somente com crachá de visitante podemos chegar até ele.

— Isadora! – A voz irritante de Hugo me alcança e o *pouco* irritada

aumenta para *bastante* irritada. E preocupada, afinal de contas o que eu trago na pasta o incrimina, bastante. Aperto-a contra o peito e me viro, tentando me lembrar de todos os ensinamentos que tive durante a vida inteira sobre mascarar os sentimentos. Odeio fazer isso, mas sempre fui boa, minha habilidade não pode me abandonar justo agora.

— Hugo, tudo bem? – Sorrio, incorporando a personagem – Eu vim porque preciso falar com João Pedro, é um pouco urgente.

— Vai ser meio difícil agora, ele está entrando em reunião para... bem, você sabe para o quê, afinal de contas não sossegou enquanto não fez isso virar realidade, não é mesmo?

Durante anos de abuso físico eu pude aprender a identificar alguns traços de comportamento abusivo. Obviamente não é como um radar, uma coisa automática. Você passa a identificar no dia a dia, conforme a outra pessoa vai se sentindo mais confortável para se mostrar. Algumas coisas são bem sutis, um brilho raivoso no olhar, um maxilar “travado”, como se a pessoa estivesse se esforçando demais para não reagir. Um punho fechado. Mas tudo isso acompanhado de um sorriso gélido no rosto, uma falsa simpatia que pode acabar enganando os mais desatentos.

Eu acabei me tornando uma pessoa paranoica, mas esse sorriso, que Hugo tem no rosto, me diz lá no fundo que me livrei de uma boa.

— O senhor pode me levar até a administração, por favor? – Pergunto, novamente, para o segurança.

— Eu te levo, vamos comigo...

Me afasto quando Hugo se aproxima, colocando a mão em minha cintura, e aperto a pasta com um pouco mais de força. Não posso bobear, de forma nenhuma.

— Agora que namora o *bonzinho* Jotapê não pode ter outro homem segurando em sua cintura, Isadora? Não lembro de você ter esse mesmo cuidado enquanto era minha noiva...

— Eu não vim até aqui discutir com você, Hugo. Eu preciso, mesmo, falar com João, estou com muita pressa – me viro novamente para o segurança, prestes a implorar se for preciso – Por favor.

— *Boua tardje* – a voz fina de sotaque irritante soa e eu sinto que meu dia não poderia ficar pior. Ao me virar, dou de cara com a insuportável loira, um sorriso plástico no rosto, parada atrás de nós e me medindo dos pés à cabeça.

Hugo parece atônito ao vê-la, e eu acho bem feito. João havia me contado sobre o encontro que eles tiveram em seu apartamento, aposto que ele não estava esperando ver a gringa novamente. Mas, decidida a não ficar aqui e ver qual a trama da vez, viro novamente para o segurança, que decide me ajudar,

de uma vez por todas.

Segurando a pasta apertada no peito com um braço, os sapatos na outra mão e o coração na boca, sigo o homem até o elevador, torcendo para que dê tempo.



27. Qual a Novidade Agora?

Iotapé

Faço pela quarta vez no dia a demonstração do projeto da ala pediátrica, mas dessa vez para o meu avô. Devo estar enganado, mas posso ver um brilho em seu olhar, algo que não tinha visto ali ainda. Ou, se tinha visto, não tinha prestado atenção. Ele parecia... orgulhoso.

— Conte para mim, João... a clínica que você administrava, ela atendia dessa forma?

— Sim, era um local pequeno, meu avô. Não era uma metrópole como esse hospital que vocês insistem em chamar de clínica – comento com humor para vê-lo rindo solto – O atendimento todo era feito diferente, porque lá é natural esse contato mais próximo. Mas, falando especificamente da pediatria, sim. Tínhamos um espaço como esse.

— Eu o vi com aquele garotinho um pouco mais cedo, João. O que está internado, com pneumonia. Você é bom com eles, por que não quer continuar clinicando?

— Não entendi, do que está falando? – Estranho.

— Seu primo me disse que você não iria mais prestar a prova para revalidar o seu diploma e eu acho um desperdício meu querido, você...

Sorrio, balançando a cabeça, sem acreditar na infantilidade de Hugo.

— A prova é daqui a dois meses, e eu não vejo a hora de estar apto a trabalhar. Eu não tenho a menor intenção em ser administrador, vô. Eu sou médico, e é isso que eu vou fazer pelo resto de minha vida.

Fecho a pasta com o projeto assim que eu vejo a porta se abrir e alguns dos acionistas entrarem, juntamente com meu tio e o advogado da clínica. Estranho toda essa movimentação, afinal de contas isso deveria ser apenas um

acordo entre a família.

— Eu chamei alguns acionistas aqui porque eu gostaria que eles estivessem cientes do que vai acontecer hoje, João Pedro. — Meu avô aguarda todos sentarem em volta da grande mesa de reunião, antes de se colocar em pé, e receber uma pasta das mãos do advogado — Como já te contamos, a sua mãe nunca foi abandonada. Mas depois daqueles problemas todos, conseguimos uma procuração onde o seu tio ficou responsável por gerir as ações dela.

É inevitável o soar de um alerta em minha cabeça assim que ouço a palavra “procuração, ” e então endireito o corpo, tentando ficar mais atento ao que está sendo dito aqui.

— Depois de vê-lo trabalhar nesses últimos meses, tenho certeza que está pronto para tomar conta, você mesmo, da parte que foi de sua mãe. — Recebo a pasta que ele me oferece, abrindo para ver um contrato repassando vinte e cinco por cento das ações para o meu nome. Ao mesmo tempo que ouço a indignação de meu tio, que aparentemente, não sabia dessa novidade.

— Não pensou por um minuto em me consultar, papai? Depois de tantos anos de dedicação, acredito que o mínimo que eu merecia era uma palavra em antecipação.

— Vitor, você não era o proprietário das ações, era apenas o gerente delas.

— Poderia ter me perguntado, mesmo assim. Afinal de contas, eu poderia ter interesse em adquiri-las.

— Peço desculpas a vocês — meu avô diz, direcionado aos homens que assistem o embate em silêncio — o meu filho anda um tanto confuso. Porque dos vinte e cinco por cento das ações que ele tinha, acabou vendendo mais da metade. Deve se lembrar, Vitor, que você possui apenas dez por cento das ações, correto? — Contrariado, meu tio apenas concorda com um movimento tímido de cabeça — acha mesmo que eu ofereceria a você mais ações?

Fico honestamente chocado com a revelação, porque da forma como meu tio sempre agiu, eu jurava que ele seria sócio majoritário da clínica. Sabia que haviam outros acionistas, mas não tinha realmente nenhuma idéia de como era a configuração da distribuição das ações.

— Vitor pensa que me engana. Eu sabia que essa história toda de casamento por contrato seria uma forma de deixar o seu filho protegido e, como eu realmente não gostaria de ver a clínica fora do seio de nossa família, acabei aceitando. Essas ações seriam de Isadora, que casada com Hugo, manteria os Moraes no controle de qualquer forma. A bola agora está contigo, meu neto...

Eu deveria responder alguma coisa, eu sei. Mas posso confessar algo a vocês? Tenho até medo de abrir a boca e sair mais alguma bomba, a porta abrir

de repente e...

— João! – Isadora entra correndo pela porta entreaberta, parecendo que passou por um ciclone ou algo do tipo. Descalça, segurando o par de sapatos de salto nas mãos, uma pasta presa ao peito e um segurança em seu encalço – Não assina nada, preciso te mostrar isso antes!

Me levanto, dando a volta na mesa até tê-la em meus braços, assustada e ofegante.

— O que aconteceu, Isa?

— Tentamos falar com você, Guga te mandou mensagem, não recebeu? – Estranho, e checo meu celular, notando que ele descarregou – Ele me passou o recado, para trazer o contrato. Eu achei essa pasta, você precisa ver o que tem aí dentro...

Conforme eu passo os olhos pelos documentos, um frio na espinha me toma. São dezenas de documentos que comprovariam uma suposta irregularidade no estoque da clínica. Memorandos assinados por Hugo autorizando a utilização de remédios vencidos. Um processo que a clínica estaria sofrendo por negligência.

— Sabia disso? – Estico o papel relacionado ao processo para meu avô, que lê atônito e começa a checar todos os outros documentos. Acabo me preocupando quando vejo ele levar a mão no peito, nervoso demais com a situação.

— O que vocês fizeram, Vítor? – Meu tio tenta negar, enquanto o advogado vai passando por toda a documentação, o cenho franzido, indicando que estamos em maus lençóis.

É realmente uma situação vexatória, e sou obrigado a lembrar-lhes que, desde que assumi a administração da clínica, o meu acesso ao estoque está proibido por Hugo, que usava como desculpa o fato de ser a única coisa que tinha lhe sobrado para tomar conta.

A sala se torna um mar de vozes, alguns espantados, outros totalmente indignados, enquanto meu avô parece uma panela de pressão prestes a explodir.

Não consigo evitar me lembrar do discurso de minha mãe, lembrando todas as vezes o quão disfuncional era essa família.

“— *Eles não se importam, meu filho. Desde que seja do mesmo nível social deles, você pode ser um crápula da pior espécie. Só se interessam por bens materiais, posição social, status e coisas do tipo. Passariam por cima de você sem pestanejar, se isso lhes desse algum ganho.* ”

Se comprovadas essas irregularidades, saberemos que Hugo recebeu muito dinheiro por essas transações, muito provavelmente embolsando todo o valor que seria direcionado à compra de novos produtos. Isso combinado com os

anos de descaso pela vida que Isadora e dona Rita vinham tendo, só me faz acreditar com mais veemência no que minha mãe me dizia... e duvidar da forma como tudo ocorreu há dez anos atrás.

— A procuração que fez minha mãe assinar... como conseguiu? – Acuso, e ele se sobressalta.

— Ela assinou, eu disse que cuidaria de tudo. E ela assinou.

— Quero ver essa procuração depois. E nem pense em me negar isso! – Minha cabeça fervilha ao pensar que ele pode ter falsificado a assinatura de minha mãe, porque eu não me recordo, de forma alguma, de tê-la visto recebendo visita de familiares. E, quando ela retomou seu ânimo, dias depois, estava machucada demais para assinar qualquer coisa que viesse de minha família.

Fico perdido em pensamentos, afinal de contas essa papelada que Isadora trouxe muda tudo. Eu nunca ligaria o meu nome a um local assim, onde certamente muita dessa sujeira seria jogada para cima de mim. Ainda relembro das ameaças veladas de Hugo, lançadas nos últimos meses. Sempre sugerindo que eu deveria voltar ao Canadá, que as coisas aqui não serviriam para mim, que eu andava me intrometendo demais onde não era chamado, que de repente eu teria que administrar coisas que sequer imaginava. Coisas que não daria conta.

Foi pensando nesse imbecil que vejo quando ele entra na sala de reuniões acompanhado de minha tia e de... Lorraine?

— Qual a novidade, agora? Não dava para esperar, Lúcia? – Meu tio abre os braços, já exausto de tantas novidades e eu poderia concordar com ele se não estivesse um tanto quanto curioso.

— Boa tarde. Não, acredito que não dava para esperar. Lorraine me ligou mais cedo, dizendo que estava vindo até a clínica, queria nos ver. Seremos avós.

Existem algumas reações automáticas que nem mesmo o tempo, profissão ou ambiente nos faz conter. A minha gargalhada estridente ao saber que alguém se fodeu muito é uma delas. Ela simplesmente vem, tão alta que eu preciso dobrar o corpo e enxugar os olhos depois, que acabaram lacrimejando.

O investigador que eu contratei descobriu que a família de Lorraine está indo muito “mal das pernas”, como se diz em português bem popular. Seu pai havia feito alguns investimentos que deram errado, e perderam muito dinheiro. Lorraine, que nunca soube o que era viver longe da ostentação, veio atrás de mim porque sabia que minha família tinha dinheiro. Imaginava que teria algum filão para mim no percurso. E veio em seu período fértil.

A tonta não contava que eu tinha conhecido minha Colombina, e com ela fechado as portas para qualquer outro relacionamento – inclusive os arranjos.

Como desse lado ela não conseguiu nada, partiu para consolar o *pobre*

primo que, idiota, caiu direitinho no plano dela. Achando que dormindo com Lorraine poderia me ferrar de alguma forma, conseguir alguma coisa contra mim. Trouxa pra caralho.

— Não é hora para isso, João Pedro. – Meu avô me recrimina, mas ele que me perdoe, isso foi inevitável.

Fico com pena de minha tia ao receber as novidades descobertas nessa reunião. Sua expressão desolada diz muito, ela não fazia a menor idéia de quem era seu filho, ou de quem era seu marido.

— Nunca ficamos sabendo sobre esse processo, Vitor.

— O processo foi arquivado por falta de provas. Não existe nada contra nós e esses documentos foram todos forjados, vocês bem sabem. Alberto é um criminoso, tanto que está atrás das grades. Ainda temos um contrato para assinar, não sei qual o interesse que João Pedro tem em todo esse circo que ele armou, mas está na hora de seguir em frente, todo mundo aqui tem muito o que fazer.

Eu não tive tempo de ler nada. Não sabia quais as cláusulas do contrato, nem o atual e tampouco o antigo. Estava prestes a exigir a leitura antes de assinar quando Isadora nos surpreendeu. Mais uma vez.

— Não vou assinar nenhum contrato, doutor Vitor.

— Como assim, não vai assinar, Isadora? Se não assinar o contrato novo, o anterior ainda vai estar valendo, espero que saiba disso.

A minha Colombina, senhores, é espetacular. Seu sorriso foi abrindo, enquanto trocava um olhar comigo. Totalmente dona da situação.

— Eu li o contrato anterior, doutor Vitor. Se eu me negar a casar com Hugo, as ações de meu pai seguem para o avô de João Pedro, e não para o senhor. Creio que não preciso me preocupar quanto a isso.

— Você não pode simplesmente quebrar o contrato em nome de seu pai. – Meu tio ergue o tom de voz, e eu já estava pronto para defendê-la quando vi que não seria mais necessário.

— Posso sim. Meu pai, caso não se lembre, está preso. Acho que o conselho vai concordar – e o nosso advogado aqui também – que ele não tem voz para decidir qualquer coisa a esse respeito. Eu já sou maior de dezoito anos e esse contrato, especificamente, não diz que eu preciso aguardar até os 21 então...

A sala se torna um verdadeiro mercado de peixe. Compreensível para quem está, de certa forma, de fora da situação. Foram tantas as informações soltas, de problemas familiares que ninguém, a não ser os envolvidos, deveria saber, mas mesmo assim foram jogadas às baciadas.

“Barraca das fofocas dos Moraes e Resende. ”

— JÁ CHEGA! – Meu avô bate na mesa, fazendo com que todos se calem. Fico em dúvida sobre o que sentir a seu respeito, se pena por ver a família

que ele tanto lutou para continuar sendo uma das mais importantes da cidade chegar a esse ponto. Se contentamento, por ele ainda que no final da vida, entender que dinheiro e status não pode ser o mais importante. Se raiva por isso tudo ter acontecido em baixo do seu nariz e ele, aparentemente, nunca ter notado. – Vamos encerrar por hoje. Doutor Castro, por favor fique, precisamos resolver algumas coisas quanto a essa papelada toda. Vitor e Hugo, espero não ver vocês por aqui o restante do dia. Vocês têm muito o que resolver com o novo membro de sua família chegando.

As pessoas começam a deixar a sala, aquele burburinho típico e apostado como vamos ser assunto por muito tempo. Ontem a confusão com doutor Alberto, hoje essa gritaria toda aqui na diretoria. Duvido que isso se mantenha sigiloso por muito tempo.

Isadora se desvencilha de meu abraço e vai até meu avô, pude notar como eles sempre se deram bem desde aquele maldito almoço na casa de tio Vitor, quando eles ainda eram noivos e doutor Rubens ficou cantando em verso e prosa o quanto ele gostava da menina.

— Desculpe, doutor Rubens. Eu não queria causar toda essa comoção, mas nunca deixaria João assinar nada sabendo dessas... falcaturas todas.

— Minha borboleta... – ele segura sua mão, carinhosamente – obrigado por ter vindo. Vocês podem achar que eu sabia disso tudo, mas eu não tinha idéia. Vou resolver tudo da melhor forma possível.



A mãe de Isadora havia saído da sedação, e fomos liberados para visitá-la. Felizmente os seus exames neurológicos não apresentaram nenhuma alteração, e, excluindo o trauma de ter passado por uma situação tão assustadora, ela não terá nenhuma sequela.

— Solange disse que a senhora provocou ele, de propósito, para poder ser gravada...

— Eu errei muito com você, Isadora. A minha vida inteira. Eu agia com você da mesma forma como ele agia comigo, mesmo que eu não quisesse, mesmo que entendesse que era errado, eu simplesmente fazia. Então você se libertou, passou a trabalhar, estudar o que gosta. Estava sempre feliz, sorridente, radiante... isso o incomodou tanto. Seu pai gosta de controlar as pessoas, ele não suporta não ser aquele que comanda. Seria fácil comandar Hugo, eles são feitos do mesmo material. – Ganho um olhar carinhoso, enquanto ela continua falando – Já o rapaz aqui, ele teria problemas.

— Foi muito arriscado, dona Rita. A senhora poderia ter tido outro fim.

— Teria outro fim para minha filha ter um começo. Me perdoe, Isadora, por tudo. Eu estou feliz que agora você está a salvo. Que está feliz. Faria tudo de novo se, com isso, ajudasse você a ter uma vida melhor do que a minha. Você está feliz, Isadora, e é somente isso que importa nesse momento.

As duas choram, abraçadas, colando os pedaços que a vida destroçou. Sei que ainda precisam percorrer um longo caminho porque o relacionamento delas nunca foi fácil, mas eu também entendo que quando se tem o coração aberto, o perdão acaba fluindo mais rápido. Eu nunca fui o maior fã de dona Rita, e também nunca escondi de ninguém, mas o fato dela ter se sacrificado em favor de minha garota já faz com que ela suba um pequeno degrau em minha escada de consideração.

Por ter sofrido um trauma encefálico, dona Rita ainda será mantida na observação por mais um dia e, prometendo voltar outra hora, nos despedimos dela. Eu havia sentido que ela queria me dizer alguma coisa, o tempo todo a mulher ficava me olhando, como se qualquer coisa viesse em sua garanta e voltasse novamente, conforme a coragem falhasse. Na minha ingenuidade, ela apenas diria algo como “vocês terão filhos lindos” ou qualquer outra estupidez que minha mente insana imaginava. Mas, quando ela segurou meu braço, antes de levantar da cadeira localizada ao lado de sua cama, eu sabia. Pela sua expressão eu sabia que falar de filhos lindos era a última coisa que eu ouviria naquele quarto.

— Procure o Zé Maria. Ele vai ter muito o que lhe dizer sobre o assassinato de seu pai.

— Porque está me dizendo isso, dona Rita?

— Alberto não guardou todos esses documentos que Isadora encontrou por acaso. Ele sabia muita coisa sobre o seu tio, eram garantias de que os acordos entre eles sempre seriam mantidos. Um passo em falso, e ele começaria a disparar tudo.

— Mas o que ele sabia sobre a minha mãe?

— Alberto descobriu que o seu tio a visitou no Canadá porque estava enrolado, cheio de dívidas, e tinha vendido ações da clínica. A intenção dele era fazê-la assinar um documento passando tudo para o nome dele, mas ela se negou. Ele então quis usar o episódio de sua mãe na adolescência para justificar uma incapacidade qualquer. O avô de Isadora era psiquiatra, e Alberto aprendeu muito com ele, sempre foi especialista em manusear remédios. Sabendo disso, se tio pediu nomes de substâncias que poderiam causar uma crise qualquer em sua mãe. Uma crise temporária. E foi sugerido algo que continha anfetamina^[13].

Anfetamina. Foi isso que lhe causou o surto. E, conseqüentemente, a morte de meu pai.

Eu sentia como se meu coração fosse explodir, de tão rápido que ele batia. Fechei meus punhos com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos, levantei da cadeira e passei a andar em círculos pelo quarto, como um bicho enjaulado. Era tanto ódio, que eu estava vendo tudo vermelho.

— Sempre soube disso, *dona Rita*? – Queria gritar. Descontar nela, que estava bem aqui na minha frente, toda a raiva e frustração que estava sentindo no momento.

— Descobri um tempo depois, ouvindo uma discussão deles no escritório. Me perdoe não ter contado nada antes, João Pedro.

Engulo seco, e esmurro a parede, causando uma pequena comoção na ala das enfermeiras. Nada que não tenha acontecido aqui nas últimas vinte e quatro horas. Completamente ensandecido, sem enxergar nada à minha frente, deixo tudo para trás e saio em busca de meu tio.

Ele tem muito o que me explicar.



28. Voa, Borboleta

Isotapê

Mal escuto quando Isadora me chama, correndo atrás de mim pelos corredores da clínica. Sigo em direção ao elevador e ela vem atrás, desesperada, talvez com medo de que eu faça alguma besteira. E eu estou com tanta raiva que é bem capaz disso acontecer.

Aperto o botão na parede com uma raiva desmedida, querendo mesmo socar o botão até a porta metálica abrir, e sinto quando Isadora me enlaça por trás, deixando um beijo em minhas costas.

— Se acalma, João, por favor...

Sei que estão todos me olhando, devo estar parecendo um louco ensandecido. Encosto a testa na parede, respirando fundo, e me viro de frente para ela. Isadora tem sido meu porto seguro nesses meses que se passaram, e é nela que eu busco o controle.

— Como ele pôde fazer isso com ela? – Afundo o rosto em seu pescoço, inspirando seu perfume, buscando uma calma que estou longe de sentir. Meu coração dói tanto que parece partir-se ao meio.

— Vamos para casa, não vou deixar você falar com ninguém desse jeito. – Balanço a cabeça, negando, mas na verdade eu só preciso mesmo da calma que ela me traz. Porque sem essa calma eu vou acabar enlouquecendo.

Quando o elevador chega, eu mal nos vejo entrando. Me mantenho abraçado a ela, sentindo suas mãos fazendo um carinho em meus cabelos, até que a porta abre no térreo e somos obrigados a nos mexer.

Guga e Alice estão no estacionamento, o que eu não entendo muito bem, mas Isa acaba por explicar que eles a trouxeram até aqui, em uma missão de urgência. Ela não diz exatamente *qual* a missão, mas nem precisa, entendo que

foi a pressa para me trazer os documentos.

— Vamos até minha casa, Guga. O João não tá muito legal.

Legal é algo que eu sequer sei se vou ficar quando tudo isso acabar. Fico imaginando o quanto todo mundo de minha família sabe a respeito do que aconteceu com minha mãe, e o quão idiota eu pareci a todos eles aquele maldito dia em que me mostraram a fita. Tentando destruir a memória dela, a fazendo passar por louca homicida, me fazendo acreditar que eu era um omissor. Eles acabaram com ela, tiraram-lhe o amor, a paz, a vida, e isso por quê? Por dinheiro? Essa merda de dinheiro que desde o início ela sabia que lhe destruiria a vida. Sempre soube, sempre me alertou.

Soco a porta lateral do carro infinitas vezes. Sei que Guga está me olhando pelo retrovisor, indeciso se deve me recriminar por estar *destruindo* seu carro, mas ele nada diz. E eu só queria socar e socar a porta até ela, quem sabe, partir em minha mão e fazer com que eu pense em outra coisa a não ser a imagem de minha mãe sentada, toda ensanguentada naquela ambulância logo após ter matado meu pai. Por culpa deles.

Muita coisa passa a fazer sentido, agora que a sargentona me abriu os olhos. A presença de Zé Maria morando em frente ao nosso apartamento somente para “tomar conta” de mim não fazia sentido algum. Era mesmo muito mais fácil ele estar por ali tentando prevenir que descobríssemos alguma coisa.

E o fato de minha mãe culpar Alberto, provavelmente fora uma jogada de meu tio para não o deixar falar nada, pois estaria automaticamente se incriminando junto. Sabia quais eram os planos de meu tio, mas, por ganância, não tentou impedir.

Como a gente fica normal depois de uma situação dessas me diz? Acho que nunca me senti tão furioso quanto agora, mas, principalmente, nunca me senti tão perdido. Tão sem saber o que fazer.

Isadora se manteve em silêncio desde que entramos no carro, me dando o espaço que ela entende que eu preciso, mas não consegue me ver nervoso, socando tudo, irritado. Com seu jeito doce, ela coloca as pernas em cima do banco e se deita em meu colo, passando as mãos em volta de minha cintura e afundando o rosto em meu estômago. O rádio do carro estava tocando uma música da Alicia Keys, curiosamente uma música que minha mãe amava, e ela passou a cantar baixinho, como um mantra, me trazendo de volta à sanidade.

Algumas pessoas querem tudo

Mas eu não quero nada

Se não for você querido

Se eu não tiver você querido

Algumas pessoas querem anéis de diamante

*Algumas apenas querem tudo
Mas tudo significa nada
Se eu não tiver você*

— Desculpa. Vou me acalmar...

— Você pode surtar, se quiser, João... só não se machuca. Eles não merecem isso, não merecem que você fique nesse estado.

— Falando nisso – Guga me olha pelo retrovisor – meu carro também não merece.

Saco o telefone do bolso, e passo uma mensagem para o investigador. Preciso saber se ele descobriu mais alguma coisa, se conseguiu entrar em contato com Zé Maria como havíamos combinado semana passada. A vontade mesmo era de passar por dentro da linha, esperar por uma resposta, a essa altura, é pior do que tortura.

Chegar na casa de Isadora foi outro evento, porque meu tio, provavelmente ainda mexido com o resultado da reunião, se encontrava nos esperando. E eu ainda não estava apto a conversar com ele. Sendo sincero, eu não estava apto sequer a olhar para ele. A única parte de mim que conversou com ele – e não tanto quanto eu gostaria – foi minha mão em sua cara.

Eu não expliquei. Existe um dito popular que sempre diz que a pessoa sempre *sabe* por que está apanhando. Pode ser injusto na maioria dos casos, mas aqui não foi, mesmo. Sua expressão dizia que ele sabia. Eu não ficaria tão fora de mim, tão ensandecido por conta de remédios vencidos na clínica.

Ele também não disse uma palavra. Seja lá o motivo que o levou a vir até a casa de Isadora, esse motivo se tornou inútil na primeira porrada que recebeu.

— Chega, Golden Boy... já bateu, não pode perder a razão. Vamos entrar... – Guga sai me arrastando escada acima onde as meninas nos aguardavam, assustadas, obviamente.

Eu queria cuidar da minha garota. Que também estava com a cabeça cheia, o pai na prisão, a mãe internada, e o namorado surtado. A pobre menina não tinha um descanso, mas eu não conseguia. Não dava para manter a cabeça em ordem, não enquanto eu tentava entender isso tudo. E, principalmente, enquanto eu bolava uma estratégia e pegar todos eles pelas bolas.

Isadora havia permitido que eu olhasse no escritório de seu pai, e eu coloquei o lugar abaixo. Obviamente não achei nada que me interessasse, afinal de contas ele podia ser um escroto, mas não era burro. Nunca deixaria provas de um crime que ele poderia ser facilmente implicado no escritório de sua própria casa. Mas achei muita coisa interessante, que o faria perder a pose e o rebolado. Doutor Alberto sempre se vangloriou de nunca ter precisado trabalhar no sistema público de saúde, mas, curiosamente, existia muita documentação que alegava o

contrário. Várias assinaturas referentes a contratos feitos com o poder público, no mínimo, suspeitos.

Coloquei tudo dentro de uma pasta e estava prestes a sair, quando meu celular começou a tocar. Aperto o aparelho nas mãos, sem coragem de atender como se já soubesse, como se fosse um aviso prévio. Uma sensação ruim no peito, de ter sido enganado, ter sido feito de idiota. Lembrando que eles, o tempo todo, estavam me dando tampinha nas costas somente para encobrir suas merdas.

— Alô.

— João Pedro, boa tarde. Estou em Malibu nesse momento, na casa de Zé Maria.



As duas semanas seguintes passaram em um borrão. Como se toda a merda do mundo estivesse, finalmente, desabando sobre a minha cabeça. Assim que consegui falar com Zé Maria, eu parti direto para a clínica. Para sua sorte – ou minha, considerando seu tamanho – ele me confirmara tudo por telefone. Ao invés de arrebentar a cara do sujeito, ele com certeza arrebentaria a minha. Sim, tenho plena convicção que me daria muito mal, afinal de contas o sujeito é enorme.

Segundo ele, meu tio tinha, realmente, o interesse que minha mãe passasse a ele o controle definitivo das ações, mas, para isso, teria que ser feito pessoalmente. Coisa que ela nunca faria. Ele então decidiu fazê-la surtar, para alegar insanidade e poder ficar responsável pelo gerenciamento das mesmas. O que ele não esperava – bem, ao menos é o que o homem alega – era que minha mãe surtasse ao ponto de enxergar um inimigo em meu pai.

Eles passaram a semana inteira dizendo a ela que Alberto Resende estava chegando, que se vingaria da negativa em se casar com ele, que tiraria dela tudo o que ela tinha de mais precioso. Quando ela entrou em casa, no meio de uma crise, e se deparou com meu pai, não reconheceu o homem que amava, mas Alberto, o homem que lhe tiraria tudo.

Quando ela voltou a si, depois do surto, não se lembrava do que tinha feito. Tinha em Zé Maria um confidente, e era dele que ouvia toda a narrativa daquela tarde infernal. Tudo o que eu sempre ouvi, durante os últimos anos de minha vida, haviam sido tudo o que “ele” queria que eu ouvisse. Nada além disso.

Obviamente eu não teria como provar nada do que fora dito. Zé Maria disse que negaria tudo caso fosse a juízo, mas eu tinha o bastante para, ao menos, os confrontar. O problema foi que fazer isso, quase matou meu avô.

Depois de confirmar tudo o que eu berrava com ele, na sala da diretoria, com a mãe de Isadora, ele teve um princípio de infarto.

O homem não tinha a menor ideia que Vitor havia provocado aquela tragédia toda na vida de sua filha. E saber que ele esteve envolvido em várias situações, ainda que desconhecendo o verdadeiro motivo, havia sido demais para ele.

Essa foi a minha primeira burrada, quase matar meu avô. A segunda havia sido não ter quebrado as pernas de meu tio quando ele me procurou na casa de Isadora. Ter as duas pernas intactas permitiram que ele fugisse, junto com minha tia, sabe-se lá para qual paradeiro. O *bom, justo, decente* Vitor Moraes era agora um foragido da justiça, mas saber que ele não havia sido capturado me deixava um gosto péssimo na boca.

Hugo foi transferido para a carceragem à noite passada. Esteve preso na delegacia pela última semana, no aguardo do pagamento de fiança, mas com o pai foragido, o avô o deserdando e a “mãe do filho” falida, ele não teve muita alternativa.

A tão famosa, motivo de orgulho e pompa “Clínica Dr. Moraes e Resende” estava mais famosa do que nunca. Um sócio preso por violência doméstica e sendo investigado por corrupção, o outro foragido da justiça por corrupção, e seu filho atrás das grades por.... perdi até a conta dos delitos que encontraram. Incluindo falsidade ideológica, já que ele clinicava sem ter seu CRM. Um verdadeiro paspalho.

Já eu? Tive que colocar a cabeça no lugar. Meu primeiro instinto havia sido jogar tudo para o alto, pegar minha Colombina e voltar para Toronto. Mas então eu me lembrei de todas as pessoas que dependiam da clínica, sejam funcionários ou pacientes. Ninguém tinha culpa da ambição desmedida de minha família. Me reuni com o conselho, trabalhamos para conter os danos e, principalmente, dar a segurança que a equipe, no geral, precisava para continuar trabalhando.

Duas semanas depois estou aqui, na frente dos acionistas e advogados, assinando a papelada que me dá direito a setenta e cinco por cento das ações da clínica. Meu avô, que tinha recebido as ações que seriam de Alberto quando Isa desistiu do casamento, as repassou para mim juntamente com as dele. As de meu tio, infelizmente, continuam sendo dele, mas para receber qualquer montante referente a sua parte é necessário que ele apareça, o que eu aguardo com muita ansiedade.

— Parabéns, João Pedro – recebo os cumprimentos do doutor Luiz Braga, que havia entrado para o conselho dias antes de tudo explodir e fora generoso demais em confiar na minha capacidade de consertar tudo. Ou ao

menos tentar. – O que irá fazer a partir daqui?

— Tudo o que eu já havia dito a vocês. A reforma na ala pediátrica, a capacitação dos funcionários, e a abertura da clínica para, no mínimo, planos de saúde mais populares. Apesar de acreditar fielmente que poderíamos atender pelo SUS também, ainda que apenas algumas especialidades. Mas isso pode perfeitamente ficar para discutirmos depois.

— Perfeito! Vai ficar somente na administração?

— De forma alguma. O Revalida será daqui a três semanas e eu tenho toda a intenção de ser bem-sucedido, receber meu CRM e clinicar. Da mesma forma que o senhor, eu sou médico, e não pretendo ser outra coisa que não isso.



Existe um longo caminho, eu sei, em quem teve marcas por tanto tempo em sua vida. Só por ter essa consciência eu sei que Isadora tem um longo caminho até conseguir se libertar totalmente de todo o mal que seu pai – e, porque não dizer, também sua mãe – causaram em sua autoconfiança, mas eu arrisco dizer que essa menina linda vindo rebolando em minha direção se parece muito mais com a Colombina do baile de Carnaval do que a garota tímida e contida que conheci naquela noite de coquetel. E, isso tudo, sem precisar se enfiar num casamento forçado, seguindo um contrato sem nenhuma razão de ser.

Desde que ela resolveu ameaçar Vitor Moraes, sozinha com a cara e a coragem, meses atrás, que sua vida deu uma guinada. Ela agora estuda Letras, um curso que ama. Trabalha em uma editora de livros, ficando o mais perto que pode daquilo que mais gosta de fazer. E vive com Alice, ao menos até estar independente o suficiente para se manter sozinha. Aos vinte anos, a minha Colombina saiu do casulo e está pronta para voar.

— O que está olhando com essa cara?

— Nada demais... – a enlaço pela cintura, trazendo para um beijo – estava pensando aqui, te comparando com uma borboleta.

Ela franze o cenho e olha para sua roupa, estranhando o comentário.

— Tá tão colorida assim? – Sorrio, balançando a cabeça.

— Sim. Colore meu mundo todo.

Nossos lábios se encostam e eu sinto quando sua mão passa pelo meu rosto, em um carinho suave. Se isso fosse um final de novela, agora estariam subindo os créditos, com a palavra FIM.

— Você é muito brega, João. Mas eu amo você assim mesmo.

Gargalho alto, quebrando todo o romantismo do momento.

— Também amo você, Colombina.



29. Por Você

Isadora

Seco as mãos na lateral da calça, novamente, não sem antes olhar para os lados infinitas vezes, me certificando que não estou sozinha. Que estamos no meio do dia, em uma praça pública, em frente a um posto policial. Mas o cérebro, esse condicionado amigo, não consegue deixar de me mandar imagens de uma vida inteira.

“Eu vou quebrar as suas pernas.”

“Você vai aprender a me obedecer.”

Faz um mês que meu pai saiu da prisão, depois de pagar fiança. Tenho contado dias desde aquela maldita noite onde ele quase matou a minha mãe. São quarenta dias desde a sua prisão. Trinta desde que teve os seus bens congelados, quinze desde que nossa casa teve que ser vendida. Sete desde que minha mãe foi embora da “cidade grande”. Sim, dona Rita retomou o contato com seus familiares. Infelizmente meus avós faleceram sem que ela soubesse, mas sua irmã mais nova a convidou para morar junto com ela, em São José do Rio Preto, e há uma semana ela partiu. Foi, como ela mesma disse, viver.

Um dia, vinte e quatro horas, desde que ele me telefonara, pedindo para falar comigo. Ele queria ir até minha casa, mas Regina vetou. Disse que lá ele não pisaria nem que o caminho do portão até a entrada estivesse feito em brasas. Nunca poderia criticá-la por isso.

Mas, apesar de toda a mágoa, eu precisaria desse encerramento. Escolhi cuidadosamente o local – uma praça conhecida, próxima da clínica, ao meio-dia. Seguro firme o celular, sabendo que João Pedro estará aqui em minutos se eu precisar dele, e respiro fundo, para não deixar o nervosismo tomar conta.

Mas é uma tarefa árdua.

— Isadora – a voz rouca e imperativa me deixa paralisada. Preciso me lembrar, de novo e de novo, que não sou mais aquela menina assustada. Que ele não tem mais poder algum sobre mim. Ainda é muito difícil, mas eu vou conseguir, tenho certeza que vou.

— Doutor Alberto – aponto o banco ao lado, um convite para que se sente, e ele o faz, não sem antes olhar para o posto policial à nossa frente e dar um sorriso que eu classificaria como cínico.

— Estou, como diria... “em condicional”, Isadora. Não era necessário esse tanto de precaução, eu não pretendo fazer-lhe nada.

— Não pode esperar que eu simplesmente acredite... – dou de ombros, já tomando posse do meu alter-ego, a doce Isadora que não se deixa envergar.

— Me deixaram na penúria, Isadora. Todos os meus bens estão congelados até que eu possa provar que os ganhei dentro da lei. Nossa casa, que vivemos por anos, foi vendida. Estou morando em um quarto e cozinha, e mal sei como vou me manter daqui em diante.

— Me procurou para contar a história triste de sua vida, doutor Alberto? – Vejo quando seu punho se fecha, e titubeio. Fecho os olhos, puxo o ar de volta, e retomo o controle. Ele não vai mais me apavorar.

— Você ficou bem. Está morando com aquele casal, trabalhando, conseguiu até bolsa de estudos, não? – Viro meu rosto em sua direção com uma rapidez um pouco fora do normal – Não precisa se assustar, não tenho te seguido. Quem me informou foi meu advogado. Que, aliás, está com os honorários atrasados.

— E isso me interessa, exatamente, no que?

— Sou seu pai, te sustentei por toda a sua vida. Você... – interrompo, sem paciência para ouvir mais nada. Deixando o medo que eu sinto desse homem em uma caixinha escondida aqui dentro, onde eu talvez jogue a chave fora depois dessa conversa, viro o corpo em sua direção.

— Não te devo absolutamente nada. Paguei todo o sustento com lágrimas, solidão, desgosto, medo. Você deveria se dar por satisfeito que ainda está aqui fora, livre para vir encher o meu saco e se achar no direito de me cobrar qualquer coisa.

— Não admito que fale assim comigo!

— Acha mesmo que pode me exigir qualquer coisa? Eu nunca tive um pai, doutor Alberto Resende! O fato de ter cedido seus espermatozoides e ter me dado um teto, comida e roupa, não faz de você meu pai. Sabe quem foi meu pai? O meu avô... aquele que mesmo depois de ter partido, ainda me deixou conforto em forma de árvore.

— O seu avô era um hipócrita! – Ele grita, irritado, e fica em pé,

chamando atenção dos policiais na base em frente – Eu era apenas uma criança quando meu irmão morreu. Minha mãe continuou viva, mas tudo o que ela fazia era chorar e lamentar sobre o meu irmão. O porquê de ele ter partido e não ela. Nunca sequer se lembrou que tinha deixado um filho para trás, precisando de cuidados. E seu avô, aquele fraco, nunca prestou para lembra-la que ela tinha obrigações como esposa. Ela tinha EU para cuidar. EU! EU! EU!

Eu já tinha entendido o comportamento de minha mãe. O do meu pai, no entanto, nunca fizera nenhum sentido. Até agora.

— Então você ficou *magoadinho* porque sua mãe teve um trauma, não estava em condições de cuidar de você, e então imaginava que isso tudo se curaria na porrada? Isso mesmo? E decidiu levar esse ensinamento para a vida?

— Você não sabe nada da vida, Isadora. E ainda se envolveu com um banana que...

— Chega! – Me levanto, ficando a centímetros dele. Apavorada? Sim, com certeza, mas sem demonstrar um milímetro disso. Nunca mais vou deixá-lo me amedrontar, não esse homem mesquinho, pequeno e egoísta que está na minha frente – Já chega, doutor Alberto. Não me procure mais, pois eu não vou mais atendê-lo. E se insistir, eu procuro a justiça.

— Eu preciso de ajuda, preciso de dinheiro, Isadora!

— É homem. Seria vergonhoso ser sustentado por uma mulher, principalmente alguém tão inapta, desastrada, limitada e incapaz como eu. – Sorrio, feliz por ter a oportunidade de jogar-lhe de volta tudo o que havia me feito de ruim na vida – Ainda é forte, doutor Alberto, e soube que sequer seu CRM foi cassado. É bom ter contatos no conselho de medicina, não é? Então... use-os. Vá trabalhar. E passe bem!

Viro as costas e saio, ainda ouvindo ele me chamar, passo bem na porta do posto policial cumprimentando o soldado que ficou nos olhando e sigo em frente. Tremendo inteira, mal conseguindo dar um passo na frente do outro, mas com um sentimento diferente dentro de mim. Algo que eu ainda não sei identificar, mas que é bom.

— Te falei que tenho muito orgulho de você? – Ouço João falar logo atrás de mim e me viro, o encontrando parado encostado em uma das árvores, as mãos dentro dos bolsos da calça, lindo.

— Estava aí o tempo todo? – Corro para seus braços, sentindo o tremor que eu sentia desvanecer, e ele me recebe, como sempre. Seu abraço se tornou meu lugar favorito no mundo todo.

— Nunca deixaria de vir, não porque duvidava de que você daria conta, mas porque não confio um pinga nele. Pensar em você se encontrando sozinha com ele me deu quase um ataque cardíaco. Mas adorei te ver colocando-o no

lugar.

— Eu acho essa Isadora que você enxerga muito interessante, sabia? – Ergo o rosto, encontrando seu sorriso carinhoso.

— A minha Isadora é um espetáculo... – ele diz, risonho, antes de me dar um beijo. Que nunca é somente um beijo, não quando se trata de nós dois. Quando sua língua me invade, tomando conta, eu simplesmente saio de órbita, experimentando todas as sensações que seus beijos me trazem.

Até que ouvimos um arranhar de garganta em algum lugar próximo e, ao nos separar, vemos o policial fazendo um movimento com o dedo, como quem diz “circulando. ”

Eita.

Saímos rindo, de mãos dadas, mas não consigo evitar de olhar para trás, onde deixei doutor Alberto parado. E ele continua lá, braços cruzados, acompanhando nossa saída.

Eu gostaria muito de sentir pena dele. A tão falada empatia que muitos alardeiam que devemos ter pelas pessoas, eu queria sentir isso também. Afinal de contas, é meu pai ali, a figura masculina que deveria ser a nossa referência de vida. Mas, olhando para trás nesse momento, eu não consigo. Ainda tenho medo, acho que esse sentimento eu vou ter por algum tempo. Mas eu me sinto livre. Em saber que não lhe devo nada, e em ter a noção de que a culpa que eu vinha carregando já não me pertence.

Talvez tenha sido esse o sentimento que eu não reconheci há minutos atrás. Eu ainda me sentia culpada por tê-lo denunciado. Por ter feito com que ele se tornasse um homem “fichado” na polícia, por ter perdido seus bens, por ter ficado sozinho. A minha mente vivia enviando esse tipo de mensagem, toda hora. “É teu pai, você não podia ter feito isso! ”. E eu me culpava. Diariamente. Mas ver como ele é mesquinho, vil, e não tem um pinga de preocupação comigo, me libertou. Acho que foi esse o sentimento que irradiou dentro de minha tremedeira, tomando conta de mim. Liberdade.

Eu sou, finalmente, livre.



O empurra-empurra no meio da multidão que veio para ouvir os “Cachorros Perdidos do Submundo” aumenta conforme o horário estabelecido pela prefeitura para o início da apresentação se aproxima. É hoje que os meninos, finalmente, vão se apresentar e eles estavam uma pilha de nervos. Não sei o porquê, honestamente. Tenho acompanhado os ensaios – que aumentaram no último mês – e eles são ótimos.

— Tem certeza que não podemos ficar em cima do palco, Isa? – Alice olha ao redor, reclamando pela, talvez, vigésima vez do local que eu escolhi para assistir.

— Quero ver de frente, Alice. É a primeira vez que vou ver João se apresentar, não quero vê-lo de perfil.

— Você é muito tiete, cruz credo...

— Veja quem fala...

Alice e Guga estão bem firmes, e como ele se apresenta em bares à noite, ela está sempre presente quando ele vai tocar. Para ela é fácil ficar em cima do palco, não é novidade alguma ver Guga se apresentando.

Uma movimentação em cima do palco e posso ver quando o organizador do festival entra, com um microfone na mão, e passa a brincar com a plateia. Tem de tudo aqui ao nosso redor: as meninas gritando, uns cabeludos mal-encarados de braços cruzados, um pessoal tatuado. Alice disse que são todos conhecidos de Guga e Piu, e as meninas vieram por conta do Marquinhos. Obviamente.

Quando o organizador anuncia a banda, vejo eles entrando, todos bonitinhos em cima do palco, cada um tomando posse de seu instrumento. Bem, eu só sei que o Marquinhos toca teclado, o Digão toca bateria e os outros tem as guitarras. João já tentou me ensinar que um é contrabaixo, as outras são elétricas e cada uma em sua função, mas... tanto faz. Meu ouvido não consegue diferenciar mesmo.

— Boa noite, Virada! – João soa simpático no microfone, antes de passar a correia da guitarra pelo pescoço e eu suspiro só em vê-lo fazendo isso. Eu e toda a mulherada que se acotovela atrás de nós, para ser bem sincera – É um prazer estar com vocês essa noite. Somos os “Cachorros Perdidos do Submundo”.

Assim que ele se apresenta, os acordes de uma música do Imagine Dragons começam a soar e todo mundo canta junto. A apresentação inteira, aliás, canção após canção, é acompanhada pelo público, que lota o espaço. Chega a ser divertido ver João, que é sempre todo certinho, vestido todo de preto em cima de um palco tocando rock.

— Vamos tocar agora a nossa última música, e eu gostaria de agradecer a cada um de vocês que esteve aqui conosco essa noite. Tocar para um grande público sempre foi um sonho, que está sendo realizado nesse momento. A nossa última música queremos dedicar às nossas garotas. – João passa então a apresentar a banda de uma forma bem peculiar, apontando para os meninos e depois mostrando suas respectivas parceiras – Martinha, esposa de Digão, que está ali na direita, – ele aponta a bonita menina que está em nosso extremo

oposto – Jaque, namorada do Piu – uma garota toda tatuada, que estava em cima do palco, sentada com as pernas para fora – e, bem... nosso amigo Topa Tudo disse que, como ele está livre na pista, a música fica para todas vocês que estão aí abaixo nos prestigiando.

Uma gritaria sem fim se inicia, acompanhado de uma zoeira dos rapazes quando Marquinhos vai para a frente do palco e passa a jogar beijos, bem cafajeste, para o público.

— Alice, namorada de Guga – ele aponta para ela, que começa a dar pulinhos e gritinhos ao meu lado, como se tivesse novamente quinze anos de idade – e ali, aquela menina linda, a minha Colombina. Temos todo o amanhã agora, minha linda!

Alice me diria depois que eu matei uma meia dúzia de inveja. Que as meninas suspiraram e reclamaram que ele já tinha *dona*. Que todo mundo cantou bem alto a música, e que o final da apresentação foi um sucesso. Mas eu, na hora, não prestei atenção em nada disso. Tudo o que eu via era o meu Arlequim, em cima daquele palco, cantando “Por Você” do Barão Vermelho todinha para mim, sem desviar o olhar um minuto que fosse.

*Por você eu dançaria tango no teto
Eu limparia os trilhos do metrô
Eu iria a pé do Rio a Salvador
Eu aceitaria a vida como ela é
Viajaria a prazo pro inferno
Eu tomaria banho gelado no inverno
Por você eu deixaria de beber
Por você eu ficaria rico num mês
Eu dormiria de meia pra virar burguês
Eu mudaria até o meu nome
Eu viveria em greve de fome
Desejaria todo dia a mesma mulher*



— Finalmente isso acabou! – Desabo no sofá da sala de Jotapê, jogando o sapato o mais longe que consigo, morta de cansaço. Depois da apresentação, fomos ainda comemorar, e ver Guga um tanto chateado pelo fato de nenhum dos meninos ter interesse em manter uma banda de forma profissional. Mas, também, pudera. Digão está prestes a ser pai. Piu gasta todo seu tempo livre em cursos de especialização, porque está crescendo e se tornando famoso no meio

dos tatuadores. Marquinhos está decidido a buscar outros rumos para sua vida – eu mal acredito que ele faz programas, tinha uma imagem totalmente diferente desses meninos e uma tarde conversando com ele pude ver como a vida deles é sofrida.

E João... bem, amanhã tem sua prova de revalidação de diploma, e eu diria que ele está bem focado nisso, não fosse o fato de seus dedos já estarem procurando o botão da minha calça jeans, querendo desabotoá-la.

— O que você pensa que está fazendo, João Pedro?

— Hum? – Ele abre o botão, desce o zíper enquanto distribui beijos molhados em minha barriga, descendo até o limite da calcinha e volta novamente – ah, isso? Estou estressado para amanhã, preciso de uma distração.

Ergo o quadril, facilitando seu trabalho, misturando excitação e divertimento. Em segundos, a calça jeans já está em algum canto de sua sala.

— Você sabia que excesso de roupas também me deixa estressada? – Sorrio, já pegando sua camiseta pela barra e puxando para cima. – Adoro te ver assim todo de preto, brincando de roqueirinho, mas prefiro a versão nu.

— Prefere abusar de mim? Que absurdo, logo eu, uma pessoa tão distinta! – Suas calças vão fazer companhia para as minhas, e logo ele já está deitado sobre mim em seu pequeno sofá. O enlaço pelo pescoço, trazendo-o para mais perto.

— Você fala demais, João. Cala a boca e me beija logo...



30. O Amor Liberta

Isadora

Estaciono o carro e até hoje ainda acho bonitinho ter a minha vaga aqui separada, me esperando, não importa quantas vezes eu venha visitar João na clínica. Ele prefere deixar o seu carro em uma vaga afastada somente para que eu possa usar a dele e estacionar perto da portaria. Alice acha isso de um machismo sem igual. Eu? Só acho fofo.

Decidi vir fazer-lhe uma surpresa hoje, estamos completando um ano juntos e o combinado seria um almoço especial, mas *Doutor João Pedro Conte*, é o médico pediatra mais requisitado da região. Com seu jeito amoroso de “doutor alegria,” é cada vez mais difícil achar uma brechinha em seus dias.

Se eu reclamo? Nem pensar. Nunca vi esse homem mais realizado. As mudanças que ele fez na clínica foram tão bem-sucedidas que ele fora chamado para entrevistas e até palestras a respeito de medicina humanizada. Entrevista ele dá, até porque diz ficar muito bonito no vídeo – e eu concordo. Palestra... não tem tempo não.

Me lembro, sem saudades, de todas as vezes que entrei nesse lugar anteriormente, quando a clínica ainda era daqueles homens. Olhando como ela está agora, parece outro lugar. Apesar de ser administrada por outras pessoas – tal qual uma empresa bem-sucedida deve ser – absolutamente tudo passa por seu crivo, o que garante o sucesso do trabalho.

— Dona Isadora, boa tarde.

— Pelo amor de Deus, Cecilia! – Cumprimento a recepcionista – Eu mal tenho 22 anos, não tenho idade para ser dona! João está livre?

Ela faz que não com a cabeça enquanto checa a agenda no computador, e me olha com uma expressão, eu diria, penalizada.

— Está com um paciente e tem mais dois.

Suspiro, olhando no relógio e sinto que a surpresa terá que ficar para a noite. Ainda assim, arrisco esperar e subo pelo elevador até o quarto andar.

Lembro bem desse espaço quando João era *apenas* o primo distante que não tinha contato com a família. A sala de espera do consultório sempre foi enorme e confortável, que lembrava muito a sala de espera de um hospital de primeira classe. Asséptico, branco e silencioso. O lugar agora, todo colorido, é um convite para que as crianças fiquem entretidas antes das consultas. Brinquedoteca, biblioteca, tevê com desenhos educativos. Um jogo de amarelinha formando o caminho que leva até a sala do pediatra. Sim, até nisso ele pensou.

Sento em uma das poltronas e vejo um garotinho entretido com um livro nas mãos, sempre me aquece o coração quando vejo uma criança já desde cedo envolvida com leitura. Devo ter ficado o encarando com tanta firmeza que ele percebeu, levantando os olhinhos do livro e, com um sorriso enorme, veio em minha direção, sentando ao meu lado.

— Oi moça. Você tá doente também?

— Não, eu só vim fazer uma visitinha. E você, está doente?

— Um pouquinho, aqui na garganta – ele abre a boquinha, e coloca a língua pra fora, talvez para mostrar o lugar onde dói. Tadinho – Vim ver o doutor Jota.

— Ah, o doutor Jota é ótimo mesmo. E o que você está lendo? – Pergunto e ele estica o exemplar.

— Alice. – *No País das Maravilhas* – Eu tenho na minha casa, mas tem menos desenhos e mais letras. A minha mãe gosta de me dar livros para ler, diz que eu fico quieto e inteligente.

— Deve funcionar, porque você é muito inteligente mesmo. Quantos anos você tem?

— Vou fazer sete, já estou na escola. Lá na São Pietro, conhece? – Eu ia dizer que não, quando uma garota vem ao nosso encontro.

— Bruno, filho! Eu te deixei na biblioteca, o que já está fazendo aqui incomodando as pessoas?

— Essa é a minha mãe, moça. Ela vive me perdendo, diz que é porque eu não fico quieto.

A garota suspira alto, bagunça o cabelo dele, e senta ao nosso lado, sorrindo.

— Ele é impossível, um verdadeiro furacão. Muito prazer, eu sou a Bárbara. Ele está incomodando?

— De forma alguma. Seu filho é adorável. Ele estava me contando que

veio ver o doutor Jota. – Ela revira os olhos, antes de responder.

— Adorou esse apelido, mesmo eu explicando que é Jotapê. Veja se isso é apelido de médico? “Doutor Jota” ...

— Bem, Jotapê também não é lá um apelido muito medicinal... – eu solto, e ela ri alto.

A menina é uma graça, tagarela que só. Ficamos um tempo conversando e explico a ela meu trabalho na editora, fico encantada quando ela me conta que adora fazer o filho ler, e os livros dele todos tem marcações nas partes favoritas. O garoto é seu único filho e ela o chama de Furacão, mas, pelo pouco que me contou, ele parece ter bem a quem puxar.

Enquanto contava a ela que namorava o “Doutor Jota” há um ano, eu notei que ela ficou um tanto inquieta. Como se quisesse falar alguma coisa, mas não tivesse tanta intimidade assim, indecisa entre falar ou deixar para lá. Acredito que a curiosidade venceu, no final das contas.

— Mas você está bem? – Ela pergunta, e eu não entendo muito – Está segura, está feliz?

Só então eu noto o seu olhar. Da última surra que tomei daquele homem, algumas marcas ficaram em meu corpo. Próximo ao meu pescoço eu tenho uma cicatriz que é impossível não identificar como sendo a marca de uma cinta. Mas, diferente de minha mãe que cobria suas marcas para que ninguém visse, eu não me esforço para isso. Se a roupa tem decote e a marca fica à mostra, que fique. Ela não define quem eu fui. Ela demonstra que eu venci.

— Estou. Isso aqui é passado.

— A vida dá cada volta, não é? Quando a gente menos espera, tudo entra nos eixos. – Ela tem um sorriso sincero no rosto, como se também tivesse uma história de superação por trás dessa frase. Mas não tenho tempo de perguntar, porque logo ouvimos a voz do “doutor Jota” soando pela sala.

— Brunão, vamos lá? – Sua atenção era toda do garoto, até que ele me nota sentada e me lança uma piscadela.

João continua lindo e irresistível. Vestido todo de branco, o estetoscópio pendurado no pescoço, ele me dá uma piscadinha e encaminha Bruno e sua mãe para dentro de sua sala, mas antes de entrar, ele diz alguma coisa a eles e vem até mim.

— Ei... tudo bem? – Ele diz, e eu ganho um selinho comportado, já que estamos no meio do consultório.

— Sim. Passei para almoçarmos, mas acredito que não vai dar... – faço um biquinho, e ele rosna, brincando, e me dá uma mordidinha no lábio. Uma coisinha simples, brincadeirinha, mas me arrepia o corpo inteiro.

— Estou tão enrolado aqui, minha linda. Pode ser de noite, lá em casa?

Você me espera lá, chego por volta das oito.

Concordo, ele não precisa saber que o projeto “à noite em seu apartamento” já está pronto. Me despeço, sem deixar de notar os olhares que algumas enfermeiras e até mães que estão no local dão quando João atravessa a sala em direção ao seu consultório.

Não sou ciumenta. Não muito. Ah, sou um pouquinho, e por isso empino bem o nariz como quem diz, internamente: “dona passando!” E sigo até o elevador, já ansiosa por nossa noite.

Eu acredito fielmente que aquele convite para o baile de Carnaval veio até mim por alguma fada madrinha, ou algo do tipo. Só isso explica o fato de eu ter conseguido sair de casa escondida, saracoteado a noite inteira, e encontrado o meu Arlequim naquele baile. O homem que faria a minha vida dar um giro de noventa graus em questão de meses.

João é muito parceiro. Eu pensei que ele ficaria chateado quando eu disse que eu não mudaria para sua casa, quando a nossa teve que ser vendida. Mal tivemos tempo de agir como namorados de verdade, não queria pular etapas. Vivi pulando etapas em minha vida, o que eu menos queria nesse momento era continuar vivendo assim. Mas, me surpreendendo, ele veio com um discurso de que eu precisava ter a minha individualidade, fazer as minhas escolhas, viver minha vida antes de qualquer coisa. Absolutamente tudo o que eu quero fazer, ele me apoia. Veja vocês se isso não é presente de fada madrinha?

Desde que fomos obrigados a aceitar aquele contrato de casamento que minha vida mudou totalmente. Hoje sou outra Isadora. Mais confiante, mais dona de mim.

— Isadora? — Ouço alguém me chamar assim que eu saio pela porta lateral da clínica e meu queixo desaba ao ver Lúcia, mãe de Hugo, parada atrás de uma pilastra. Desde que eles fugiram, há mais ou menos um ano, que não tínhamos notícias deles e agora ela aparece aqui?

— Lúcia... olha, não vou mentir, eu estou surpresa em lhe ver.

Me aproximo, e consigo notar a diferença que esse ano longe lhe causou. Está mais magra, o cabelo sem corte, a pele abatida. Fico triste, porque sempre gostei dela, e foi decepcionante vê-la partindo junto com o marido, depois de tudo o que ele tinha feito. João ficou muito magoado, porque tinha lembranças muito boas de sua tia tomando conta dele, e acabou concluindo que tudo não tinha passado de uma mentira.

— Eu não pensei que encontraria você por aqui. — Ela confessa, em um tom baixo.

O meu primeiro impulso era simplesmente dispensá-la e ir embora. Mas eu não consegui fazer isso, não olhando a forma como ela estava ali, tão... não

ela. Entende? Era como se fosse outra pessoa ocupando uma casca que já pertenceu a alguém que eu conheci.

— Vamos ali tomar um café comigo, na lanchonete da clínica? – Convido, apontando para a porta e vejo como ela está insegura, olhando para os lados como se alguém fosse chegar a qualquer minuto. Eu também olho em volta, procurando talvez o Vitor pelas redondezas, mas não o vejo em canto algum.

Entrar na lanchonete, para ela, também não foi tão simples. Os funcionários mais antigos ainda estão aqui, e todos a reconhecem. Ninguém a maltrata, mas sabem quem é, o que a deixa muito desconfortável. Peço um café, um suco e um cesto de pão de queijo e fico analisando Lúcia enquanto a atendente nos serve e se retira. Ela ainda tem o jeito doce de sempre, ainda delicada, mas o brilho risonho no olhar se foi.

— E então... você procurava João?

Eu poderia ter esperado a pobre mulher ao menos começar a comer. Só pensei nisso quando vi o copo de suco parar no meio do caminho, enquanto ela engolia em seco, talvez pensando no que dizer.

— Vitor foi preso hoje cedo. – Me surpreendo, e ela sorri com minha reação – Estávamos na cidade já há alguns dias, e eu sempre o incentivava a procurar João Pedro e.... tentar acertar a sua situação, poderia ser melhor do que ser caçado, mas ele nunca quis.

— Porque foi com ele, Lúcia? Você sabia, todas aquelas coisas, a sua cunhada...?

— Não! – Ela corta – Eu não sabia de nada disso. Soube no dia, foi um choque, Isadora. Meu marido, meu filho... foi tão difícil aceitar e, pior... difícil saber que por anos eu sequer desconfiei. Nem por um segundo!

— Então por que foi com ele? Poderia ter ficado aqui...

— Você, mais do que ninguém, deve entender isso. Ele é meu marido, e eu o amo. Ele fez um monte de coisas erradas, mas eu o amo. Assim como amo o meu filho, que há um ano está naquele lugar horrível. Eu precisava ficar ao lado dele! Precisava, Isadora!

— Sabe, Lúcia... – eu deixo minha caneca de café de lado, e seguro sua mão – Eu entendo como é amar. Mas eu entendi isso bem tarde, sabe? Há um ano, somente. Antes eu não sabia o que era amar, e nem o que era ser amada. Eu não sei como é sua relação com seu marido, afinal de contas mais do que ninguém eu sei que nunca podemos dizer como é a vida das pessoas entre quatro paredes. Então, não sou eu quem vou dizer se você sabia amar ou ser amada. Mas, o que eu aprendi, é que o amor liberta. Se aprisiona, não é amor. Eu aprendi que o amor engrandece. Se não é assim, não é amor. O amor completa,

transforma, cura. – Abro os braços, sem sequer me importar se tem alguém me ouvindo ou não – Olha para mim! Você acha que essa é a mesma Isadora que vocês tentavam forçar a um casamento? Não precisa sequer responder... não é. Porque aquela Isadora não amava, e não era amada.

— Eu não sei o que fazer... – choraminga.

— Procure seu sogro. Procure seu neto. Gaste o seu tempo com o que te engrandece, Lúcia! Eu sei que, a princípio, o caminho pode ser amedrontador. Que você pode pensar que está sozinha. Que nunca vai conseguir. Tropece, caia se tiver que cair, mulher, mas levante e continue andando. Seu marido não te merece! Se merecesse nunca teria te colocado nessa posição, de fugitiva. Nunca teria te envergonhado, te afastado de todo mundo, te deixado sem recursos. Ele não te ama, mas você ainda tem a si mesma. Se ame, Lúcia. Se ame e se liberte!

Eu precisei ter essa mesma conversa com minha mãe há um tempo atrás. Quando meu pai saiu da prisão, sem dinheiro algum, ele colocou nossa casa à venda. Safado como sempre, garantiu que deixaria a minha mãe sem um centavo se ela não voltasse para ele. Ameaçou, chorou, disse estar sozinho, abandonado. E ela balançou.

E eu quase surtei.

Felizmente minha advogada, doutora Erika, foi essencial nesse processo. Casados com comunhão de bens, metade da casa pertencia a ela. E o valor foi muito bem utilizado para ela entrar em sociedade com sua irmã, que é uma excelente boleira. Uma administra, a outra cozinha, as duas vão muito bem, obrigada.

Não sei se fui útil à Lúcia, ela não disse absolutamente mais nada até eu me despedir. Espero que tenha sido. Viver prisioneiro de si mesmo é uma tortura que não desejo a ninguém.



A caixa de estampa florida, que de tanto mudar de prateleiras daqui a pouco se desmancha sozinha, volta para o armário, mas dessa vez, sozinha. Passo as mãos pelo corset branco, quase sentindo um déjà-vu. Quase, porque olhando no espelho eu não reconheço mais aquela que um dia fui. Felizmente.

Passo o pó no rosto, deixando-o branco, e finalizo com os detalhes em preto nos olhos. A lágrima, que um dia pinte nos olhos, hoje eu irei abolir. Bato os olhos no relógio em cima do criado mudo e constato que tenho apenas vinte minutos até João Pedro estar entrando porta adentro, por isso preciso me apressar. Faço um coque solto no cabelo, arremato o batom vermelho que ele tanto ama, e visto novamente a máscara, amarrando as tiras de cetim na parte de

trás de minha cabeça.

Olho para o chão e não consigo deixar de sorrir. Melhor sorrir agora, porque amanhã, quando for hora de deixar esse apartamento limpo novamente, tenho certeza que não irei achar tanta graça. Espalhei confete pela casa inteira, e a pequena sala está tomada de serpentinas. Saio do quarto, checando os ingredientes para o mojito em cima do balcão, quando consigo ouvir o barulho do elevador parando em nosso andar.

Meu coração dispara, porque eu sei que é ele. Em um movimento rápido, eu ligo o aparelho de som, cuja nossa música, “*Madness*”, eu havia deixado engatilhada. Assim que a chave gira na porta, a voz de Matt Bellamy^[14] passa a soar pela sala.

“Eu não consigo tirar estas memórias da minha mente e algum tipo de loucura começou a evoluir.”

— Isa? — João passa os olhos pela sala, o sorriso se abrindo conforme ele entende o que estava acontecendo. A pasta fica encostada na parede, bem ao lado da porta, junto com o jaleco adjacente que ele geralmente traz para casa e os olhos correm em volta até me encontrarem, encostada no batente da porta que levava à cozinha.

— Boa noite, belo Arlequim.

Faço uma mesura e vejo os olhos percorrerem meu corpo, lentamente, até chegar nos pés e subirem novamente. A língua brincando em seus lábios, e os olhos faiscando, enegrecendo conforme ele vem andando em minha direção.

Déja-vu.

— Minha Colombina... — um dos braços me enlaça pela cintura, puxando ao seu encontro, enquanto o outro acompanha suas mãos, subindo pela barra da saia, seguindo por meus braços, ombros, pescoço... até pousar em meu rosto — Guardou a fantasia...

— Era necessário. Você não pôde retirá-la adequadamente a primeira vez que me viu com ela...

Mal consigo terminar de falar. João me segura forte na cintura e me beija desesperado, me invadindo com uma fome como se eu pudesse sumir no instante seguinte. Sem descolar sua boca da minha, me ergue em seu colo, e eu passo as pernas por sua cintura.

— Que delícia de surpresa, Colombina... — ele sussurra em meu ouvido, me causando mais uma série de arrepios pelo corpo.

— Eu queria que hoje fosse especial, João. — Acaricio seus cabelos, enquanto ele me beija o pescoço com sua boca quente e molhada — Que você se lembrasse daquele baile.

— Não se lembra algo que nunca foi esquecido, minha linda.

Ele tem tanta intensidade na voz que eu me sinto desfalecer. Não de verdade, claro, não me permitiria desfalecer aqui e agora. Mas o ar me falta quando ele me olha desse jeito, como se eu fosse a coisa mais importante de seu mundo.

Seguindo comigo no colo até o quarto, ele ri quando uma serpentina fica grudada em sua cabeça, causando uma pequena confusão no meio do corredor. A fita, obviamente, não sobreviveu, foi arrancada e levada junto, para aprender a nunca mais se meter em nosso caminho.

Ao chegar no quarto, ele me coloca em pé no chão e se afasta um pouco, novamente passando os olhos por todo meu corpo.

— Aquela noite, sabe o que eu quis muito fazer? – Sua voz rouca soa como uma carícia à parte, e responde bem no meio de minhas pernas. Tanto que eu preciso apertar uma na outra, para aliviar um pouco a sensação. – Eu quis chegar perto de você assim, e tirar essa sua saínia. – E conforme ele ia falando, ia se aproximando, os braços circundando minha cintura até chegar no pequeno zíper que, uma vez aberto, fez a peça cair perna abaixo.

Em silêncio, ele passa a ponta do nariz em meu maxilar, contornando, de forma suave, até que seus lábios estejam novamente próximos ao meu ouvido.

— E então eu soltaria essa fita aqui – e puxa, desfazendo o laço que prende meu corset – até que essa peça estivesse solta o suficiente para que eu visse seus seios assim, sem nenhum frufu por cima – conforme ele segue falando, afrouxando o aperto do corset até que ele possa, também, ser retirado do meu corpo, me deixando apenas de calcinha, meias 7/8 e sapato de saltos. Ah, e a máscara.

Lentamente, ele vai se abaixando na minha frente, ficando de joelhos, fazendo um caminho de beijos pelo meu corpo até que, finalmente, posso sentir suas mãos em minha cintura novamente. Porque isso me ajudaria a não cair para trás, por conta de minhas pernas bambas.

— Esse é um belo de um fetiche, sabia? Que eu nem sabia que tinha, mas descobri por acaso, num baile de Carnaval?

— Qual fetiche? – Eu pergunto, enquanto ele levanta minha perna, a apoiando em seu ombro.

— Chupar você estando vestida com essa máscara de colombina, e mais nada... – dizendo isso, ele puxa minha minúscula calcinha, arrebatando o tecido lateral, e deixando o que sobrou também cair no chão. Não tenho muito tempo para reação, pois em seguida ele já estava me abocanhando. E, novamente daquele jeito enlouquecedor que só ele sabe fazer, alternando entre mordidas, lambidas, chupadas. Castigando meu clitóris o chicoteando com a língua enquanto eu apenas tento me manter de pé, tamanho tesão que me acomete.

— João... – suspiro – Quero te sentir dentro de mim.

Ele fica em pé, ainda próximo a mim, lambendo os lábios.

— Dentro? Mas ainda tem tanta coisa *fora* para experimentar...

Safado. Muito safado como sempre foi, mas com uma intensidade diferente. É desse jeito que ele me joga em cima da cama e, vindo por cima de mim, abocanha meu seio. Perde um bom tempo sugando um deles enquanto sua mão livre fica brincando com o outro. E então muda de posição, fazendo a mesma coisa do outro lado, até que eu esteja arqueando o corpo em baixo dele, sem aguentar de antecipação.

Puxo seu cabelo, um tanto sem controle, sem querer esperar mais.

— João, tira essa roupa que eu não aguento mais... – sua risada rouca responde em minha pele e então ele se ergue, arrancando a camiseta, calça, sapatos e meias em uma velocidade incrível. Conforme ele vinha voltando para a cama, eu só levanto o dedo, fazendo sinal de não, e ele estranha.

— Que foi, Isa?

— Cueca, João... – aponto, e ele ri, tirando essa também e jogando longe. Estica a mão para o criado mudo, pegando uma camisinha e a veste. Tudo em uma rapidez tão incrível que ele seria capaz de ganhar as olimpíadas do sexo, se eu deixasse ele participar.

Fico novamente por baixo, e ele se ajeita entre minhas pernas, os olhos fixos nos meus. E lentamente ele começa a me invadir, sem desviar o olhar. Tão lindo...

— Você é incrível, Isa... – Cochicha contra minha pele – Tão gostosa, tão quente...

Ele começa a arremeter e eu rebolo junto com ele, erguendo as pernas e as prendendo em sua cintura. Nosso ritmo é intenso, estamos suados e nosso quarto, nesse momento, é só gemidos. Isso, e o barulho que nossos corpos fazem quando se encontram. Ele penetra cada vez mais fundo, e eu ergo o corpo para encontra-lo até que não estou suportando mais.

— João...

— Vem comigo, Isa. Vem comigo, minha Colombina. – E eu vou, o corpo inteiro estremecendo, perdida em sensações.

Ele se derrama dentro de mim e desaba, tentando não jogar todo o peso em cima do meu corpo ao mesmo tempo em que tenta ser recobrar.

Todos os nossos momentos são especiais, sempre foram. Desde aquele primeiro olhar, um ano atrás, naquele baile. Onde eu tentava parecer uma garota comum, num dia comum. E encontrei alguém que de comum não tinha nada. Alguém que me fez descobrir o melhor de mim, e colocar para fora. Meu Arlequim.

— Eu te amo, Isa... — Nossos olhos se encontram, e é sempre um evento. Mirar esses olhos verdes, lindos, olhando para mim como se eu fosse o seu tudo.

— Eu amo você, João. Obrigada por não ter desistido de mim.

— Nunca desistiria. Eu sou seu desde aquele baile.

Nossos lábios se encontram novamente, dessa vez sem o furor de minutos atrás. É um beijo calmo, mas com tanto significado, que é quase um selo.

Ele desaba na cama, de barriga para cima, e me leva junto com ele, fazendo-me deitar em seu peito. Ficamos um tempo assim, meus dedos brincando em seu peito lisinho, os dele acariciando meus cabelos.

— Cansada? — Ele pergunta, carinhoso, e eu nego com a cabeça.

— Nem um pouco. Essa Colombina aqui agora tem amanhã. Um amanhã e uma vida inteira pela frente.

FIM



Bônus

Isadora

Eu tenho para mim que sou uma pessoa calma. Depois de alguns anos, equilíbrio é algo que não me falta. Mas nem por isso eu fico tranquila em ouvir minha mãe, toda trabalhada na sargentona, surtando ao meu redor porque as coisas não estão como ela esperava. Deveria ser compreensível afinal de contas como ela esperava não seria nunca! E no fundo ela sabe, mas quem diz que dona Rita consegue se controlar?

— Veja isso, Isadora, cheio de areia! Me fala, tinha necessidade? – Ela balança uma almofada que está sobre uma das cadeiras do quarto, e eu posso estar enganada, mas não vi areia nenhuma saindo dali. Não que seria estranho, estamos em uma casa de praia, pé na areia, à beira mar.

— Isadora! – Alice entra correndo pela porta e para, com a mão no peito – Meu Deus! Jotapê vai morrer quando ver você!

— Eu espero que ele fique muito vivo, isso sim! – Viro novamente para me olhar no grande espelho redondo à minha frente, adorando cada centímetro do que vejo. O vestido simples e fluido quase fez minha mãe enfartar como se fosse um pecado horrível Isadora Resende estar se casando com.... isso.

O vestido era sim, simples. O corpo justo, tomara que caia, se abria na cintura fazendo com que a grande saia de chiffon se movimentasse com o vento. O cabelo solto foi somente tirado dos olhos com uma presilha lateral, e nas orelhas eu trazia o par de brincos perolados que tinham pertencido à mãe de João. Simples, como nós dois éramos.

O pedido tinha sido feito dessa mesma forma. Nosso combinado era sequer pensar em casamento por, no mínimo, cinco anos. Depois desse período eu já estaria formada, e ele já teria feito todas as modificações que precisava na

clínica. Que foram várias, ele fez uma verdadeira revolução naquele lugar, tudo agora estava da forma como ele sempre idealizou. Passados cinco anos, eu já estava aguardando ele fazer um pedido, mas, para mim, João seguiria sua cabeça maluca. Eu esperava um passeio de balão, no dia dos namorados. Ou até mesmo aquelas cenas em locais públicos, com cartazes, pisca-pisca e uma multidão presenciando.

Ledo engano.

Foi em uma tarde de inverno. Um sábado, para ser mais precisa. Ele tinha me presenteado meses antes com um anel de prata, muito fofo, cujo desenho formava uma borboleta. Mas que, por infelicidade, quebrou assim que eu o coloquei no dedo. Por conta de sua agenda corrida na clínica, passaram alguns meses até que ele entrou na cozinha, onde eu estava fazendo um caldo, dizendo que tinha arrumado o anel, e me entregara a caixinha. Essa vai ser, para sempre, uma das minhas memórias favoritas da vida.

[...]

— *Oi, minha linda! Adivinha, eu finalmente tive tempo e mandei arrumar o seu anel de borboleta!* – Pego a caixinha que ele me estica, já animada de finalmente poder usar o anel. Era tão lindo, e eu fiquei tão triste quando ele partiu em minha mão.

Mas qual não foi a surpresa quando eu abri a caixinha e vi que a asinha da borboleta ainda estava quebrada. *Não acredito, quebrou novamente?*

— *João, acho que eles...*

Me viro com a caixinha na mão, e noto João ajoelhado segurando um anel, que parece ter um brilho, não sei, não consigo me concentrar. Não com ele ali, ajoelhado, segurando um anel, sorrindo para mim.

— *Casa comigo, Colombina?*

[...]

Para que passeio de balão, me diz?

E isso nos traz aqui. Uma tarde de primavera, uma praia deserta no litoral paulista, onde reunimos amigos íntimos e família para nos ver, finalmente, dizer o sim da forma como deve ser. Por amor.

— *Lúcia veio... você viu?* – Minha mãe pergunta, casualmente, conforme arruma meu cabelo, uma mania que ela nunca perderá.

— *Falei com ela mais cedo. Pensei que não conseguiria vir, por conta do evento na escola do Jean. Fico feliz que tenha conseguido.*

Depois de nossa conversa na clínica, logo após a prisão do marido, Lúcia foi procurar o sogro. Cansado, sozinho e adoentado por conta de toda a confusão que sua família causara, eles acharam um no outro o par perfeito. Não, mente suja, não formaram um casal. Ela precisava de alguém que a ajudasse a se manter – já que o mal caráter do marido a deixara sem nada – e ele precisava de companhia. Não muito depois, Lorraine – aquela víbora – decidiu que arrumar um marido rico era muito mais importante, e *desovou* o pobre filho na porta de Doutor Rubens. Jean, o adorável garotinho, passou a ser criado por Lúcia, e de onde estou consigo vê-lo correndo pelo espaço lateral. Esse sim, minha mãe teria razão em dizer que está cheio de areia.

— Então, vamos? – Alice chama novamente – Porque seu futuro marido está prestes a ter um infarto e a banda vai ficar sem vocalista para tocar na festa depois.

Subo a barra do vestido, para não tropeçar, e escuto minha mãe reclamando, indignada porque decidi ir descalça.

Ao chegar à varanda, fico um pouco escondida atrás da pilastra, e de onde estou posso visualizar nossos – poucos, porém adorados – convidados sentados nas cadeiras colocadas em frente ao “altar”. Os amigos de João – Digão, Piu e Marquinhos – estão à direita, com suas respectivas esposas. Sim, até Marquinhos se casou, e antes de nós, o que rendeu a ele uma viagem de lua-de-mel à Paris como prêmio de uma aposta paga. Do lado esquerdo vejo os pais de Alice, minha tia, doutor Rubens e Lúcia, Erika e o namorado da vez, que por coincidência é o atual administrador da clínica, a querida Solange que trabalhava conosco e tanto me ajudou. Alice e minha mãe seguem para o altar, onde já se encontram Guga e sua mãe. Olho em volta, procurando meu pai, mas na verdade sem muita esperança que ele tenha vindo. A minha parte eu havia feito, enviei o convite, e nem posso dizer que fiquei triste por sua ausência.

Na verdade ele nunca me perdoou por ter aberto à todo mundo que ele era agressivo, violento, e passava longe da imagem que ele gostaria que tivessem dele. Nunca mais conseguiu trabalhar como médico, afinal de contas quem gostaria de alguém violento e corrupto tomando conta de seu bem-estar? O grande Alberto Resende sobrevive de bicos, e me culpa por isso.

Ele ainda é meu pai. Mas ainda é um abusador. Essa linha continua muito presente em minha mente, nem depois de anos - e terapia - eu consegui mudar esse pensamento. Mas isso não quer dizer que eu precise ficar presa a ele, por nenhum tipo de obrigação. Isso se encerrou anos atrás, para minha sorte.

Nenhum laço de amor nos obriga a ficar com alguém que só nos faz mal. Como eu costumo dizer: se faz mal, não é amor. Isso demora a ser compreendido, mas uma vez que o fazemos, temos que fincar o pé na resolução

e seguir em frente.

A introdução da música de Alicia Keys soa, e já sei que foi o sinal que Alice arrumou para que eu entrasse. Respiro fundo e sigo, apertando o pobre buquê de flores do campo. Passo a passo, sigo os poucos metros que separam a varanda até a tenda armada na areia, onde João me aguarda lindo vestindo uma bermuda branca e uma camisa de linho sem gola. Não consigo deixar de sorrir ao imaginar o desespero de minha mãe ao ver o figurino.

Segurar as lágrimas não é lá algo fácil de fazer e, posso ser sincera? Eu nem tento.

Antes mesmo de chegar até a tenda, vejo João vindo ao meu encontro. Como sempre.

— Você é uma visão, Isadora... – sinto seus dedos em meu rosto, um carinho suave, secando as lágrimas.

— Essa noite você é meu, Arlequim...

— Essa e todas as outras, Colombina.

Posfácio

No Brasil, a população feminina ultrapassou 103 milhões de mulheres em 2014. Uma em cada cinco considera já ter sofrido alguma vez “algum tipo de violência de parte de algum homem, conhecido ou desconhecido” (Fundação Perseu Abramo, [2010](#)).

Uma das formas de violência contra a mulher se encontra na violência doméstica e familiar. Sob diversas formas e intensidades, a violência doméstica e familiar contra mulheres é recorrente e presente no mundo todo, motivando crimes hediondos e graves violações dos direitos humanos. Mesmo assim, frases como “*o que a senhora fez para ele te bater?*”, “*por que não denunciou da primeira vez que ele bateu?*”, “*por que não se separa dele?*”, “*é mulher de malandro, eles se merecem*” são amplamente repetidas, responsabilizando a mulher pela violência sofrida e minimizando a gravidade da questão.

De acordo com estudo realizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) as taxas de mulheres que foram agredidas fisicamente pelo parceiro em algum momento de sua vida variaram entre 10% e 52% em dez países pesquisados.

No Brasil, estima-se que cinco mulheres são espancadas a cada dois minutos. O parceiro (marido, namorado ou ex.) é o responsável por mais de 80% dos casos reportados, segundo uma pesquisa feita pela FPA/Sesc de 2010.

Apesar dos dados alarmantes, muitas vezes essa gravidade não é devidamente reconhecida graças a mecanismos históricos e culturais que geram e mantêm desigualdades entre homens e mulheres, e alimentam um pacto de silêncio e convivência com esses crimes.

Na pesquisa Tolerância social à violência contra as mulheres (Ipea,

2014), 63% dos entrevistados concordam, total ou parcialmente, que “casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família”. E 89% concordam que “a roupa suja deve ser lavada em casa, ” enquanto que 82% consideram que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”.

O que é a violência doméstica?

Uma das imagens mais associadas à violência doméstica e familiar contra as mulheres é a de um homem – namorado, marido ou ex. – que agride a parceira, motivado por um sentimento de posse sobre a vida e as escolhas daquela mulher. De fato, esse é um velho e conhecido roteiro, a agressão física e psicológica cometida por parceiros é a mais recorrente no Brasil e em muitos países, conforme apontam pesquisa recentes.

Porém isso não pode ser confundido com regra geral: a relação íntima de afeto prevista na Lei Maria da Penha (Lei n 11.340/2006) não se restringe a relações amorosas e pode haver violência doméstica e familiar independente de parentesco desde que a vítima seja uma mulher, em qualquer idade ou classe social. Muito se confunde que as relações familiares incluiriam apenas padrasto/madrasta, sogro/a, cunhado/a ou agregados, mas também inclui relações mais próximas, como um filho agride a mãe/avó, ou um pai agride uma filha. Nesses casos, também são aplicados os Mecanismos de Proteção da Lei Maria da Penha. Em outras palavras, o escopo da lei é a proteção da mulher em situação de fragilidade e vulnerabilidade diante do homem ou de outra mulher, desde que caracterizado o vínculo de relação doméstica, familiar ou de afetividade.

O que diz a Lei Maria da Penha

Violência doméstica e familiar contra a mulher é qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial, conforme definido no artigo 5 da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006):

I - No âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II - No âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva

ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

Parágrafo único: *As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual.*

A Lei Maria da Penha define cinco formas de violência doméstica e familiar, deixando claro que não existe apenas a violência que deixa marcas físicas evidentes:

- **Violência psicológica** – xingar, humilhar, ameaçar, intimidar e amedrontar, criticar continuamente, desvalorizar os atos e desconsiderar a opinião ou decisão da mulher, debochar publicamente, diminuir a autoestima; tentar fazer a mulher ficar confusa ou achar que está louca; controlar tudo o que ela faz (quando sai, com quem e onde vai), usar os filhos para fazer chantagem.

- **Violência física** – bater e espancar, empurrar, atirar objetos, sacudir, morder ou puxar os cabelos, mutilar e torturar, usar arma branca ou de fogo.

- **Violência sexual** – forçar relações sexuais quando a mulher não quer ou quando estiver dormindo ou sem condições de consentir; fazer a mulher olhar imagens pornográficas quando ela não quer; obrigar a mulher a fazer sexo com outra(s) pessoa(s); impedir a mulher de prevenir a gravidez, força-la a engravidar ou ainda forçar aborto quando ela não quer.

- **Violência patrimonial** – controlar, reter ou tirar dinheiro, causar danos de propósito a objetos de que ela gosta, destruir, reter objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais e outros bens e direitos.

- **Violência moral** – fazer comentários ofensivos na frente de estranhos e/ou conhecidos, humilhar publicamente, expor a vida íntima do casal para outras pessoas (inclusive nas redes sociais), acusar publicamente a mulher de cometer crimes, inventar histórias com o intuito de diminuí-la perante amigos e parentes.

É importante dizer que não há um perfil de vítima e agressor, e nem padrões absolutos de comportamento. Cada relação violenta tem um contexto, de forma alguma, não existe contexto que diminua a responsabilidade do agressor. A violência doméstica não escolhe idade, classe social, raça/cor ou escolaridade.

Rica ou pobre, branca ou negra, jovem ou idosa, com deficiência, lésbica, indígena, vivendo no campo ou na cidade, não importa a religião ou escolaridade. Toda mulher pode sofrer violência, uma vez que no Brasil o processo social, histórico e cultural naturalizou definições das identidades do masculino e feminino, que carregadas de desigualdade, contribuem para que mulheres estejam mais expostas a certos tipos de violência, como a doméstica e sexual.

Como denunciar?

Viver sem violência é um direito. A mulher que se encontra nessa situação precisa saber que não está sozinha e que, como se trata de um problema social, existem leis e políticas públicas para protegê-la.

A denúncia de violência contra a mulher pode ser feita em delegacias e órgãos especializados, onde a vítima procura amparo e proteção.

O **Ligue 180**, central de atendimento à mulher, funciona 24 horas por dia, é gratuito e confidencial. O canal recebe as denúncias e esclarece dúvidas sobre os diferentes tipos de violência aos quais as mulheres estão sujeitas. As manifestações também são recebidas por e-mail, no endereço ligue180@spm.gov.br

Mesmo se a vítima não registrar ocorrência, vizinhos, amigos, parentes ou desconhecidos também podem utilizar o Ligue 180 ou ir a uma delegacia para denunciar uma agressão que tenham presenciado. O autor da denúncia pode ser ainda o Ministério Público. Após recentes mudanças na Lei, a investigação não pode mais ser interrompida, ainda que a vítima desista da ação.

As denúncias também podem ser feitas nas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM). É possível pesquisar os telefones e endereços das delegacias de cada estado no [site do Conselho Nacional de Justiça \(CNJ\)](#).

O **190** também pode ser acionado em caso de emergência. Inclusive por terceiros.

Dados retirados dos sites:

Brasil.gov.br

[Agência Patrícia Galvão](#)

[Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos](#)

[Coletivo AzMina](#)

Agradecimentos

Ao meu marido e meus filhos pelo apoio incondicional, por entender minhas horas à frente do computador digitando, e digitando, e digitando... Amo vocês.

À minha amiga e revisora Leila Maia pela paciência com meus surtos, compreensão com minhas datas, parceria nas maluquices.

À minha beta bebê Pamela Batista, por abraçar essa história desde o começo junto comigo.

Minhas xus Lilly e Josiane, que seguraram minha mão na hora do desespero, quando tudo o que eu queria era jogar a história pro ar.

Val, a maga das divulgações: Jotapê é teu. Não chora.

Às minhas xuxuzinhas (do Facebook e Whatsapp), vocês fazem tudo ficar muito mais divertido. Obrigada pelos berros, pelos surtos, pelos comentários. Por acompanhar a história, por pedir “mais um capítulo” todo santo dia. Por segurar minha mão e não soltar. Não tem graça sem vocês!

Aos leitores do Wattpad – os que já estavam por ali, e os que chegaram no meio da trajetória – pela aceitação com a história e pelo carinho por esses personagens tão lindos.

Às amigas e parceiras blogueiras pela divulgação e parceria, sempre ajudando a disseminar minhas histórias. Obrigada pelo apoio!

E a você, leitor, que cedeu um pouquinho do seu tempo para conhecer essa história, feita com muito amor e carinho.

Gratidão, sempre!

Sobre a Autora

Lucy Foster é paulistana, inacreditavelmente mãe de dois adolescentes, casada e tem paixão por leitura desde a infância, onde se perdia nos livros de contos de fadas e em incontáveis gibis. Já sua paixão pela escrita se deu ainda na adolescência, mas somente agora decidiu compartilhar suas histórias.

Trabalha com atendimento ao público e escreve nas horas vagas. Adora filmes e séries românticas, mocinhos protetores e mocinhas independentes. E isso acaba se refletindo nos mundos que cria.

Redes sociais:

Instagram: <https://instagram.com/autoralucyfoster>

Facebook: <https://facebook.com/autoralucyfoster>

Wattpad: <https://my.w.tt/VWny3UKB2T>

Outras Obras

SENHOR TEMPESTADE - Disponível em e-Book



[Compre Aqui](#)

Sinopse

Poderia um coração morto voltar a bater? Poderia alguém que se esconde encontrar o amor?

Gael Prieto é um advogado competente, implacável e arrogante. Bem-sucedido pessoal e profissionalmente, tem a vida que qualquer um sonharia pra si. Mas um deslize, um erro de julgamento faz com que ele perca o seu maior tesouro.

Agora tudo o que Gael quer é que essa dor pare. E vingança. Isso ele também quer muito.

Bárbara Cardoso é atrevida, falante, amistosa. Mas solitária, porque tudo o que procura é viver em segurança com seu filho. Isso muda quando ela

conhece o "Senhor Tempestade".

Entre descobertas e recomeços, um segredo do passado pode colocar tudo a perder.

[1] Que causa aflição.

[2] Alteração do ritmo biológico que ocorre após mudanças de fuso horário em longas viagens de avião

[3] Modelo de guitarra da Fender

[4] Personagem fictício do filme "O Corvo", interpretado por Brandon Lee em 1994

[5] Termo em inglês muito utilizado no Brasil dado a profissionais que treinam ou ensinam.

[6] Dedurar.

[7] Sentido figurado: palhaçada

[8] Frescuras

[9] Claro (no inglês)

[10] Sua noiva (no inglês)

[11] Meu bem (em francês)

[12] Marca de sapatos femininos originaria da França, cuja marca registrada é a sola vermelha.

[13] Anfetaminas são drogas sintéticas que estimulam a atividade do sistema nervoso central.

[14] Vocalista da banda Muse